

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

ALLAN DARWICH

Vidas cinzas: sobre o suicídio de homens cis gays no Brasil

Versão Corrigida

São Paulo

2022

ALLAN DARWICH

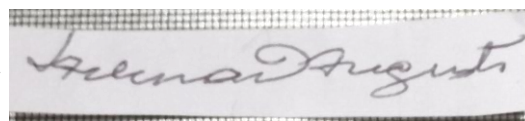
Vidas cinzas: sobre o suicídio de homens cis gays no Brasil

Versão Corrigida

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena Oliva Augusto

Revisão aceita

A rectangular stamp with a grid border containing a handwritten signature in cursive script, which appears to be "Maria Helena Oliva Augusto".

São Paulo

2022

AGRADECIMENTOS

Da mesma forma como qualquer pessoa que se depara com essa tarefa, estranha a todos os outros pedaços de dissertações e teses, eu não consegui localizar todos as pessoas que merecem ser mencionadas aqui. Mesmo momentos breves e sem repetição na fflch, entre aulas ou escapando delas, nos seus bancos de pedra cambaleantes divagando em uma conversa sobre tudo e qualquer coisa, eu encontro ali a origem de mudanças sem aviso, me oferecendo de graça um lugar melhor para se estar, e que volta pra mim reiteradas vezes como efeito de uma memória, lembrando em tantos instantes como isolar aflições.

Eu também não conheço substituto para o valor das relações que pude estabelecer com cada um de vocês a seguir.

Gle, sempre lá quando alguém precisava, sem pedir nada em troca, Lu, que provavelmente vai ter adotado mais três gatos quando este texto vier a público, Leh e Lucas (acho que não dá mais pra falar de vocês como entidades separadas), Leo, o outro Leo, Gi, Lari, Clarinha e Luiza, enfim, grupinho de humanos mais inundado de amor que já conheci e que tive o prazer de fazer parte. Certamente não mereci, mas aproveitei de qualquer jeito.

Galera da graduação, André (papai!!! Então Martín e Mari também), Alezinho, Alex, Augusto (nos dois primeiros anos de graduação só é permitido fazer amigos com iniciais até a metade de cima ou de baixo do alfabeto).

Galera do Nos, especialmente ao Alê pela ajuda em pontos da pesquisa.

Prof. Álvaro, por ministrar de maneira instigante a disciplina de projetos nos mostrando os caminhos da pesquisa em sociologia.

Maria Helena, minha orientadora, a confiança depositada por uma pessoa tão erudita é algo inestimável, e ela foi vital para que eu pudesse desenvolver as ideias dessa dissertação.

Ao Prof. Julio Assis Simões e à Prof^a. Heloísa Buarque de Almeida pela ajuda decisiva trazida no momento de minha qualificação, bem como pelas aulas sempre excelentes durante a graduação.

Galera do mestrado, pelas aulas de Análise de Projetos, e pelas discussões que sempre acabavam tarde demais. Da turma, o Vitinho, nosso xamã agostiniano eterno, a Rafa, nossa adotada da FEA, o Pedro, sincretismo de francofilias acadêmicas e baixarias tupiniquins, o Lucas Gariani, anfitrião que deixa seus convidados quebrarem tudo, Helô,

a caçula da família, o Fiaschetti – o que Schönberg uniu ninguém separa –, e o intruso Julinho, alma *lineuística* da repartição. É tão bom ter vocês do lado pra falar bem ou mal de quem for, mas sempre falando mais mal.

Soraia, tia-mãe, sem a qual absolutamente nada do que vivi nesses anos teria acontecido, nem mesmo teria voltado a São Paulo para retomar os estudos. De alguma forma, pequena ou grande, você sempre está lá, em tudo de bom que aconteceu em minha vida. A você e aos outros, citados acima ou presentes só em pensamento, avaliar a extensão de como todas essas relações me alteraram, sobre quem sou hoje, e como elas afetaram o texto desta dissertação, vai muito além do que está escrito aqui.

Tentar resumir em poucas linhas ou palavras essas relações te levam a um sentimento estranho que te acompanha do lado em todos os passos da hora de escrever esses agradecimentos: a certeza de que você fracassará em atingir o objetivo deles. Todas minhas tentativas de condensar essas relações em texto sempre me pareceram cópias mal feitas, quando postas no papel. A importância de vocês não se confunde com a economia dessas palavras rápidas. Ou de todas as outras tentativas que não vieram a público. Pensar em vocês me faz sentir uma certeza que se repete, da amizade que construímos de maneira espontânea, sem planos de fazer dela algo raro e incalculável, e mesmo assim, depois de anos, encontrá-la dessa forma, infalivelmente preciosa. Com sorte, reavê-la mais vital em cada encontro, abreviando as longuras e refazendo os laços que se enfraquecem no caminho.

RESUMO

Darwich, A. **Vidas cinzas: sobre o suicídio de homens cis gays no Brasil**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2022.

Esta dissertação busca compreender o contexto social no qual ocorre o suicídio de homens cisgêneros homossexuais no Brasil. Para tanto, fizemos uso de metodologia mista, em primeiro lugar aplicando *survey* online destinado à supracitada população (que já havia tentado contra sua própria vida) perguntando aos respondentes temas discutidos na literatura de nosso fenômeno de interesse, e em um segundo momento, entrevistando aqueles participantes que manifestaram o desejo de continuar a fazer parte da pesquisa, ao fim do referido *survey*. Foram coletadas 84 respostas no questionário online, além de 11 entrevistas semi-estruturadas com homens cis gays que haviam tentado ao menos uma vez em suas vidas o suicídio. Com base nesses dados, buscou-se delinear as relações sociais e as instituições das quais nossos sujeitos de pesquisa faziam parte no momento em que buscaram por fim às suas vidas, tecendo a partir dessa reconstrução de suas histórias sociais os motivos que os levaram a essa decisão extrema. Essa tentativa de explicar o fenômeno vai de encontro às formas hegemônicas empregadas no debate acadêmico voltado a esse problema de pesquisa, baseadas de maneira quase que exclusiva em lógicas quantitativas de coleta e análise de dados. De maneira mais importante, nossa interpretação do fenômeno em questão diverge dessas análises ao fazer uso de aparatos teóricos já consagrados, porém apenas recentemente postos no meio deste debate, a saber, o poder das *normas sexuais* sobre sujeitos não enquadrados nas categorias binárias da heterossexualidade.

Palavras-chave: suicídio; sexualidade; discriminação; heteronormativismo; homofobia.

ABSTRACT

Darwich, A. **Ashen Lives: on the suicide of gay cisgender men in Brazil**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2022.

This dissertation seeks to understand the social context in which homosexual cisgender men commit suicide in Brazil. To this end, we used a mixed methodology, firstly applying an online survey aimed at the aforementioned population (which had already tried against their own lives) by asking respondents about topics discussed in the literature of our phenomenon of interest, and secondly, interviewing those participants who expressed the desire to continue to be part of the research, at the end of the applied survey. We collected 84 responses on the online questionnaire, in addition to 11 semi-structured interviews with cis gay men who had attempted suicide at least once in their lives. Based on these data, we sought to delineate the social relations and institutions of which our research subjects belonged to at the time they sought to end their lives, weaving from this reconstruction of their social histories the reasons that led them to this extreme decision. This attempt to explain the phenomenon goes against the hegemonic forms used of the academic debate focused on this research problem, based almost exclusively on quantitative logics of data collection and analysis. More importantly, our interpretation of the phenomenon in question diverges from those analysis by making use of already established theoretical apparatus, that has only recently been discussed in this debate, namely, the power of sexual norms over subjects not identified in the binary categories of heterosexuality.

Keywords: suicide; sexuality; discrimination; heteronormativism; homophobia.

SUMÁRIO

Introdução	8
1. Estrutura da dissertação	11
Capítulo 1: Primeiros passos da pesquisa: construção do problema, teoria e metodologia.....	13
1. Suicídio	13
2. Sexualidade	18
3. Explicações do fenômeno	21
3.1 <i>Estigma</i>	21
3.2 <i>Normas sexuais</i>	25
4. Notas metodológicas	36
5. Aspectos éticos.....	38
6. Perfil sociodemográfico dos participantes	39
7. Os participantes das entrevistas qualitativas e a estrutura de discussão dos dados	42
Capítulo 2: Descoberta da sexualidade	46
Capítulo 3: Família	56
1. Plínio	57
2. Igor	65
Capítulo 4: Escola	75
1. Antônio.....	85
Capítulo 5: Cuidados em saúde mental.....	93
1. Edson.....	96
Capítulo 6: Religião	104
1. Cesar.....	107
2. Leandro	112
3. Beatriz	117
4. Marcos.....	124
Capítulo 7: Transição para a ‘vida adulta’	130
1. Henrique	139
2. Julio.....	145
3. Renato	149
4. Normalização do suicídio.....	155
Considerações finais.....	160
Referências bibliográficas.....	165
Apêndice I.....	172

Apêndice II	176
--------------------------	------------

Introdução

*For those of us who live at the shoreline
standing upon the constant edges of decision
crucial and alone
for those of us who cannot indulge
the passing dreams of choice
who love in doorways coming and going
in the hours between dawns
looking inward and outward
at once before and after
seeking a now that can breed
futures
like bread in our children's mouths
so their dreams will not reflect
the death of ours;*

*For those of us
who were imprinted with fear
like a faint line in the center of our foreheads
learning to be afraid with our mother's milk
for by this weapon
this illusion of some safety to be found
the heavy-footed hoped to silence us
For all of us
this instant and this triumph
We were never meant to survive.¹*

(Audre Lorde, “A Litany for Survival”, *The Black Unicorn*, 1978)

O poema acima serve como introdução sucinta à realidade que se encontrará nas páginas a seguir. Audre Lorde se auto intitulava como “negra, lésbica, mãe, guerreira e poetisa” em aparições públicas². Essa nomeação sucessiva de identidades faz referência ao acúmulo de opressões sofridas quando se pertence, ao mesmo tempo, a certas

¹ “Para aqueles de nós que vivem na costa/de pé sobre as bordas constantes da decisão/cruciais e sozinhos/para aqueles de nós que não podem se entregar/aos sonhos passageiros de escolha/que amam em portas indo e vindo/nas horas entre as auroras/olhando para dentro e para fora/de uma vez só antes e depois/procurando um agora que pode gerar/futuros/como pão na boca de nossos filhos/para que seus sonhos não reflitam/a morte de nossos;/Para aqueles de nós/que foram marcados com medo/como uma linha tênue no centro de nossas testas/aprendendo a ter medo com o leite materno/pois por esta arma/essa ilusão de alguma segurança a ser encontrada/os de pés pesados esperavam nos silenciar/Para todos nós/este instante e este triunfo/Nós nunca fomos feitos para sobreviver.”

² (Sehgal, P. *A Timely Collection of Vital Writing by Audre Lorde*. Em: <https://www.nytimes.com/2020/09/15/books/review-audre-lorde-selected-works.html>. Acesso em: 16/02/2022)

categorias identitárias, o que faria do pensamento e ativismo de Lorde uma das raízes fundantes dos estudos interseccionais contemporâneos. Em virtude dessa mesma ideia, de que diferentes identidades se associam de forma particular, seu poema não é um espelho exato do que veremos a seguir, embora forneça traços fundamentais que contornam as experiências de sofrimento social de nossos participantes de pesquisa. Por exemplo, a preocupação com a garantia continuada do sustento familiar descrita pela poetisa se traduz em questões de classe social, as quais não se fazem tão prementes em muitos dos casos que iremos relatar aqui, adquirindo propriedades distintas e consequências diferentes. Se, no entanto, olharmos para outros temas que compõem esse quadro descrito no poema, veremos os paralelos se multiplicarem.

Decisões cruciais que carregam consequências de grande relevância não são eventos dispersos no tempo, sendo travadas diariamente, como a ‘normalização’ do corpo e os sinais que pode emitir ou omitir, o que se deve fazer, o que fazer para que os outros não reparem em detalhes minúsculos, como alguma inflexão inusitada da voz, e ajam nesse momento contra essa mesma pessoa; todas essas e outras decisões são tomadas sozinhos. Amor como algo expresso somente em horas noturnas, em lugares passageiros, não estáveis, olhando para seus próprios sentimentos, mas também alerta por quem possa estar vigiando a expressão deles; de uma vez só olhando para dentro e para fora. Por trás dessa cautela da adequação o sentimento de medo, corporificado nos versos da poetisa, e que se mostra como um companheiro constante de nossos sujeitos de pesquisa, desde que percebem a sexualidade e a interdição imposta a certos tipos de comportamento e desejos, dos quais eles próprios sentem em segredo.

A *litanía* se caracteriza como prece ou canto que realiza enumeração repetida de temas e palavras, p. ex., os versos que reproduzimos começando com “Para aqueles de nós” – *For those of us* – marca o ritmo quando reaparece no texto, culminando em uma “litanía para sobreviver” ao fim do poema, nas duas últimas estrofes não reproduzidas aqui. Nelas, Lorde intensifica o uso desse aparato rítmico enumerativo dando maior ênfase à infiltração do medo e sua potência para fazer da vida algo inundado por esse sentimento: estômagos cheios lhes causam medo de indigestão, enquanto os vazios lhes fazem brotar o receio de não mais encontrar o que comer; o amor, que talvez desapareça mesmo estando tão presente, e que talvez não volte, quando se está solitário; e a voz carregada de medo em não ser ouvida, em razão do estado contínuo de opressão. Mesmo assim, a alternativa do silêncio ainda os leva ao medo, o que encerra a litanía e o poema com o lembrete de falar, porque de qualquer jeito, eles nunca foram feitos para sobreviver.

A participação de nossos sujeitos de pesquisa é condicionada em parte por esse mesmo fato, o desejo de compartilhar suas histórias, mesmo em face da incerteza de mudar coisas por meio de palavras, mas também para fornecer algum tipo de abrigo para aqueles que vivem ou viveram situações próximas às suas, recontando suas histórias e sua relação com o suicídio; quebrar o silêncio para fazer sobreviver.

Lendo o poema, pude reconhecer alguns aspectos presentes na voz da poetisa que reapareceram nas vozes daqueles que participaram desta pesquisa. Eu não tenho acesso à realidade dos sujeitos de pesquisa aqui retratados por meio de minha própria história e subjetividade, em outras palavras, não me considero pertencente a alguma identidade sexual minoritária e, da mesma forma, nunca vivenciei experiências tão próximas ao fenômeno do suicídio. Por esse motivo, a dissertação a seguir pode muito bem pecar na compreensão mais nuançada de tais realidades, mesmo que a tarefa de pesquisador em ciências sociais seja, primordialmente, revirar todas as pré-noções e pedras simbólicas do que nós e nossos sujeitos de pesquisa consideram ser o mundo. No mínimo, espero ter retratado com justiça as histórias daqueles que se voluntariaram a participar deste estudo.

Meu interesse em pesquisar o suicídio de homens cis gays surgiu por causa de outro paralelo artístico sem ligações óbvias com o tema. Ele remonta ao período em que cursei disciplina ministrada pela Prof^a Dr^a Maria Helena Oliva Augusto, hoje minha orientadora, na qual analisei, no trabalho de conclusão da matéria, o filme *A vida dos outros* (2006), do diretor Florian Henckel von Donnersmack, sob a ótica dos textos discutidos em sala. O cenário no qual a obra se desenrola é o da Alemanha Oriental na década de 1980, focalizando a atuação da “Stasi” (a polícia secreta alemã-oriental) em processos de monitoração de residentes do país que levantassem nas autoridades estatais suspeita de subversão. O suicídio de um artista censurado – próximo a uma das personagens centrais da trama – serve como estopim para o desenvolvimento do enredo, ao entrelaçar o alto índice de suicídios do país ao regime totalitário de vigilância e censura constantes, que passa a ser criticado anonimamente por essa personagem, o dramaturgo Georg Dreyman. A partir dessa premissa o filme centra-se no suspense de Dreyman em manter no anonimato a autoria de sua carta crítica, ou ser descoberto como seu autor pelo Estado socialista de então.

Esse lugar inesperado fez me interessar pelo tema desta pesquisa quando passei a me perguntar se esse mesmo cenário se reproduzia de alguma forma na sociedade contemporânea, especialmente no que tange às relações de vigia e segredo de expressão individual, atreladas às possibilidades de viver dessas mesmas individualidades,

impedidas de se expressarem. A resposta que encontrei para essa pergunta foi o suicídio em minorias sexuais.

Embora não resumam de maneira completa nosso fenômeno de interesse, essas referências fornecem ao leitor um bom ponto de partida para visualizar a complexa realidade a seguir, e que se desenrolará em diversas direções, à medida que prosseguirmos com nosso argumento.

1. Estrutura da dissertação

Esta dissertação é estruturada em sete capítulos, além desta Introdução. No primeiro capítulo *Primeiros passos da pesquisa: construção do problema, teoria e metodologia*, discutiremos a construção de nosso problema de pesquisa pelos dois termos essenciais de nosso objeto de interesse, a saber, *suicídio* e *sexualidade*. Logo após, detalharemos em outras subseções as *explicações do fenômeno*, em que abordaremos os aparatos teóricos usados até aqui, além de elencar nossa própria escolha de teoria. Em seguida as *notas metodológicas* e, encerrando este primeiro capítulo, os *aspectos éticos*.

No segundo capítulo *Descoberta da sexualidade*, iremos discutir o ponto de partida em que participantes de pesquisa primeiro tiveram contato com questões relacionadas ao sexo, bem como elas eram representadas e sancionadas pelos meios sociais em que viviam. A escolha por começarmos dessa forma nosso debate remonta à discussão das explicações do suicídio em populações LGBT, na subseção *explicações do fenômeno* e na subseção *notas metodológicas* do capítulo 1, quando detalhamos a apresentação dos dados qualitativos, por meio do deslocamento temporal da sincronidade entre ‘causas’ e ‘efeitos’, bem como para compreender a relação dos sujeitos com sua própria sexualidade, inevitavelmente imbricada aos círculos sociais pelos quais atravessaram no tempo.

No terceiro capítulo *Família* iniciamos a discussão de esferas sociais às quais nossos sujeitos de pesquisa estiveram submetidos. Nesse capítulo, o ambiente familiar, assim como os temas relativos à sexualidade passam a ser tratados, bem como suas consequências para a vida dos participantes deste estudo. Seguindo o mesmo tipo de estrutura, seguem os capítulos subsequentes (caps. 4 a 7) *Escola*, *Cuidados em saúde mental* (especialmente o acesso a serviços de saúde), *Religião* e *Transição para a ‘vida adulta’* (trabalho, universidade, etc.).

É importante fazer aqui um adendo sobre o teor do conteúdo analisado neste texto, já que ele comporta em sua integridade quantidades grandes de temas sensíveis. Procuramos não discutir de maneira extensa ao longo desta dissertação detalhes difíceis, relatados pelos participantes, especialmente no que diz respeito à forma como suas tentativas de suicídio ocorreram. Acreditamos não perder muito ao deixar essa discussão de lado quanto à ocorrência do suicídio em minorias sexuais de forma geral, voltando apenas a ela em uma questão específica no subitem *normalização do suicídio* presente no capítulo 7 (*Transição para a vida adulta*), em que esses detalhes compõem a base para entender o ponto geral. Como esse mesmo capítulo encerra a discussão dos temas, sendo seguido pelas *Considerações finais*, decidimos localizar o referido subitem mais sensível no fim do capítulo 7, para que a leitura do texto como um todo possa ser feita sem problemas, caso o leitor prefira não entrar nessa discussão específica, mais pertinente para compreender uma característica particular do fenômeno do suicídio, a saber, tentativas múltiplas e sua relação com os suicídios ‘completados’, *i. e.*, aqueles que tiveram como fim a morte de quem atentou contra sua própria vida.

Capítulo 1: Primeiros passos da pesquisa: construção do problema, teoria e metodologia

A seguir destacamos alguns dos conceitos principais de nossa discussão, na tentativa de deixar mais evidente nosso problema de pesquisa e as teorias com as quais iremos ensaiar uma interpretação do primeiro. No primeiro momento isso significa delinear dois conceitos chave de nosso tema de pesquisa: o *suicídio* e a *sexualidade*. O primeiro passo para discutir o suicídio de homens cis gays é entender o que se diz sobre esse fenômeno, logo, como o suicídio e a sexualidade humana são compreendidos e explicados. Assim, buscamos entender o que estudos que versam sobre o assunto querem dizer quando esses termos aparecem em textos sobre nosso tema de interesse, como eles são articulados, postos em prática nessas pesquisas científicas, e por fim, como os utilizaremos a fim de cercar o universo empírico de nosso próprio estudo, à luz dos debates científicos que descreveremos abaixo. Tendo em mente esses significados, prosseguiremos para as explicações do fenômeno e nossa própria abordagem teórico-metodológica, discutindo o conceito de *estigma*, utilizado na maioria massiva dos trabalhos presentes na literatura contemporânea, bem como o conceito de *normas sexuais*, pouco lembrado nesse mesmo campo de discussão acadêmica, fornecendo-nos a principal chave interpretativa utilizada nos dados coletados ao longo da pesquisa.

1. Suicídio

Sobre o que se fala na discussão do ‘suicídio LGBT’? Ao buscarmos pesquisas que tentam compreender o fenômeno em populações de minorias sexuais, é possível encontrar certa hegemonia de trabalhos de caráter quantitativo sobre o referido tema, nos quais se destacam as diferenças contrastantes entre populações heterossexuais e aquelas enquadradas em alguma categoria identitária das referidas minorias sexuais³. Marshal et al. (2011) realizam o exame crítico de textos que tratam das disparidades de taxas de suicídio e depressão entre *sexual minority youth* (SMY) e grupos heterossexuais da

³ Discutimos aqui minorias sexuais usualmente estudadas na literatura do fenômeno, por isso o uso do termo LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Trans) e não outras terminologias que abarcam, hoje em dia, a gama de identidades sexuais que buscam reconhecimento, tal como na sigla LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Queer, Intersexo, Assexuais, e o símbolo mais, designando outros tipos de orientações e/ou identidades sexuais não contempladas pelas anteriores).

mesma faixa etária. Ao analisarem pesquisas que versam sobre o tema, os autores constatam que, em média, 28% das pessoas incluídas no SMY possuem histórico de tendência ao suicídio⁴, contra 12% de seus pares heterossexuais (2011, p. 121); Coker et al. (2010) também realizaram a mesma tarefa de revisão de literatura, chegando a resultados similares⁵.

Essa hegemonia de estudos de caráter quantitativo se entrelaça à maneira explicativa usualmente incorporada por pesquisas que versam sobre o tema do suicídio, tomado como fenômeno mais amplo da sociedade, o qual sempre teve como uma de suas principais bases a análise de dados de natureza numérica, fornecidas pelas taxas de suicídio populacionais.

Em um dos pilares teóricos de fundação da sociologia, Émile Durkheim (2014 [1897]) usou as taxas de suicídio como seu objeto empírico clássico, ao atestar o caráter social do fenômeno, por meio da comparação entre diferentes taxas apresentadas em grupos sociais distintos (tais como filiação religiosa, situação conjugal etc.), bem como entre países, produzidas, geralmente, por entidades governamentais que contabilizam a mortalidade de suas populações. No caso do suicídio, o legista é a figura do Estado que produz essa contabilização.

Um dos pontos de maior debate, e talvez uma das mais célebres críticas ao trabalho de Durkheim, é a de Jack Douglas (1967), e diz respeito à questão de caracterização de certa morte como ato suicida. Ao analisar a crítica de Douglas, Varty (2000) aponta para a dificuldade em considerá-lo ou não um suicídio, que por sua vez tem impacto na produção dos dados estatísticos analisados e sobre a percepção geral do fenômeno. Um de seus pontos centrais é o de que os fatores que influenciam tal aferimento legal sobre a morte de qualquer sujeito percorrem extensa gama de considerações, dentre elas, a busca feita pelo legista para descobrir potenciais motivos que levassem o indivíduo a cometer suicídio.

Nesse sentido, um primeiro problema surge da inexatidão da definição de Durkheim sobre o suicídio, descrita logo na introdução de sua obra clássica, entendendo o termo como aplicável a todos os casos de morte resultantes direta ou indiretamente de

⁴ Mensurada pelo conceito 'suicidalidade' (*suicidality*, em inglês), composto pelas respostas dos participantes com relação à ideiação suicida, tentativas e elaboração de planos para cometer o suicídio

⁵ Como se verá em seguida, os estudos destacados neste relatório são de origem internacional. Poucos estudos nacionais versam sobre o tema do suicídio em minorias sexuais, e, entre eles, apenas Teixeira-Filho & Rondini (2012) têm como objetivo central o estudo do fenômeno, descobrindo a variação de taxas populacionais parecidas às encontradas nos trabalhos internacionais. Tal exceção também pode ser estendida a Nagafuchi (2017), que realiza etnografia digital sobre o referido objeto.

um ato positivo ou negativo da própria vítima, a qual tencionaria que esse resultado fosse produzido (2014 [1897])⁶.

Ao tomar essa definição do fenômeno, passou despercebido ao sociólogo francês que sua análise se baseava em dados colhidos a partir de outra definição – a dos legistas que aferem o fato –, à qual muitas vezes recorre em busca dos motivos dos indivíduos que cometeram tal ato, característica da qual Durkheim busca amiúde se afastar, em virtude de seu projeto de sociológico, *i. e.*, os motivos de cada sujeito diluem o caráter social do fenômeno, e, portanto, a possibilidade de explicá-lo de acordo com seus preceitos sociológicos. Seriam coletadas as opiniões sobre quais foram os motivos da pessoa que cometeu suicídio, e não o que de fato se passava na mente dela (Durkheim, 2014 [1897]: 136)⁷.

Voltando a Varty, este comenta certo caso em que um homem foi encontrado morto em sua garagem, sentado em seu carro e sufocado pela fumaça produzida por seu automóvel. Embora tal circunstância sugerisse fortemente a ocorrência de um suicídio, o legista não chegou a essa conclusão, já que nenhum dos motivos que ele associava normalmente ao fenômeno foram encontrados (embriaguez, problemas domésticos, infelicidade etc.). Nesse caso, a morte foi considerada acidental, como se o homem tivesse dormido antes de desligar o motor do carro (Varty, 2000: 58). Ainda que algumas circunstâncias de morte eliminem interpretações de acidentes e indiquem de maneira mais direta a ocorrência do fenômeno (p. ex., enforcamento), o julgamento da situação de sua ocorrência passa por outros fatores, como uma análise de pano de fundo sobre a vida pessoal e do estado emocional em que a pessoa se encontrava. Assim, legistas mobilizam teorias próprias sobre a ocorrência do fenômeno e sua subsequente caracterização, que estão, portanto, sujeitas a visões sociais completamente distintas, de acordo com o contexto social em que são formuladas.

No que tange ao mesmo tipo de análise, baseada em dados quantitativos, o entrelaçamento do fenômeno geral e sua manifestação específica referente à não-

⁶ A definição de suicídio atualmente utilizada pela Organização Mundial da Saúde sugere uma versão simplificada, como “[...] o ato de se matar deliberadamente” (World Health Organization, 2014: 12, tradução nossa)

⁷ Douglas (1967), além de sua crítica metodológica, tomando o suicídio de maneira geral, também advogava por uma análise centrada em casos individuais e os sentidos sociais envolvidos no fenômeno. Cabe mencionar, esse deslocamento de foco na esfera explicativa também se desdobra da mencionada relação metodológica, mais notadamente, nas diferentes posições sociológicas fundantes dessa disciplina acadêmica, entre a abordagem de Durkheim centrada no valor de dados estatísticos e a sociologia interpretativa de Weber, que visava explicações no sentido da ação dado pelos atores e que atestava a incompletude de tais dados estatísticos tomados por si.

heterossexualidade se mantém por meio de outra alternativa, já que a identificação da sexualidade de sujeitos que cometem o ato raramente é registrada pelos profissionais do Estado encarregados de caracterizar determinada morte como autoprovocada (Haas & Mortali, 2020: 159-60). Em virtude desse fato, a veia analítica quantitativa que procura elucidar a questão do suicídio LGBT tem, nesse sentido, deslocada sua análise para fenômenos que lhe permitem apreender de alguma forma a produção do primeiro, já que as estatísticas de suicídio realizadas no nível micro por médico-legais nunca ou poucas vezes incluem a sexualidade de sujeitos que o cometem.

Dessa forma, os fenômenos listados para a análise são geralmente as tentativas e ideações suicidas. Aqui, vale ressaltar, a literatura que percorre essa alternativa analítica se embasa em noção do fenômeno tomado de maneira geral, na qual o suicídio não apresenta uma divisão analítica completa de linhas claras entre as tentativas e ideações e a sua realização. Ao contrário, torna-se comum uma ideia contínua do fenômeno que o caracteriza como o ponto final de uma escala de gravidade (geralmente denominado 'comportamento suicida'), que, com frequência tem em seu início a ideação da morte autoprovocada, as tentativas em um nível intermediário, e por fim, o suicídio completado (Silverman *et al.*, 2007); sob esse ponto de vista, tais fenômenos estão intimamente conectados entre si, sem uma separação impermeável entre eles⁸.

Nesse aspecto ressurge a problemática sobre a complexidade causal do fenômeno na população geral. Como apontam Haas & Mortali (2020), embora relevante e usualmente ligada ao fenômeno, a saúde mental debilitada (p. ex., a ocorrência da depressão) não é em si mesma causa suficiente para a explicação do suicídio, já que, nos E.U.A., cerca de 46% dos indivíduos que cometeram suicídio possuíam algum histórico de condição mental (2020: 160). Da mesma forma, Belsher *et al.* (2019) fazem revisão da literatura sobre modelos preditivos de suicídio, encontrando ineficácia quase completa na capacidade de previsão desses modelos.

White *et al.* (2016) editam volume que reúne artigos de perspectivas diferentes para argumentar que o campo de estudo do suicídio (“suicidologia”)⁹ se tornou muito estreitamente focado em questões de patologia individual e apegado a metodologias de

⁸ Além da problemática em definir, e, portanto, separar fenômenos tão próximos, temos a ligação na ocorrência de um deles baseada em outro, já que um dos ‘preditores’ mais frequentes na explicação de suicídios completados são tentativas prévias de suicídio (Hatchel *et al.*, 2019)

⁹ *Suicidology*, em inglês. Campo de estudos sobre o suicídio, tendo para alguns como marco fundante nos Estados Unidos os trabalhos de Norman Farberow e Edwin Shneidman, nas décadas de 1950 e 1960 (cf. White *et al.*, 2016: 2)

pesquisa positivistas (White *et al.*, 2016: 2). Assim, os autores propõem a fundação de um campo chamado *critical suicidology*.

Para os autores, o suicídio e os comportamentos suicidas estão profundamente enraizados em contextos sociais, políticos, éticos e históricos específicos. Em virtude disso, seriam raramente passíveis de lógicas explicativas de suas causas e de seu efeito, bem como de soluções rápidas ou técnicas (White *et al.*, 2016: 1). Da mesma forma, a complexidade de identificação desse fenômeno teria o papel de tornar incrivelmente escassas as evidências sobre como prevenir o suicídio e os comportamentos suicidas.

A referida lógica explicativa teve papel fundamental em apontar as disparidades de saúde no que diz respeito ao fenômeno do suicídio LGBT. Tal fato é reconhecido pelos próprios autores ao discutirem o papel de pesquisas quantitativas e suas contribuições para o estudo do fenômeno não restrito a populações específicas, como as de minorias sexuais. Ao mesmo tempo, White *et al.* sublinham a influência de viés positivista persistente na produção de uma cultura intelectual que privilegia as abordagens médicas científicas sobre o suicídio em vez de outras formas de saber, ao apontarem que, entre 2005 e 2007, menos de 3% dos artigos de pesquisa publicados em três periódicos internacionais a respeito do tema foram baseados em estudos qualitativos (White *et al.*, 2016: 3). Na mesma linha, os autores destacam que “Enquanto isso, o editor de um dos periódicos norte-americanos mais proeminentes dedicado ao estudo do suicídio sugeriu recentemente a ‘insistência no rigor e no quantitativamente científico [é] uma próxima fase natural para um campo de conhecimento em amadurecimento [...] sem o qual um progresso genuíno é claramente improvável’”¹⁰ (White *et al.*, 2016: 3, tradução nossa).

Tendo em vista o que foi discutido até aqui, nossa construção do problema no que diz respeito ao fenômeno do suicídio segue a lógica de estudar fenômenos próximos, em nosso caso, a tentativa de suicídio. Nesse sentido, buscamos discuti-lo por meio de contatos e entrevistas com sujeitos de pesquisa que o tentaram ao menos uma vez em suas vidas, orientando nossa análise pelo desenrolar social das vidas de nossos entrevistados.

¹⁰ “Meanwhile, the editor of one of the most prominent North American journals dedicated to the study of suicide has recently suggested that “an insistence on the rigorously and quantitatively scientific [is] a natural next phase for a maturing field of knowledge ... without which genuine progress is distinctly unlikely””

2. Sexualidade

Esses estudos sobre o suicídio LGBT procuraram analisar sujeitos pertencentes a certas minorias sexuais distinguindo-os entre si, especialmente nas categorias de homo e bissexualidade, contrapostas a categorias *trans*¹¹, ao imputarem muitas vezes às últimas realidades sociais marcadamente distintas em relação às primeiras (Lick *et al.* 2013).

Sedgwick (1990) destaca a criação da palavra “homossexual”, a qual teria penetrado no discurso ocidental (euro-americano) durante o último terço do século XIX, sendo que sua popularização precederia à da palavra “heterossexual” (1990: 2). Como escreve a autora “Parece claro que os comportamentos sexuais, e mesmo para algumas pessoas as identidades conscientes, denotadas pelo novo termo ‘homossexual’ e suas variantes contemporâneas, já tinham uma longa e rica história. O mesmo ocorreu com uma ampla gama de outros comportamentos sexuais e grupos comportamentais”¹² (Sedgwick, 1990: 2, tradução nossa, grifo da autora). A novidade da época passou pela expansão do mapeamento em que cada sujeito era necessariamente classificável apenas em um gênero, masculino ou feminino, em virtude da necessidade de outra identidade binária, nas categorias de homo e heterossexualidade, as quais tinham implicações mesmo em aspectos aparentemente menos marcados por aspectos sexuais da existência pessoal (Sedgwick, 1990: 2).

A categoria “orientação sexual” baseada no laço entre gênero e sexualidade, *i. e.*, pela escolha de um parceiro sexual em virtude de seu gênero, aparece como um enigma para Sedgwick por ter sido mantida historicamente como a dimensão central da vida sexual que classifica pessoas em determinados grupos sociais – hetero e homossexuais – , tornando-se a categoria identitária sexual onipresente da vida social (Sedgwick, 1990: 8).

Subjacente a essa relação vem a ideia de predomínio ou subsunção completa dos temas da sexualidade aos de gênero. Como aponta a autora, a sexualidade estende-se por várias dimensões da escolha do objeto, não sendo descrita em todos os casos em termos do gênero, “Outras dimensões da sexualidade, no entanto, distinguem a escolha do objeto

¹¹ Sujeitos transgêneros, transexuais e travestis. Como o referido termo abarca variação considerável de denominações, a quebra da lógica de atribuição de identidade sexual pode referir-se a ampla gama de fatores, como comportamento e vestimentas imputados ao sexo oposto daquele indicado no nascimento, a operações de mudanças sexuais, entre outros (King & Ekins, 2007).

¹² “It seems clear that the sexual behaviors, and even for some people the conscious identities, denoted by the new term "homosexual" and its contemporary variants already had a long, rich history. So, indeed, did a wide range of other sexual behaviors and behavioral clusters”

de forma bastante diferente (por exemplo, humano/animal, adulto/criança, singular/plural, autoerótico/alioerótico) ou nem mesmo se refere à escolha do objeto (por exemplo, orgástico/não orgástico, não comercial/comercial, usando apenas corpos/usando objetos manufaturados, em privado/público, espontâneos/com roteiro)”¹³ (Sedgwick, 1990: 35, tradução nossa).

No campo acadêmico, Sedgwick destaca o papel do pensamento feminista na análise de disjunção entre as categorias ‘sexo’ e ‘gênero’, em que a primeira denotaria características biológicas específicas entre membros de uma mesma espécie com cromossomos XX ou XY:

Essas incluem (ou são comumente considerados como incluídos) dimorfismos mais ou menos marcados da formação genital, crescimento do pelo corporal (em populações que têm pelos no corpo), distribuição de gordura, função hormonal e capacidade reprodutiva. O "sexo" nesse sentido – o que demarcarei como "sexo cromossômico" – é visto como a matéria-prima relativamente mínima na qual se baseia a construção social do gênero. Gênero, então, é a produção e reprodução social muito mais elaborada, mais completa e rigidamente dicotomizada em identidades e comportamentos femininos e masculinos – de pessoas do sexo masculino e feminino – em um sistema cultural para o qual a divisão “masculino/feminino” funciona como um binarismo primário e talvez como modelo que afeta a estrutura e significados de muitos outros binarismos cuja aparente conexão ao sexo cromossômico será frequentemente exígua ou inexistente. Comparado ao sexo cromossômico, que é visto (por essas definições) como tendendo a ser imutável, imanente ao indivíduo e biologicamente baseado, o significado de gênero é visto como culturalmente mutável e variável, altamente relacional (no sentido de que cada um dos gêneros binários é definido principalmente por sua relação com o outro), e inextricável de uma história de diferenças de poder entre os gêneros. Esse mapeamento feminista a que Gayle Rubin se refere como um "sistema sexo-gênero", o sistema pelo qual o sexo cromossômico é transformado e processado como gênero cultural, tende a minimizar a atribuição dos vários comportamentos e identidades das pessoas ao sexo cromossômico e maximizar sua atribuição aos construtos de gênero dos processos de socialização.¹⁴ (Sedgwick, 1990: 27-8, tradução nossa).

¹³ “Other dimensions of sexuality, however, distinguish object-choice quite differently (e.g., human/animal, adult/child, singular/plural, autoerotic/alioerotic) or are not even about object-choice (e.g., orgasmic/nonorgasmic, noncommercial/commercial, using bodiesonly/ using manufactured objects, in private/in public, spontaneous/scripted)”

¹⁴ “These include (or are ordinarily thought to include) more or less marked dimorphisms of genital formation, hairgrowth (in populations that have body hair), fat distribution, hormonal function, and reproductive capacity. "Sex" in this sense - what I'll demarcate as "chromosomal sex" -is seen as the relatively minimal raw material on which is then based the social construction of gender. Gender, then, is the far more elaborated, more fully and rigidly dichotomized social production and reproduction of male and female identities and behaviors - of male and female persons -in a cultural system for which "male/female" functions as a primary and perhaps model binarism affecting the structure and meaning of many, many other binarisms whose apparent connection to chromosomal sex will often be exiguous or nonexistent. Compared to chromosomal sex, which is seen (by these definitions) as tending to be immutable, immanent in the individual, and biologically based, the meaning of gender is seen as culturally mutable and variable, highly relational (in the sense that each of the binarized genders is defined primarily by its relation to the other), and inextricable from a history of power differentials between genders. This feminist charting of what Gayle Rubin refers to as a "sex/gender system," the system by which

Nessa veia analítica, ocorre a recorrente relação de categorias identitárias que causa confusão entre o que se entende por “orientação sexual” e “identidade de gênero”, em especial, pelas classificações contemporâneas em pessoas *trans* e *cis*. No segundo termo, temos pessoas que se identificam com o gênero designado em seu nascimento – seu sexo cromossômico –, e, no primeiro, pessoas que se identificam com o gênero oposto ao que foram enquadrados ao nascerem.

Voltando a trabalhos da temática do suicídio LGBT, Teixeira-Filho & Rondini (2012) apontam que estudos envolvendo sujeitos homossexuais têm usado três critérios – combinados ou não – para a definição da orientação sexual de seus participantes: a autoidentificação, a atração por parceiros do mesmo sexo e a prática de comportamentos sexuais (2012: 662). Essa variação conceitual reflete-se nos dados obtidos por suas diferentes aplicações, apresentando taxas que caracterizam entre 1% e 21% dos membros de determinada população como homossexuais. (Teixeira-Filho & Rondini, 2012: 662).

Como a orientação sexual carrega consigo uma vasta diferenciação cultural, onde quer que tal categoria social se torne 'relevante', ela significaria diferentes tipos de relações sociais e formações identitárias dos sujeitos que são alocados nelas e que nelas se reconheçam ou não.

Essa variação é exemplificada no texto clássico de Peter Fry (1982) sobre o tema, em que o autor descreve como, em certas regiões do Brasil, nos anos 1970, foram produzidos diferentes tipos de percepções identitárias da homossexualidade masculina e como são caracterizadas. Em regiões do Norte e Nordeste, a diferenciação entre homens heterossexuais e homossexuais, em vez de tomar a orientação sexual como demarcador fundante de identidade sexual, se daria mais em virtude de quais papéis de gênero (feminino e masculino) e papéis sexuais (ativo e passivo) os sujeitos assumem em relações sociais e sexuais; homens heterossexuais podem manter relações com outros homens e ao mesmo tempo manter tal identidade, desde que se enquadrem em tais formas de relação próprias à heterossexualidade concebida no contexto local (masculino e ativo) (Fry, 1982: 92-3). Nas regiões localizadas no sudeste do país, em especial São Paulo e Rio de Janeiro, a orientação sexual marca tal diferenciação, já que homens homossexuais

chromosomal sex is turned in to, and processed as, cultural gender, has tended to minimize the attribution of people's various behaviors and identities to chromosomal sex and to maximize their attribution to socialized gender constructs”

podem assumir qualquer tipo de papel de gênero ou sexual, mas sua contraparte heterossexual não (Fry, 1982: 92-3).

Essas interpretações sobre o que é a sexualidade, suas ligações com a categoria gênero etc., têm uma história que não fica somente no plano especulativo, ao contrário, são mobilizadas em lutas de regulação normativas de tudo aquilo que envolve ou pode envolver ambas as categorias. Exploraremos esse ponto a seguir ao tocarmos nas explicações de nosso fenômeno de interesse. No momento, resta-nos ressaltar que a sexualidade – formulada enquanto problema de pesquisa – tem como seu critério de seleção dos participantes deste estudo a autoidentificação, em outras palavras, nossos sujeitos de pesquisas são homens cis gêneros que se consideram homossexuais. No entanto, como se verá adiante, a própria noção de identificar sujeitos, inerente a esse passo metodológico, não se resume a apenas um procedimento de pesquisa científica, já que a noção mesma de identidade percorre a experiência de nossos entrevistados de forma não linear, e imbricada no caráter processual de sua construção, individual e social.

3. As explicações do fenômeno

Depois de trabalharmos os dois componentes principais do assunto que trataremos aqui, resta-nos apresentar o que se tem falado sobre esse assunto, isto é, quais respostas encontramos para uma mesma pergunta, *por que o fenômeno acontece?*

3.1 Estigma

Os estudos que apontam para diferenças nas taxas de suicídio entre populações hetero e não heterossexuais citados no início desta seção nos levam à indagação óbvia: se a orientação sexual – identidade construída socialmente – serve como demarcador de quem atenta contra a própria vida de maneira mais frequente, inevitavelmente, é preciso buscar as respostas na sua articulação específica com o meio social em que ela brota. Além de vasculhar esses meios sociais, torna-se necessário analisar como os últimos produzem a interdição das possibilidades de viver de pessoas identificadas com certa orientação sexual; em alguns dos termos mais utilizados na literatura do tema, estigma, preconceito, discriminação, homofobia, LGBTfobia.

Especialmente influentes nesses trabalhos são as contribuições de Link & Phelan (2001), na sua elaboração do conceito ‘estigma’, e de Meyer (2003), pela invenção do

conceito '*minority stress*'. No primeiro, uma abordagem ampla que procura lidar com o fenômeno da desvalorização simbólica de sujeitos tidos como 'diferentes' por grupos dominantes. No segundo conceito, propõe-se a ligação entre estressores sociais – p. ex., ações discriminatórias – e a deterioração da saúde mental de pessoas que se identificam com alguma minoria sexual. Em ambos os esforços teóricos, as noções de estigma, discriminação e preconceito são amalgamadas sob a mesma rubrica.

Na elaboração de Link & Phelan, tributária do trabalho seminal de Goffman (1963) a respeito do assunto, os autores decompõem o fenômeno em cinco elementos diferentes, os quais, ocorrendo simultaneamente, teriam por efeito a produção do estigma: *a*) a *rotulação* de pessoas por meio das diferenças percebidas, supostamente carregadas como parte de sua natureza (e não entendidas como o produto sócio-histórico que de fato são), categorizando então os sujeitos dentre desse marcador social afixado; *b*) a '*estereotipificação*', processo de associação do rótulo (e. g., gay, viado etc.) a estereótipos com conteúdo negativo (e. g., imoral, possuidor do vírus HIV/AIDS etc.); *c*) a *separação nós/eles* é o produto de ambos os processos anteriores, fundamentando a diferenciação de naturezas a em grupos distintos, p. ex., a história norte-americana e suas sucessivas ondas imigratórias; *d*) a *perda de status e discriminação*, na redução do valor simbólico do sujeito estigmatizado aos olhos de quem o estigmatiza, de maneira imediata em encontros sociais e nas ações tomadas contra esse mesmo sujeito, baseadas nessa percepção degradada do outro; *e*) ao passo que, para que esses processos ocorram em primeiro lugar, é necessário uma *situação de poder* (econômico, social, político, cultural etc.) desfavorável entre quem sofre e quem produz o estigma.

No conceito elaborado por Meyer (2003), o autor conecta teorias de estresse – físico, mental, emocional etc. – a eventos adversos peculiares a minorias sexuais, *minority stress* ('estresse de minoria'), sofridos de maneira singular e crônica por essas populações, em virtude de estruturas sociais e culturais estáveis, e, portanto, diferenças fundadas pela vida social (2003: 676). Tais estressores sociais e alguns de seus efeitos seriam: *a*) os *eventos de preconceito* que expõem esses sujeitos à violência e à discriminação e seus efeitos sobre a saúde deles; *b*) o *estigma*, reduzido aqui às expectativas de rejeição que podem sofrer, lançando-os a um estado de vigilância e ansiedade constante; *c*) *acobertamento vs. exteriorização*, sendo que o acobertamento identitário é usado como estratégia de '*coping*' ('suportar/enfrentar'), deteriorando a saúde mental pela ausência de compartilhamento emocional do sofrimento; *d*) *homofobia internalizada*, pela adoção de valores negativos sobre a homossexualidade, direcionadas aqui a si mesmo.

Perseguindo o caminho aberto pelas teorias descritas acima, a literatura mais recente sobre o fenômeno do suicídio LGBT tem seguido alternativas explicativas sobre possíveis fatores ambientais como mediadores do evento. Hatzenbuehler (2011) procurou mensurar esses ambientes pela construção de um índice formado pela combinação de variáveis que calcularam, entre outras, a proporção de casais do mesmo sexo e de escolas com políticas anti-*bullying* LGB¹⁵ em diferentes condados do estado norte-americano do Oregon. Ao mesmo tempo, o autor encontrou resultados parecidos aos dos estudos anteriormente citados, com variação de 21,5% a 4,2% de tentativas de suicídio entre grupos LGBs e heterossexuais, e soma a esse dado à constatação de que, em ambientes menos favoráveis à sua orientação sexual, o primeiro grupo esteve sujeito a taxas de tentativa de suicídio 20% maiores, quando localizado nessas comunidades avaliadas como desfavoráveis a sujeitos pertencentes a alguma identidade sexual LGB (2011: 900).

Referenciando trabalhos anteriores de Jo Phelan e o supracitado artigo de Meyer, Hatzenbuehler aponta que “Teorias ‘ecossociais’ e de ‘estresse social’ postulam que as condições sociais nas quais os indivíduos estão inseridos conferem risco de resultados adversos à saúde, sugerindo que a pesquisa focando exclusivamente nos fatores de risco de nível individual (por exemplo, sintomas depressivos) pode obscurecer determinantes importantes da saúde da população.”¹⁶ (2011: 897, tradução nossa).

Esse deslocamento analítico para o nível de análise social-estrutural está presente nas elaborações teóricas do estigma e do *minority stress*. No primeiro caso, com a proliferação de estudos sobre o tema entre os anos 1980 e 1990, uma parte substancial dessas pesquisas foi desenvolvida por psicólogos sociais que usaram os *insights* da abordagem cognitiva social para entender como as pessoas constroem categorias e as vinculam a crenças estereotipadas (Link & Phelan, 2001: 364). Segundo os autores, esse olhar excessivamente individualista teve por efeito a produção de trabalhos mais interessados nas percepções e interações individuais do que consequências amplas, como efeitos socioeconômicos desses tipos de representações, ao passo que, “[...] embora Goffman (1963: 3) inicialmente tenha aconselhado que realmente precisávamos de ‘uma linguagem de relacionamentos, não de atributos’, a prática subsequente frequentemente transformou estigmas ou marcas em atributos de pessoas (Fine & Asch 1988). O estigma

¹⁵ Sujeitos de pesquisa lésbicas, gays e bissexuais

¹⁶ “Both ecosocial and social stress theories have posited that the social conditions in which individuals are embedded confer risk for adverse health outcomes, suggesting that research focusing exclusively on individual-level risk factors (eg, depressive symptoms) can obscure important determinants of population health.”

ou marca é visto como algo na pessoa, em vez de uma designação ou rótulo que outros afixam na pessoa”¹⁷ (Link & Phelan, 2001: 366, tradução nossa).

As questões que focalizam níveis de análise tomados como ‘individuais’ ou ‘estruturais’ em pesquisas científicas tem outro importante componente, que se mostrará relevante mais adiante em nossa dissertação, a associação entre transtornos mentais e a caracterização da homossexualidade como sendo, ela própria, problema de ordem mental, e que, portanto, concerniria apenas ao indivíduo com essa orientação sexual. Como escreve Meyer, essa associação teve como base as altas taxas de transtornos mentais encontradas em populações LGB e à classificação da homossexualidade como distúrbio mental durante os anos 1960 e 1970, tida então como catalisadora dessas taxas elevadas (2003: 674). Essa classificação, em 1973, foi removida do *Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais*, produzido pela Associação Americana de Psiquiatria (AAP), e embora seu impacto ainda tenha sido longo no campo científico, tornou-se possível, escreve o autor, o deslocamento do problema de pesquisa para fatores sociais que causam tais diferenças na saúde mental de populações identificadas ou não com a heterossexualidade (Meyer, 2003: 674).

Apesar disso, seguindo questões envolvendo o realinhamento analítico entre as noções de ‘indivíduo’ e ‘sociedade’, Link & Phelan constata um problema presente nos trabalhos avaliados até então sobre o conceito de ‘estigma’, pela ausência de um tema central aos estudos sobre qualquer tipo de processo (re)produtor de diferenciações sociais, a origem do poder¹⁸ (2001: 378). Para os autores, ainda que processos cognitivos sejam condições necessárias para a produção do fenômeno, eles não são, por si mesmos, condições suficientes, “Mas o que importa é quais cognições prevalecem – quais cognições pertencentes a quem possuem influência suficiente nas esferas social, cultural, econômica e política”¹⁹ (Link & Phelan, 2001: 378, tradução nossa).

Enquanto revisam as elaborações recentes do conceito de ‘estigma’, Tyler & Slater (2018) argumentam justamente em favor de usos desse aparato teórico mirando

¹⁷ “even though Goffman (1963, p. 3) initially advised that we really needed “a language of relationships, not attributes,” subsequent practice has often transformed stigmas or marks into attributes of persons (Fine & Asch 1988). The stigma or mark is seen as something in the person rather than a designation or tag that others affix to the person”

¹⁸ Outra revisão de literatura sobre o conceito mais recente (Pescosolido & Martin, 2015) constata o mesmo problema pela falta de estudos centrados em objetos estruturais ou mesmo relações sociais pautadas pelo estigma.

¹⁹ “But what matters is whose cognitions prevail — whose cognitions carry sufficient clout in social, cultural, economic, and political spheres to lead to important consequences for the group that has been labeled as different”

estruturas sociais de poder. Comentando os recentes desenvolvimentos da teoria, os autores constataam, em continuidade com Link & Phelan, o predomínio da psicologia social e das ciências da saúde na utilização e refinamento analíticos que envolvem estudos sobre o tema, e a prevalência de medidas que procuram combater formas de estigma focadas em iniciativas socioeducativas, as quais negligenciam questões estruturais do estigma como forma de poder social e/ou político²⁰ (Tyler & Slater, 2018: 729).

Não nos cabe aqui especular sobre as possibilidades lógicas e teóricas de adequação entre o conceito de estigma e alguma noção qualquer de poder escolhida para preencher, *de maneira universal*, esse fenômeno elaborado em linha gerais como as descritas acima; isso tem sido também uma das críticas encontradas no uso dessa teoria, seja pela falta de clareza no modo como foi utilizada ou pelo aumento significativo de estudos tratando de seus efeitos sob perspectivas transdisciplinares e de múltiplos objetos de pesquisa diversos entre si (Pescosolido & Martin, 2015: 104). Adiciona-se à multiplicação de esquemas teóricos o crescente reconhecimento de proximidade analítica pela literatura científica do Norte-global entre os usos do conceito de estigma, alinhado tradicionalmente a questões de saúde, como transtornos mentais ou o vírus HIV/AIDS, e as noções de preconceito e discriminação, debruçadas sobre questões raciais, étnicas, de gênero etc.²¹ (Pescosolido & Martin, 2015; Link & Phelan, 2001).

3.2 Normas sexuais

Retomando a breve discussão sobre sexualidade iniciada anteriormente, o poder e os efeitos simultâneos de desvalorização do outro trabalhados até aqui são enquadrados de maneira indissociável nos conceitos de homofobia, bifobia, e LGBTfobia, entre outros.

Indo além do reconhecimento de que estruturas sociais participam da fundação e promoção da estigmatização social, ponto mais avançado sobre as características sociais do fenômeno discutidos pela maioria dos trabalhos da seção anterior, Junqueira (2012)

²⁰ Crítica essa também estendida pelos autores a Goffman. Além disso, Pescosolido & Martin (2015) comentam como medidas socioeducativas têm sido ineficazes na mudança de atitudes contra grupos estigmatizados, como os acometidos por transtornos mentais, pondo em dúvida, p. ex., a primazia de processos cognitivos e da ignorância como causas primárias do fenômeno.

²¹ Phelan *et al.* (2008) buscam analisar as proximidades entre os conceitos, igualando-os como um mesmo fenômeno, embora distinguindo-os em três diferentes funções sociais que promovem: relações de exploração/dominação, relações de conformidade normativa, e por fim, diminuição de contatos sociais pelo evitamento de doenças (2008: 365).

discute esse processo social direcionado a minorias sexuais, agrupadas sob o conceito de ‘homofobia’.

O autor aponta como tal noção ainda suscita interpretações que cercam suas raízes no âmbito individual, por exemplo, pelo discurso de teor clínico/médico que associa emoções negativas – aversão, desprezo, ódio etc. – e patologia:

Essas emoções, em alguns casos, seriam a tradução do receio (inconsciente e “doentio”) de a própria pessoa homofóbica ser homossexual (ou de que os outros pensem que ela seja). Assim, seriam indícios (ou “sintomas”) de homofobia o ato de se evitarem homossexuais e situações associáveis ao universo homossexual, bem como a repulsa às relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Essa repulsa, por sua vez, poderia se traduzir em um ódio generalizado (e, de novo, “patológico”) às pessoas homossexuais ou vistas como homossexuais (Junqueira, 2012: 4)

Embora aqui direcionada aos que perpetraram práticas preconceituosas, em uma espécie de inversão do ponto destacado por Meyer, a esfera individual baseada no discurso médico é convocada para explicar a geração do fenômeno²². No desenvolvimento ulterior do conceito, as reações negativas ainda prevalecem, sem, no entanto, invocarem as origens de ordem psicológica emocional ou mesmo patológica, agora associadas a mecanismos sociais de ordem cultural, educacional, institucional, política, etc. (Junqueira, 2012: 6-7).

Além do deslocamento da esfera individual para a estrutural, Junqueira pontua o entrelaçamento do conceito de homofobia às questões de poder e diferenciação cultural a partir das noções de gênero e dominação masculina, das quais se desdobra a possível origem da homofobia, o *heteronormativismo*: “Por meio da heteronormatividade, observa Michael Warner (1993), a heterossexualidade (e acrescente-se: pensada invariavelmente no singular, embora seja um fenômeno plural) é instituída e vivenciada como única possibilidade legítima (e natural) de expressão identitária e sexual. As homossexualidades tornam-se: desvio, crime, aberração, doença, perversão, imoralidade, pecado” (Junqueira, 2012: 10).

Nesse sentido, aponta Junqueira que a heterossexualidade é tomada como ordem ‘natural’, e citando a ideia de normas de gênero desenvolvida por Judith Butler, cria-se então um cenário de policiamento das *performances* que se conformam às expressões do sistema binário ‘masculino/feminino’ (Junqueira, 2012: 8). Esse processo atinge não

²² É preciso destacar que o discurso médico também se torna responsável pela legitimação de orientações sexuais não hegemônicas, ao caracterizá-las como *naturais*. Mais à frente retornaremos a esse ponto.

somente sujeitos com orientações sexuais dissidentes, mas qualquer pessoa que cruze as fronteiras de gênero, p. ex., homens cis heterossexuais que manifestem algum gosto ou comportamento pertencente ao universo dito feminino e sua subsequente ridicularização, frequentemente baseada na taxação desses sujeitos como ‘gay’, ‘viado’ etc., denunciando ao mesmo tempo os parâmetros normativos de quem as pronuncia, pela não disjunção entre as categorias ‘sexo’ e ‘gênero’, já analisada por Sedgwick, e o processo de estigmatização da orientação sexual não heterossexual, em virtude da desvalorização dessa identidade:

É preciso, então, considerar a existência de um variado e dinâmico arsenal de normas, injunções disciplinadoras e disposições de controle voltadas a estabelecer e a impor padrões e imposições normalizantes no que concerne a corpo, gênero, sexualidade e a tudo o que lhes diz respeito, direta ou indiretamente. A homofobia, nesse sentido, transcende tanto aspectos de ordem psicológica quanto a hostilidade e a violência contra pessoas homossexuais (gays e lésbicas), bissexuais, transgêneros (especialmente travestis e transexuais) etc. Ela, inclusive, diz respeito a valores, mecanismos de exclusão, disposições e estruturas hierarquizantes, relações de poder, sistemas de crenças e de representação, padrões relacionais e identitários, todos eles voltados a naturalizar, impor, sancionar e legitimar uma única sequência sexo-gênero-sexualidade, centrada na heterossexualidade e rigorosamente regulada pelas normas de gênero. (Junqueira, 2012: 9)

Nesse sentido, a noção de heteronormatividade dota o conceito ‘homofobia’ de uma interpretação cultural ampla, para além de processos discriminatórios claros ou evidentes, como xingamentos, atos de violência etc., alinhando-se a explicações socioculturais de longo alcance, e que procuram localizar as questões de poder ativamente perpetradas nos processos de estigmatização de minorias sexuais.

Os estereótipos associados à orientação sexual que fogem aos padrões heteronormativos, destacados anteriormente por Junqueira, como “desvio, crime, aberração, doença, perversão, imoralidade, pecado”, fornecem pistas sobre suas origens – correlatas e distintas –, e, conseqüentemente, suas bases de poder, capazes de tornar esses estereótipos representações sociais amplamente aceitas.

Para avançarmos sobre esse ponto, ao tomar como ponto de partida a remoção dos termos ‘gênero’, ‘orientação sexual’ e ‘sexualidade’ do Plano Nacional de Educação (PNE), em 2014, pelo Congresso Nacional, Carrara (2015) discute a possível emergência de um novo regime sexual no Ocidente. Como destaca o autor, e de maneira direta ou indireta, também presente nos outros autores que versam sobre o tema da sexualidade

citados até o momento, sua referência teórica é a noção de *dispositivo da sexualidade*, elaborada por Michel Foucault²³.

Carrara faz uso de *tipos ideais* com o intuito de oferecer ferramentas heurísticas para a compreensão de transformações históricas, tornadas perceptíveis ao tipificar dois regimes sexuais distintos. Dessa forma, o autor escreve que, embora tais processos tenham marcadores temporais claros, eles não se sucedem no tempo, convivendo assim contemporaneamente, e produzindo distintos modos de articulação e enfrentamento sobre políticas sexuais e regulações morais, “Assim, se é possível falar de um processo histórico de transformação ou de passagem de um regime a outro, ele é sem dúvida tecido lentamente, através de continuidades, rupturas e, às vezes, de inesperados compromissos” (Carrara, 2015: 333).

Tendo-se iniciado ao longo do século XIX até a primeira metade do século XX, o primeiro regime da sexualidade pode ser avaliado por três planos particulares: o da *racionalidade*, o da *moralidade* e o da *política*.

No plano da *racionalidade*, o desejo sexual era entendido por meio da ideia ‘instinto natural’, como outros tipos de necessidades fisiológicas, a fome, o sono etc., “Esta concepção fazia com que os discursos das ciências biológicas e da medicina fossem considerados, entre os saberes eruditos, como os mais legítimos para “explicar” a sexualidade” (Carrara, 2015: 327). Outros tipos de discurso que versam sobre a sexualidade, como a psicanálise, mantém posição minoritária – ao menos até a metade do séc. XX – em relação a esse tipo de compreensão, baseada em uma *linguagem biomédica* (Carrara, 2015: 327).

No plano da *moralidade*, a legitimação das relações sexuais e do prazer advinham da capacidade reprodutiva do casal heterossexual, bem como do fortalecimento de vínculos amorosos que permitiam essa união. Assim, aponta o autor, “[...] as fronteiras entre o bom e mau sexo eram, grosso modo, estabelecidas pelo caráter reprodutivo ou não das práticas sexuais” (Carrara, 2015: 327).

No último plano, o *político*, à sexualidade “vinculava-se o destino de um conjunto de entes transcendentais, como a ‘família’, a ‘raça’, a ‘nação’ ou a ‘espécie’. A sexualidade era, portanto, um interesse de Estado a que deviam estar submetidos os

²³ Especialmente, *História da Sexualidade I. A vontade de saber* (1976). Em linhas muito gerais, o dispositivo surge das relações estabelecidas entre *saber e poder*, em pensamentos e argumentos científicos, morais, legais, e as instituições, práticas, e regulamentações, todos eles debruçados sobre um mesmo assunto, criando assim relações entre si. Nesse sentido viu-se surgir no século de XIX o *dispositivo da sexualidade*, como apontaremos a seguir.

interesses particulares” (Carrara, 2015: 327, grifo do autor), sendo que somente a esses entes seriam estendidos direitos, além de obrigações e deveres de indivíduos para dar vida a essas entidades acima, como nos códigos penais de então, “o que se protege é fundamentalmente o ‘direito’ dos cidadãos de realizarem o ideal do casal monogâmico, dotado de prole mais ou menos numerosa. Condenavam-se, assim, conjuntamente, o adultério, o aborto, a prostituição, a homossexualidade, o defloramento, a sedução, o estupro, o rapto, a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis etc.” (Carrara, 2015: 327, grifo do autor).

De maneira geral, esses planos compunham o regime secular da sexualidade, ao qual se conecta ampla variedade de violações de direitos humanos de sujeitos não enquadrados em práticas sexuais não ‘saudáveis’, não limitado aqui a minorias sexuais, como indica Carrara “[...] prostitutas, homossexuais, portadores de doenças sexualmente transmissíveis e todo um rol de antigos libertinos que, ‘compreendidos’ nas múltiplas categorias dos distúrbios psiquiátricos, passaram a ser considerados socialmente perigosos” (2015: 328, grifo do autor). Embora esse regime secular tenha se alinhado em alguns momentos à moral sexual cristã, p. ex., na naturalização do casamento heterossexual como forma única para práticas sexuais, ele não possui simetria perfeita com esse outro sistema de crenças, já que, dentre diversas medidas de regulação populacional, o regime secular propôs a defesa do divórcio ou mesmo práticas eugênicas, tornando-se incongruente com as doutrinas cristãs (Carrara, 2015: 328).

Contrapondo-se a essa descrição ideal, o autor passa a discutir a emergência de um ‘novo’ regime sexual que questiona os planos supracitados, tendo como base o ponto inicial que suscitou sua discussão, a noção de direitos sexuais e direitos humanos, especialmente no período posterior à Segunda Guerra Mundial (Carrara, 2015: 329).

Nesse cenário de pressão política e cultural que remonta à luta de movimentos sociais (p. ex., feministas e de minorias sexuais), observa-se que o “[...] critério fundamental que separava o bom e o mau sexo se desloca progressivamente da reprodução biológica e da produção eugênica de uma população ou raça sadia para a promoção do bem-estar individual e coletivo através do bom uso dos prazeres.” (Carrara, 2015: 329); no plano da moralidade, as práticas sexuais passam a ser vistas sob a luz dos desejos individuais, e pela realização consentida deles, não mais ancorada em obrigações conjugais e cívicas como do regime anterior, mas alinhada agora às noções de bem-estar, felicidade pessoal etc. (Carrara, 2015: 329-30).

Entrelaçado ao plano moral, o plano da racionalidade vê deslocarem-se suas concepções sobre a sexualidade. Não mais o instinto fisiológico reprodutivo – heterossexual, agora a sexualidade é regida por técnicas de si, recaindo sobre os próprios indivíduos a manutenção de sua felicidade sexual, já que noções deterministas do discurso científico sobre a sexualidade deixam de ser hegemônicas e incontestáveis em favor do reconhecimento de sua plasticidade, muito mais elástica do que se pensava em períodos anteriores, *i. e.*, condicionada socialmente, assim como outras categorias como ‘raça’ e ‘gênero’ (Carrara, 2015: 330-1).

Por fim, no plano político, criam-se mais dificuldades para a regulação de práticas sexuais alinhadas a interesses do Estado, já que “[...] qualquer regulação só pode agora ser plenamente justificada em nome da preservação ou da promoção da cidadania ou da saúde (física ou mental) dos próprios indivíduos envolvidos ou implicados. É a sexualidade “irresponsável” que deve ser coibida ou combatida.” (Carrara, 2015: 331).

Como destacado anteriormente, esses deslocamentos não ocorrem de maneira independente entre si, nem mesmo substituindo por completo velhas formas de regulamentação e controle²⁴. No novo regime sexual, vê-se a invasão de vocabulário sociojurídico – com contribuições significativas da antropologia – em discursos biomédicos sobre a sexualidade, como a encontrada na reformulação de parafilias, antes centradas nos moldes das ‘perversões sexuais’, as quais agora passam a ser definidas em critérios de consensualidade e responsabilidade, criando uma nova dinâmica de regulamentação do que é considerado patológico ou perigoso, como a incapacidade orgânica e/ou psicológica de produzir prazer sexual a si próprio ou a falta de controle sobre desejos sexuais que põem em risco a própria pessoa ou outros ao seu redor (Carrara, 2015: 331-2).

A articulação de novas e antigas modalidades de regulamentação sexual acontece em lutas políticas, p. ex., quando grupos que procuram barrar o avanço de direitos civis estendidos a LGBTs equiparam homossexualidade e pedofilia, acionando aí ao mesmo tempo o novo regime sexual que condena a última prática e o velho regime, que por sua vez associava comportamentos e práticas sexuais não heterossexuais com outros tipos de ‘desvios’ da heteronormatividade, todas elas vistas como o desvio da norma (Carrara, 2015: 332). Nesse cenário de disputa, ocorrem alianças estratégicas, como no caso de

²⁴ No caso da regulação política, a homossexualidade ainda é criminalizada em ao menos 69 países no mundo (*Dia do Orgulho Gay: os países onde é ilegal ser homossexual*. Em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57641679>. Acesso em: 17/03/2022)

defensores dos novos direitos sexuais conquistados e o discurso biomédico nascido do novo regime que enfatiza a raiz ‘natural’ da homossexualidade, buscando bases genéticas para sua explicação, o que, como alerta Junqueira, é um esforço científico que já produziu “[...] mais de setenta diferentes teorias sobre as causas da homossexualidade, sem apresentar iguais esforços para descobrir as da heterossexualidade. Essa unidirecionalidade leva a pensar que estamos, mais uma vez, em busca de sua cura e não de sua compreensão” (2012: 6), tornando-se fato especialmente relevante para outras categorias identitárias minoritárias atualmente, como experiências de gênero *trans*, as quais seriam removidas do já citado manual de diagnósticos da AAP em 2013, e em 2018 do Manual Internacional de Classificação de Doenças, produzido pela Organização Mundial da Saúde (OMS)²⁵.

De modo geral, o debate acima, sobre as origens e o estado atual da sexualidade enquanto alvo de tecnologias de controle, passa, em larga medida, despercebido pelas pesquisas que tratam do suicídio LGBT. Da mesma forma, na tentativa de fornecer interpretações alternativas às tradicionais explicações de cunho estatístico do suicídio de minorias sexuais, pouco trabalhos empregam metodologias qualitativas, e quando o fazem, apenas uma quantidade escassa deles incorpora análises de normas culturais, como as supracitadas discussões sobre o heteronormativismo²⁶.

Seguindo a linha de análise calcada em aspectos normativos e culturais, McDermott & Roen (2016) utilizam esquemas teóricos foucaultianos conjugando as noções de heteronormatividade e neoliberalismo em três pesquisas empíricas sobre suicídio e automutilação²⁷ entre adolescentes *queer* no Reino Unido. Nesse sentido, somam-se às normas e expectativas de gênero imbricadas no heteronormativismo, como catalisadoras do fenômeno, as expectativas de sucesso, e conseqüentemente fracasso, imbuídas em ideologias neoliberais presentes no processo de construção identitária mais ampla, durante fase tomada como natural: a passagem da adolescência para a vida adulta (McDermott & Roen, 2016: 17). O fracasso em um mundo embasado nos parâmetros de sucesso neoliberal é percebido como falha individual, em vez de expor as raízes

²⁵ (Fitzsimons, T. *'Transsexualism' removed from World Health Organization's disease manual*. Em: <https://www.nbcnews.com/feature/nbc-out/transsexualism-removed-world-health-organization-s-disease-manual-n885141>. Acesso em: 21/08/2021)

²⁶ No primeiro grupo podemos citar trabalhos como Rivers *et al.* (2018) e Salway & Gensik (2018), enquanto que no segundo grupo encontramos o esforço teórico de Cover (2012) tentando introduzir análises baseadas em teorias *queer*.

²⁷ McDermott & Roen (2016) discutem brevemente como a automutilação pode ter relações próximas com a experiência do suicídio, bem como distantes, entendida às vezes como forma de lidar com dificuldades gerais, *i. e.*, sem a intenção de encerrar a própria vida (2016: 67-9).

estruturais de processos sociais gerais, como homofobia, racismo, diferenças de classe etc. As autoras partem em exploração dos efeitos desses processos de construção identitária, especialmente, o custo emocional demasiadamente grande sobre os sujeitos que percebem formas de fracasso sob a lente da responsabilidade individual, ligando-se assim aos supracitados fenômenos que tentam contra o próprio sujeito e sua vida (McDermott & Roen, 2016: 17).

Como as autoras escrevem, sua interpretação do fenômeno estudado procura desvencilhar-se da tradição explicativa presente em estudos sobre o suicídio LGBT centrada em análises quantitativas que tendem a formular modelos unidimensionais e, às vezes, demasiadamente lineares entre a busca incessante dos ‘fatores de risco’, sua intermediação com patologias individuais – p. ex., depressão – e os fenômenos correlatos de ideação, tentativas e suicídios completados (McDermott & Roen, 2016: 7). A proliferação de estudos centrados em fatores de risco teve por efeito a produção quase mínima de outros tipos de metodologias que não empregam análises estatísticas como seu norte teórico-explicativo; no entanto, tal domínio metodológico não auxilia de maneira clara o entendimento de como os referidos fatores de risco se associam ao fenômeno do suicídio, e da mesma forma, por que grandes parcelas populacionais expostas a eles não tentam contra a própria vida²⁸ (McDermott & Roen, 2016: 9).

Ademais, os referidos estudos falham em capturar a complexa variedade de vidas humanas de maneira geral, como na redução dos indivíduos retratados nesses trabalhos às suas orientações sexuais e identidades de gênero, deixando de lado questões importantes como o status socioeconômico, laços familiares, traços culturais etc. Por causa desse motivo as autoras passam a considerar seu objeto de estudo sob perspectivas que avaliam, ao mesmo tempo, como diferentes categorias sociais como raça, classe, gênero, entre outras, associam-se e produzem efeitos sociais peculiares à combinação dessas identidades sociais distintas, como no prisma conceitual da *interseccionalidade*, já mencionado no começo deste texto (McDermott & Roen, 2016: 10; 15). A forma como

²⁸ Como destacam outros estudos, a busca de fatores associados ao suicídio e seus fenômenos correlatos não tem chegado a um grupo comum de causas em virtude da multiplicidade e acumulação de fatores encontrados, ou esclarecido sua relação com outros fatores demográficos (Rivers *et al.*, 2018: 2; Haas & Mortali, 2020: 167). Uma lista não exaustiva de fatores pode ser elaborada pelos seguintes termos, embora não possuindo, necessariamente, significado unívoco, já que aparecem em mais de um estudo, sendo conceituados de forma peculiar em cada trabalho: *Abuso LGBTfóbico (discriminação)*, *Abuso sexual*, *Isolamento social*, *Identificação precoce como LGBT*, *Conflitos com família e amigos por ser LGBT*, *Não poder 'sair do armário' e o estresse relacionado*, *Problemas comuns de saúde mental*, *Abuso de substâncias químicas*, *Expulsão de casa*, *Problemas em relações românticas*, *Vigilância constante e diária e seu peso sobre o sujeito* (McDermott *et al.*, 2017; McDermott *et al.*, 2018; Rivers *et al.*, 2018; Luong *et al.*, 2018; Salway *et al.*, 2018; Hatchel *et al.*, 2019).

esses trabalhos têm entendido e operacionalizado normas heterossexuais, como indicam as autoras, é pela redução delas a alguns de seus efeitos, mais notadamente, medidas de discriminação, ao passo que processos sutis de produção da heteronormatividade e de subjetivação se perdem pela simplicidade do desenho de pesquisa e do arcabouço teórico utilizado, concebido para facilitar a análise de variáveis de interesse (McDermott & Roen, 2016: 40).

Nesse sentido, Salway *et al.* (2018) exemplificam a lógica questionada acima por McDermott & Roen, ao avaliarem o peso de diferentes variáveis na tentativa de suicídio de homens gays e bissexuais. Novamente, as referências teóricas aqui remetem aos conceitos de Link & Phelan e Meyer discutidos anteriormente, tomando especial interesse na teoria do último, o de *minority stress*.

Os autores notam em estudos sobre o suicídio LGBT o uso parcial dessa teoria, p. ex., na utilização de um ou dois dos constructos elaborados por Meyer: os *eventos de preconceito* – chamado pelos autores de ‘*enacted stigma*’ – e a *homofobia internalizada*, ao passo que atestam evidências mais robustas para associação da primeira variável ao suicídio do que à segunda, embora comentem a possível interdependência de ambas (Salway *et al.*, 2018: 1146). No entanto, Salway *et al.* mencionam estudo de metodologia mista²⁹ que vai de encontro à supracitada robustez da variável *enacted stigma*, já que as principais causas citadas em perguntas abertas pelos participantes foram problemas relacionados a relacionamento amorosos (19%), à aceitação de sua identidade homossexual (16%) e depressão (11%) (Salway *et al.*, 2018: 1146).

Essa tensão entre explicações é tomada pelos autores como uma das dificuldades em mensurar o estigma sexual, voltando a questões já discutidas por Meyer, como a maior facilidade de quaisquer participantes de pesquisa em se lembrarem de eventos de preconceitos sofrido contra eles em virtude de seu caráter explícito e mais raro, quando comparados a rotinas diárias de hiper vigilância e seu estresse acumulado sobre o sujeito, sendo o último potencialmente mais importante na explicação do fenômeno do que o primeiro (Salway *et al.*, 2018: 1146).

Em vez de introduzirem novas formas de pensar o problema, a solução encontrada pelos autores para o impasse foi a introdução de outras variáveis presentes no conceito *minority stress* que não haviam sido avaliadas de maneira sistemática até então, na forma do ‘preconceito antecipado’ – chamado de *estigma* por Meyer – e no *concealment* – no

²⁹ Utilização de perguntas abertas e fechadas em *surveys* aplicados a homens que se identificavam como gays e homens que mantinham relações sexuais com outros homens.

item *acobertamento vs exteriorização* –, além de incluírem outras variáveis que pudessem mediar a ocorrência do fenômeno, como depressão e isolamento social – fatores de risco de suicídio como fenômeno geral –, e outras variáveis de controle, como características sociodemográficas, entre elas, idade, etnia etc (Salway *et al.*, 2018: 1148).

Confirmando a literatura prévia, os autores encontram maior associação entre o *enacted stigma* e as tentativas de suicídio, embora as outras duas novas variáveis tenham associações estatisticamente significantes, sendo que no caso do preconceito antecipado a relação foi mediada pela variável depressão (Salway *et al.*, 2018: 1153-7).

Essa tentativa de Salway *et al.* (2018) em juntar mais variáveis tenta responder à simplificação do objeto de estudo, acoplando em si (de maneira consciente ou não) outros efeitos conhecidos da heteronormatividade, como a vigilância comportamental. No entanto, sem negar seu valor desde a constatação desse problema social evidenciado nas disparidades populacionais, destacadas no início do texto, ainda é muito o que escapa às explicações baseadas em análises estatísticas, bem como às ferramentas analíticas oferecidas pelos conceitos de *stigma* e *minority stress*, em suas construções atuais. De maneira mais evidente, relações e instituições sociais que possuem enorme peso sobre a vida do sujeito que tenta o suicídio desaparecem da análise, tal como a família, a escola etc., e não nos parece óbvio como estudos de natureza quantitativa, e sua primazia no estudo do suicídio desde sua concepção, podem abarcar a complexidade dessas instituições; ainda que algumas vezes tentem considerar ao menos algumas delas (p. ex., a escola), tais análises tem como preceito a avaliação de apenas alguns aspectos institucionais (p. ex., o *bullying* escolar), deixando completamente de lado sua dinâmica de existência (como e por que tais instituições funcionam da maneira que funcionam em torno de sujeitos não alinhados a normas heterossexuais). Como se verá mais adiante, diversos aspectos dos arcabouços interpretativos sobre a sexualidade, destacados por Carrara, ressurgem na vida de nossos entrevistados por meio dessas instituições e esferas sociais comuns às suas histórias de vida, permitindo entender de forma um pouco mais aprofundada seu funcionamento.

Desse modo, concordamos com as críticas de McDermott & Roen (2016) e Cover (2012) sobre a centralidade da homofobia entendida apenas como comportamento manifestamente preconceituoso³⁰, pela natureza própria de nossos dados empíricos. Em

³⁰ O que, voltando ao exemplo do *bullying* escolar, pode concentrar a produção de medidas de prevenção em políticas públicas que atacariam, dessa forma, apenas uma parte do problema (McDermott & Roen, 2016: 32)

nossa pesquisa, atos propriamente discriminatórios ou manifestações de preconceito ocorrem, no entanto, de maneira mais fundamental, não sendo somente pelo trauma isolado de tais eventos que o fenômeno do suicídio se reproduz³¹, como aparentam sugerir estudos quantitativos do gênero, mas pela manutenção simbólica de regimes de identidade sexual, nos quais é permitida de maneira mais ou menos explícita a existência de *uma* e não a de *outras*. Nesse sentido, buscar ambientes mais hostis ou mais propensos a produzirem comportamentos estigmatizantes contra minorias sexuais vai mais ao encontro da regulação sexual do que propriamente à possibilidade de que tais ambientes produzam eventos discriminatórios, que atuariam como mecanismos causais, por exemplo, na suposição linear causal que invoca explicações de saúde mental debilitada por causa de eventos de preconceito. Ademais, a busca incessante *da* variável que explicaria a causa do suicídio, seja ela isolamento social, depressão, bullying etc. pode orientar caminhos – perseguidos por quaisquer tipos de método e teoria – que podem aprofundar a distância entre o que se supõe saber e o que de fato se passa no fenômeno, ao apontarem variáveis levantadas para a explicação do fenômeno que não possuem embasamento de algum modelo analítico estatístico, como no caso da homofobia internalizada no estudo de Salway *et al.* (2018), sendo que quando concebida como opiniões negativas sobre sua própria orientação sexual aderidas pelo sujeito, ela aparece, p. ex., de maneira abundante em nossa pesquisa. Da mesma maneira, as outras três variáveis citadas pelos autores não possuem uma forma de medida clara em que se avalia as opiniões do sujeito sobre si mesmo, apenas da opinião desse indivíduo sobre o que outros pensam sobre ele e sua orientação sexual, nas variáveis ‘preconceito antecipado’ e ‘*concealment*’³². Como exemplo de algo que encontraremos ao longo das histórias aqui relatadas (e também presente nos trabalhos qualitativos sobre as ‘heteronormas’), um elemento emocional potente e enraizado na vida social, que marca a experiência de tantas minorias sexuais – e a experiência do *estigma* de forma geral (Goffman, 1963: 7) –, próximo à noção de homofobia internalizada, embora não equivalente a ela, é deixado de lado, *a vergonha*³³.

³¹ E aqui jaz a crítica da relação do fenômeno com a variável, já que os caminhos pelos quais ela produziria o suicídio seriam pouco claros.

³² Embora no caso positivo desses últimos cenários o sujeito esteja exposto a opiniões negativas sobre sexualidades dissidentes, e nesse sentido, um caminho é estabelecido para que ele *possa* aderir a essas noções negativas em virtude da sua existência.

³³ A magnitude dessa sensação para as populações LGBTs transparece, p. ex., no nome adotado pelas manifestações políticas anuais de minorias sexuais que invoca sentimento diametralmente oposto, a Parada do Orgulho LGBT.

Esse malabarismo de variáveis é o que não pretendemos fazer. Nossa pesquisa busca retratar a vida dos sujeitos de maneira mais profunda, em que identidades sociais se confundem de maneira muito variada, em que relações sociais se formam, e se interditam, de maneira peculiar ao meio social em que ocorrem, em outras palavras, buscamos compreender a seguir como se dava a vida de homens cis gays que tentaram o suicídio.

Do ponto de vista teórico, nossa análise utiliza ambas as teorias de *estigma* e *heteronormas*, já que, a nosso ver, não existe um impedimento claro para sua combinação frutífera, permitindo-nos analisar os dados por meio de paradigmas que se complementam.

4. Notas Metodológicas

Nosso desenho de pesquisa inicial contava apenas com um estágio qualitativo de coleta de dados, buscando contrapor-se à primazia de estudos baseados em metodologias quantitativas. No ano em que havia decidido começar a parte empírica da pesquisa, teve início a pandemia causada pelo vírus COVID-19. Em virtude desse fato foi necessário o redesenho de nossa proposta, o que nos levou a adotar metodologia mista para coletar os dados de nosso problema de pesquisa, já que as entrevistas não poderiam mais ser realizadas presencialmente. Nesse sentido, não pretendemos, desde o início, aplicar um desenho de pesquisa com representação estatística da população estudada.

Nosso intuito é o de avaliar a presença dos fatores sociais citados na literatura baseada em pesquisas quantitativas, aliando tal perspectiva ao caráter exploratório de pesquisas qualitativas que se têm aventurado na complexidade social do fenômeno (no que diz respeito ao entrelaçamento de processos sociais, bem como por suas relações com o caráter multifacetado da sexualidade humana). A presente pesquisa emprega o uso de *survey* online em um primeiro estágio³⁴ (Apêndice I), para atestar a presença de alguns dos ‘fatores de risco’ citados na literatura³⁵, e também como forma de recrutamento para

³⁴ No *survey* desta pesquisa usaremos apenas duas questões qualitativas, as quais dão maior margem de interpretação às duas questões centrais da discussão teórica realizada até aqui: percepções em torno da sexualidade dos sujeitos de pesquisa e os motivos que tais sujeitos associam às suas tentativas de suicídio.

³⁵ A adoção do *survey* online e os dados resultantes dele são apenas uma primeira tentativa para entender o que se passa no fenômeno, de maneira um pouco mais geral, já que, mesmo na literatura internacional, esses tipos de dados não são encontrados.

o segundo estágio da pesquisa, de entrevistas semiestruturadas (Apêndice II), na tentativa de reconstruir o universo social dos sujeitos de pesquisa.

Braun *et al.* (2020) fazem discussão próxima à da metodologia aqui empregada, ao avaliarem os benefícios e os problemas de uma abordagem metodológica pouco utilizada, *surveys* completamente qualitativos.

Para os autores, os *surveys* qualitativos “[...] oferecem algo que é bastante único dentro dos métodos de coleta de dados qualitativos – uma 'grande lente angular' sobre o tópico de interesse, que fornece o potencial para capturar uma diversidade de perspectivas, experiências ou sentidos produzidos [...] algo especialmente útil ao pesquisar uma área pouco estudada ou explorada”³⁶ (Braun *et al.*, 2020: 3, tradução nossa). Nesse sentido, o amplo escopo permitido por eles torna-se útil quando a população de interesse é grande, diversa, desconhecida, ou mesmo quando são buscadas as perspectivas de diferentes grupos dentro de uma população mais ampla (Braun *et al.*, 2020: 3).

Da mesma maneira, o escopo de tais *surveys* qualitativos também contorna o risco, que pode ocorrer em amostras tipicamente menores de pesquisa, de que um (ou alguns) participante(s) que fala(m) de uma posição social não dominante ou comum particular seja(m) tratado(s) como 'porta-voz' das características demográficas dos grupos de estudo nas quais está subsumido no desenho de pesquisa (Braun *et al.*, 2020: 3).

No caso de populações LGBT, essas pesquisas nos auxiliam por possibilitarem acesso fácil a grandes áreas geográficas de populações fisicamente dispersas³⁷, *i. e.*, não encontradas em regiões com limites circunscritos claros, como ocorre, por exemplo, em comunidades étnicas.

Braun *et al.* fazem essas ressalvas ao destacarem que tais pesquisas possuem uma desvantagem óbvia, já que exigem alfabetização, excluindo participantes com habilidades limitadas de leitura³⁸ (2020: 4). Da mesma forma, em virtude da ‘divisão digital’, a

³⁶ “Qualitative surveys offer one thing that is fairly unique within qualitative data collection methods – a ‘wide-angle lens’ on the topic of interest that provides the potential to capture a diversity of perspectives, experiences, or sense-making [...] something especially useful when researching an un- or under-explored area”

³⁷ Fato este que remonta a uma das explicações recorrentes da literatura sobre o tema geral da pesquisa, aqui discutido por meio dos termos correlatos da noção de integração social (isolamento social, redes de apoio etc.).

³⁸ Segundo a PNAD de 2019, no Brasil, o número de analfabetos chega a 11 milhões de pessoas. Além disso, a distribuição de tal população não é homogênea no contingente populacional do país, sendo distribuído por fortes desigualdades regionais, raciais e geracionais. (Ver em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2020/07/15/com-atraso-brasil-se-aproxima-de-meta-de-alfabetizacao-de-2015.htm>)

participação online corre o risco de excluir inadvertidamente alguns dos grupos menos privilegiados e mais vulneráveis da sociedade (Braun *et al.*, 2020: 4).

Por fim cabe ressaltar outro caráter positivo de *surveys online*, em especial quando tangenciam assuntos delicados, que carregam consigo pesos societários pelo estigma que envolvem, que podem ser evitados pelo anonimato possibilitado pela internet. Assim, o *survey* qualitativo *online* potencialmente daria voz a pessoas que podem optar por se abster de pesquisas face a face devido à natureza do tópico discutido, ou porque simplesmente “podem não ser capazes de participar de pesquisas qualitativas presenciais” (Braun *et al.*, 2020: 4).

Na prática, as pesquisas *online* podem não ser completamente anônimas (por exemplo, o *software* que gera os *surveys* captura endereços IP e, portanto, o local em que as pessoas completaram a pesquisa), mas podem, no entanto, parecer completamente anônimas – da perspectiva do participante; o pesquisador não pode vê-los e não sabe seu nome – o que pode facilitar a participação e divulgação em pesquisas sensíveis (Braun *et al.*, 2020: 4-5). Em um dos estudos analisados no texto, os autores destacam como vários participantes comentaram receber bem o modo de resposta anônima por causa da sensibilidade da pesquisa que lidava com a sua vida sexual, por exemplo, com a revelação de “[...] muito mais detalhes explícitos sobre sexo e pensamentos intrusivos em sua resposta à pesquisa, em comparação com a entrevista virtual face a face, apoiando nossa suposição de que o anonimato sentido das pesquisas facilita revelações íntimas” (Braun *et al.*, 2020: 4-5).

Nosso *survey online* foi disseminado em contas e grupos de redes sociais (facebook, instagram etc.) direcionadas ao público LGBT de maneira geral entre setembro de 2020 e junho de 2021, acumulando nesse período 84 respostas completas. A partir de respostas que informavam interesse em continuar com a pesquisa, realizamos 11 entrevistas semi-estruturadas, com cerca de 1 hora de duração para cada uma delas, realizadas por vídeo-conferência.

5. Aspectos éticos

Antes da realização de cada entrevista qualitativa explicamos para cada entrevistado seu conteúdo e como ela se daria. No Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado por mim, Allan Darwich, e enviado eletronicamente aos

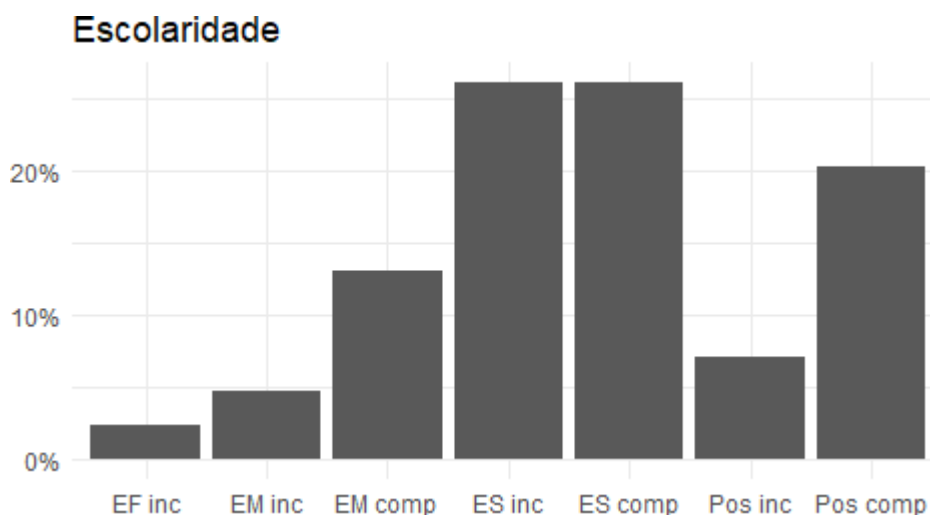
participantes, estão presentes os objetivos do estudo, sobre o que a entrevista trataria, além dos potenciais riscos para eles, relacionados à lembrança desse período difícil de sua vida. Seguindo as medidas de estudos internacionais e as recomendações da resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, foi explicitado no mesmo TCLE que, após a entrevista, seria fornecida uma lista de instituições que fornecem atendimento psicológico especializado em causas LGBTQIA+s, suicídio e conselho terapêutico em geral de acesso gratuito, caso os participantes desejassem ajuda profissional. Da mesma forma, o TCLE esclarece que todos os participantes teriam sua vontade e conforto respeitados como prioridade, podendo ignorar perguntas ou interromper a participação no estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de dano ou prejuízo.

Antes de todas as entrevistas obtivemos consentimento escrito pelas vias de comunicação estabelecidas com os participantes (email, aplicativos de mensagem instantânea etc.), além da via de TCLE assinada e enviada a eles, em que nos comprometemos a seguir os procedimentos presentes no termo.

6. Perfil sociodemográfico dos participantes

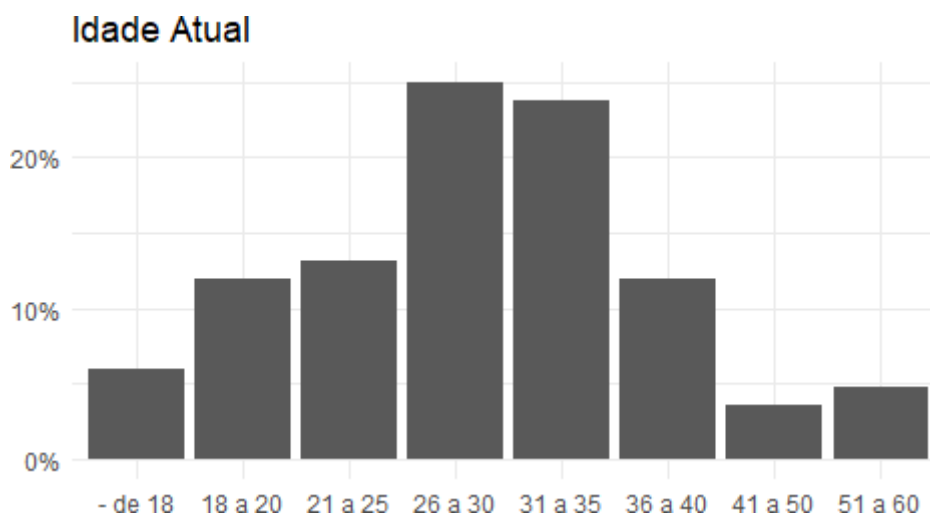
Antes de traçar o perfil sociodemográfico de nossos participantes de pesquisa é necessário comentar certa disjunção entre o valor de algumas características sociais atestadas no momento em que eles responderam os *surveys* e o nosso fenômeno de interesse, pois ele ocorre antes, e em alguns momentos muito antes, desse momento de resposta. Algumas características sociais, como a raça, não têm seu valor alterado ao longo do tempo, ao contrário de outras, como a posição de classe atual dos participantes, a qual não nos permite aferir sua posição anterior quando eles tentaram contra suas próprias vidas. Esse desafio metodológico está posto a qualquer estratégia de estudo de fenômenos passados.

Avaliando a classe pelo nível de estudo mais alto alcançado, o perfil dos participantes foi este:



Em ordem crescente, do Ensino Fundamental (“EF”) até a Pós Graduação (“Pos comp”), acompanhados da qualificação “incompleto” ou “completo”³⁹. A distribuição de formação escolar destoa da distribuição nacional, muito provavelmente correlacionada aos outros vieses apontados a seguir, como região e idade dos respondentes. Como comparação, cerca de 58,2% dos participantes da pesquisa possuem ensino superior completo, ao passo que, em pesquisa realizada em 2019 pela Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), foi constatado que apenas 21% da população brasileira entre 25 e 34 anos alcançaram esse grau de escolarização⁴⁰.

O perfil etário geral dos participantes quando responderam o *survey* foi o seguinte:



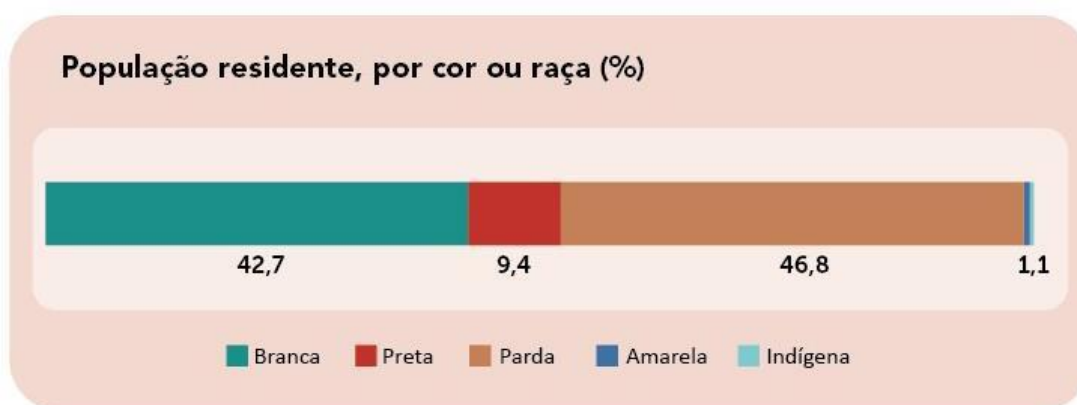
³⁹ Nenhum participante marcou a resposta “Ensino Fundamental completo” (EF comp)

⁴⁰ (Ilhéu, T. *Brasil tem uma das piores taxas de Ensino Superior do mundo, diz OCDE*. Em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/brasil-tem-um-das-piores-taxas-de-ensino-superior-do-mundo-diz-ocde/>. Acesso em: 28/10/2020)

No gráfico acima é refletida uma das tendências da captação dos participantes da pesquisa, favorecendo grupos mais jovens com acesso a redes sociais, com a população entre 18 e 40 anos totalizando 89% das respostas.

A distribuição por região dos participantes da pesquisa também sofreu viés forte, já que 41% dos respondentes declararam morar no estado de São Paulo (no momento em que responderam ao *survey* e na época de suas respectivas tentativas de suicídio), sendo que esse estado abriga cerca de 21% da população brasileira.

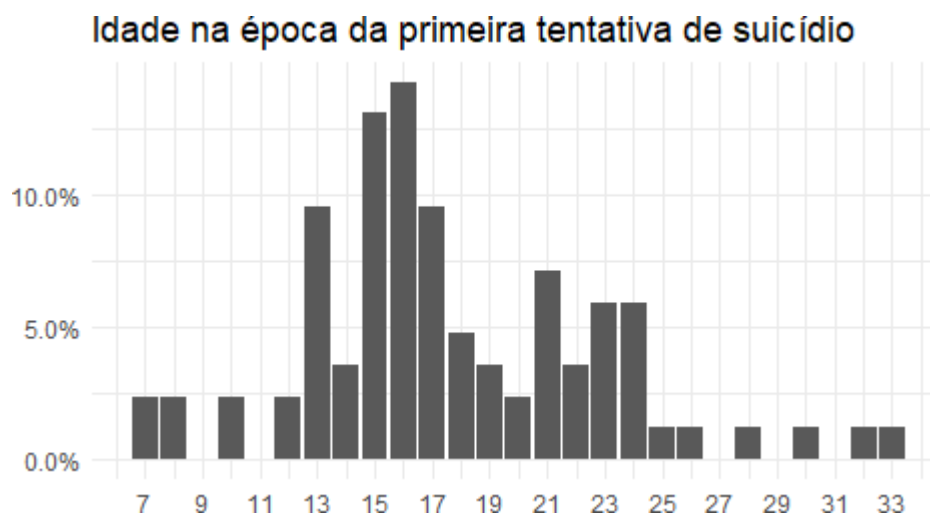
O perfil racial dos participantes foi o seguinte: Brancos 51%, Pardos 33%, Negros 13%, Asiático 1%. Tomando como parâmetro a PNAD (2019), a distribuição de raça da população brasileira ficou próxima à encontrada na população participante, com leve viés para o grupo de raça “Branca” em relação ao grupo “Parda”⁴¹:



Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>. Acesso em: 28/10/2020.

Por fim, destacamos a distribuição da idade no momento da ocorrência da tentativa de suicídio de cada entrevistado:

⁴¹ Ademais, o grupo “Indígena” não registrou nenhuma frequência.



Como se verá a seguir, a faixa etária dos participantes da entrevista qualitativa durante suas respectivas tentativas de suicídio vai de 13 a 25 anos. No gráfico acima podemos observar que esse intervalo compõe a maior parte das tentativas dos respondentes do *survey*, totalizando cerca de 92% das respostas.

7. Os participantes das entrevistas qualitativas e a estrutura de discussão dos dados

Listamos em seguida os nomes fictícios designados aos 11 entrevistados desta pesquisa para melhor compreensão da leitura do trabalho como um todo⁴². Ao longo da dissertação, procuramos seguir a ordem cronológica que culmina na tentativa de suicídio de cada um deles, com o intuito de comparar histórias diferentes em momentos e processos sociais similares. Por esse motivo a lista abaixo está disposta em ordem crescente da idade em que os sujeitos de pesquisa tentaram contra a própria vida; a ordem em que cada tentativa será tratada aqui. O fio condutor de evolução desta dissertação é a maneira como os participantes atravessam o tempo, e a partir dessa lógica analítica, se ramificam diferentes eventos e diálogos com processos sociais, ora comuns, ora distintos, que contribuíram para as tentativas de suicídio aqui analisadas. A breve descrição de cada sujeito procura diferenciá-los entre si para tornar mais fácil a compreensão das falas de

⁴² Os nomes dos entrevistados e de lugares que habitavam serão trocados abaixo para manter o sigilo dos participantes da pesquisa. Da mesma maneira eventos peculiares que possam identificá-los serão omitidos.

cada um deles quando fizermos uso delas neste texto, sem o intuito de resumir sua história de vida ou mesmo as ‘causas’ de suas tentativas de suicídio.

Plínio (49 anos), tentativa aos 13 anos: durante a década de 1980 e vivendo no interior do Rio Grande do Sul, sua tentativa se relaciona à “correção moral” por meio da violência física constante que sofria de seu pai.

Igor (27 anos), tentativa aos 13 anos: em segredo completo sobre sua sexualidade para sua família e amigos, sua tentativa se relaciona ao abuso sexual e ameaças sofridas por um conhecido.

Antônio (32 anos), tentativa aos 15 anos: sua tentativa se relaciona a brigas familiares e ao peso de esconder sua sexualidade de amigos e família.

Cesar (26 anos), tentativa aos 17 anos: em cenário religioso conservador, sua tentativa se relaciona ao período de fim do Ensino Médio e sua possível entrada forçada no exército para “corrigir” sua sexualidade.

Edson (33 anos), tentativa aos 17 anos: de cidade pequena, em sigilo completo sobre sua sexualidade, sua tentativa se relaciona à falta de autonomia financeira para poder mudar-se para outro lugar e expressar sua identidade, e ao desgaste mental de transtornos mentais.

Leandro (36 anos), tentativa aos 17 anos: entra em uma igreja evangélica e vai descobrindo aos poucos sua vocação para tornar-se pastor, sua tentativa se relaciona ao sentimento de vergonha por manter em sigilo sua sexualidade, quem ele era, daqueles que deveria liderar.

Beatriz (29 anos), tentativa aos 18 anos: como se verá em sua fala, ela é uma mulher trans que se descobriu há pouco tempo como tal, mas que vivenciou a maior parte de sua vida como um homem cis gay. Sua tentativa se relaciona ao acúmulo de anos de depressão e falta de apoio à sua sexualidade sigilosa.

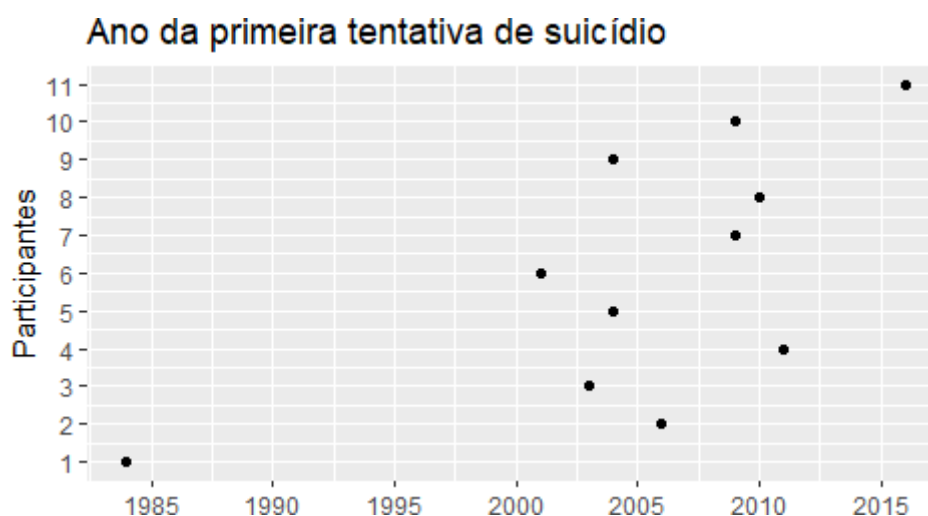
Marcos (32 anos), tentativa aos 21 anos: de família evangélica conservadora, carregando a “culpa” de sua homossexualidade por sua formação religiosa, sua tentativa se relaciona às pressões sociais de família e colegas de trabalho, dos quais mantinha em sigilo sua sexualidade.

Henrique (33 anos), tentativa aos 21 anos: vivendo em segredo sobre sua sexualidade, sua tentativa se relaciona ao término de sua primeira relação amorosa e à perspectiva de não ter mais o apoio que dela retirava, somada à ausência de poder compartilhar com sua família as angústias sobre sua sexualidade.

Julio (39 anos), tentativa aos 23 anos: imigra de país latino-americano para o Brasil quando criança, com a família, sua tentativa é relacionada ao seu trabalho e à crise que o acomete quando percebe que funcionários da empresa sabiam sobre sua sexualidade.

Renato (30 anos), tentativa aos 25 anos: em ambiente familiar conturbado, com fugas de casa, e mais tarde o diagnóstico de transtorno bipolar, relacionado à sua tentativa de suicídio.

Como nossa pesquisa não restringiu o tempo de ocorrência da tentativa a um universo fechado, determinado *a priori*, para melhor orientar a época que elas aconteceram fornecemos abaixo gráfico que rastreia os anos em que os onze sujeitos listados acima tentaram contra suas próprias vidas. No eixo y, a numeração segue a mesma ordem da lista acima, sendo apenas trocados os nomes supracitados pela respectiva posição em que serão tratados nesta dissertação:



O intervalo vai de 1984, com a tentativa de Plínio, até 2016, o ano em que Renato tentou o suicídio. Excetuando o caso de Plínio, todos os outros participantes passaram por essa experiência entre os anos de 2001 e 2016.

A partir dessa estrutura cronológica elaboramos em seguida uma discussão temática que toma como base as histórias de cada participante:

Família: Plínio (13 anos); Igor (13 anos)

Escola: Antônio (15 anos)

Cuidados em saúde mental: Edson (17 anos)

Religião: Cesar (17 anos); Leandro (17 anos); Beatriz (18 anos); Marcos (21 anos)

Transição para ‘vida adulta’: Henrique (21 anos); Julio (23 anos); Renato (25 anos)

A separação de nossos sujeitos de pesquisa acima em diferentes tema *não* deve ser lida como o suposto ‘efeito’ dos últimos sobre os primeiros, reproduzindo a lógica explicativa de ‘fatores de risco’. Esses processos e ambientes/instituições sociais, por exemplo, ‘família’, não pretendem explicar por si só a ocorrência do fenômeno dos participantes de pesquisa nele incluídos; como se verá a seguir, a influência desses itens transpõe as barreiras analíticas aqui construídas, sendo encontradas em outras esferas sociais discutidas nesta dissertação.

O motivo dessa estrutura argumentativa é o de criar a oportunidade comparativa entre histórias de sujeitos diferentes, por meio de lugares e/ou instituições sociais comuns entre si, permitindo-nos produzir uma discussão geral⁴³, e, ao mesmo tempo, avaliar seu peso nas tentativas de suicídio com olhar mais detido. Ainda, ressaltamos que essa discussão temática não objetiva exaurir as relações entre sexualidade, suicídio e os temas acima nomeados; cada uma dessas relações são objeto único de inúmeros trabalhos e estudos.

Por fim, devemos ressaltar que se tratam de relatos do passado, às vezes muito ou pouco distantes de nossos entrevistados, como vimos no quadro temporal das tentativas de suicídio, majoritariamente concentradas entre os anos 2000 e 2010. Este fato ficará evidente em algumas histórias à frente, porém pode ser facilmente esquecido em outras, levando o leitor a uma situação em que se torna difícil perceber qual é o tempo presente nas diversas falas aqui retratadas, já que se trata da rememoração de um tempo longo (geralmente da infância à juventude), e que se desenrola em diferentes momentos (começando, em alguns casos, em décadas diferentes). Por esse motivo, no início de cada história pontuaremos novamente o momento em que se encontravam nossos participantes de pesquisa.

⁴³ Por exemplo, tal fato nos permite discutir de maneira mais ampla no item Religião o caráter social de correntes evangélicas.

Capítulo 2: Descoberta da Sexualidade

Nosso primeiro passo é identificar quando os sujeitos de pesquisa perceberam sua orientação sexual, e, subsequente a esse fato, as consequências que eles identificaram ligadas à *diferença*, entendida ainda de maneira incipiente. A diferença e seu caráter relacional não se resume a um ponto fixo no tempo, marcada por certo conteúdo simbólico particular, seja por interpretações baseadas em crenças religiosas ou fundadas em culturas que valorizam certas associações entre rótulos-estereótipos pelo modo como dividem seu universo social na dicotomia masculino-feminino, estando nesse sentido mesclados em contexto social amplo e em contínuo processo de construção. Ao termos em mente durante a análise dos dados apresentados abaixo a história individual de como cada sujeito e suas respectivas trajetórias identitárias se desenrolaram no tempo, poderemos atestar, por esse ponto, certo problema sistemático nos estudos sobre o suicídio LGBT que conferem, consciente ou inconscientemente, caráter fixo e ‘bem-resolvido’ às identidades dos sujeitos que estudam. Assim, elas são tomadas apenas como procedimentos metodológico-científicos para o aferimento da identidade de participantes da pesquisa na construção do objeto de estudo, sobre os quais em seguida serão analisados os fatores de risco que atingem essa população selecionada, p. ex., pelos critérios de atração sexual e autoidentificação; identidade não pertence à ordem teórica-analítica das respostas que esses estudos fornecem aos seus problemas de pesquisa. Nesse sentido, voltamos a períodos distantes do fenômeno que buscamos analisar por reconhecer nesse movimento analítico a raiz de problemas que crescem de acordo com o meio em que se desenvolvem. A partir desse momento, no qual tem início cada história aqui relatada, nós poderemos entender a centralidade longeva da interdição identitária que nossos sujeitos de pesquisa vivenciaram.

Para falar de maneira geral sobre esse processo comentaremos alguns exemplos que ilustram esse ponto. Começando por Cesar, que mais tarde ouviria de um dos seus familiares que lhe haviam garantido vaga no Exército, sua própria identidade não estava clara:

Que eu percebi mesmo foi com uns 15 ou 16 anos que eu me toquei do que estava acontecendo. Só que a minha vida inteira as pessoas falavam para mim isso antes, sabe? Eu não tive um experimento sozinho, eu passei a vida inteira com as pessoas falando, ih, esse menino é viado, esse menino é gay, precisa tomar cuidado. E aí odiava, eu não aceitava aquilo, e conforme eu fui crescendo e eu fui me entendendo como pessoa, entendendo as vontades que eu tinha, eu

fui compreendendo que era verdade, que isso aconteceu, e o que eu tinha que fazer né, assim de começo eu não queria ter que dar uma satisfação para ninguém.

Como se vê no trecho acima, e de maneira frequente durante as entrevistas, os participantes da pesquisa relataram a ocorrência de percepção identitária sexual de maneira pouco linear ou imediata e precoce, amiúde misturando a tal reconhecimento sentimentos negativos sobre o que descobriam ser.

Além disso, o controle sobre sua identidade escapa do poder absoluto do próprio indivíduo, sendo demarcado por outrem. Como se verá mais tarde, em idade muito prematura, seus pais recorreram à religião para ‘curar’ seu filho de sua possível homossexualidade, tendo como signo demarcador, por exemplo, o seu jeito de andar.

No relato de Marcos, a quem o sigilo na idade adulta e entre colegas de trabalho lhe seria fardo de difícil de suporte, a diferença veio primeiro acompanhada de violência física:

Eu acho que demorou muito para eu perceber a minha orientação né. Tomar consciência disso. Eu cresci num ambiente muito machista, no interior de São Paulo, numa cidade muito pequena, rural. Eu lembro que uma vez eu sofri uma agressão muito violenta do meu pai. Porque ele me pegou, eu tinha seis, sete anos, no banheiro da igreja, com colega, um amiguinho, também de sete, oito anos, aquela coisa de jogos sexuais e o meu pai me bateu a ponto de eu ficar inconsciente. Eu acho que esse foi o primeiro trauma, que eu carrego comigo, que eu me lembro, de ter um comportamento que não era socialmente aceito

Aqui, a demarcação do proibido foi explícita, por meio da violência física. De maneira extrema, a possibilidade de se abrir e tentar compreender sua própria sexualidade foi inviabilizada. Essa condição de impossibilidade expressiva se repete nas histórias aqui relatadas, por motivos diversos, os quais carregam como denominador comum a sanção de heteronormas, mais ou menos explícita. Por meio dessa interdição comunicativa, também iremos compreender melhor outra noção que povoa, ao mesmo tempo, a literatura científica sobre o suicídio e o imaginário social sobre o fenômeno, o isolamento social.

À época em que havia imigrado para o Brasil, podemos observar, na fala de Julio a associação imediata entre gênero e orientação sexual. No relato a seguir, essa associação se deu pela obrigação do desejo no sexo oposto, servindo como indício de condutas adequadas à sua identidade de gênero:

eu acabei notando isso com uns nove, dez anos de idade [...] você percebe que você gosta mais de meninos do que de meninas. Vem aquela história do ah, você vai namorar, não sei o quê, mas você fica confuso. E justamente naquela época para mim foi bem difícil porquê, por exemplo, que nem eu ia dizendo, o [país de origem], tanto pela questão da ditadura, é um país muito machista, e aí tem aquela questão da masculinidade tóxica, sobretudo do meu pai. Daí a minha mãe começou a falar assim, fala como homem, não faça isso, não vista essa roupa. Sobretudo quando você começa a ficar mais velho e a voz começa a mudar, acho que mais para frente tem várias coisas, tipo, não, você não pode mais fazer isso. Então eu acho que foi quando eu descobri que eu era gay naquela época.

Desviar de comportamentos tomados como masculinos – aqui, o estabelecimento de relações amorosas com o gênero oposto – significava a possibilidade de ser enquadrado no que mais tarde, ao longo da entrevista, destacou como nome pejorativo usado em culturas latino-americanas, e que sempre lhe causava repulsa: ‘*maricón*’.

Para Beatriz, que se descobriu uma mulher trans, durante o ano de 2020, mas que até então havia vivido sua vida como um homem gay cis gênero, o tema aparece em idade muito precoce no ambiente familiar:

A primeira lembrança, que não é nem minha, é dos meus pais, com dois anos de idade eu era apaixonada por salto alto, é, eu vou ter que fazer só uma observação aqui, senão eu vou me esquecer, eu agora com 29 anos me descobri uma mulher trans, então eu vou acabar usando outros pronomes, tá? De qualquer forma, como eu sei que a minha experiência parte desse lugar cis gênero [...] Então eu sempre fui apaixonada por salto alto, desde os dois anos. Isso foi o caso dos meus pais me levarem ao psicólogo, e nesse momento acho que foi a resistência deles em lidar com a minha sexualidade, porque a própria psicóloga era evangélica, e acredito por essa formação cristã, ela sugeriu para os meus pais que eu não ficasse mais em contato com esse mundo feminino, e tente ficar mais em contato com o mundo masculino. Meu pai, esse mundo paterno, macho, másculo. Isso não aconteceu, mas isso fez com que se criasse essa barreira entre o que é certo e errado para mim. Então, por mais que eu gostasse de estar ou participar do mundo dito feminino, sempre foi algo que não era incentivado. E aí eu passei a minha infância toda sofrendo com isso, e eu me descobri gay aos 14 anos. [...] eu tenho isso confirmado pelo meu próprio desejo, quando eu me apaixono por um garoto, e aí é quando eu começo a entender como tudo isso em relação à sexualidade, desejo, acaba funcionando no nosso corpo. Como a gente vê o mundo. E aí com 14 anos, eu já entendendo tudo isso, eu sofri muito porque não tinha ninguém pra contar, inclusive amigos, eu não tinha ninguém.

Podemos observar aqui a aparição de diferentes modos de regulação sexual, hoje tomados muitas vezes como antíteses entre si, articulando-se quando processos identitários começam a tomar forma, por meio da relação entre psicologia e religião, unidas sob a bandeira da heterossexualidade compulsória.

Além disso, em sua fala é retomado o assunto de como raras vezes os sujeitos possuíam uma noção clara e bem resolvida de sua própria identidade sexual, expressa

sobretudo na inviabilidade de terem conversas sobre suas dúvidas, na ausência de pessoas pertencentes a alguma categoria LGBT e suas experiências de vida ao seu redor, ou mesmo de pessoas que tomavam para si alguma identidade sexual minoritária em veículos midiáticos de grande cobertura, que lhes pudessem servir de exemplo⁴⁴. Essas figuras presentes no imaginário popular das histórias aqui relatadas eram, via de regra, caricatas, representadas em programas de humor de maneira exagerada e excêntrica., como nota Julio:

[...] na minha geração, que é a geração dos anos 80, basicamente a gente não tinha nenhum exemplo positivo de um gay. Não existia internet, o único meio de mídia que chegava você é a rádio, revista ou televisão. E aí na televisão, por exemplo, você olhava e dizia tá, eu gosto de meninos, que exemplo positivo eu tenho de alguém que gosta de meninos na televisão? Eu não quero ser a Vera Verão, eu não me encaixo nesse tipo de coisa, e muita gente pensava assim. Por exemplo, quando eu contei para minha mãe que eu era gay ela falou assim, você vai começar a usar salto alto? Tipo, não, não havia nada de errado se eu quisesse, é uma noção tipo, de pessoas de mais idade ainda tem, eu acho que meus pais tinham na época que eu me assumi, e olha que eu me assumi com 30 anos.

Frequentemente, as primeiras pessoas que lhes possibilitaram conversar sobre sexualidade entraram em suas vidas após longos anos de espera; nesse aspecto, as primeiras relações amorosas ganham importância desmedida, quando comparadas à mesma experiência em populações heterossexuais, em virtude da construção mais direta e efetiva de sua própria identidade sexual que há tanto tempo permaneceu pouco conhecida ou alinhada a estereótipos negativos, como algo a ser evitado.

Em momento precoce da vida, suas identidades foram interditas, sendo permitido seu posterior desenvolvimento de maneira reticente ou em lugares nos quais não tinham a possibilidade de se tornarem públicas. Esse fato acompanhou os participantes da pesquisa em suas trajetórias, tendo impactos diretos em diversas esferas da vida, como família, escola, círculos de sociabilidade, trabalho, religião, etc. A partir dessa constatação, podemos avançar sobre como se dão tais relações, e, ao mesmo tempo, indagar as suas conexões com as tentativas de suicídio aqui recontadas.

Nesse sentido, ao reconhecer a diferença, mais ou menos clara, em diálogo com os processos sociais de natureza simbólica ou estrutural à sua volta, posta-se um problema

⁴⁴ Em nossos dados, grande parte das vivências aqui relatadas se passaram em épocas anteriores à explosão de uso das mídias sociais e da multiplicação de representações e tipos de experiências nelas veiculadas, iluminando somente em alguns casos seu papel e relevância para nosso fenômeno de interesse. Mais à frente retornaremos de maneira um pouco mais ampla sobre o possível papel da internet.

urgente: *como lidar com ela?* Os sujeitos já indicaram em suas falas modos de enfrentar essa nova realidade de desencaixe dos seus respectivos meio sociais de convívio.

Para Marcos, lidar com a sexualidade foi:

eu acho que a primeira resposta foi suprimir, reprimir, ignorar isso, tentar me encaixar em um estilo de vida mais convencional, uma coisa mais tradicional, e não lidar com isso. *Eu acho que a primeira forma de lidar com isso foi não lidar com isso* [grifo nosso]

Essa precaução será a mais frequente encontrada nas histórias aqui relatadas, envolvendo, em maior ou menor medida, alguma forma de sigilo sobre sua identidade, sobre aquilo que é desejado, e, conseqüentemente, aquilo que se é.

No caso de Julio, torna-se evidente a complexificação do problema por meio do acúmulo de identidades sociais distintas, presente no conceito ‘interseccionalidade’, mencionado no começo desta dissertação. Para Hancock (2007), a interseccionalidade originou-se como uma especialização baseada na subjetividade de mulheres marginalizadas em virtudes de diversas categorias da diferença, como raça, classe, gênero e orientação sexual (2007: 248). Essa ferramenta iria além de perspectivas que dão ênfases a apenas um traço singular, a apenas uma das categorias citadas, em detrimento das outras, não havendo, *a priori*, primazia analítica de certa categorização sobre as outras; a relação entre elas é sempre uma questão empírica aberta (Hancock, 2007: 251). Para Julio, a identidade social de *imigrante* foi um fator que o impediu de lidar com a sua sexualidade:

eu não lidei muito bem com isso, para falar a verdade. Basicamente, estavam acontecendo muitas coisas naquela época para mim, para minha família na verdade, a vinda para aqui ao Brasil não foi fácil, meus pais não conseguiram emprego. A gente ouviu coisas, o brasileiro povo muito hospitaleiro, mas houve certas situações na nossa vida que a gente realmente não, não são legais. Eu lembro uma vez que minha mãe foi pedir emprego, numa fábrica, isso o supervisor disse para ela, você não devia estar aqui, você está tirando emprego de brasileiros. E a minha mãe é uma pessoa muito forte, mas eu lembro que ela chegou em casa, se escondeu e chorou. Ela chorava escondido, ou algumas coisas assim. Mas foi um momento muito difícil, e eu não lidei com isso bem porque tinha tanta coisa envolvida. Eu simplesmente decidi, e isso também começou a se agravar com algumas coisas da escola, e coisas assim, então eu decidi não ser nada. Então eu decidi ignorar tudo. Eu tinha ideia que eu era gay, mas eu pensei que eu não queria trazer uma mulher, eu não quero envolver uma mulher nisso, eu não ia viver uma mentira, então eu decidi não viver nada. E neutralizei nesse caso, esse aspecto da minha personalidade não existe. E por anos eu fiquei nessa forma, sabe? Foram muitos anos.

No seu caso, as diferenças sociais se multiplicaram, em outra categoria identitária, a de *imigrante*, mas também na condição material expressa em sua posição de classe. Sua fala marca outra questão recorrente nas histórias de todos os outros entrevistados, as relações familiares reticentes, em que a própria sexualidade passa por diferentes níveis de acobertamento e, proporcionalmente a ele, diferentes graus de sanção sobre essa mesma sexualidade.

Vale ressaltar que, em suma, a literatura sobre suicídio como fenômeno geral tende a analisar a sua ocorrência pelas características individuais e/ou sociais do indivíduo que comete o ato, *i. e.*, que afetariam somente a ele. Uma das características peculiares encontradas nesta pesquisa é que, em sua maioria massiva, os participantes tentaram contra a própria vida quando residiam com seus familiares. Esse fato torna-se especialmente importante para uma análise sociológica do fenômeno quando consideramos que, como no caso de Julio, algumas de suas identidades sociais são compartilhadas com seus familiares, *i. e.*, os efeitos estruturais sobre as identidades sociais não são somente sentidas pelo indivíduo que tenta contra a própria vida, frequentemente analisado na forma de mais um caso que compõe a taxa de suicídio de certa população, mas tem impacto variado sobre as histórias de suicídio por meio das relações sociais com outros sujeitos, também passíveis de sofrerem a ação de outros processos sociais. No caso do suicídio LGBT, podemos deslocar o foco sobre o indivíduo – que busca o suicídio – para outros sujeitos ao seu redor, em virtude da relevância das relações e instituições sociais para esse mesmo sujeito, em razão de como esses fenômenos sociais são moldados por processos mais amplos, no caso específico, pela condição material de classe entrelaçada à condição de imigrante em que Julio e sua família se encontravam à época⁴⁵.

Beatriz deixa claro como o medo fomenta a resposta baseada na retração individual, especialmente quando sua identidade sexual lhe parece mais evidente para si própria, e divergente de expectativas normativas vigentes e alheias:

foi muito difícil porque foi quando eu entendi naquele momento tudo o que tinha de errado comigo. Porque na minha infância eu sabia que eu era diferente, eu sabia que dentro daquelas identidades que se apresentavam, daquelas expressões, daquela sexualidade que se apresentava pra mim socialmente, eu não me encaixava com nenhuma. Com uma cabeça infantil eu entendia que eu não conseguia responder àquelas exigências. E isso me causava uma frustração

⁴⁵ No caso da ‘classe’ – do indivíduo e de sua família –, outra questão se entrelaça à ligação entre identidade sexual e tentativas de suicídio, a ausência de autonomia financeira e a impossibilidade de expressar sua sexualidade, explorada por nós mais adiante

muito grande desde pequeno. Mas aí quando eu consigo me apaixonar aos 14 anos, pela primeira vez, e entender como isso afeta um corpo, como um desejo, uma vontade de ser amada, de ser desejada, e desejar o outro, faz com que nossa cabeça mude a frequência de entender o mundo, e aplicar as nossas ações, foi o momento em que eu entendi o que eu era, e porque poderia ser tão grave quem eu era. Porque assim, antes disso eu era só alguém que me relacionava com outras crianças brincando, conversando, e aí com 14 anos, pensar em beijar alguém, ter uma relação mais íntima com alguém, e sendo sexo uma coisa muito particular para a heterossexualidade, imaginar isso em um outro campo de atuação, o campo homossexual, aí eu entendi o quanto isso era grave. O quanto isso era problemático. Você como uma criança que se descobre homossexual, se visualizar beijando outro homem, é muito assustador, né. Porque não é normalizado, o que a gente sempre vai ver são os casais héteros, novela, entretenimento, a mídia mostra isso, e você imaginar, e você romper com todos esses padrões comportamentais. Então isso já causou um choque em mim de ter que me visualizar e desejar isso. E me sentir culpada por isso, de realmente, imaginar isso, e foi um dos momentos assim que eu tive pico de depressão. Eu acho que eu só não cometi o suicídio porque era uma das minhas primeiras vezes sentindo isso. Mas eu não consigo negar que foi uma carga emocional muito grande. Que não é suportável para uma criança. Justamente por a gente não receber esse ‘background’, esse contexto, de ser algo que é natural, porque mesmo para as pessoas que são heterossexuais, quando você se apaixona, existe todo esse drama, de como você se apaixona, ou saber se a pessoa gosta de você, e quando você é homossexual isso se potencializa de uma forma muito ruim, porque é subversivo, é algo que é contra o que se diz natural.

Pela diversidade de relatos aqui apresentados fica clara a trajetória não-linear de construção identitária dos sujeitos de pesquisa, afetada por vários diversos fatores, como associações estereotípicas entre gênero e sexualidade nos ambientes sociais em que foram criados, bem como pela criação de laços afetivo-sexuais com outras pessoas, tornada evidente ao sujeito que a vê nascer em si, entre outros. Além disso, não há pontos temporais demarcatórios claros, em que a orientação sexual – e no caso de Beatriz, mais tarde, sua identidade de gênero – ganha a qualidade de parte integral de sua identidade, por exemplo, expressa na ideia de que seu desejo reflete algo ‘natural’.

Por meio dessas trajetórias abre-se espaço para a contínua fragilização da possibilidade de vivenciar essas identidades, e a partir de suas experiências, compreendê-las de maneira livre. O teor interpretativo sobre essa identidade pelos sujeitos de pesquisa, como se verá adiante, perpassa percepções positivas e negativas, advindas e cimentadas por diferentes eventos e processos sociais presentes em suas histórias.

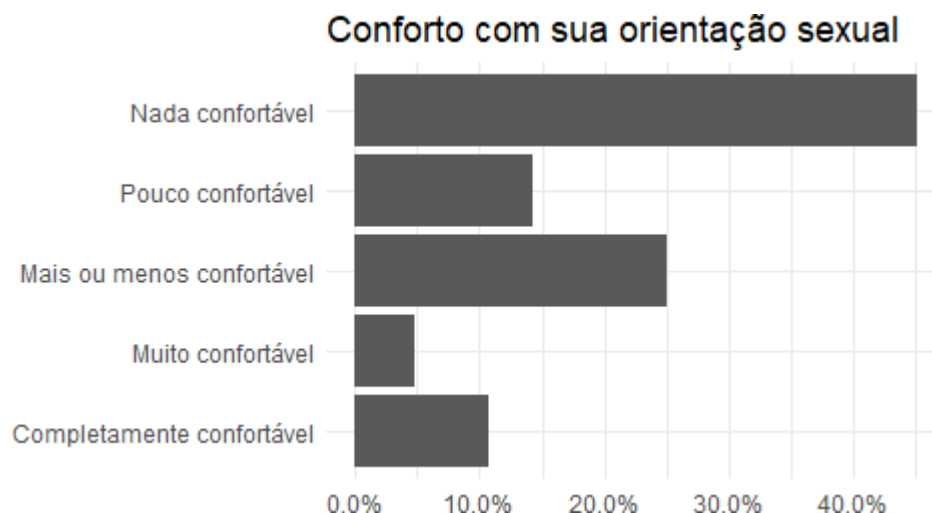
Cover (2012) comenta as tentativas de criar estágios de desenvolvimento identitário em sujeitos pertencentes a minorias sexuais, como maneira de melhor compreender suas formações:

Mais recentemente, em seu trabalho sobre saúde e juventude queer, Mark Friedman e colegas utilizaram quatro marcos no que eles chamam de

"desenvolvimento identitário gay". São eles: '(a) idade de percepção inicial da atração sexual pelo mesmo sexo, (b) idade da primeira atividade sexual com o mesmo sexo, (c) idade de decidir que se é gay, e (d) idade da primeira revelação de que se é gay' (Friedman et al. 2008: 893). Embora tais teorias de formação de identidade apontem utilmente para as maneiras pelas quais o desenvolvimento da identidade sexual é um processo realizado ao longo do tempo, esse padrão de desenvolvimento é dado de uma forma linear, normalizando o processo com um resultado antecipado pelo qual aqueles que têm dificuldades durante esse período em maneiras não-normativas são taxados como falhos, vulneráveis ou em risco. Grande parte do problema com o trabalho de desenvolvimento sobre a identidade do adolescente é que tais "estudos geralmente prestam pouca atenção às nuances e muitas vezes contraditórias construções de identidade dos próprios jovens, ignorando as diversas facetas do *self* realizadas na vida cotidiana e na cultura popular" (Maira & Soep 2004: 250). O que falta a essa estrutura de desenvolvimento, então, é uma compreensão da contingência e fragilidade pelas quais as identidades sexuais não normativas se desenvolvem, privando-nos, infelizmente, da oportunidade de investigar como essa mesma contingência e fragilidade podem estar relacionadas à vulnerabilidade de todos os jovens no desenvolvimento da subjetividade sexual. Ao mesmo tempo, tal teorização tende a produzir a ideia de que existe uma pré-identidade (homossexual) que é desconhecida do sujeito quando criança, mas que o jovem virá a 'percebê-la' antes de se estabilizar e em seguida, revelará essa individualidade de 'sempre ter sido' para os outros.⁴⁶ (Cover, 2012: 87, tradução nossa)

A questão identitária não resolvida está presente no perfil geral dos participantes do *survey*, o qual mostra como esse foi um sentimento prevalecente durante a época da tentativa de suicídio:

⁴⁶ "More recently in their work on queer youth and health, Mark Friedman and colleagues utilised four milestones in what they call 'gay-related development'. These are: '(a) age of initial awareness of same-sex sexual attraction, (b) age of first same-sex sexual activity, (c) age of deciding that one is gay, and (d) age of first disclosure that one is gay' (Friedman et al. 2008: 893). While such theories of identity formation usefully point to the ways in which sexual identity development is a process undertaken over time, this pattern of development is given in a linear fashion, normalising the process with an anticipated outcome whereby those who struggle through this period in non-normative ways are marked as failing, vulnerable or at risk. Much of the problem with developmental work on adolescent identity is that such 'studies generally pay little attention to the nuanced and often-contradictory identity constructions of young people themselves, ignoring the diverse facets of self performed in everyday life and popular culture' (Maira and Soep 2004: 250). What this developmental framework lacks, then, is an understanding of the contingency and tenuousness by which non-normative sexual identities develop, depriving us unfortunately of the opportunity to investigate how that very contingency and tenuousness might be related to vulnerability of all youth in the develop of sexual subjecthood. At the same time, such theorisation has had a tendency to produce an idea that there is a pre-identity (homosexual) that is unknown to the subject as a child but that the young person will come to 'realise' this subjectivity before stabilising and then disclosing this 'always having had been' selfhood to others."



Retirando as respostas assinaladas nas opções ‘Completamente confortável’ e ‘Muito confortável’, por volta de 85% dos participantes não tinham relação saudável e/ou bem resolvida com sua própria orientação sexual. Nesse sentido, a relação complexa do sujeito com sua própria identidade sugere ser característica presente no fenômeno, a qual é muitas vezes ignorada nos referidos estudos quantitativos, nos quais os sujeitos de pesquisa têm uma sexualidade ‘essencializada’ e fixa, e que, portanto, a explicação do fenômeno os rodeia na forma de um ou mais fenômenos sociais embutidos em variáveis independentes, como a discriminação.

Também a partir desse dado, podemos refletir sobre a ideia dupla de *aceitação*, seja do sujeito para consigo mesmo, seja pelo reconhecimento legítimo de sua orientação sexual por outros, realizada em diferentes graus de completude e mobilizando distintos arcabouços simbólicos, como a convocação da *natureza* para em alguns casos afirmar e em outros negar a ‘normalidade’ de alguém. Da mesma forma, a aceitação tem gradação diversa, levando-nos a buscar os motivos por trás do suicídio em outros fenômenos de natureza social, como algumas respostas qualitativas do *survey* já sugeriam⁴⁷: “Apesar da minha sexualidade nunca ter sido um problema para amigos e familiares, eu vivia uma fase solitária e fui abandonado em circunstâncias muito graves. Também tinha separado do ex-namorado, fiquei desempregado, tudo ao mesmo tempo.” (Resposta 81, OS), passando então para processos de aceitação parcial “Diziam que entendiam e o que importava era a minha sexualidade. Em algumas situações, a despeito do que diziam, faziam alguns comentários homofóbicos como ‘piada’” (Resposta 55, OS) até o extremo

⁴⁷ A partir daqui referidas pelas siglas “OS” e “MT”, respectivamente, as perguntas sobre a opinião alheia sobre a sexualidade/orientação sexual do respondente e o motivo da tentativa de suicídio do respondente.

oposto, escrevendo no espaço dirigido à pergunta das motivações por trás de sua tentativa de suicídio “Auto-ódio” (Resposta 34, MT).

Coube-nos então interrogar a natureza identitária dos sujeitos participantes das entrevistas qualitativas, e avaliar como ela se articulou a processos sociais adjacentes à sua formação, e que por fim se entrelaçaram às suas tentativas de suicídio.

Capítulo 3: Família

Da relação conflituosa do sujeito consigo mesmo, e as providências que toma para remediar o ‘problema’ de sua sexualidade não encaixada em moldes tradicionais, ele passa a se relacionar com outras pessoas à sua volta de maneira peculiar, pautada por sua autopercepção de diferente.

Uma das características centrais dos dados obtidos na pesquisa é a frequência com que os participantes do *survey* e das entrevistas qualitativas residiam com familiares, no momento em que tentaram contra suas próprias vidas: cerca de 88% deles residiam nessa época com algum familiar contra 10%, aproximadamente, residindo sozinho.

Cabe ressaltar que a estrutura familiar não foi avaliada, podendo abrigar diferentes formas, mais notadamente, famílias monoparentais. Do mesmo modo, essa estrutura não tem sentido unívoco em todos os casos, já que se constitui por meio de relações sociais, em diferentes níveis de proximidade com diferentes sujeitos que compõem o seio familiar. Como veremos a seguir, as relações parentais e as expectativas fundadas sobre normas heterossexuais se dão de maneira variada, além de a constituição familiar ser afetada por outros processos sociais, como ilustra a resposta 23 do *survey* sobre os motivos da tentativa de suicídio (MT): “Eu fui criado pela minha mãe e avós maternos, com a dependência química da minha mãe tive que ir morar na casa dos meus avós paternos e com o meu pai que mora com eles, uma família com a qual eu não tinha muito contato, minha mãe estava casada com um homem que batia nela, meu pai batia nos meus avós paternos, era um furacão de coisas, eu sou depressivo, tenho ansiedade, hoje eu trato, mas na época eu não tratava, então eu só queria sumir, mesmo hoje às vezes esse sentimento me persegue”

Relacionadas à idade geral precoce em que as tentativas contra a própria vida ocorreram, questões sobre a autonomia do sujeito no seio familiar voltam à tona pelo desejo de expressão de sua identidade sexual de maneira não comprometida pela repreensão usualmente sofrida, em diversos tons, no ambiente de convívio com a família.

Na resposta 46, diversos mecanismos de poder se manifestam, sejam eles de natureza simbólica ou material, primeiro, na pergunta OS “No princípio, quando meu ex-padrasto soube junto com minha mãe, ele fez eu ir ao psicólogo com a intenção de me “curar”. Depois, ele dizia que eu poderia ser gay, mas da porta pra fora. Passou a ignorar o assunto.”, e em seguida, na pergunta MT “Minha mãe não me deixava ser quem eu era,

sempre me corrigindo e dizendo o que eu tinha que fazer; como eu tinha 15 anos na época, eu obedecia. Tudo era motivo pra reclamação. Ela me batia. Teve uma vez, que eu fiquei com um cara e ela me pôs pra dormir fora de casa. Já a relação com meu ex-padrasto, foi ficando distante. Eu me sentia sufocado, não podia deixar o cabelo crescer, não podia falar do jeito que queria nem ser afeminado”.

Novamente a ligação doença e cura, embora não fique claro aqui, como em outros casos, se há conteúdo religioso por trás desse discurso; o conteúdo moral se evidencia como a identidade não-heterossexual pertencente à rua, fora do reduto familiar. As relações de poder desbalanceadas resultam na obrigatoriedade de conformidade comportamental, nas expectativas do que se *deve* ser e na intransigência de tais demandas. Em certo momento elas desembocam em violência como prática corretiva e a expulsão de casa, mirando sempre os sinais que indicam a desobediência de padrões heterossexuais: o cabelo, a fala, o jeito.

A regulação da sexualidade no âmbito familiar também apela às filiações emotivas que são construídas ali, mais notadamente, a já mencionada noção de ‘vergonha’, como ilustra a resposta 27 da pergunta MT “Uma depressão profunda causada por traumas da adolescência devido ao que a minha mãe falava de mim que, se eu fosse gay, eu seria uma vergonha para os meus pais e que todos iriam fazer comentários maldosos para humilhar o meu pai. Além desse motivo, eu pensei em cometer suicídio por causa de uma crise existencial que durou meses para sair.”

Apesar de ter recebido apoio de alguns colegas na escola aos quais confessou sua orientação sexual – como escreveu na pergunta OS –, o respondente liga aqui noções de dano familiar, vinculado ao recrudescimento de sua identidade. Essa mesma noção de prejuízo a familiares voltará a seguir quando discutimos ferramentas de repressão da sexualidade em cidades pequenas, e também quando falarmos sobre religião de maneira mais detida, especialmente na interação entre família e congregação religiosa.

1. Plínio

A tentativa de Plínio aconteceu quando ele tinha 13 anos de idade, no começo dos anos 1980. Antes desse momento, a percepção inicial e prematura sobre sua sexualidade vinha acompanhada das noções de ‘comportamento diferente’ e sua repressão por parte de familiares, salientadas anteriormente:

Eu, na verdade, eu acho que eu sempre percebi, assim. Desde que eu era criança eu me lembro de sempre me sentir diferente da maioria. Gostos diferentes, interesses diferentes, mesmo quando, enfim, a sexualidade nem tinha aparecido ainda, né. Quando eu era criança eu parecia, muitas vezes me confundiam, perguntavam, ah, mas é menino ou menina? Eu lembro muito disso, sabe? Eu tinha uma aparência muito delicada quando eu era criança e um comportamento, também. Eu lembro que eu tinha um comportamento, e na verdade eu fui percebendo, primeiro que eu me sentia diferente dos outros, depois eu fui percebendo uma repressão familiar em cima desses comportamentos. Então eu acho que eu sempre me percebi homossexual.

Em seu caso, a diferença instituída por divisões de gênero é baseada aqui no seu suposto desinteresse pelo mundo ‘masculino’:

Eu acho que com uns sete ou oito anos eu já tinha uma noção mais concreta de que eu realmente era diferente da maioria dos meninos. [...] eu não gostava de jogar futebol, eu não gostava daquelas coisas típicas de menino, eu não gostava de brincar de carrinho. Eu sempre tive um interesse, até em função disso eu comecei a ler muito, então eu era uma criança que lia muito. Quando eu aprendi a ler, enfim, eu acho que eu corria pros livros assim, me isolar, me isolava bastante. E com isso, eu via que isso me diferenciava também, das pessoas, muitas vezes podia parecer uma certa arrogância, para as pessoas, sabe? Eu sempre fui de buscar muita informação e tal, até pra me entender, possivelmente.

A separação de mundos simbólicos baseados no gênero se reproduzirá de maneira frequente em nossos dados, e como ilustra a resposta 21 da pergunta OS “Era constantemente diminuído por ser interessado em livros, arte, novelas. Ao invés de futebol, meninas.”, cada forma de divisão do mundo social em dicotomias de gênero ganha peculiaridades próprias, mas também invoca noções recorrentes, p. ex., o futebol como universo masculino.

No caso de Plínio, a divisão social na qual se encontrava se traduz aqui na separação física entre sujeitos, refletindo a gestação de tema recorrente na literatura que trata do tema suicídio em minorias sexuais, o isolamento social. Como notam Wray *et al.* (2011), a influência dessa noção e de outras correlatas a ela remetem à relevância da explicação de Durkheim (2014 [1897]) sobre o suicídio e o processo geral de advento da modernidade no séc. XIX, especialmente, à elaboração teórica de baixos níveis de *integração social*⁴⁸ (2011: 508). Em virtude da ausência de definição explícita desse

⁴⁸ Sendo ela apenas uma das quatro expressões do fenômeno. O esquema teórico criado pelo autor mobilizava as noções de *integração* e *regulação*, das quais derivam os quatro tipos de suicídio, o *egoísta* e o *altruísta*, respectivamente, em virtude de baixos e altos níveis de integração social por parte de indivíduos que cometem o suicídio, e o *anômico*, em razão da perturbação da ordem social, *i. e.*, de uma baixa

conceito na obra original e da força que pesquisadores subsequentes enxergaram nessa ideia, ocorre a multiplicação de termos similares à concepção durkheimiana: *isolamento social*, *coesão social*, *redes de apoio*, etc (Wray *et al.*, 2011: 508).

A fim de evitar essa polissemia para pensar de maneira mais clara sua relação com nosso problema de pesquisa, o sentido principal que usamos em ideias de isolamento social é o do compartilhamento identitário. O isolamento aqui ganha caráter subjetivo na forma de sentimentos de solidão; o isolamento físico – e mesmo sua possibilidade de mensuração objetiva, p. ex., análise de redes sociais baseadas em intensidade e frequência de contatos sociais – pode ou não ocorrer de maneira concomitante a sentimentos de solidão⁴⁹, os quais se baseiam, em nossos dados coletados, na percepção dos sujeitos de que não há *outros* capazes de os compreenderem, gerando a retração ou supressão de características de identidade sexual. Isolar-se ou misturar-se *fisicamente* com outras pessoas podem servir a um mesmo propósito, por exemplo, evitar o levantamento de suspeitas de conduta.

Nesse sentido, os dados coletados pelo survey indicam que apenas 11% dos respondentes disseram ter apoio emocional integral de toda a família; quanto ao apoio de um ou alguns familiares a taxa de respostas afirmativas vai a 35%. Além disso, em 65% das respostas disseram não ter amigos ou alguém em especial com quem pudessem compartilhar o que quisessem, e 60% delas disseram não ter amigos para ajudá-los quando encontravam problemas.

No caso de Plínio, o isolamento é exacerbado em sua manifestação física. Esse não é o caso de todos os participantes da pesquisa (em virtude, também, da multiplicidade de identidades sociais que carregam), mas, o que é comum a todos é a impossibilidade de comunicar quem são, e, subsequentemente, de fazer florescer sua própria identidade ao vivê-la, e ao mesmo tempo, descobrir o que são e construir o que querem ser.

Sua maneira de lidar com a sexualidade esbarra no tema do isolamento social e na criação das diferenças, dentre elas, a prática de esportes, e a participação em atividades coletivas:

regulação, exemplificada nos casos de instabilidade econômica; o último tipo, produzido pela alta regulação social, é o *fatalismo*. Para Durkheim, essa última variação do fenômeno poderia ser encontrada apenas em sociedades pré-modernas, o que o leva a não explorar seus desdobramentos teóricos. Como nota Cover (2012), esse tipo de suicídio pode ser utilizado na análise do suicídio LGBT, por meio do papel das normas de conduta hetero e homossexuais nos processos de construção identitária.

⁴⁹ Sobre o isolamento social como fenômeno contemporâneo e histórico (especialmente o séc. XIX e o ‘nascimento’ da modernidade), disputas interpretativas e distinções analíticas e de mensuração, ver Parigi & Henson II (2014)

[...] foi muito difícil, foi muito difícil. Porque, obviamente, primeiro eu tentei lutar contra isso, tentando ficar com algumas meninas, namorar ou ver, ver se eu tinha, mas era uma força total de barra, e eu fui criado numa família muito católica, muito religiosa, numa cidade do interior do [...], num bairro, a gente morava do lado de uma igreja, então tinha toda uma, meus pais participavam dos movimentos católicos, minha avó, aquela coisa, minha família lá do interior do [...], uma cidade extremamente católica. E eu lembro que eu ia na igreja, pedir para não ser, rezava, dizendo pelo amor de deus, assim não, era uma coisa que me assustava, porque eu via que aquilo ia me afastar ainda mais assim de, e eu queria participar, eu queria ser amigo de todo mundo, né, enfim. Na escola também, ou você jogava bola, ou não tinha outro esporte [...] se você não jogava você era visto como mais fraco, as pessoas já não te chamavam, você já era visto diferente. Não tinha nem vôlei, era uma escola que nem, ou você jogava bola ou você ficava de fora.

As expectativas heterossexuais que rondam seu meio de convivência o levam a tentar dissociar-se de sua orientação sexual, ao tentar atender essas demandas normativas por meio da prática de relações físicas com sujeitos do sexo oposto, mas também por outros recursos, como o poder imputado à religião. Ambos os processos eram movidos por desejos de natureza social, a participação em formas de sociabilidade humanas, as quais demandam, cada qual à sua maneira, a adequação a expressões identitárias heterossexuais às custas de sua identidade real e nascente. Seu sofrimento social neste caso se entrelaça à necessidade de contato social que só pode ser obtida se ele tivesse sucesso em apagar quem era; esse dilema repete-se nas histórias por vir, elevando assim o valor de teorias que lidam com a construção de identidades em ambientes normativos fortes na explicação do fenômeno do suicídio LGBT.

Anteriormente, Plínio já havia assinalado como processos de diferenciação começavam a grudar sobre sua própria imagem, ao buscar atividades solitárias, como a leitura. É interessante notar o papel duplo do esporte, como uma das formas principais de diluir o isolamento físico, e a produção de classificações que aprofundam barreiras simbólicas de diferenciação, distribuídas de acordo com as categorias de gênero às quais se pertence.

Sobre possíveis conhecidos que se identificassem como LGBTs à época, Plínio comenta o difícil cenário de então para que pudessem assumir suas identidades:

Não, não eram assumidos, não tinha, olha, sinceramente, pessoas vieram se assumir mais tarde lá. Mas nessa época eu não lembro de ninguém assumido. Pessoas claramente eram, e hoje são, e hoje realmente são. Mas na época era uma coisa muito, ou eu mesmo não me integrava, porque eu não queria talvez me aceitar muito. Eu queria o todo assim, eu queria participar de tudo. Ser amigo das pessoas. Então eu tinha muitas amigas meninas, né. Muitas. [...] Se

no intervalo das aulas eu ficava com as meninas, falando sobre os assuntos delas, e não com os meninos, obviamente isso era, ah, sim, também lembro de passar por alguns, os meninos, os dominadores, de me chamarem de bichinha, de viadinho, olha o viadinho ali, falavam entre eles pra eu escutar, sabe? Isso eu escutei, muito. Muito. Não era dirigido pra mim, mas era, sabe? Eles sabiam que eu ia escutar. Na rua também, na cidade também. Sair, andar assim, volta e meia e ouvia um comentário, passava um grupo de meninos e, enfim.

Os efeitos desse ambiente social nos auxiliam a explicar nosso problema de pesquisa, e, ao mesmo tempo, ultrapassam-no por questões mais amplas como o problema de construções identitárias ao longo da vida, 30 anos após os processos que lhe deram início:

E aí, enfim, sempre lutando um pouco contra isso, e ao mesmo tempo a minha família percebendo, também. Eu até vou te dizer que hoje, eu até tenho uma postura bastante masculina que eu não tinha, eu acho que eu fui construindo isso, sabe? Pra ser mais aceito, mesmo sendo homossexual. Porque eu lembro de quando eu era adolescente, que eu era mais criança, eu era mais afeminado, eu tinha outros trejeitos, outra maneira de falar, e eu acho que isso eu fui construindo, assim. Hoje, enfim, sou assim, mas eu acho que se eu não tivesse tido essa repressão talvez eu pudesse ter sido mais eu mesmo. Como eu era. Eu vi que isso foi uma construção também [...] Foi a maneira que eu fui vendo pra ser mais aceito, na turma dos meninos, mais aceito naquela sociedade que eu vivia, buscando outros interesses mais masculinos, mas eu sempre gostava, enfim, sempre gostava das estrelas de cinema, sabe? E era um pouco até deslumbrado com isso, eu acho que eu fui reprimindo isso, sabe? Bastante.⁵⁰

Como destacamos previamente, a identidade dos sujeitos de pesquisa é um problema central que não se resume dificuldades metodológicas de categorização dos participantes de pesquisas sobre minorias sexuais. Além da sua importância a identidade é invariavelmente afetada pelo meio social que envolve os sujeitos durante longos períodos de suas vidas, obrigando-nos a considerar o teor simbólico imputado por relações sociais distintas (familiares, conhecidos, relações pautadas por práticas institucionais como escola, religião, etc.) sobre as possíveis formas de manifestação e acobertamento de expressões sexuais dissidentes.

A tentativa de suicídio de Plínio teria como uma de suas fontes principais as suas relações familiares conflituosas, e a crescente percepção sobre sua sexualidade.

[...] apesar de meus pais não serem exatamente, são pessoas bastante instruídas, até, estudadas e tal. Para aquela época eram pessoas que já tinham viajado bastante, mas dentro de casa, a coisa é diferente, né. Às vezes, quando percebe, né. E eles ligavam sim, ligavam sim, ligavam sim. E foi aí que começou a violência, né [...] Eu dava uma risada diferente, ele me tirava da mesa pra me

⁵⁰ As ‘causas’ do suicídio não tem por resultado só o suicídio, e também, seus efeitos – neste caso, a tentativa – não acabam mesmo quando elas cessam de existir, já que produzem outros processos.

bater. Era uma coisa, ele me espancava, [...] se eu fizesse um comentário, ou ficava reprimindo o jeito de me sentar, de cruzar a perna, e eu era agredido fisicamente mesmo. E moralmente, porque só com essa repressão já é né. E uma coisa que, o resto da família ficava em silêncio, né. Isso que é muito dolorido, né. Ninguém saía em defesa, nem minha mãe, nunca me bateu, mas também nunca falou nada.

A transgressão de normas de gênero por manifestações corporais servia como motivador da violência física. Ao mesmo tempo, ele lembra que esse tipo de violência extrema nunca era direcionado a algum de seus irmãos, caso eles fizessem algo de ‘errado’, e se, eventualmente, sofressem dessa forma, eles passavam pelo castigo de maneira não regular, indicando que a violência sistemática sofrida era uma espécie de prática corretiva ‘educativa’:

E era só em cima de mim essa violência, ninguém mais apanhou. ninguém mais apanhou assim, dessa forma. Meu pai me fechava no quarto, e me batia, me batia até eu cansar. Era uma coisa muito violenta, muito violenta. [...] Uma vez minha irmã apanhou, mas assim, que ela até fala, que foi a única coisa que aconteceu com ela, e eu era sistemático. E aí claro vieram as ideias de suicídio. Nem dentro de casa nem meu pai, nem minha mãe, ninguém faz nada, que eu posso fazer.

Acompanhando a violência, o teor simbólico de sua justificação no discurso de seu pai explicita novamente o regimento heteronormativo imbricado em questões de gênero, a qual se baseava na ‘masculinização’ de sua conduta:

Que aquilo lá não era coisa de homem, que era coisa de menina, que filho dele, obviamente, tinha que ser homem, aqueles discursos machistas, enlouquecidos né, e era por algo que eu não tinha controle. Era minha pessoa, mas, gente, e assim, meu pai me castigava, e minha família ficava quieta, essa é uma coisa que dói, né. Mas acontecia.

Concomitante à época das violências sofridas, e enlaçados à questão de seu isolamento, Plínio rememora períodos de abuso sexual de conhecidos, como de alguns primos:

[...] eu muitas vezes cedia porque eu queria me sentir querido por alguém, né, eu não tinha namorada, não tinha nada, então eu sofria esse. Eu não lembro de eu ver isso, sinceramente, até hoje, pra ser bem sincero, eu sei que foram abusos que foram pessoas mais velhas e que abusaram da minha condição na época mais frágil, não tenho dúvida disso, e também porque percebiam a minha sexualidade. Apesar de elas nunca, até hoje se colocarem como homossexuais, né, apesar de terem uma vida totalmente heterossexual. Mas engraçado que eu, talvez por isso né, eu queria me sentir querido por alguém, me sentir acolhido por alguém, próximo, um contato, de alguém, sabe? Que não fosse apanhar, que não fosse rejeitado. Então eu não via como, muito louco isso né, eu não

via muito negativamente isso. Já tratei em terapia né, essa conversa está acontecendo porque eu já fiz muita terapia, porque senão eu não conseguiria falar.

O estado de fragilidade causado pela violência física e psicológica familiar, bem como a rejeição e isolamento por parte de conhecidos e colegas de escola contribuíram para a ocorrência desse cenário extremo de abuso no qual essa última violência se mascara aos olhos de Plínio em virtude da necessidade do escasso contato humano que recebia, voltando à ideia central do compartilhamento por trás da noção de isolamento social. Nesse momento, a violência sistemática sofrida por Plínio cresce, e, por volta dos 12 anos de idade, sua tentativa de suicídio ocorre. Com ela tornada pública, a violência física diminui por parte de seu pai, mas a psicológica não.

Como relata Putnam (2003), a grande variação conceitual sobre o que se entende como abuso sexual de crianças (*child sexual abuse*, CSA) se reflete na variedade de resultados que produz sobre as vítimas, bem como na possibilidade de atestar a prevalência de casos em determinadas populações, abrangendo diferentes atividades como “relação sexual, tentativa de relação sexual, contato oral-genital, acariciar os órgãos genitais diretamente ou por cima de roupas, exibicionismo ou exposição de crianças à atividade sexual adulta ou pornografia, e o uso da criança para prostituição ou pornografia.”⁵¹ (2003: 269, tradução nossa). Da mesma forma, idade e gênero da vítima e do agressor, a natureza de sua relação e a duração e frequência da atividade enquadrada como CSA provocam diversos resultados (Putnam, 2003: 269).

As diferentes taxas de CSA baseadas em gênero são apontadas por Stoltenborgh *et al.* (2011) em revisão da literatura, com 18% de meninas com até 18 anos reportando algum tipo de CSA contra 7,6% de meninos participantes dos estudos (2011: 89). Além das problemáticas derivadas da definição do fenômeno, dificuldades em atestar essas diferenças de gênero devem-se também às lógicas de admissão do abuso sofrido – como relata o fim da fala de Plínio e seu período de terapia que lhe permitiu falar sobre o assunto – marcados por questões de gênero e sexualidade, como o medo de homens serem taxados como homossexuais, levando em média 10 anos a mais para admitirem do que mulheres que passaram por experiências de CSA (Stoltenborgh *et al.* 2011: 89).

⁵¹ “intercourse, attempted intercourse, oral-genital contact, fondling of genitals directly or through clothing, exhibitionism or exposing children to adult sexual activity or pornography, and the use of the child for prostitution or pornography.”

Transparece aqui outro efeito da heteronormatividade sobre sujeitos *heterossexuais*, já que eles conferem o sentido negativo a práticas e identidades homossexuais oriundas dessas normas comportamentais, inibindo-os de denunciar o sofrimento que passaram em virtude das noções sociais de masculinidade que os rodeiam e as quais falhariam em alcançar pela admissão da ocorrência desses eventos. Além disso, a subestimação das estatísticas oficiais nos casos de CSA se deve a diversos fatores, como “[...] o sigilo que cerca a situação abusiva, a vergonha sentida pela vítima ao falar sobre o ocorrido, as penalidades criminais a que o agressor pode estar sujeito e a pouca idade das vítimas combinadas com sua dependência de adultos significam que pouquíssimas vítimas se apresentam no momento do abuso”⁵² (Pereda *et al.*, 2009: 329, tradução nossa).

Quando pensamos lógicas de CSA sobre sujeitos LGBT, vemos esse fenômeno se multiplicar. Analisando estudos que comparavam disparidades de violência entre minorias e não-minorias sexuais até os 18 anos de idade aplicados em escolas da América do Norte (Canadá e E.U.A.), Friedman *et al.* (2011) apontam que adolescentes pertencentes a minorias sexuais foram em média 2,9 vezes mais propensos a reportar CSA do que sua contraparte não minoritária, tendo prevalência média de 40,4% para mulheres bissexuais, 32,1% para mulheres lésbicas, e 16,9% para mulheres heterossexuais (2011: 1483). Para homens bissexuais a taxa média encontrada foi de 24,5%, 21,2% para homens gays, e 4,64% para homens heterossexuais. Apenas a categoria gênero serviu como variável moderadora dos resultados, pois, quando os grupos minoritários são divididos pelos seus respectivos gêneros, e, em seguida, são comparados com suas contrapartes heterossexuais, a experiência de CSA entre homens pertencentes a alguma minoria sexual vai a 4,9 vezes mais chances de ocorrência do que quando comparada a homens não-minoritários⁵³, ao passo que mulheres identificadas como minoria sexual apresentaram uma probabilidade 1,5 vezes maior de abuso em relação à sua contraparte heterossexual (Friedman *et al.*, 2011: 1483).

Em nossos dados, o abuso sexual aparece nas histórias de Plínio e de Igor, a seguir, e em outros relatos deixados no *survey* online. Na resposta 49 da pergunta OS “Sempre ouvia frases do tipo “quando ele vai se assumir?”” e pergunta MT “Inúmeras coisas, o

⁵² “[...] the secrecy which surrounds the abusive situation, the shame felt by the victim when speaking about what has happened, the criminal penalties to which the abuser may be subject, and the young age of victims combined with their dependence upon adults mean that very few victims come forward at the time of abuse”

⁵³ Obviamente, como destacamos anteriormente, essa alta diferença pode ser parcialmente devida à baixa quantidade de denúncias entre homens heterossexuais, inflando a diferença de CSA sofrido por ambos os grupos.

maior motivo foi eu ter sido estuprado pelo filho de uma amiga da minha mãe quando eu tinha 7 anos e outra vez por 6 meninos de 18 a 20 anos quando eu tinha 12 anos”. Na resposta 56 da pergunta MT “Estresse pós traumático e transtorno bipolar, sofri abuso sexual”. E na resposta 80, pergunta OS “As pessoas desconfiavam que eu era gay por causa da minha voz, cordas vocais atrofiadas, e além de agressões verbais, também sofri muitas ameaças de agressões físicas. Fugindo da homofobia na escola, faltava às aulas e ia pro cinema, onde fui estuprado aos 16 anos, em 1978.” e pergunta MT “A homofobia e o estupro, somado a uma depressão recorrente”.

Como escrevem Ferrari *et al.* (2021), tais práticas perpassam relações hierárquicas fundadas em normas heterossexuais, em ideias como o ‘estupro corretivo’ ou do ‘possível’ consentimento da vítima, em virtude de sua orientação sexual, “Já outros dois jovens, EF23 e RT22, se consideravam “muito afeminados desde criancinhas”. Em comum, nota-se uma mesma frase dita pelos agressores: “Você é viadinho, tem que aprender a virar homem”; “Você é viadinho, vai acabar gostando (do abuso)”.” (2021: 2732).

No caso de Plínio e no relato a seguir de Igor, o uso da lógica explicativa de variáveis independentes torna-se menos evidente, quando processos sociais aparentemente distintos têm uma ligação profunda, por exemplo, o abuso sexual sofrido em virtude do cenário de discriminação ou violência física, além da complexa questão de isolamento presente nessa situação. Em estudos quantitativos frequentemente encontramos esses três processos como fenômenos distintos e autônomos entre si, remetendo-nos ao problema da redução de instituições e relações sociais complexas e interligadas a algumas poucas variáveis a serem submetidas a técnicas de análise estatística, sem mencionar que esse mesmo passo metodológico possui a tendência de diluir a percepção de estruturas de poder, mais evidentes quando observamos as mesmas relações e instituições que as produzem e garantem sua manutenção, como as relatadas nas histórias presentes nesta dissertação.

2. Igor

No caso de Igor, sua tentativa de suicídio aconteceu por volta de 2006, aos 13 anos de idade. Seu primeiro tipo de contato com o assunto sexualidade ocorreu em momento de extrema juventude, em que não compreendia o teor negativo atribuído a sexualidades

não heteronormativas, sendo repreendido sem saber exatamente o porquê. Ele remonta o momento em que percebeu, anos mais tarde, seu primeiro contato com o tema:

Então, eu faço acompanhamento psicológico, nisso foi levantado que a primeira vez que eu notei isso, eu estava no pré, eu tinha 5 anos. Que não era apenas uma amizade que eu sentia pelo meu coleguinha, e aí nisso eu tive um problema na escola [...] Como a gente andava muito junto, pra cima e pra baixo, na escola, como eu estudava no pré, aí a sala do pré tinha o próprio banheiro, pros alunos, feminino e masculino. E nisso, a gente foi no banheiro juntos, e aí pegaram nós dois juntos, dentro do banheiro. Os dois estavam fazendo xixi juntos, assim. E aí deu problema na escola, e tudo mais. [...] Mas foi basicamente isso que aconteceu. Que daí eu fui parar na coordenação. Eu lembro assim, em flashes, falavam que a gente estava fazendo outras coisas, e tudo mais, mas não me recordo. Eu só lembro do momento da coordenação, assim. [...] falavam assim, que nós estávamos fazendo algo errado. Que não era pra nós não sei o quê, que iam chamar os nossos pais, aí como a minha criação foi extremamente punitiva, qualquer coisa eu apanhava, então eu só lembro de falar pra não chamar a minha mãe na escola.

Novamente, as trajetórias de descobrimento identitário são interditas, por meio da criação de barreiras – entre elas, a ameaça física – para a discussão e externalização do *eu*. O despreparo de agentes escolares nesse caso fomenta o medo nessa área da vida, ao atestar o *erro*, que, segundo a criação de Igor, deve ser corrigido por violência. Outro tema peculiar à esfera escolar aparece aqui de maneira pontual, mas relevante em alguns casos discutidos mais à frente, como na história de Cesar: a relação de segredo entre escola e família, e as dinâmicas sociais que florescem, em virtude dessa relação.

A manifestação identitária segue seu percurso de retração, no qual sua sexualidade sempre permaneceu em completo sigilo. Lembrando da época em que foi morar em cidade pequena durante sua juventude, ele comenta:

Tem 27 mil habitantes na cidade hoje. Então é uma cidade bem pequena. E nessa época quando eu morava lá, tinha poucas figuras assim que eram assumidos. Que eram de referência e que eram de chacota, na cidade. Então a gente acaba reproduzindo o machismo e a homofobia, que você não quer ser comparado com essas pessoas, mas em mim, por dentro, eu sabia e sentia atração, mas era tudo muito retraído, muito fechado, assim.

Podemos pensar o caso de Igor retomando o argumento de Goffman pois seu estigma promove uma identidade *descreditável* – oposta à *descreditada*, *i. e.*, desvalorizada de maneira imediata em qualquer contato social pois sua existência é tornada evidente –, sofrendo processos de manejo de informações sobre a diferença, o

*passing*⁵⁴: falar ou não, demonstrar, mentir, deixar implícito, e em cada caso, para quem, como, quando e onde (Goffman, 1963: 42). Ademais, o *passing* é marcado pelos tipos de relações sociais que o sujeito mantém na sociedade que habita, e, especialmente importante para o caso de Igor e de outros participantes da pesquisa, a estrutura de contatos sociais em cidades pequenas, por meio da possibilidade de ser *conhecido*. A *identidade pessoal* no esquema de Goffman diz respeito ao processo de identificação de certo indivíduo realizado pelos que os rodeiam, tornando-se ‘único’ em relações a outros à medida que passam a integrar diferentes círculos sociais, por meio daquilo que marca essa individualidade: sua imagem física – frequentemente o rosto, embora não somente ele – e os fatos diversos que são combinados de maneira única nesse sujeito (1963: 56). Essa característica peculiar às interações sociais permite a diferenciação de um sujeito entre outros, e, ao mesmo tempo, o registro contínuo de fatos sobre uma mesma pessoa, fazendo de seu caráter peculiar a base de estruturas rotineiras que padronizam certas formas de relações sociais (Goffman, 1963: 57).

Como Igor relata no trecho anterior, figuras LGBTs assumidas existiam e eram alvo de preconceitos por parte da comunidade em que vivia, sendo assim conhecidos de maneira geral. A ampla gama de interações sociais que mantemos em um dia qualquer tem dois polos distintos, que vai da relação com totais estranhos até as pessoas com quem possuímos contatos íntimos. Por meio desse ponto Goffman destaca a noção de *biografia*, “Pouco importando se a linha biográfica de um indivíduo é sustentada nas mentes de seus íntimos ou nos arquivos pessoais de uma organização [...], ele é uma entidade sobre a qual um registro pode ser feito”⁵⁵ (1963: 62, tradução nossa). Ao entrarmos em contato com outros sujeitos passamos a construir essa linha biográfica, seja feita de retalhos provenientes de escassos contatos sociais ou da companhia rotineira e dos sinais – propositais ou não – emanados, produzindo as peças pelas quais suas identidades são representadas e conectadas em um quadro coerente em si mesmo (Goffman, 1963: 63).

Nesse sentido, biografia é um fenômeno de duas mãos: ao mesmo tempo que elaboramos uma sobre nosso interlocutor, ele começa a fazer uma sobre nós. Para Igor, a identidade evidente dos sujeitos que sofriam discriminação serve como alerta das normas

⁵⁴ ‘Passar’ despercebido pelo crivo alheio

⁵⁵ “Whether an individual's biographical life line is sustained in the minds of his intimates or in the personnel files of an organization [...] he is an entity about which a record can be built up”

heterossexuais para que ele *passse* e mantenha sua biografia no mesmo passo que as demandas normativas dominantes⁵⁶.

Dessa forma, pensar a dinâmica social de cidades pequenas levanta a necessidade de avaliar as formas como a informação, e especialmente, a informação deletéria biográfica, pode ser ‘colada’ em determinado sujeito. As possibilidades de constituir um ambiente de repressão sexual-normativa intensa caminham de mãos dadas com a possibilidade de localizar e punir o sujeito que infringe as regras, tal como, nesse caso, pela multiplicação de indivíduos capazes de identificar (por imagem física, na fiscalização de *performances*, ou ao ouvir o nome, na circulação de rumores) e produzir biografias sobre esse sujeito, proveniente das relações de conhecidos inseridos em ambientes de forte circulação informativa, como as cidades pequenas⁵⁷. Essa situação entra em contraste claro com as possibilidades de reconhecimento de vias públicas das cidades grandes, onde passamos frequentemente em anonimato biográfico (Goffman, 1963: 67).

O receio de Igor sobre a exposição de sua orientação sexual tornou-se parte integrante dos eventos que se desenrolavam e culminaram, mais tarde, em sua tentativa de suicídio. Seu núcleo familiar, com irmãos e sua mãe – seu pai ausente –, fornecia-lhe sanções de teor moral, por meio da figura materna que, imagina ele, suspeitava de sua sexualidade:

A minha mãe, creio eu que ela desconfiava. Porque ela vinha sempre com aqueles discursos de, aí, eu aceito um filho ladrão, bandido, assassino, e tudo mais, aceito qualquer tipo de pessoa, menos um gay, assim, sabe? Um filho homossexual. E aí então, pra minha mãe, era uma forma dela de me conter né, de eu não estressar muito, e tudo mais.

⁵⁶ Nesse sentido a ligação – e redução do conceito de estigma – feita por Meyer (2003) entre *passing* e deterioração da saúde mental fica evidente pelo aumento da vigilância e ansiedade a que essas situações expõem o sujeito. Como escreve Goffman, indivíduos que projetam uma biografia que esconde informações pessoais descreditáveis necessitam manter “[...] uma ‘memória’, isto é, neste caso, um relato preciso e pronto em sua mente no que concerne a fatos sobre seu presente e passado os quais ele pode dever fornecer a outros” (1963: 65, tradução nossa), respeitando as demandas de conexão e coerência entre essas informações a fim de produzir imagem que não levante suspeita.

⁵⁷ Características similares às da internet. Nesse sentido, McDermott & Roen (2016) destacam como ela serve como meio de busca (informações, suporte etc.), e que, no entanto, também pode reforçar o papel de regulação sexual, p. ex., pelo *bullying* (2016: 129). Para as autoras, a relação entre o anonimato e o reconhecimento de espaços virtuais fomentam essa forma de utilizar a internet, pois “Espaços queer na web são lugares onde você pode escolher não ser visto, mas pode ser conhecido. Os ambientes queer online permitem performances sexuais e de gênero que não são tão facilmente suscetíveis ao regime de observação centrados no gênero heterossexual; eles estão sob menor vigilância, o corpo não está sendo medido em relação às normas sexuais e de gênero [...] Isso contrasta com o cenário face a face, onde você pode ser visto como falhando” (McDermott & Roen, 2016: 134, tradução nossa).

Homossexualidade aqui ganha conteúdo moral quando equiparado às outras noções, como a ideia de ‘caráter’. Indo além da questão sobre a ‘aceitação’ real dessas categorias ou sua utilização apenas como recurso discursivo por parte da mãe de Igor, combinar as noções de ‘ladrão’, ‘bandido’, ‘assassino’, e ‘gay’ sugere igualá-las sob a noção de escolha. Como são todas elas reprimidas socialmente, a *decisão* em agir dessa maneira torna-se o delito, o desvio moral, a falta de caráter; a orientação sexual e sua origem voltam ao debate em um velho molde, na forma da escolha deliberada, e a ameaça contida no discurso equipara-se à punição do crime.

A ausência de apoio fomenta em Igor o crescimento de seu isolamento, empregado como tática para cobrir seu desejo do olhar público:

Então, eu não me relacionava com ninguém. Nesse período, por conta da família e tudo mais. E porque, por exemplo, na escola não tinham pessoas abertamente assumidas, então ficava muito, era assim, era eu que não, de pessoas que davam pinta, era mais ou menos assim. Era tudo muito escondido, então, como eu sempre fui fora do padrão, gordinho e tudo mais, então eu sempre fui mais fechado. E aí, eu tinha interesses, mas eu não demonstrava porque eu não sabia se outra pessoa tinha interesse ou se eu viraria motivo de chacota na escola, assim.

Como escreve Goffman, o controle de informações sobre sua própria identidade produz efeitos peculiares nas possibilidades de relacionamento com outras pessoas, já que relacionamentos podem demandar o dispêndio de tempo em mesma companhia, aumentando as chances de que informações ‘descreditáveis’ sejam de maneira não intencional emitidas e percebidas, e, ”Além disso, como já foi sugerido, todo relacionamento obriga as pessoas que se relacionam a trocar uma quantidade adequada de fatos íntimos sobre si mesmas, como evidência de confiança e compromisso mútuo.” (Goffman, 1963: 86, tradução nossa), o que, por sua vez, regula as formas viáveis para o entendimento e subsequente exploração identitária, empurrando os sujeitos em vários dos casos que encontramos, às formas de isolamento já mencionadas.

Ao ultrapassar essa barreira, Igor remonta o momento em que se abre para um conhecido, pai de um de seus colegas, quando ambos se encontravam a sós na casa de seu amigo:

Com uns 12, 13 anos. Porque foi quando eu tive coragem de me assumir para uma pessoa em que eu tinha confiança. E aí foi, porque, não tinha acesso à internet, e tudo mais, não é como hoje né, a gente pesquisa e tem a resposta ali. Eu me assumi e, porque eu fui questionado na verdade, e a pessoa foi me perguntando, e perguntando, e usando referências, aí até a hora que eu falei que eu sentia atração. Isso foi com uns 13 anos.

Por meio das demandas heteronormativas que o inviabilizavam de usufruir de relações familiares baseadas em comunicação aberta, como as relatadas nos discursos de sua mãe que desvaloriza a homossexualidade ao ponto de compará-la ao crime, desenvolveu-se ambiente propício para o abuso sexual, em razão de ameaças contra sua família, entrelaçadas ao segredo de sua sexualidade:

Então, como a minha mãe sempre vinha com esse tipo de discurso, e teoricamente não foi uma conversa saudável quando eu abri a minha sexualidade, a partir daí eu comecei a sofrer abuso por essa pessoa, né. E aí eu fui coagido, inúmeras vezes, ameaças, e tudo mais. E como eu era uma pessoa agressiva e eu não conseguia ter uma conversa saudável com a minha família, eu não conseguia falar, porque já sabiam que eu tinha problemas familiares. Então tipo, eu era ameaçado assim que, iam entrar, matar minha mãe, minha irmã, e tudo mais, se eu não fizesse. Então durante muito tempo eu fui coagido e eu não conseguia falar. Pra minha família né. [...] E aí, eu sofri o abuso durante três anos, sempre sendo coagido, e a tentativa foi quando logo que eu sofri o abuso. Eu e minha mãe, a gente discutiu, e aí eu não comentei com ela, a respeito do abuso, e ela viajou. Ela e minha irmã viajaram, e aí eu não quis ir. E aí ela foi. E aí eu vi que realmente eu estava sozinho, sabe? Porque minha família não, não, nessa discussão que a gente teve, a minha mãe novamente tornou a fazer aqueles discursos, né, e aí eu vi que eu estava sozinho e tudo mais, e aí eu tentei, assim. Foi a primeira vez. Acho que isso foi o gatilho assim, uma somatória de situações que me levaram à tentativa.

A necessidade do segredo inviabilizava o estabelecimento de relações sociais saudáveis – mesmo aquelas além do círculo familiar –, das quais Igor poderia se beneficiar, e, conseqüentemente, evitar o cenário de ameaças no qual sofreu abuso sexual, por exemplo, ao vencer seus sentimentos de solidão ligados à identidade sexual e, talvez, encontrar alguém para confessar seus problemas e as violências a que era submetido. Voltando à estrutura social de cidades pequenas e às condições de circulação informativa que ativa redes de poder:

[...] a minha mãe trabalhava no posto de saúde da cidade. Só tinham três, então as pessoas conheciam a minha mãe. Então era assim, se a gente fazia, a minha mãe ficava sabendo antes de a gente terminar. E se a gente não fazia, inventavam e chegava nela. Então a minha mãe era muito conhecida, então acho que isso foi um fator de eu nunca ter me relacionado, assim, com ninguém lá, e tal. E aí quando eu tentei me aproximar da minha mãe, logo depois do abuso, eu tentei me aproximar da minha mãe, pra ver como ela ia reagir, né, pra daí eu falar pra ela que eu tinha passado por esse tipo de situação. Aí quando eu fui falar com ela a gente discutiu e tal. E aí realmente eu me vi sozinho, sabe? Porque se a pessoa vinha, me ameaçava, e me falava que ia matar a minha mãe e minha irmã, tipo, e minha mãe e irmã eram tudo pra mim, eu acho que se eu não precisava passar por aquele tipo de situação, então seria tipo uma solução [se matar]. Eu não iria sofrer mais, mas elas não iriam correr risco. De vida, assim.

Um novo elemento é adicionado à produção do isolamento social, a associação com outras pessoas que podem denunciar seus segredos identitários, especialmente em ambientes em que ser reconhecido por alguém é um resultado frequente⁵⁸. Nesse sentido, processos de isolamento social podem mesclar-se aos processos de identificação e de relações sociais:

Ao manter a distância física, o indivíduo também pode restringir a tendência dos outros de construir uma identificação pessoal sobre ele. Por residir em uma região com uma população móvel, ele pode limitar a quantidade da experiência contínua que os outros têm dele. Por residir em uma região isolada daquela que ele normalmente frequenta, ele pode introduzir uma desconexão em sua biografia: seja intencionalmente, como no caso de uma menina grávida solteira saindo do estado para ter seu filho, ou de pessoas homossexuais de pequenas cidades indo para Nova York, Los Angeles ou Paris para atividades relativamente anônimas; ou não intencionalmente, como no caso do paciente com transtornos mentais que, com gratidão, descobre que seu local de compromisso é longe da cidade e, portanto, um tanto isolado de seus contatos comuns. Ao ficar em casa e não atender o telefone ou a porta, o indivíduo descreditável pode retirar-se da maioria dos contatos em que seu estigma pode ser estabelecido como parte da biografia que outros têm dele.⁵⁹ (Goffman, 1963: 99-100, tradução nossa)

Esse tipo de ambiente social tem estrutura similar à da encontrada por Abrutyn & Mueller (2016), que analisam o suicídio de jovens na pequena comunidade de alto poder aquisitivo chamada Poplar Grove, localizada no estado norte-americano de Illinois. Reinterpretando a ideia quase esquecida de *regulação*, elaborada por Durkheim, os autores levam ao centro da questão o valor e a pressão pelo sucesso/fracasso acadêmico como fomentador de cultura pervasiva em que as sanções positivas e negativas se desenrolam publicamente, por meio de redes de informação hiperativas presentes na ideia de comunidades altamente integradas e sua capacidade em monitorar conquistas escolares⁶⁰ (Abrutyn & Mueller, 2016: 886-7). O fracasso escolar, além de se tornar

⁵⁸ Essa mesma ideia retorna quando discutimos a escola, no conceito ‘estigma de cortesia’ (*courtesy stigma*)

⁵⁹ “By maintaining physical distance, the individual can also restrict the tendency of others to build up a personal identification of him. By residing in a region with a mobile population, he can limit the amount of continuous experience others have of him. By residing in a region cut off from one he ordinarily frequents he can introduce a disconnectedness in his biography: whether intentionally, as in the case of an unmarried pregnant girl going out of state to have her child, or of small-town homosexuals going to New York, Los Angeles, or Paris for relatively anonymous activity; or unintentionally, as in the case of the mental patient who gratefully finds that his place of commitment is far out of town and hence somewhat cut off from his ordinary contacts. By staying indoors and not answering the phone or door, the discreditable individual can remove himself from most of those contacts in which his disgrace might be established as part of the biography others have of him”

⁶⁰ Geralmente entendida sob aspectos positivos, a ideia de ‘conexão social’ deixa de ser valor absoluto ao apresentar efeitos negativos, fato já explicitado por Durkheim mas relevado ao segundo plano por longo período. Para discussão do tema desses impactos negativos sobre a saúde, ver Song *et al.* (2021).

público e conhecido por todos, estende-se às relações familiares, voltando à relação entre a figura dos pais e sua suposta incapacidade de criar filhos que atendam às normas compartilhadas e aceitas pela comunidade que habitam⁶¹. Esse mesmo fracasso se multiplica na admissão de necessidade de ajuda fornecida por serviços de saúde mental, o que acaba por agravar o sofrimento psicológico dos estudantes da comunidade, contribuindo, enfim, para a ocorrência do suicídio (Abrutyn & Mueller, 2016: 888-9).

Em todas as histórias descritas neste texto, a família – instituição central no problema do suicídio de minorias sexuais – mantém relação de imposição explícita ou de teor mal resolvido com temas sobre a sexualidade, variando da violência extrema, destacada nos casos acima, até o silêncio que afasta o tema de qualquer consideração como objeto de conversa.

Questões de gênero misturam-se nesse cenário. Além de voltarem a rondar normas sexuais, elas aparecem entrelaçadas nos papéis de certas figuras familiares e sua responsabilidade em ‘educar’ sujeitos andando fora da norma. Como detalham Braga *et al.* (2018) em estudo que acompanhou o processo de revelação da orientação sexual para familiares de 12 indivíduos LGBTs entre 14 e 24 anos, no interior do estado de São Paulo, a figura paterna se mostrou a mais repressiva nessas situações, invocando noções peculiares sobre o significado do gênero, no caso, a equivalência entre ser ‘homem’ e suportar a dor:

Meu pai me obrigava a fazer umas situações, ele falava que queria que eu fosse macho bastante, e para ele, para ser macho bastante eu tinha que pegar e virar meio copo de pinga pura, ele me obrigou aos oito anos tomar meio copo de pinga pura porque para ele o macho tomaria uma pinga daquelas ali e aguentaria numa boa. (Potter) (Braga et al., 2018: 1299-300)

Ou em Ferrari *et al.* (2021), em que os sujeitos de pesquisa⁶² rememoram as categorias de classificação sexual já destacadas por Fry (1982) no início deste texto:

Meu pai uma vez achou camisinha no meu quarto e me pressionou pra saber com quem eu tava transando. Aí eu acabei contando que levei um amigo pra

⁶¹ Aqui a ideia de mancha moral e a falha na *educação*, que já vimos no caso da vergonha alocada – geralmente à figura paterna – no descobrimento de que seu filho não atende às demandas heteronormativas.

⁶² “15 homens jovens gays cisgênero, pertencentes a camadas populares e moradores da região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro” (Ferrari *et al.*, 2021: 2730), entre 18 e 24 anos.

casa. Foi horrível! Ele me bateu, disse que não criou um filho pra ser viado. Minha mãe tava em casa chorando, pedindo pra ele não me bater. No outro dia ele me falou que já que eu era gay, pelo menos pra ser ativo! Depois que eu contei, eles me proibiram de sair também. Não podia ver meus amigos, nem sair de casa. Como se ficar em casa fosse fazer eu deixar de ser gay! (MS, 24 anos). [...]

Eu contei primeiro pra minha mãe. Falei que tava namorando e falei o nome dele. Ela chorou, disse que era só uma fase e eu precisava reencontrar Deus. Ela falou pra eu parar de escutar umas cantoras e eu não jogar mais vôlei. Mas depois de uns três meses, acho que ela começou a aceitar. Depois ela disse que ficou preocupada e que pra eu não contar pro meu pai, que ela tinha medo do que ele podia fazer (RA, 22 anos). (Ferrari et al., 2021: 2733)

E voltando enfim a Plínio:

Não, muito difícil, eu acho que minha mãe era muito subserviente a ele, sabe? Mas na cabeça dela, tanto que hoje ela é uma pessoa muito aberta, com uma cabeça, então eu não lembro dela me corrigir. Eu lembro dela me chamar a atenção de algumas coisas, olha, teu pai não vai gostar, olha, pápápá, mas [...] não com violência. Mas ao mesmo tempo o silêncio também é uma violência, às vezes.

Ademais, uma das questões centrais na relação familiar de sujeitos não-heteronormativos é a noção de autonomia. Nas histórias a seguir, e nas já contadas acima, a ausência de autonomia dos sujeitos em questão, seja por sua idade pouco avançada e/ou pela dependência financeira de familiares, torna-se um dos principais entraves na exploração de suas identidades sexuais, em seu descobrimento e consequente afirmação. Para além das estratégias familiares de violência explícita ou de silêncio sobre o tema, a expulsão do abrigo familiar torna-se possibilidade concreta no modo de tratar sexualidades dissidentes de membros da família (Perucchi *et al.*, 2014; Braga *et al.*, 2018).

Soma-se às questões de autonomia a relevância da família como instituição que oferece os meios de sobrevivência face a processos societários diversos decisivos para alcançar independência financeira, que atingem de maneira global certas sociedades contemporâneas:

Wyn et al. (2011) argumentam que a família tem se tornado mais relevante como local de conexão e segurança, pois os jovens vivem em um mundo cada vez mais incerto e fragmentado. A análise de Bessant et al. (2017) de cinco países diferentes (Reino Unido, Estados Unidos, Austrália, França, Espanha) demonstra que essa insegurança ou precariedade foi em grande parte precipitada pela evaporação de recursos na sociedade para apoiar a transição da infância à idade adulta (como emprego, treinamento, educação, moradia e finanças). Os jovens nesses países enfrentam um fardo crescente de privação, desigualdade e desvantagem em comparação com aqueles com mais de 35

anos, e isso impacta seu bem-estar material e emocional (Bessant et al., 2017; Standing, 2014).⁶³ (McDermott *et al.*, 2021: 179, tradução nossa)

Nesse sentido, processos sociais amplos – especialmente os de ordem econômica – criam barreiras reais para questões íntimas, tomadas como pertencentes apenas ao foro privado, como as relações familiares e sua capacidade de impor normas de conduta. Obviamente, o poder familiar não se manifesta somente pela via financeira, como suas manifestações descritas aqui demonstram: violência física ou psicológica, relações emocionais (p. ex., do apelo à humilhação), etc. Na medida em que o ambiente social não pode ser facilmente alterado por ações de grande alcance, como políticas públicas, ou de escopo individual, como o entendimento entre parentes, a oportunidade de escapar à trama de relações familiares que subsumem expressões sexuais diversas em um mesmo modelo heterossexual se concretiza por condições materiais, mas também relacionais e identitárias; mesmo fora do seio familiar durante a chamada ‘vida adulta’, crenças negativas sobre a homossexualidade reaparecem como formas constitutivas de si, manifestando seu poder na contínua rejeição do sujeito ao seu próprio desejo.

Ao discutirmos as histórias a seguir, a família continua mantendo peso decisivo na vida dos sujeitos de pesquisa, agora entrelaçada a outras esferas sociais, em diferentes níveis de importância.

⁶³ “Wyn et al. (2011) argue that the family has become more relevant as a site of connection and security because young people live in an increasingly uncertain and fragmented world. Bessant et al.’s (2017) analysis of five different countries (United Kingdom, United States, Australia, France, Spain) demonstrates that this insecurity or precarity has been largely precipitated by the evaporation of resources in society to support the transition from childhood to adulthood (such as employment, training, education, homes and finances). Young people in these countries face an increasing burden of deprivation, inequality and disadvantage compared to those over 35, and this impacts their welfare and well-being (Bessant et al., 2017; Standing, 2014).”

Capítulo 4: Escola

Como apontam McDermott *et al.* (2018), diversos estudos têm associado ao ambiente escolar, caracterizado repetidamente como fomentador de práticas de *bullying* LGBTfóbico, o alto risco de sentimentos suicidas e automutilação entre jovens LGBT (2018: 245).

Pesquisas nacionais recentes realizadas nos E.U.A. e na Grã-Bretanha têm atestado a continuidade da prevalência de experiências escolares difíceis para jovens LGBTs, em comparação com seus colegas heterossexuais (Johns *et al.*, 2020; Bradshaw *et al.*, 2017). No estudo⁶⁴ de Bradshaw *et al.* (2017), cerca de 45% de alunos LGBT sofrem algum tipo de *bullying*, e por volta de 52% dizem ouvir algum tipo de comentário homofóbico, ao passo que 45% de alunos que sofrem a prática não reportam o acontecimento a ninguém (Bradshaw *et al.*, 2017: 6). As formas assumidas pelo *bullying* relatadas pelos respondentes foram diversas, entre as mais frequentes estão, o abuso verbal (42%) e a fofoca – ‘*gossip*’ – (37%), ser isolado ou ignorado (24%) e receber olhares intimidativos (23%), violência física (7%), roubo de pertences (7%), ameaças de morte (4%), assédio sexual (3%) e ameaças com armas (1%) (Bradshaw *et al.*, 2017: 14).

Os motivos escolhidos pelos respondentes para não denunciarem essas formas de violência às quais foram submetidos ocorrem devido a lógicas estruturais já discutidas por nós, como o segredo da identidade sexual, mas também questões ligadas diretamente à violência sofrida, como sua possível intensificação após a denúncia. As respostas mais frequentes foram a dificuldade em falar com qualquer pessoa (62%), o medo de ser forçado a assumir a sua identidade sexual (59%), vergonha sobre o ocorrido (49%), não querer falar sobre isso (43%), professores que não fariam nada sobre isso (39%), nada aconteceria a quem fez o *bullying* (37%), tornaria a prática pior para si mesmo (37%), não havia ninguém por perto (21%) e ninguém acreditaria no que o respondente dissesse (18%).

As duas últimas respostas levantam questões particulares sobre o anonimato, e como vimos anteriormente, um de seus lugares principais é a internet. Ainda na mesma pesquisa, os autores destacam que 96% dos participantes confirmaram que a internet os ajudou a entender melhor sua própria orientação sexual e/ou identidade de gênero, sendo que 93% disseram ter encontrado conselhos e apoio sobre esses assuntos no ambiente

⁶⁴ 3.713 estudantes entre 11 e 19 anos na Grã-Bretanha participaram de *survey* online.

virtual (Bradshaw *et al.*, 2017: 32). O anonimato permitido por certas redes sociais possibilita aos sujeitos discutirem de maneira aberta seus problemas sem a preocupação de serem localizados, serem tornados conhecidos, ao mesmo tempo em que encontram outros que viveram situações similares, os quais expõem em maior ou menor grau sua experiência individual: daqueles ainda reticentes em tornar pública sua identidade até aqueles que fazem dos depoimentos pessoais sem anonimato, e de sua própria vida discutida de maneira aberta, uma tentativa de criar modelos sobre futuros possíveis.

No entanto, como veículo de comunicação, a internet torna-se instrumento peculiar por oferecer abrigo a certas questões, como o esclarecimento de dúvidas citado anteriormente, mas também como forma de manifestação do preconceito. Voltando à pesquisa de Bradshaw *et al.* (2017), cerca de 40% de jovens LGBTs foram alvos de algum abuso LGBTfóbico online⁶⁵ (2017: 33). Aqui se repetem as lógicas de humilhações públicas, agora no âmbito de uma audiência desconhecida e, *a priori*, sem limites:

As pessoas tiraram fotos de nós e nos transformaram em memes e isso me deixou muito chateado, a ponto de me sentir mal fisicamente de ir ao colégio. Craig, 16, sixth form college [...]

Fui exposta [outed] sem meu consentimento primeiro na escola e depois nas redes sociais. Havia muita fofoca porque praticamente ninguém mais tinha se assumido, a maioria delas bastante maliciosas. Nicole, 16, escola secundária privada de único sexo.⁶⁶ (Bradshaw *et al.*, 2017: 14-5, tradução nossa)

A internet como meio de comunicação tem, nesse sentido, impacto que vai além da esfera escolar; no entanto, ela é sentida de maneira peculiar nesse ambiente social, como os relatos acima indicam. Ligada ao suicídio de Tyler Clementi, no estado norte-americano de Nova Jersey, essa forma de exposição pública ocorreu ao ser filmada e transmitida de maneira remota por seu colega de quarto de faculdade enquanto o primeiro se relacionava com outro homem, permitindo reconsiderar novamente a dimensão da vergonha em situações sociais nas quais sujeitos não heteronormativos ainda mantêm sua identidade em sigilo, seja para não terem noção clara sobre ela, seja por evitarem represálias dos ambientes sociais que habitam (Cover, 2012: 112-5).

⁶⁵ Subindo ao valor de 58% quando avaliada somente a população *trans* (Bradshaw *et al.*, 2017: 33).

⁶⁶ “People took pictures of us and turned us into memes and it made me really upset, to the point I felt physically sick to come to college. Craig, 16, sixth form college (Yorkshire and the Humber) [...] I was outed without my consent first at school, and then on social media. There was a lot of gossip because pretty much no one else was out, most of it fairly malicious.”

A participação em redes sociais significa muitas vezes abrir-se a um vasto público de maneira fixa, por meio das informações contidas em perfis sociais, o que amplifica a possibilidade de contato, como no caso das redes de apoio e informações encontradas na internet, mas também a exposição a sanções e regulações de diferentes pessoas. Como detalham Bradshaw *et al.* (2017), cerca de 59% dos respondentes sofreram *bullying* online de alguém que conheciam e 45% sofreram algum tipo de ataque de desconhecidos (2017: 33). Nesse sentido, o anonimato fornece, ao mesmo tempo, proteção a indivíduos que buscam informação sobre dúvidas relativas à sexualidade sem se identificar, mas também oferece abrigo àqueles que perpetraram algum tipo de ofensa, no caso de estranhos, anonimato relativo concedido a pessoas que não conseguimos identificar em nossa vida comum, ou o anonimato completo, como 18% dos participantes da pesquisa indicaram não saber quem foi o autor do abuso⁶⁷:

Tenho sido constantemente vítima de abuso online e sempre é anônimo. Isso me fez sentir violada e horrível, criou um sentimento avassalador de culpa por ser trans e aumentou o ódio que eu tinha de mim mesma. Christopher, 17, sixth form college [...]

Nos comentários de uma postagem do Facebook, um estranho me disse que eu "não sou um cristão de verdade" porque sou bissexual. Sophie, 19, agora na universidade (Bradshaw *et al.*, 2017: 33)

A internet é veículo de diversos fenômenos sociais, dos quais a ascensão do discurso de ódio⁶⁸ tem papel mais direto no tema da discriminação e regulação da sexualidade. Desse modo, certos lugares de interação virtual – ou ao menos as maneiras de como se pode participar neles – são interditados pela criação de esferas nocivas a sexualidades dissidentes – além de outras identidades sociais –, inviabilizando certos caminhos de contato social (Bradshaw *et al.*, 2017: 33-4).

O papel da escola e sua capacidade de colocar em debate questões de amplo alcance referentes à sexualidade e suas relações com outros fenômenos sociais vão ao encontro da busca de indivíduos LGBTs por entenderem melhor a si próprios e àquilo que acontece à sua volta, levando-nos à necessidade de ressaltar o papel da esfera política,

⁶⁷ As questões sobre o que é tornado efetivamente público e privado também se desenrolam pelos meios em que ataques são realizados, os quais possuem características próprias sobre suas condições de tornar conhecidos seus autores: por comentários, mensagens, vídeos ou fotos falsas, secretas ou embaraçantes, ou alguém se passando por eles em perfis falsos (Bradshaw *et al.*, 2017: 33).

⁶⁸ E que no Brasil se vê crescer, por exemplo, com o aumento recente do número de grupos neonazistas no país (Graça, E. & Figueiredo, J. *Número de células neonazistas no Brasil cresce cerca de 60% em dois anos*. Em: <https://oglobo.globo.com/epoca/numero-de-celulas-neonazistas-no-brasil-cresce-cerca-de-60-em-dois-anos-1-25258395>. Acesso em: 08/11/2021)

por exemplo, na questão que serve a Carrara como propulsor de sua reflexão teórica, a supressão dos termos ‘orientação sexual’, ‘gênero’ e ‘sexualidade’ do Plano Nacional de Educação (PNE). Da mesma forma, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que teve seu texto aprovado pelo Conselho Nacional de Educação em 2017, não possui orientações sobre as relações de gênero e sexualidade como discutidas até aqui, restringindo a segunda a seu caráter biológico, como transmissão de doenças, métodos contraceptivos etc., e apenas durante o oitavo ano do ensino fundamental (Ver Monteiro & Ribeiro, 2020).

Esse fato produz a falta de uma função fundamental da instituição escolar, a produção de debates sobre temas sociais relevantes. Além disso, essa mesma ausência contribui na formação de dinâmicas de opressão sexual, pois elas são alteradas pela maior conscientização do corpo docente e discente da instituição escolar que fomenta a discussão desses temas, especialmente em uma das questões essenciais para nosso problema de maneira mais geral, a possibilidade de falar com algum adulto sobre a própria identidade não heteronormativa: cerca de 55% de alunos que receberam lições sobre questões LGBTs confirmam a existência dessa possibilidade, contra 36% de alunos que nunca receberam nenhuma aula sobre esses assuntos⁶⁹ (Bradshaw *et al.*, 2017: 24); em outras palavras, o estabelecimento de relações de confiança, centradas de maneira frequente, na crença fundada nas consequências da rejeição que levam os sujeitos a confiarem seus pensamentos e inclinações somente a si próprios.

Nesse sentido, outro ponto próximo à discussão da sexualidade em escolas, diz respeito ao debate do *bullying* ou à presença de culturas heterossexuais dominantes. Espelhando nossa discussão conceitual anterior sobre os ganhos analíticos entre as noções ‘homofobia’ – que pode caracterizar o ataque discriminatório como evento individual, patológico etc. – e ‘heteronormatividade’ – que enfatiza estruturas sociais sistemáticas de comportamento –, o *bullying* é uma noção que sugere caráter circunstancial de agressão, deixando escapar outras formas de regulação sexual menos explícitas e não necessariamente direcionadas de maneira direta a sujeitos LGBTs (Santos *et al.*, 2017: 119-20).

⁶⁹ Ainda assim, o número total de intervenções de professores quando presenciaram algum tipo de homofobia foi baixo, cerca de 29% (Bradshaw *et al.*, 2017: 6).

Em pesquisa realizada com estudantes de ensino médio em Portugal⁷⁰ Santos *et al.* (2017) descrevem como o uso consciente de linguagem homofóbica direcionada aos pares heterossexuais – p. ex, como forma de gozação – ajuda a criar as noções de masculinidade cultivadas entre os próprios estudantes, sendo essa prática interdita ou sujeita a sanções quando dirigida a sujeitos LGBTs, e aqui uma possível inadequação da noção de *bullying* para explicar efeitos nocivos da escola, já que essa prática se caracteriza pela *intenção* em ofender ou atacar (Santos *et al.*, 2017: 124-5). Intencional ou não, o uso de linguagem homofóbica fomenta a criação de culturas centradas em concepções de masculinidade opostas a manifestações sexuais divergentes, já que ele tem como subproduto tácito um ambiente social de arregimentação de corpos que desobedecem a essas normas, levando-nos a pensar de maneira mais ampla sobre processos sociais em jogo:

O que torna os epítetos homofóbicos tão poderosos é a possibilidade de serem mobilizados com a desculpa constante da sua não-homofobia. [...] Um dos problemas associados à intervenção contra a linguagem homofóbica é que, decorrente de uma noção monolítica da homofobia vinculada ao “insulto direto” e à “agressão física”, essa linguagem tende a ser encarada como uma “brincadeira” inofensiva, sobretudo num contexto contemporâneo em que qualquer crítica à linguagem discriminatória é geralmente descartada sob a alçada retórica do “politicamente correto” e do direito relativista à “liberdade de expressão”. Decorrente desse aspeto, tende-se a negligenciar a censura a epítetos homofóbicos e, como consequência, passa-se a naturalizar a linguagem homofóbica no contexto escolar (Santos *et al.*, 2017: 126)

Os insultos homofóbicos entre pares são acionados com a transgressão das barreiras de gênero, servindo, de forma peculiar, ao policiamento e concomitante construção da masculinidade (Santos *et al.*, 2017: 126). Por meio de tais construções, a homofobia volta-se de maneira explícita contra homens gays que quebram essas barreiras, em que a feminilidade é associada aqui à ideia de ‘tiques’:

[...] os/as jovens não estão desinformados/as ao ponto de não saberem a distinção entre “expressão de gênero” e “orientação sexual”. Muitos rapazes são capazes de reconhecer, por exemplo, que existem homens homossexuais com e sem tiques e a prova disso é o discurso constante do “aceito os gays”, mas não “as bichas” em que a “bicha” é descrita como um determinado tipo de “homem homossexual” cujo comportamento de gênero não só falha em expressar o modelo dominante da masculinidade como também transmite uma ideia de feminilidade arquetípica (cf. Santos 2013). Como refere o Rui: “Eu

⁷⁰ “[...] pesquisa qualitativa sobre *bullying* homofóbico que decorreu entre 2015 e 2017. Realizaram-se 36 grupos de discussão focalizada com 232 jovens maioritariamente heterossexuais (126 raparigas e 106 rapazes, com idades entre os 16 e os 18 anos), em 12 escolas do ensino secundário, públicas e urbanas, do Norte centro e litoral de Portugal” (Santos *et al.*, 2017: 120).

não tenho nada contra os gays. Tenho é contra as bichas. Aquele que gostam de se pavonear e isso. Não gosto. Detesto” (GDF1, Escola Roxa) (Santos *et al.*, 2017: 127)

Obviamente, mesmo a aceitação de homens gays que se enquadram em qualquer modelo masculino em voga também pode ser posta sob suspeita, até por servir como forma de expressão que o preconceito encontrou para se manifestar sem repressão clara, nesse caso, sob a aparente rejeição aceitável socialmente da ‘bicha’. A feminilidade arquetípica, escrevem os autores, “[...] continua a ser símbolo de fragilidade e fraqueza não representando um motivo de orgulho quando reafirmado” (Santos, *et al.* 2017: 128), sendo ponto central, ao mesmo tempo, para o processo duplo de construção identitária masculina e formas de estigmatização de expressões sexuais, ambas sob a tutela de normas heterossexuais específicas.

A escola como um dos ambientes privilegiados de culturas centradas sobre noções de gênero e sexualidade torna-se instrumento chave, embora não único, na contínua promoção de debates em torno dessas questões, seja no questionamento de normas tradicionais ou daquelas que evoluem no tempo, como sugere a suposta disjunção feita pelos próprios alunos das categorias ‘gênero’ e ‘sexo’ pesquisados por Santos e colegas, e que, no entanto, mantém ambiente repressivo a certas expressões de gênero e sexo.

Encontramos poucos estudos de projeção nacional realizados no Brasil sobre o assunto sexualidade nas escolas, dentre eles, a pesquisa realizada pelo INEP⁷¹ em 2010, citado por Albuquerque & Williams (2015). Nela, além do preconceito contra outros tipos de identidades e fatores sociais – situação socioeconômica, raça, identidade de gênero etc. –, cerca de 72% das respostas apresentaram algum tipo de atitude discriminatória direcionada a pessoas homossexuais, além de 40% dos diretores de escolas participantes terem relatado presenciar ou terem tomado conhecimento de situações em que alunos homossexuais foram humilhados em razão de sua orientação sexual (Albuquerque & Williams, 2015: 665).

⁷¹ “[...] 500 escolas públicas de todo o Brasil, contando com uma amostra final de questionários respondidos por 501 diretores, 1.005 professores, 1.004 funcionários, 15.087 alunos e 1.002 pais/mães de alunos” (Albuquerque & Williams, 2015: 665).

Em outro trabalho, a pesquisa *Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil* (Venturi & Bokany, 2011) realizada entre os anos de 2008 e 2009 teve como um de seus objetivos o recenseamento de experiências de preconceito e discriminação da população LGBT brasileira⁷². Discutindo os dados dessa pesquisa, Ramires (2011) destaca os agentes discriminadores apontados pelos entrevistados em que “[...] 27% afirmam ter sido alvo da ação de colegas de escola, índice superado apenas por “outros familiares” (assinalado por 31% de lésbicas e gays), mas acima de “pais”, apontado por 22%. Companheiros/as de classe também ficam em pé de igualdade com frequentadores de “locais de lazer” (26%) e “amigos” (24%)” (2011: 136), ressaltando novamente a primazia da instituição escolar como lugar de disseminação de práticas discriminatórias. Da mesma maneira, ela é citada como o lugar mais frequente em que os participantes da pesquisa relataram vivenciar sua primeira experiência de discriminação, sendo apontada por 13% dos respondentes⁷³ (Ramires, 2011: 137).

Em nossa pesquisa, quando perguntados sobre os ambientes em que sofriam discriminação à época de suas respectivas tentativas de suicídio, perto de 70% dos participantes do *survey* afirmaram que a escola era um local onde vivenciavam esse tipo de situação.

Já mencionado algumas vezes nas falas de nossos entrevistados, o ambiente escolar aparece como meio de socialização particular, no qual diferentes estratégias de acobertamento e de possibilidades de assumir a própria identidade sexual se desenvolvem. Dessa ampla gama de comportamentos adotados resultam consequências para outras esferas da vida, como a familiar, bem como para eventos variados, como o exacerbamento do isolamento ou o confronto físico direto.

Na história de Cesar, a violência física serve como forma de impor a legitimidade de sua identidade:

na época do ensino médio já era bem mais tranquilo. Na época eu já tinha me imposto, quem não ia com minha cara não falava comigo, mas eu não escutava nenhuma piadinha. Eu sofri bastante na época do ensino fundamental, entre a quinta e oitava série, a minha vida foi um inferno. E foi uma época que as coisas estavam mais calmas em casa, eu estava fazendo acompanhamento com uma psicóloga cristã, e aí ela tinha falado para minha mãe que eu não tinha problema nenhum, que era para ela ficar tranquila. Aí a minha mãe tinha

⁷² Amostra não-probabilística com 413 entrevistados de 18 municípios brasileiros de nove regiões metropolitanas (grandes São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Salvador, Recife, Fortaleza e Belém) (Venturi & Bokany, 2011: 13-4).

⁷³ Familiares, pais e amigos receberam, respectivamente, 11%, 10% e 8% das respostas (Ramires, 2011: 137).

parado um pouco. E aí na época que ela tinha parado foi a época que começou o bullying. Então eu aguentava as coisas calado para não chegar nela e falar o que estava rolando e aí começar o inferno em casa de novo. Aí houve agressões, sabotagens, me jogaram comida, me bater, roubar meu trabalho que eu tinha feito para apresentar, e às vezes eu falava com a diretora e tudo mais, mas aí ela falava que queria conversar com a minha mãe, e aí eu falava não, não, não, então deixa, não faz isso, deixa do jeito que está senão vai ficar pior. [...] eu me lembro de uma vez que a gente tinha ido para aula de educação física, e aí tinham escondido algo de alguém na minha mochila para me incriminar, para eu rodar, aí eu fui falar com a diretora. Houve também que riscaram meu material inteiro com suástica, houve bilhetinhos assim dizendo para eu sair da escola senão eu ia apanhar todos os dias. E aí muitas das vezes eu tinha um amigo ou outro, alguém que era da série da frente que se compadecia, e aí ficava comigo no intervalo para ninguém me bater, me levar para casa e tudo mais e era isso. Às vezes roubavam as minhas coisas e a minha mãe ficava brava comigo, achando que eu não cuidava, mas na verdade tinham me roubado, tinha me batido, e aí eu ficava calado, porque como isso aconteceu, entre 2005 e 2008 ou 2009, naquela época eu estudava em escola pública, então eles não tinham nenhuma preparação para lidar com isso, então eu era encarado como um problema na escola também. Apesar de ter notas boas eu era taxado como um problema, porque sempre tinha um problema envolvendo lá. Minha mãe só ia na escola para buscar o boletim, ela saía correndo, ela não queria saber de nada, porque ela achava que eu também era um problema, então foi uma época muito, muito, muito ruim. Quando eu entrei no ensino médio, no primeiro ano, foi a primeira vez de me impor mesmo, pra galera parar de fazer piadinha, foi aí que eu comecei a me entender mesmo como um homem gay. E aí eu tive que peitar, eu peitava as pessoas, eu cheguei a brigar com um menino, eu quebrei a cara inteirinha dele, acho que juntou toda raiva da vida inteira, e aí eu parti para cima dele. Aí nessa escola de ensino médio já foi mais tranquilo, aí quando eu fui para a diretoria, o diretor já tinha lidado com isso antes.

As questões sobre a falta de denúncia destacadas anteriormente voltam aqui de maneira concreta nas implicações que esse fato pode acarretar, especialmente, as redes de segredo e sua relação com a esfera familiar, e a criação de ambientes continuamente violentos; a continuidade da violência no universo escolar é ocasionada em parte pelo silêncio de sua não denúncia, o que ilustra a ‘invasão’ de uma esfera social (a escola) sobre outra (a família), sublinhando novamente a complexidade do fenômeno e as perdas analíticas quando decidimos tratá-lo sob óticas explicativas que separam de maneira indevida processos interconectados, como as utilizadas nos trabalhos quantitativos de maneira geral. Ainda no relato de Cesar, vale destacar também algo que não tivemos a chance de observar nas histórias aqui presentes: a descontinuidade de trajetórias escolares. Em todos os casos relatados até aqui, seguindo também a composição socioeducacional peculiar de nossas respostas coletadas, que diverge de padrões

nacionais, nós não tivemos a chance de avaliar como esse fenômeno, que atinge a população jovem brasileira, pode ou poderia impactar nosso assunto de interesse⁷⁴.

Discutindo a parcela LGBT dessa população, pode-se sugerir que um dos motivos que podem acarretar a desistência dos estudos é a própria homofobia no ambiente escolar. Como Bradshaw *et al.* indicam, essa experiência produz variados resultados, dentre eles, a dificuldade em focar os estudos, a perda de confiança de atingir bons resultados acadêmicos, considerações sobre abandonar sua formação escolar etc. (2017: 29). Além disso, a violência relatada acima por Cesar e a percepção sobre ele ser ‘problema’ podem contribuir não somente para os efeitos acadêmicos supracitados da homofobia, mas também para a possibilidade forçada de descontinuidade escolar, como nos casos de expulsão escolar, fato encontrado na pesquisa de Bradshaw e colegas, onde cerca de 12% de alunos LGBT que sofreram *bullying* passaram pelo processo de expulsão (2017: 30).

Voltando à história de Igor, a violência na escola era algo sempre à espreita:

Então, como eu sempre me escondia de ser o engraçado da turma, foram poucas as vezes em que eu tive problemas na escola. Mas assim, eu não ia no banheiro na escola, porque eu tinha medo, porque, não tinha gente pra cuidar, né, então eu não ia no banheiro na hora do intervalo, eu não ia no banheiro na educação física, eu não ia no banheiro quando as turmas mais velhas do ensino médio estavam em educação física. Muitas vezes eu só ia ao banheiro quando eu voltava pra casa pra evitar, porque uma vez eu entrei, eu quase apanhei e aí eu consegui sair do banheiro. [...] Eu lembro só uma vez que, na escola, tinha um menino que estudava comigo, aí sempre que ele tinha mais de uma pessoa com ele, um amiguinho e tudo mais, ele sempre vinha, fazia piada, fazia graça e tudo mais. E uma vez eu fiquei na sala, no intervalo, eu e uma menina. A gente tinha que entregar um trabalho e ela não tinha feito, e a gente tava fazendo correndo na sala, na hora do intervalo, e aí ele veio fazer graça pra cima de mim, e aí eu bati nele. Foi a primeira vez que eu reagi de maneira agressiva assim, e aí eu falei, que se ele contasse e tudo mais, que eu ia bater de novo. Aí ele nunca mais fez, ou repetiu algo do tipo. E aí ele começou a controlar os colegas dele. Porque nesse período, eu tava com uns 12 anos, eu cresci bastante, então eu era um dos mais altos da turma. [...] eu ameacei ele, e por causa disso ele meio que controlava os amigos.

Retomando novamente o ponto da influência entre esferas sociais distintas como a escola/família destacada acima na história de Cesar, a complexidade do suicídio fica evidente quando avaliamos que esse cenário de violência escolar contribui para o fomento da agressividade de Igor, entrelaçando-se assim aos problemas familiares que

⁷⁴ Por exemplo, as possibilidades de autonomia/dependência financeira da família de participantes da pesquisa discutidas anteriormente são afetadas por diversos motivos, sendo um deles as vantagens da escolarização completa no mercado de trabalho.

inviabilizaram a comunicação dos abusos sexuais ocorridos à época de sua tentativa, e nos anos subsequentes a ela.

Sobre os espaços em que a violência acontece, o relato de Igor ressalta algo já intuído por Miskolci rememorando sua própria experiência escolar durante a ditadura militar no Brasil, marcada pela ameaça da disciplina exercida por professores “Medo que se somava a outros, ainda maiores, como o de se tornar vítima das brincadeiras cruéis dos meninos mais violentos, sempre à espreita para exercitarem sua ‘valentia’ quando não havia nenhum funcionário por perto. Especialmente perigosos eram o banheiro e a saída, espaços liminares daquela ordem disciplinar baseada na ameaça constante de violência” (2012: 9). As marcas de violência em nossos relatos seguem, em grande medida, a lógica do anonimato do perpetrador, seja ele concedido pelo espaço privado do banheiro ou pela multidão que camufla em espaço público o ato violento.

Na escola também encontramos lugar para a retração do sujeito, circunscrito ao silêncio, no caso de Beatriz:

era bem conturbado, mas como eu sempre fui uma aluna mais dedicada, sempre ficava na frente, eu acabava ganhando uma certa imunidade dos professores, e da própria dinâmica da sala, porque eu acabava não tendo contato com a sala. Então eu tinha pouquíssimos amigos, eram amigos de salas diferentes, mas isso nunca me privou de sofrer *bullying*. O que eu sempre fiz foi tentar me poupar de que isso acontecesse, mas uma hora ou outra sempre aconteceu. Se eu passei por violência física foi só uma vez na 4ª série, mas só, o resto foi violência verbal e psicológica. [...] se eu falasse, acontecia muitas vezes na sala de aula de os alunos repetirem com a minha voz, então eu nem sequer falava, falava muito pouco. Me expressava muito pouco, porque tudo poderia ser um alvo pra chacota, então o mínimo que eu pudesse fazer era o melhor.

Além das diversas consequências possíveis, decorrentes da extrema dificuldade de expressar-se, surgem desse fato as condições de isolamento fundadas no não compartilhamento, em que Beatriz somente encontrou alguma forma de se relacionar, *i. e.*, expressar-se, ao tomar conhecimento da existência de uma organização LGBT, a qual passaria a frequentar desde então.

Como no relato de Cesar, Beatriz expõe em seguida que procurava esconder de seus pais os problemas que tinha na escola, não somente para a manutenção do sigilo sobre a sua sexualidade, mas também pelo tipo de sanção violenta que receberia por se envolver em algum problema no ambiente escolar, pouco importando se era de fato instigador ou vítima de tais situações. Na resposta 76 da pergunta OS as condições de violência entre família e escola se intercalam “Minha mãe e meus irmãos não falavam

nada sobre a forma como eu me comportava ou como eu era na infância. Eu fiz análise com psicóloga dos meus 6 aos 16 anos, pois segundo minha mãe "... a psicologia saberia me orientar". Meu pai, na época, sempre brigava, quando identificava (em locais públicos) um ou mais comportamentos tidos como afeminado, como por exemplo; i) "andar nas pontas do pé", ii) andar rebolando ou "andar solto demais", e iii) quando eu falava, com voz afeminada. Meu pai ficava bravo, ele nunca me bateu mas ficava bravo e brigava comigo. Eu tinha que ficar quieto, "andar mais duro" e, ao andar, pisar com o calcanhar primeiro. Na escola, eu sofri 'bullying' em todos os anos (na pré-escola, e nos 1º, 2º e 3º graus). Sofri violência, psicológica, verbal e física, de colegas, professores e funcionários. No dia em que tentei me matar pela 1ª vez, minha professora pediu que eu falasse com "voz de homem" pois era início de semestre e estavam para chegar alunos novos, assim segundo ela, eu não seria 'zoadado' e chamado de 'viado'."

1. Antônio

A tentativa de suicídio de Antônio ocorreu quando ele tinha 15 anos de idade, por volta do ano de 2003. Em seu relato, uma categoria de gênero volta novamente a instituir linhas demarcatórias entre o que se pode ou não fazer. Sexualidade nunca foi um tema abordado em sua casa. Sua história é marcada pelo sofrimento, a partir do sigilo absoluto e de constantes brigas familiares, sendo destacado como diferente pela sua suposta inclinação ao 'feminino':

[...] quando eu me vi diferente. Foi logo nos anos iniciais, eu tinha sete anos, quando minha mãe queria me colocar no karatê, e eu morava em uma cidade pequena, em que eu me interessei mais pelo balé. Eu tenho um irmão mais velho, cinco anos mais velho, e ele fazia karatê. Só que eu acabei me interessando mais pelo balé. No caso, a mãe não quis, nem o pai quis que eu fizesse balé, aí me colocaram no jazz, pra fazer. Alguma coisa de dança menos, menos feminino, no caso. Mas até então, ali eu comecei a reparar que eu era diferente dos outros gurus, né. Mas em termos de sexualidade, eu acredito que tenha sido na parte da adolescência, com acesso a vídeos pornográficos, aquela coisa, em que eu me interessava muito mais em ver a figura masculina do que a feminina. Então eu comecei a reparar assim que eu era diferente, fora que, como na infância, essa lembrança de que eu era bastante afeminado, coisas que eu desconstruí quando eu fiquei mais velho, perguntando para minha família se de fato eu era realmente afeminado, sendo que eles diziam que não, eu só era mais alegre, eu gostava de dançar, então isso ia mais pro lado feminino, assim. O meu conceito de que eu era muito feminino, no colégio mesmo já me falavam, ah, ele é gay, e eu não entendia isso, o que ele é gay, eu era diferente, apenas.

No seu caso, a taxação de sua identidade sexual feita por colegas de escola cumpriu papel importante na ocorrência de sua tentativa de suicídio, não porque baseada nas constantes gozações que sofreu, já que pouco tempo depois se mudou dessa para uma nova cidade, mas na retração de sua identidade e desejos nessa outra realidade, agora circunscritos ao âmbito individual, com o intuito de evitar o que lhe havia ocorrido em sua escola anterior. A mudança para uma cidade nova veio acompanhada de uma nova postura para com seus colegas de escola:

Daí com 10 anos eu mudei pra [cidade nova]. Minha mãe foi transferida, e a gente acabou se mudando, pra uma cidade maior. Daí nessa outra realidade, eu estava na sexta série. Eu entrei bem diferente de como eu era em [cidade velha]. Eu era totalmente taxado de viado e tudo mais, e daí quando eu vi uma oportunidade de mudar minha característica como pessoa, eu acabei ficando mais reservado. Lá em [cidade velha] eu era bem aplicado nos estudos, eu gostava de estudar. Era CDF e tudo mais. E daí quando eu cheguei em [cidade nova] eu acabei sentando mais no fundo, ficando mais quieto, ouvindo mais, não dançando mais [risos], que era o que eu gostava, e aí eu acabei ficando mais reservado em termos da sexualidade. [...] eu não gostava de ser taxado de gay, eu não gostava disso. Quer dizer, de sentir isso, na verdade, eu era taxado de ser gay por ser mais feminino, estar mais próximo das gurias, do que de fato eu sentir alguma coisa por homens, eu não gostava dessa característica assim.

É interessante notar que o papel da escola sobre nosso fenômeno de interesse enquanto instituição reprodutora de culturas heteronormativas ficaria relativamente obscuro, se nos ativéssemos a uma análise circunscrita no tempo, baseada na sincronicidade entre as supostas ‘causas’ (p. ex., *bullying*) e seus ‘efeitos’ (tentativa de suicídio). Avaliar a evolução no tempo de processos identitários de nossos sujeitos de pesquisa nos permite pontuar como essas mesmas ‘causas’ são difusas e dispersas ao longo de uma história em que nosso objeto de interesse (o suicídio) se liga a eventos longínquos, ocorridos anos antes desse fenômeno. No caso de Antônio, experiências passadas continuaram a pautar sua relação no ambiente escolar, mesmo quando elas não se encontravam mais em sua nova realidade.

Desse período em diante, Antônio passou a criar uma imagem desvalorizada de sua identidade sexual, ao mesmo tempo que passou a enxergar-se como homem gay:

Foi de fato aí, no ensino fundamental, no ensino médio. Foi aí que eu me apaixonava por uma guria, assim, mas eu não sentia tesão nenhum. Então eu começava a compartilhar mais com meus amigos, na sétima, oitava série, que começavam os primeiros beijos, as primeiras festas, e tudo mais, então sempre me perguntavam se eu era gay daí eu já comecei a negar, não, eu não sou gay, eu não sou gay, eu não sou gay. E eu era apaixonado por uma guria e assim, eu conversava com esse meu amigo, de que ele era apaixonado por uma outra

guria e eu era apaixonado por essa guria. Então eu me via tentando fazer parte da sociedade como um todo, tentando ser hétero. [...] mas foi mais nesse contexto que, eu sabia que eu gostava de homens, mas eu odiava gostar de homens, eu odiava demais. E daí era aquela coisa que eu tinha pra mim de que eu nunca ia me assumir, porque eu não gostava, eu não gostava de sentir o que eu sentia, e daí toda vez que, por exemplo, naquele momento, da descoberta da masturbação, aquela coisa, era aquele momento que eu tinha no meu quarto, mas logo que acabava eu me sentia culpado, eu me sentia com nojo, sabe? Eu me sentia impuro, eu odiava a sensação que era sentir atração por outro cara. E assim que eu saía do quarto eu era outra pessoa. Eu negava totalmente isso. Não, não, isso é uma patologia, sabe? Sei lá.

Ao contrário dos casos relatados até aqui, Antônio mantinha relações de amizade relativamente estreitas com colegas de escola e eles faziam parte efetiva de sua vida, como a participação em festas que ele próprio organizava. A compartimentação da vida, especialmente, de seu desejo e identidade sexual eram restritas ao espaço privado do quarto em que se permitia ser quem de fato era, e, ao mesmo tempo, desenvolveu o que a literatura discutida tem chamado de homofobia internalizada, pela expressão escondida de sua identidade, mobilizando categorias científicas de doença para explicar sua sexualidade, como algo fora do normal:

[...] assim que eu saía do quarto eu era o Antônio querendo ser hétero. Sempre tentando ser hétero. Em relação a problema com peso, mas daí, teve oportunidades com as gurias que eu não consegui, não fiquei com tesão nenhum, não deu certo, e daí a igreja foi esse período que eu consegui ser social sem questionar a sexualidade, sabe? É um problema que um dia Deus vai resolver, e tudo bem, entendeu?

No trecho acima avançamos no tempo, na época em que estava na faculdade, já que, após sua tentativa de suicídio, Antônio passou a frequentar a igreja⁷⁵ de seu irmão, o que fornece outro quadro de interpretação e ‘solução’ da sua sexualidade.

Voltando ao contexto em que ocorreu sua tentativa de suicídio durante o ensino médio, seu contato breve com outros LGBTs ajudou a cimentar as noções de desvalorização de sexualidades dissidentes:

Não sei, eu acho que. Eu acho que o contato com a população LGBT, na esquina de casa, lá de [cidade nova], tinha travestis trabalhando na rua assim. E eu sentia um amor muito grande por eles. Teve uma vez que estava muito frio, principalmente depois que eu fui pra igreja, a minha mãe evangelizava eles sempre, mas eu vi muito mais, eu não sentia nojo ou revolta, dava vontade de cuidar, sabe? Porque eles viviam em condições bem ruins, assim. [...] Um apego que eu achava, que eu ia mais pro lado do que nojo, desses travestis. Do que de fato um amor por eles, assim. Da condição do trabalho. Tanto que até poderia ser [...] o que que é ser gay né, talvez, talvez o fim de ser gay é viver

⁷⁵ Como destacaremos mais à frente no capítulo ‘Religião’, ele frequentava uma igreja batista.

nessas condições, daí obviamente eu nunca conversei com nenhuma, eles estão ali porque eles gostam de homem, esses são os meus semelhantes assim. Isso que eu senti assim. Tanto que quando a gente fazia festa lá em casa, oitava, primeiro ano, os meus amigos eles iam lá mexer com travestis, mas eram tipo crianças, e aí a gente sempre falava, cara, não vão lá. Não vão, não vão. Daí os travestis corriam atrás dos meus amigos, que vinham correndo e entravam no meu prédio, então isso era uma função. Eu acho que esse foi um dos primeiros contatos, que realmente era, eu tinha essa coisa, se eu começar a ter relações sexuais com um homem, esse é o meu destino, assim. Não o fato de me vestir de mulher e trabalhar na rua, mas a condição de pobreza, de estar na rua, de sofrimento, de abandono, eu tinha muito isso, assim. Essa certeza de que se eu me assumisse eu iria ser abandonado, e linchado, na rua.

Nesse sentido, identidades sexuais dissidentes como a de Antônio não se desenvolvem também pela ausência de modelos que pudessem seguir em virtude do lugar de marginalização dessas mesmas expressões identitárias, seja pela falta de exemplos culturais, como a presença de personagens LGBTs, seja por exemplos reais onde pouco se encontra sujeitos que levam uma vida não prejudicada por alguma forma de preconceito contra sua orientação sexual ou identidade de gênero; a inexistência de caminhos já traçados que serviriam de molde para sujeitos que ainda possuem conflitos e questões mal resolvidas sobre a sexualidade. Nesse universo simbólico difuso, porém univocamente opressor, a tentativa de suicídio de Antônio foi precipitada por brigas familiares constantes não relacionadas à sexualidade, somadas ao peso de carregar seu segredo e ódio sobre quem era:

Exato, foram, com 15 anos teve uma, na verdade, na oitava série, quando eu estava já em [cidade nova], eu tinha falado para alguns amigos que eu queria me matar. Só que eu percebi que esse pensamento do suicídio inicial, era mais uma tentativa de ajuda do que de fato eu cometer o ato. [...] E daí eu estava do segundo para o terceiro ano em que eu briguei muito com minha mãe em casa [...] eu não aguentava mais, viver preso naquilo, naquele sentimento assim. Por exemplo, eu sempre fui, a questão que estava sempre muito interligada com minha sexualidade, é em relação à minha obesidade, em que eu usava muito, eu gostava muito que as gurias não queriam me beijar, porque, ah, não, ele é gordo, do que descobrirem que eu fosse gay. Então a obesidade no ensino médio, ao mesmo tempo em que me destruiu, eu não tinha autoestima nenhuma, mas ao mesmo tempo me protegia de ser rejeitado por ser gay. Então era um misto, né. A impossibilidade de ser feliz sexualmente, a questão da obesidade, e que eu não via alternativa pra vida a não ser morrer mesmo. [...]

A manipulação da autoimagem por meio de outro estigma, neste caso a obesidade, serviu como tática para o encobrimento de sua identidade sexual, potencialmente descoberta em relações íntimas⁷⁶. De sua relação familiar conflituosa, embora não por

⁷⁶ Essa preocupação é compartilhada por Igor quando acompanhava sua irmã em festas empregando estratégia de acobertamento, no mínimo, danosa à sua saúde, “[...] porque eu já era mais alto, a minha irmã

motivos explícitos ou diretos referentes à sua sexualidade, o referido peso de carregar o segredo e a degradação de sua própria autoimagem levam Antônio à completa desvalorização de sua vida:

Não, não, nenhuma. Eu acho que essas brigas eram porque eu não tinha a atenção que eu queria dela, mas ao mesmo tempo acredito muito que era totalmente pelo atrito de eu esconder quem eu era, também era tudo junto [...] Era mais um motivo, né. Era mais um problema que o Antônio estava causando. Eu sempre me senti muito culpado, todas as brigas que eu tinha em casa, era, eu estava errado. E o fato de eu ser gay era só mais um problema. Mais uma coisa que o Antônio é. De ruim e tal. Então mais um problema, era tipo a cereja do bolo. Nossa, e ainda é gay.

O isolamento social de sujeitos LGBTs geralmente vem acompanhado da ausência de pessoas assumidas e pertencentes a alguma das categorias sexuais ao seu redor, ao contrário de outras minorias sociais, como por exemplo, o caso de comunidades imigrantes ou étnicas. No entanto, mesmo quando se encontram pessoas que possam oferecer informações sobre o que significa possuir desejo ou identidade tomada como ‘desviante’, essa possibilidade não se concretiza, como Antônio rememora sobre seus tempos no colégio:

Não, não, todos os meus amigos eram todos héteros. Pra você ter noção eu tinha um colega gay, de quem eu não me aproximava, de quem eu não me aproximei. A minha amizade com gay surgiu depois no cursinho, quando eu já tava com 28 anos de idade. Foi a primeira vez que eu construí amizade com um gay. E antes disso não. Só tinha esse menino, na escola, e eu queria esconder de todo mundo que eu era.

Pergunta: Ele era aberto?

Resposta: Era, todo mundo sabia, e ele era também assumido, eu não convidava ele para as minhas festas, obviamente

Pergunta: E ele sofria bullying ou coisas do gênero?

Resposta: Não, não, o pessoal, a minha turma era bem legal assim, eu via ele muito mais como eu era em [cidade velha], sabe? O cara que fica próximo das gurias e as pessoas deixam ele em paz, e as amigas dele são com as gurias. Eu via muito, eu me via muito nele quando eu estava em [cidade velha]. Mesma sensação.

Pergunta: Por causa disso você acha que você não quis se aproximar dele?

tava com 18 anos e aí, pra eu sair pra cuidar da minha irmã, a minha mãe me mandava eu ir junto, então era normalmente em festas assim que rolava esse tipo de coisa. Você chegava lá, tinha muitos casais héteros ficando e tudo mais, e você sendo pressionado a estar com alguém, a ficar com alguém, então eu sempre bebia muito, ficava bem mal pra, tipo, não ter condições de ficar com alguém.”

Resposta: Totalmente, totalmente. [...] Ou precisar assumir, ou achar que ele fosse falar que eu era gay também. O ‘gaydar’ aquele [risos] que eu achei que eu tivesse.

O encontro de pessoas enquadradas em alguma categoria de minoria sexual é um evento ambíguo, já que, por um lado pode oferecer apoio particular por meio de experiências vividas similares, e ao mesmo tempo, servir como fonte de ameaça de ser descoberto, e sofrer as consequências desse evento, fato esse já observado na história de Igor; deixar de ter controle ‘total’, real ou imaginado, sobre sua imagem, sobre sua identidade pessoal, no sentido elaborado por Goffman. A informação está em outro lugar agora e pode se disseminar, voluntariamente ou não.

Além disso, lógicas de estigma se desenrolam no relato de Antônio pela noção de *contágio*, atingindo indivíduos pertencentes ou não à categoria social desvalorizada:

O uso repetido de termos (gay, viado, bicha) para referir-se a certo sujeito como diferente garante que esses sejam sinais visíveis. Esses sinais ficam presos a ele e servem como um lembrete repetido para os outros: cuidado, eles também podem se prender em você. Ódio e nojo, homofobia, bifobia e transfobia funcionam em parte por meio da noção de contágio. A associação entre o eu e o objeto da fronteira é necessariamente perigosa, pois os sinais são pegajosos, como vemos nos termos *fag-hag* e *nigger-lover*⁷⁷ (McDermott & Roen, 2016: 35, tradução e grifo nosso)⁷⁸.

Esse efeito de processos de estigma chamado ‘estigma de cortesia’ – *courtesy stigma* – pela literatura especializada leva-nos aos significados sociais que depreciam a diferença, por exemplo, pela natureza da associação entre sujeitos estigmatizados ou não, “Embora os próprios indivíduos não possuam a marca, eles vivem, trabalham ou têm um relacionamento social próximo com indivíduos ou grupos que a possuem. Por conta dessa proximidade social, eles também estão sujeitos à desvalorização por suspeita de ter desempenhado um papel na sua causa ou pela falta de capacidade em ajudar”⁷⁹ (Pescosolido & Martin, 2015: 94, tradução nossa). Entram em jogo aqui os tipos de

⁷⁷ Tais termos são designados a sujeitos que não são enquadrados nas categorias da diferença, mas mantêm relações sociais com pessoas que são assim categorizadas. No primeiro termo, a referência é feita a mulheres cis heterossexuais que se associam a homens cis homo ou bissexuais. Já o segundo termo se refere a pessoas brancas que interagem com pessoas negras.

⁷⁸ “the repeated use of terms (gay, faggot, queer) to refer to him as different ensures that these are sticky signs. These signs have become stuck to him and serve as a repeated reminder to others: beware, they may stick to you too. Hatred and disgust, homophobia, biphobia and transfobia work partly through the notion of contagion. Association between one-self and the border object is necessarily dangerous, as signs are sticky, as we see through terms like fag-hag and nigger-lover.”

⁷⁹ “Although individuals themselves do not have the mark, they live with, work with, or otherwise have a proximate social relationship with individuals or groups that do. Because of this social proximity, they too are subjected to devaluation through suspicion of having played a role in cause or the lack ability to help.”

relações sociais, e de especial interesse para nós, as relações familiares, destacadas como as que mais frequentemente sofrem esse tipo de estigma (Pescosolido & Martin, 2015: 94), e que são exemplificadas em nossa pesquisa pela *mancha* familiar ‘causada’ pelos filhos com sexualidades dissidentes e suas intrincadas relações parentais, envolvendo noções entrelaçadas de ‘educação’, ‘moralidade’ e ‘masculinidade’⁸⁰.

Alguns anos após sua tentativa, Plínio remonta um episódio de pessoas conhecidas LGBTs, exemplificando aqui como a operação do estigma de cortesia se desdobra em questões de isolamento social, próximas a nosso objeto de pesquisa:

Eu tinha. Eu tinha receio, cara, eu não queria ficar muito identificado, com eles na cidade, eu achava que isso ia me isolar ainda mais, eu queria participar do habitual da cidade. Não de coisas específicas, ou ghettos, ou nem né, cidade que nem, certamente tinha essas pessoas. Eu lembro de ter pessoas mais velhas assumidas na cidade. De um colunista social da cidade, que era totalmente gay, assumido. E a minha família, era uma família da sociedade, então eu encontrei ele algumas vezes, e eu tinha certeza que ele sabia que eu era gay. Todo mundo sabia na verdade, mas eu não conseguia me aproximar, sabe? Eu não queria que me vissem, que me vissem tomando um café com ele, numa tarde, na minha cidade assim. Também são pessoas que com certeza passaram bons bocados, a serem aceitas, né. Muitas vezes buscam profissões que facilitam isso, né. Podiam querer ser outras coisas, mas facilita ser aceito numa sociedade você ser colunista social, enfim. Coisa que nem existe mais, que era uma coisa, isso é década de 80. Então tinham essas pessoas. Na escola tinham muito poucas, muito poucas. [...] E aí teve suicídio de um menino gay na escola. Foi na época de escola, e a gente era meio colega. Praticamente da mesma idade. E a gente morava no mesmo bairro, bem próximo. Umás três quadras. E eu nunca fui amigo desse menino. Nem ele de mim nem eu dele. Eu não sei o que que ele passava, possivelmente horrores também. [...] Na época que esse menino se suicidou isso não saía da minha cabeça. Ele se matou porque ele era gay, e até hoje eu penso, puxa vida, eu nunca nem conversei com aquele menino. Podíamos ter unido forças, né, mas eu não tinha condições naquela época. Eu não tinha, eu não tinha. Eu imaginava que eu ia apanhar de todo mundo, entendeu? Já tinha violência, chega, assim. Pra cima de mim, eu não aguentava mais.

O medo de ser identificado com alguém pertencente a certa categoria sexual desvalorizada impede Plínio de se aproximar de conhecidos assim identificados, como seu colega de escola. Ao mesmo tempo, esse processo de associação de estigmas atua sobre ele próprio, seja por outros sujeitos LGBTs que buscavam ajuda ou mesmo outras pessoas heterossexuais que tivessem a intenção de interagir com Plínio, por motivos relacionados à sua sexualidade ou não, todos condicionados sob as regras da

⁸⁰ Argumento que pode ser estendido também ao estudo de Abrutyn & Mueller (2016) sobre o caso de suicídios da comunidade norte-americana Poplar Grove, direcionadas para outros ‘valores’ e ‘fracassos’ sociais específicos, como o sucesso escolar. Da mesma maneira, Goffman explica o conceito ‘estigma de cortesia’ pelo exemplo de uma menina de 12 anos de idade que não consegue participar de atividades sociais com colegas pela ‘má reputação’ que elas receberiam já que seu pai tinha sido preso, embora ele já houvesse cumprido sua pena e deixado o sistema carcerário (1963: 30).

contaminação social de identidades espoliadas. Mesmo que haja a vontade de criar relações sociais, mesmo que se encontrem sujeitos que buscam o contato com outros indivíduos estigmatizados, o isolamento social de indivíduos LGBT pode ocorrer tanto por aqueles que mantêm opinião negativa sobre pessoas estigmatizadas (em nossa pesquisa, por meio da homofobia), ou por pessoas que não as possuem, mas observam as consequências dessas possíveis relações.

Esse fato é evidenciado em sua história quando ele continua seu relato, detalhando o complicado processo de busca de ajuda sigilosa, e concomitantemente ambígua, já que o segredo do ato também guarda potencial ameaça:

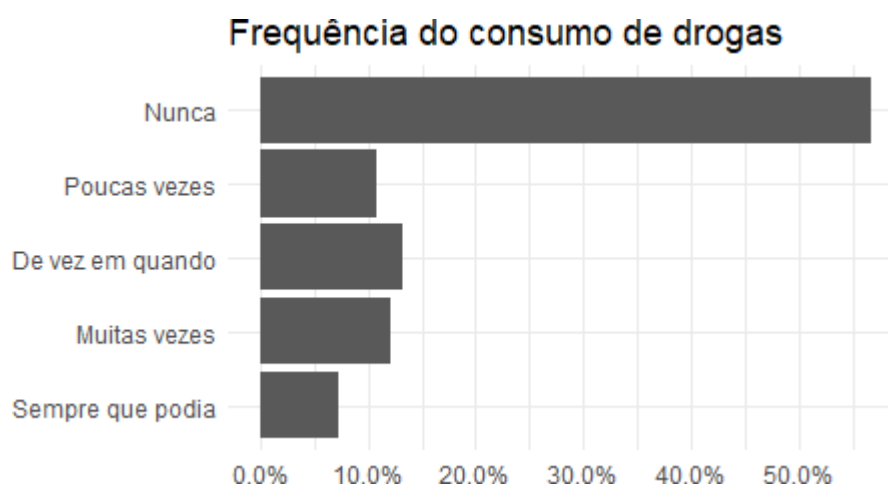
[...] Era muito difícil, nessa idade, naquela época, naquela cidade, pessoas se assumirem como hoje, assim, sabe? Não digo, tranquilidade seria uma palavra, mas como um, ser o que são, enfim, eu acho incrível. Mas era muito difícil, não tinha, eu não lembro de nenhum caso, de alguém chegar e dizer, olha, contar pra família, comentar, ou para os amigos, que era gay, não lembro. Não lembro. Eu sei as pessoas que eram gays. Uma vez eu recebi uma carta em casa. Uma carta anônima. Que dizia, olha, a gente acha que você é gay, na verdade, era alguém se propondo a me ajudar. E eu queimei aquela carta, eu fiquei apavorado. Porque era uma carta anônima, e na carta, é isso que na verdade me assustou, porque ao mesmo tempo que dizia, olha a gente sabe que talvez você seja gay, tem um número de telefone pra você ligar, telefone fixo, obviamente, na época. Porque tem essa, essa, essa, tinha uma lista de pessoas que diziam que eram gays na cidade. De meninos, heteronormativos assim, alguns, não porque esse já ficou com outro. E aquilo que me apavorou, se não tivesse isso, talvez, eu não sei se eu teria me arriscado. A ligar. Porque, vai saber o que que era. Vai que é algo pior ainda. Do que eu já estava passando. Mas eu lembro do perfume que tinha nessa carta, até hoje. Ela tinha um perfume, pingaram até um perfume na carta, assim, ela tinha um cheiro próprio. E eu lia, batida na máquina de escrever, eu lia, e relia aqueles nomes. Meu Deus, eu imaginava o meu nome nas cartas para os outros. E aquilo me assustava porque eu vivia num estado de violência, né. Não tinha como.

Anos mais tarde, o anonimato passou a ser parte integral das possibilidades de Plínio se relacionar com outras pessoas LGBTs, ao mudar para a capital do seu estado de origem, durante o período em que cursava graduação em instituição de ensino superior.

Capítulo 5: Cuidados em saúde mental

Como já destacado anteriormente, sobre as relações entre patologias de ordem mental e a orientação sexual/identidade de gênero não heteronormativas desde os anos 1960, análises de estudos que avaliam a saúde mental de populações pertencentes a alguma minoria sexual têm indicado a prevalência de taxas elevadas para transtornos mentais, como depressão e ansiedade, bem como de abuso de substâncias químicas (King *et al.*, 2008; Plöderl & Tremblay, 2015).

Como destacado na literatura sobre suicídio, o uso de drogas tem sido por vezes associado à ocorrência do suicídio e, em nossa pesquisa, os níveis de consumo de drogas lícitas ou ilícitas⁸¹ durante a época das tentativas de nossos participantes apresentam quadro relativamente similar:



As taxas de consumos mais elevadas “Sempre que podia” (7,14%) e “Muitas vezes” (10,7%) quando somadas atingem cerca de 18% dos participantes do survey. Quanto a transtornos mentais, a existência de algum tipo de problema de saúde mental durante a mesma época foi declarada por cerca de metade (52%) dos participantes do survey, aproximando-se de taxas encontradas em outros estudos (Ream, 2019) .

Quando populações LGBTs buscam serviços de saúde para tratar problemas gerais ou específicos a cada grupo, é frequente o encontro de obstáculos no fornecimento integral da ajuda procurada, como atestam revisões recentes da literatura (Alencar Albuquerque *et al.*, 2016; Rees *et al.*, 2020). Dentre alguns dos problemas elencados

⁸¹ Não pedimos aos participantes para indicarem quais tipos de drogas consumiam, apenas fornecemos exemplos do que consideramos como ‘drogas lícitas’, o álcool, e ‘drogas ilícitas’, cocaína, *crack*, etc.

podemos resumir: sentimentos de ser tomado como diferente por equipes de serviços de saúde mental em razão de episódios de homofobia, bifobia e transfobia; sentimentos de terem sido ignorados, levando-os ao silêncio no relativo às suas preocupações de saúde; falta de conhecimento das equipes médicas sobre problemas específicos que afligem essas populações; experiências de patologização de sua sexualidade ou identidade de gênero, e em seguida, o não tratamento dos problemas de saúde mental por esse motivo; profissionais de saúde mental intrusivos demais sobre questões não relacionadas aos seus problemas de saúde de ordem mental (Rees *et al.*, 2020). Além dessas questões encontradas temos a quebra indevida de confidencialidade entre médico e paciente sobre a orientação sexual do último (Alencar Albuquerque *et al.*, 2016), cabendo ressaltá-la porque toca de maneira mais incisiva em um dos pontos da busca de cuidados médicos relacionada à nossa pesquisa: em meio ao estado de vigia constante, as possibilidades de buscar ajuda psicológica e de efetivamente usufruir do que ela pode oferecer se restringem em razão do segredo que pode ser revelado.

Dentro do grupo de respondentes que afirmaram sofrer algum problema de saúde de ordem psíquica, 55% não buscaram ajuda de algum serviço de saúde mental, 27% declararam ter buscado serviços particulares e 18% foram atrás de serviços públicos. Depois da tentativa publicizada de Plínio, sua mãe o levou a um psicólogo. Ao mesmo tempo, a possibilidade da revelação voltou a ser condicionada sob a noção da ‘cidade pequena’:

[...] aí minha mãe me botou num psicólogo, e eu não conseguia me assumir para o psicólogo. Ele tentava, na conversa que eu me abrisse

Pergunta: Da mesma cidade?

Resposta: Da minha cidade, um psicólogo. E aquilo né, na cidade, todo mundo se conhecia, eu não conseguia, eu não conseguia. E ele, eu lembro de perguntas que ele me fazia, tipo, se eu ficava com meninas, eu mentia, eu dizia que ficava, não era verdade, sabe? Se eu sentia vontade de tirar a camisa na frente dos meninos, eu não sentia, e eu dizia que sim, mas enfim, era o meu processo, né.

Ainda sobre o ponto da busca de ajuda, ao retomarmos a questão da identidade sexual supostamente linear e desenvolvida em estágios, discutida no início deste texto, acoplada a essa noção, seja ela oriunda de campos do conhecimento científico ou noções populares que invocam espécie de caminho para a ‘vida adulta’, McDermott & Roen (2016) destacam como a adolescência se torna outro dispositivo conjugado ao mesmo tempo ao da sexualidade. O termo teria sido criado entre o período do fim do século XIX

e começo do século XX, carregando preocupações próximas às já discutidas sobre a origem da sexualidade como tecnologia social, dentre elas, “[...] preocupações com crianças, o futuro do Estado e conceitos de raça”⁸² (McDermott & Roen, 2016: 26, tradução nossa), fomentando a criação de agências governamentais e poderes legais para atender questões em torno de ‘crianças problemáticas’ e da ‘delinquência juvenil’, intuindo a formação de futuros cidadãos. O papel central da psicologia desenvolvimentista na criação do termo funda a base biológica no discurso sobre a adolescência, no qual, hoje, a última é enxergada em oposição à vida adulta, “Adolescência é tudo o que adultos não são: incivilizados, demasiadamente emotivos, imaturos, interessados somente em seus colegas e irracionais”⁸³ (McDermott & Roen, 2016: 27, tradução nossa).

Embora as autoras não neguem as mudanças biológicas que ocorrem durante os anos que compõem o período, a crítica sobre uso de noções sobre a adolescência remete à natureza biológica e redutora do discurso quanto a comportamentos de sujeitos por volta dessa idade, tornando-se mais relevantes para nosso objeto de estudo quando a referência a esse tipo de discurso perpassa a sexualidade, em que jovens estariam sob a influência ‘hormonal’, e, portanto, seus desejos e identidades sexuais são enquadrados como momento passageiro. Algumas das respostas qualitativas do *survey* fazem menção direta ao tema: “É só uma fase...” (Resposta 10, pergunta OS), “Achavam que era apenas uma fase e que passaria, afinal, não é normal” (Resposta 35, pergunta OS). A fase é um período a ser superado, na passagem à vida adulta, e tem como resultado a resposta ao problema da identificação sexual a necessidade da espera, em que o sofrimento atual irá deixar de existir pelo amadurecimento do corpo, já que o desejo revelado não se encaixa em padrões heterossexuais que sustentam a divisão entre normal e anormal, natural e inatural.

Nesse sentido ela pode contribuir para a não busca de ajuda, seja ela por acompanhamento psicológico direcionado ou pelo compartilhamento entre pares que possam expor suas experiências e dotar de sentido uma subjetividade em conflito com seu próprio corpo. Ainda tomando a resposta 35 como referência, o motivo que o respondente associa à sua tentativa de suicídio remete à percepção de sua sexualidade que mescla a expressão corporal a um estágio ‘anômalo’ “Sentimento de poder acabar com tudo. É bem complicado quando alguém cresce ouvindo que é errado, você tendo

⁸² “concerns regarding children, the future of the state and the concepts of race and nation”

⁸³ “Adolescence is everything adults are not: uncivilised, over-emotional, immature, peer-orientated and irrational.”

sentimentos que não compreende e não ter ninguém para compartilhar” (Resposta 35, pergunta MT).

Além disso, discursos científicos sobre a linearidade identitária, como o citado anteriormente, podem criar cenários problemáticos para o entendimento do próprio sujeito não heterossexual, por meio da ‘patologização’ daqueles que não seguem quaisquer que sejam os passos de desenvolvimento de identidade sexual minoritária de forma direta e sequenciada, tendo como consequência situações sociais de difícil contorno, como por exemplo, a obrigatoriedade de assumir sua identidade sexual para familiares, amigos etc., baseada nos ganhos psicológicos da autoafirmação, sendo que tal identidade não é necessariamente clara e unívoca para o sujeito, e pode, ao mesmo tempo, criar ambiente decididamente mais hostil à sua existência, aprofundando crises que já ocorrem; as tensões em classificações identitárias fazem voltar à tona a complexa discussão da legitimação de identidades sexuais por meio de discursos biomédicos, como a *naturalização* de expressões sexuais buscada por pesquisas científicas debruçadas sobre suas origens, as quais têm afinidade teórica com a já discutida ideia da ‘pré-identidade’ desconhecida do sujeito em seus ‘anos de formação’ o qual virá, enfim, a descobri-la com o tempo.

Mesmo deixando de lado o debate classificatório de origem da sexualidade, ainda que o passo de desenvolvimento de assumir sua identidade tenha valor inegável, uma miríade de questões circunda esse processo individual e social, como a experiência relatada por pessoas pertencentes a minorias sexuais torna óbvio, pela adequação de suas condutas em razão de preceitos – e suas repressões – contrários à forma como se entendem enquanto sujeitos.

1. Edson

Edson tentou contra a própria vida quando tinha 17 anos, por volta do ano de 2004. Novamente a ‘cidade pequena’ reaparece, e Edson sempre ansiou por uma vida fora dela, inviabilizada pela condição financeira deteriorada de sua família. Sua vida em cidade de menor porte teve papel decisivo na compreensão de sua orientação sexual:

Fui criado no meio rural até os 6 anos de idade sem outro contato com meninos. Brinquei com coisas de meninas e nem me dava bola que isso era um problema.

Na escola caçoavam muito de mim. Final dos anos 90 e início dos 2000 foram barra. Eu entendia que era diferente, que gostava de meninos e não de meninas, e como não tinha convivência social com outros caras da minha idade, sempre andava com as *'girls'*. Eu tentava negar minha identidade sexual a todo custo, dizendo que não, que era uma fase e que, bem, algo aconteceria. Pedia, como muitos outros gays cis, que Deus me transformasse em hétero, que eu tivesse uma vida normal como a dos outros, que pudesse sair de casa, me divertir, me relacionar e tal. Sempre vivi em cidade pequena. Mas pequena mesmo. Pra vocês aí de São Paulo, não sei o que significa cidade pequena, mas habitei lugares de 10 mil habitantes, 15 mil habitantes, até morar numa cidade de 80 mil habitantes, que já achei cidade grande. Em tempos de escola, era tudo muito bagunçado pra mim. Questão sexual então, nem se fala, eu era muito retraído emocionalmente, atrasado na verdade. Já tinha sinais de depressão e transtornos afetivos, me tratava com psicólogos e vida que segue. Mas jamais consegui me enturmar como os outros.

Aqui a normalidade é igualada diretamente ao encaixe com ordens heterossexuais; fazer parte da sociedade, relacionar-se, ter uma *'vida normal'*, é fato condicionado à adequação de normas sexuais. Conhecer todos à sua volta foi fator que pesaria para Edson, ao inviabilizar a possibilidade de revelar sua identidade sexual, mesmo em cenário de serviços de saúde mental. Sobre a percepção da diferença, ele continua:

Olha, infância e escola é complicado pra qualquer pessoa "diferente". Ainda mais, acho, em escola pública. Me via como diferente por ter atração sexual por meninos, e não aceitava isso de qualquer forma. Queria por que queria ser diferente, porém lá no fundo desejava ser apenas feliz da forma que eu era, ter relacionamentos sinceros, abertos, com todos. Entretanto vivia numa época e sociedade ainda conservadora, ainda mais aqui no [estado de origem] e em cidade pequena, onde todos se conhecem. Até o final do Ensino Fundamental foi fogo, muita perseguição na escola, bullying, e por aí vai. Quando entrei no Ensino Médio e mudei de escola, como água para vinho, a situação mudou. Ninguém me importunava.

Novamente a ideia de *'normalidade'*, e como a *'diferença'* reforça a noção de marginalização pela não participação da *'vida normal'*, ao ponto de levar certos sujeitos LGBTs a um estado extremo de não aceitação. Continuando, ele menciona que transtornos mentais o acompanhavam há algum tempo, desde o período escolar:

Mas eu já apresentava comportamento bipolar. E isso influenciava muito na minha vida. Comecei a ler sobre o assunto, o acesso à internet na escola começou a ser liberado via satélite, primórdios da banda larga, e fui lendo sobre isso e nas matérias da Veja. Me vendo como bipolar e com quadros de depressão, sabia que precisava de tratamento. Se naquela época eu tivesse acesso ao que temos hoje no SUS disso, nossa, minha vida seria bem diferente.

A ausência de espaços de socialização LGBT é apontada no ambiente em que convivia então, entrelaçada à sua situação de classe, que impossibilitava possível

mudança para cidades vizinhas, ao mesmo tempo em que buscava formação em instituições de ensino superior:

Naquela época, início dos anos 2000, não tinha isso. Não existia. Nem CAPS⁸⁴ tinha, e o tratamento psiquiátrico ainda era visto como algo aterrador, em que a pessoa tinha que ser isolada por ser louca. Era época dos hospitais psiquiátricos e a fama deles não era muito boa. Espaço pra LGBTs aqui no [estado de origem] não tinha. Mesmo na [capital do estado]. A cidade próxima que era referência em termos de saúde e educação era e ainda é [mais aberta numa cidade] com 280 mil habitantes, e com certeza o cenário gay era mais, digamos, aberto, por ser mais populosa, ter faculdade e gente jovem que ia morar lá, trabalhar, estudar, ganhar a vida. Mas era para poucos. Os que tinham condições iam pra [cidade Y], no centro do Estado, que tem até hoje uma respeitada universidade federal. Colegas meus de escola debandaram pra lá pra estudar. Eu não fui pois nem tinha como me manter. Entramos em um período financeiro muito complicado. Perdemos o pouco que tínhamos e logo depois o que não tínhamos. Então esse convívio, espaço de acolhimento a LGBTs não tinha sido criado.

O estigma em torno de indivíduos enfrentando transtornos mentais impediu Edson de buscar ajuda psicológica em virtude desses mesmos problemas que o acometiam, indo mais tarde visitar profissional de saúde mental sob outros pretextos. Em pesquisa comparativa entre 16 países, também incluído o Brasil, Pescosolido & Martin (2015) apontam algumas associações estereotípicas negativas mais frequentes ligadas à depressão e à esquizofrenia, e que perpassam todas as amostras nacionais coletadas. De cada uma de 27 associações, indagadas aos participantes se concordavam com elas ou não, são calculadas a média de sua prevalência no grupo de países. Dentre elas as três mais frequentes foram: pessoas sofrendo dessas condições seriam “incapazes de cuidar de crianças” (85%), “propensas a serem violentas contra si próprias” (76%) e “imprevisíveis” (70%) (Pescosolido & Martin, 2015: 99-100). Os efeitos sociais mais notáveis de processos de estigmatização de transtornos mentais, como o distanciamento social, ganham aqui bases simbólicas claras, para quem sofre e para quem produz essas opiniões, como Edson já havia destacado em seu desejo de viver a ‘vida normal’, e como ser marcado como ‘louco’ afetaria a concretização de sua vontade⁸⁵.

Ainda no mesmo relato de Edson, ressurgem questões em torno da categoria ‘classe’. Esse conceito possui uma longa história, marcada por diferentes estratégias

⁸⁴ Centro de Atenção Psicossocial oferecido pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

⁸⁵ O Brasil aparece como um dos países que apresentam as taxas mais elevadas em comparação a outras nações quando a opinião sobre sujeitos que sofrem dos transtornos estudados ganha conteúdo explicitamente social, p. ex., nas perguntas se eles deveriam ter “medo de dizer a outros sobre sua condição”, ter “pouca esperança em serem aceitos”, e se afetam aos entrevistados aos “deixarem nervosos” (Pescosolido & Martin, 2015: 100).

explicativas, consequências teóricas e metodológicas, e não menos importante, implicações práticas que vão além do debate científico, como a luta política, o que nos levaria a uma digressão quase infinita sobre seus significados atuais⁸⁶. Interessa-nos aqui discutir a ligação feita entre outro conceito próximo – embora não equivalente – ao de classe, a saber, a *posição socioeconômica*, com outros fenômenos de nosso interesse presentes na realidade brasileira.

A concepção e utilização da posição socioeconômica como fator explicativo em pesquisas de saúde também não se dá de maneira hegemônica e consensual, já que diferentes tipos de resultados de saúde podem ser associados a distintos aspectos socioeconômicos avaliados, como as relações entre estresse e certas ocupações profissionais ou a adoção de estilos de vida saudáveis e níveis de escolaridade mais elevados (Carvalhoes & Chor, 2016: 8-9). No caso do suicídio, Chandler (2019) destaca que estudos epidemiológicos realizados no Reino Unido sugerem a associação de taxas altas de suicídio entre grupos menos favorecidos economicamente e eventos como desemprego, insegurança empregatícia e de moradia, etc., e seus impactos sobre a saúde mental e abuso de substâncias químicas, restringindo interpretações sociológicas do suicídio baseadas em fatores socioeconômicos às pressões de ordem macroeconômica (2019: 36-7).

Como fenômeno mais amplo da população brasileira de forma geral, as dificuldades encontradas por Edson no acesso à universidade por causa de posição socioeconômica inferior são espelhadas em estudos que avaliaram o acesso desigual ao ensino universitário, em virtude de posições menos valorizadas de famílias no Brasil⁸⁷ (Carvalhoes & Ribeiro, 2019: 206). A sua ligação com o suicídio dá-se, em primeiro lugar, pelas possibilidades interdidas de sociabilidade, uma vez que acessar ambientes de menor regulação sexual se faz, também, pela capacidade financeira de os usufruir, voltando às questões de autonomia já discutidas em momentos anteriores⁸⁸.

⁸⁶ A história dessa noção se confunde em grande medida com o surgimento da sociologia, enquanto disciplina acadêmica, nas possíveis interpretações sobre o advento da modernidade e dos fenômenos que a constituiriam, durante o século XIX. Nesse sentido, a associação do conceito classe e as desigualdades sociais então observadas toma forma ao centralizar o debate científico sobre a relevância do primeiro na explicação das segundas. Para um panorama dos debates sociológicos contemporâneos em torno do conceito, ver Bertoncello (2009).

⁸⁷ Medidas por Ribeiro (2011) pelo *status* ocupacional de pai e mãe dos alunos e pela “riqueza” familiar, esta última condicionada por “[...] se os pais eram proprietários ou não dos seguintes itens: empresa ou negócio, alguma propriedade que alugavam, uma segunda casa (casa de veraneio ou campo), ações (aplicações financeiras), caderneta de poupança, conta em banco, e carro” (2011: 53)

⁸⁸ Vale ainda ressaltar como trajetórias educacionais pesam sobre as condições de autonomia financeira de qualquer indivíduo no Brasil, já que “[...] em 2010 uma pessoa com diploma universitário ganhava em

Acompanhando sujeitos expostos a ambientes próximos em seu conteúdo heteronormativo, McDermott & Roen (2016) destacam os diferentes impactos sobre trajetórias educacionais que as posições de classe⁸⁹ podem oferecer a diferentes indivíduos LGBTs localizados em pontos socioeconômicos mais ou menos vantajosos. Analisando o contexto de seus participantes de pesquisa no Reino Unido, estudantes de classe média possuíam expectativas sociais que indicavam a ida à universidade como passo *natural*, fornecendo a eles mecanismo para lidar com as normas sexuais impostas durante o ciclo básica educacional, esperando a concretização desse estágio escolar em que poderiam, enfim, ver-se menos vigiados, seja por familiares ou conhecidos (2016: 54), a possibilidade de um outro futuro.

Como apontam as autoras, “Esta foi uma tática que se baseou em recursos de classe média, como conhecimento educacional, boa escolaridade, expectativas baseadas na família e sentimentos de direito [*entitlement*] e confiança” (McDermott & Roen, 2016: 54), não sendo, portanto, distribuídas da mesma maneira na população geral. Nesse sentido, a experiência de estudantes de classes trabalhadoras – *working classes* – diverge em vários aspectos, como a impossibilidade de manter-se financeiramente em universidades localizadas fora de suas cidades natais, mas também pelas incertezas de mudança, sem alternativas claras para viver sua própria vida diferentemente de até então.

Aqui voltamos à questão da precarização da vida por meio da expulsão de casa em virtude da rejeição familiar, durante o período universitário, o que obriga um dos entrevistados a deixar para trás o ensino superior por falta de dinheiro⁹⁰, misturando-se aí a ideações suicida e ao abuso de substâncias químicas (McDermott & Roen, 2016: 56-7). As formas de lidar com essas situações – geralmente chamadas pela literatura de ‘*coping mechanisms*’ – de sujeitos em posições de classe menos favorecidas percorrem, além dos caminhos citados, o da auto-mutilação, em virtude da perda, ou mesmo da constante inexistência de locais que promovam relações sociais não pautadas pela regulação sexual.

média 60% a mais do que uma pessoa apenas com ensino médio completo” (Carvalhaes & Ribeiro, 2019: 195). Ademais, o próprio tipo de acesso ao ensino superior, configurado por cursos e instituições de maior prestígio no mercado de trabalho é distribuído de maneira desigual, em virtude da posição socioeconômica de origem dos estudantes (aqui medida pelo maior grau de escolaridade atingido pelos pais) (Carvalhaes & Ribeiro, 2019: 210-4). Mais à frente voltaremos a questões em torno da noção de classe e seus correlatos, discutindo seu valor material, mas também simbólico, em lugares que fomentam sociabilizações LGBTs.

⁸⁹ A “*middle class*”, oposta, em seguida, à “*working class*”. Essas categorias, no entanto, não carregam o mesmo sentido se traspostas a outras realidades, como por exemplo, à brasileira.

⁹⁰ Da mesma forma, os impactos em trajetórias escolares já discutidas por nós durante os ciclos básicos de educação têm impacto na possibilidade de acesso à universidade, p. ex., nas relações entre homofobia, *bullying* e desistência escolar, antes da realização completa dos estudos que oferecem a garantia legal do referido acesso, pelo diploma de conclusão de ensino médio.

Embora não tenham coletado sistematicamente dados populacionais que incluíssem a classe social dos participantes de suas pesquisas, as autoras delineiam o caso hipotético de Josie para ilustrar a complexa relação entre classe e suicídio:

Vamos dar um exemplo hipotético de uma jovem branca de 15 anos, Josie, que é atraída por meninos e meninas. Ela frequenta uma escola em que está 'indo mal', vive em uma área de alto desemprego com a mãe e os irmãos, o pai morreu há cinco anos, o dinheiro é escasso, a mãe trabalha em três empregos e Josie cuida dos irmãos mais novos. Algumas pessoas na escola descobriram que Josie tem uma namorada. Ela tornou-se uma figura ridicularizada e às vezes essa hostilidade se torna física. Josie não pode contar à mãe por não lhe querer acrescentar um fardo extra de preocupação. Sua melhor amiga, que sabia que era bissexual, saiu da área quando seu pai conseguiu um emprego em outro lugar. Josie sente medo, sozinha e angustiada. Ela começa a machucar-se e sente que a vida pode não valer a pena ser vivida⁹¹ (McDermott & Roen, 2016: 43, tradução nossa).

Essa história nos é importante por ter de fato acontecido com um de nossos entrevistados, já recontada por Júlio, filho de imigrantes, no início deste texto, embora a relação entre automutilação e classe não se dê de maneira direta como a exposta acima. Em seu caso, a pressão econômica exercida sobre seus pais o levou à mesma posição da personagem fictícia, como um dos elementos que interditavam a abertura de sua identidade sexual para seus pais.

Como vimos na história de Edson, além do estigma sobre sua sexualidade, somase o da saúde mental, sob a designação de pessoa 'louca', confinada a espaço recluso da vida social. Mesmo quando obteve atenção médica, seu receio o impedia de trabalhar ambas as questões:

Pergunta: Naquela época você chegou a ir a um psicólogo ou algum psiquiatra? Quantos anos você tinha nessa época?

Resposta: Eram anos 2001, então eu tinha 15 anos. A coisa explodiu de uma forma, creio que pelos hormônios no cérebro, que até pra certas disciplinas da escola eu não conseguia dar atenção devida e ia derrapando. Gostava de certos professores, mas da disciplina em si, meu amigo, não foi fácil. E isso era um quadro da bipolaridade. Fui sozinho buscar ajuda de psicólogos, mas não por esse quadro, não me sentia confortável em falar sobre isso ou sobre sexo com ninguém. 'My God' se alguém descobrisse. Do lado de casa, havia um centro

⁹¹ "Let us take a hypothetical example of a 15-year-old young white woman, Josie, who is attracted to boys and girls. She attends a school that is 'failing', she lives in an area of high unemployment with her mother and siblings, her father died five years ago, money is scarce, her mother works three jobs and Josie looks after her younger brothers. Some people at school have found out that Josie has a girlfriend. She has become a figure of ridicule and sometimes this hostility becomes physical. Josie cannot tell her mother because she does not want to add an extra burden of worry. Her best friend, who knew she was bisexual, moved out of the area when her father got a job elsewhere. Josie feels scared, alone and distressed. She begins to self-harm and feels life may not be worth living."

de saúde pública com terapia. Era a mesma psicóloga que me atendeu anos antes quando meus pais se divorciaram. Na época, eu dizia que não me dava bem com meu pai. E não deu muito assunto pra manga. Com 17 anos, apresentei um quadro de fobia social, não gostava de sair pra rua, de ver gente, ficava trancado em casa, tinha sono alterado, essas coisas. Fui indicado a um psiquiatra, na época não havia pelo SUS, pagamos e tal. A medicação indicada não deu efeito positivo. Fiquei uma semana e alguns dias com ela, depois larguei. Eu tinha mudanças bruscas de humor e me irritava facilmente. Não percebia isso e acabava ofendendo algumas pessoas ao meu redor. Jamais fui de pedir desculpas por isso. Até hoje não peço se estouro. Voltei com medicação lá com 19 anos, eu acho. Acompanhado com psicólogo e psiquiatra. E com 17 anos foi minha primeira tentativa e pensamento de suicídio por ser gay, acho, por não aceitar a realidade como ela era. Eu era muito revoltado, brabo. Não aparentava, mas por dentro era um tormento que só. Desejava que um milagre acontecesse, que tivesse muita grana pra poder sumir do mapa e nunca mais aparecer, que se abrisse uma realidade paralela onde eu pudesse viver minha sexualidade sem culpa.

Como no caso de Plínio, a estrutura da cidade pequena interferiu nas opções de alívio psicológico de Edson. A mesma característica discutida por nós a respeito da circulação de informações nas cidades de pequeno porte volta a atuar como obstáculo para o acesso de serviços de saúde pública. Nesse cenário de sigilo total, misturado à sua saúde mental debilitada, deu-se sua tentativa de suicídio:

Ninguém sabia, nem meus melhores amigos. Era um tabu falar sobre isso, na minha cabeça, claro. Conhecia um ou outro colega de escola que era gay pelos trejeitos, não havia como dizer que não. Mas pra mim, menino, era um pudor pensar em falar sobre isso com alguém. Até mesmo fatos da adolescência, como desejo sexual, mudança corporal, ter barba na cara era algo que pra mim era inaceitável. Como era bombardeado por filmes e séries americanas. Meu mundo perfeito era ali, o cinema sempre foi minha válvula de escape. Lembro que passava *'Smallville'* e *'Everwood'* no SBT. O típico adolescente ali retratado não tinha barba, era perfeito, corpo sarado, lindo, maravilhoso. E eu queria ser assim. Não tínhamos acesso a tv paga, era muito caro, e internet então, discada, um sonho. Não tínhamos dinheiro pra muita coisa. Foi uma fase financeira extremamente delicada pra nossa família. Tinha pavor de servir no Exército. Pensava que seria estuprado, humilhado, que minha orientação sexual fosse descoberta e fariam barbáries comigo. Desde pequeno tinha medo de desfiles militares e tal, não gostava nem de pensar que tinha que fazer o alistamento obrigatório. Enfim, não me sentia seguro comigo mesmo nem me aceitava como tal. Misturava bipolaridade com depressão, não aceitação da realidade e do corpo, do fato de ser gay e mistura tudo. Uma hora a bomba explode.

A regulação sexual é a questão central que contribui para a tentativa de suicídio de Edson. No entanto, como em outros casos presentes neste texto, outros fatores decisivos se entrelaçam a essa expectativa normativa de maneira fundamental, produzindo fardo mental demasiadamente grande para ser enfrentado sozinho, sem perspectivas claras de que esse cenário pudesse mudar. Voltando a Antônio, ele comenta

que, durante o período que antecedeu sua tentativa de suicídio, sua mãe o impediu de visitar psicólogos por motivos de ordem religiosa:

Pergunta: Nessa época você falou que estava sofrendo de problemas de saúde mental, você comentou que você tinha ido a nenhum tipo de serviço de saúde, pra tratar desses problemas?

Resposta: Isso. O problema de saúde mental, isso eu acredito que tenha sido minha mãe que, me barrou. Porque ela achava, pelo menos, que problema de saúde mental é falta de Deus, é falta de Jesus. Isso sim, ela foi muito categórica. Agora ela mudou bastante a ideia, tanto que eu faço terapia agora, eu faço tratamento. Eu precisei de tratamento psiquiátrico quando eu estava no cursinho, porque eu não conseguia dormir, por ansiedade em relação à [curso], e depois agora, no ano passado de [trabalho], que nossa foi muito, foi um ano bem, tipo, ruim psicologicamente, que daí eu procurei de novo tratamento.

Pergunta: Nessa época você queria, e ela disse não.

Resposta: Isso. Ah, vai pra igreja. Isso é falta de Deus. Tu precisa aceitar Jesus.

Por diversas formas os sujeitos de pesquisa tiveram interdidadas as possibilidades de receber tratamento psicológico ou psiquiátrico, pelas estruturas e/ou processos sociais que os cercavam. Em seguida, tomamos em pauta outro desses processos, possuidor de ramificações próprias, e destacado na fala acima de Antônio, a religião.

Capítulo 6: Religião

O tema religião aparece mais conectado às histórias de suicídio aqui relatadas quando os entrevistados vivenciaram criação próxima às atividades desse gênero, por tradição familiar ou pela escolha voluntária em participar da vida religiosa com que haviam entrado em contato. Tomando as respostas qualitativas preenchidas no *survey* que faziam algum tipo de menção a esse tema e suas instituições, 25 dos 84 participantes (cerca de 30%) relataram a presença dela, ligada à percepção de sua sexualidade ou às suas respectivas tentativas de suicídio, elemento esse que passa despercebido pelas pesquisas internacionais relativas ao tema do suicídio entre minorias sexuais.

Todos os casos retratados nesta seção dizem respeito ao segmento evangélico da parcela populacional filiada a alguma religião presente no Brasil⁹². Em virtude desse fato, é necessário fazer breve comentário sobre o cenário evangélico no Brasil, sem o intuito de pintar sua complexidade de maneira exaustiva, apenas suficientemente para o entendimento do universo simbólico dos eventos e práticas relevantes às histórias dos sujeitos de pesquisa as quais iremos delinear em seguida; não buscamos generalizar as relações entre religiões ditas evangélicas com a sexualidade, e, em especial, à homossexualidade humana, tarefa essa talvez impossível, vista a diversidade de crenças e doutrinas, mesmo dentro de uma mesma corrente evangélica.

Natividade & Oliveira (2009) destacam a pluralidade do universo evangélico e as divergências práticas entre diferentes denominações:

Convém destacar que o campo evangélico é constituído por distintas tendências em termos de doutrinas, cosmologias e rituais. Enquanto denominações *históricas* possuem cultos mais litúrgicos, centrados na leitura da Palavra; denominações *pentecostais* são mais fortemente marcadas pelo carisma, em cultos emocionais que evidenciam a crença nos dons do *Espírito Santo* e na influência do *demônio* na vida cotidiana. As ideias de “cura espiritual” e “libertação” assinalam a existência de performances rituais segundo as quais o diabo é derrotado pelo Poder de Deus, sendo a vida do crente um constante “ir e vir” de processos rituais de purificação e libertação (Mafra, 2002). A superação dos infortúnios ocorre por meio da conversão, pela busca da submissão a Deus e de santificação. (Natividade & Oliveira, 2009: 137, grifo dos autores)

⁹² No caso já relatado de Plínio, a religião católica aparece durante os anos 1980, misturada a ambiente conservador da ditadura militar, e sem demonstrar, a nosso ver, em seu relato, qualidades próprias e evidentes ao universo religioso que tenham afetado de maneira distintiva sua tentativa de suicídio, compondo um dos elementos do então ambiente ‘conservador’, descrito por Plínio.

Ambas as tradições são importantes para nós. No entanto, o referido desenvolvimento do segmento religioso evangélico conhecido como igrejas pentecostais e neopentecostais⁹³ mostra características mais frequentes às histórias aqui mencionadas. Além disso, essas duas últimas denominações são as mais relevantes em termos de números na seara evangélica brasileira⁹⁴.

É necessário ter em mente a heterogeneidade desses grupos e a impossibilidade de generalizar entre eles interpretações sobre seus mundos simbólicos, Mariano toma como ponto de partida de sua análise as denominações evangélicas mais populares, analisando o papel de suas igrejas e líderes bem reconhecidos⁹⁵. A partir desse fato, a ideia de ‘guerra espiritual’ entre Deus e o diabo torna-se fundamental na compreensão da cosmovisão oriunda do pentecostalismo e do neopentecostalismo, sendo hipertrofiada na segunda vertente:

[...] não está circunscrita apenas a Deus/anjos X diabo/demônios. Os seres humanos participam ativamente dessa guerra, mesmo que não tenham consciência disso. Mais que isso: é dever primordial do cristão engajar-se no combate às forças das trevas para realizar a obra divina e, desse modo, reverter as obras do mal, cujo principal objetivo consiste em desviar os homens do caminho estreito da salvação. Esse combate, portanto, constitui uma pré-condição para evangelizar indivíduos submetidos ao poder do diabo. Pois, sem a sua libertação dos demônios, torna-se impossível convertê-los de fato. Quanto a isso, cumpre observar que, dados os sinais típicos de possessão demoníaca apontados por Edir Macedo (2002: 64-0) – tais como nervosismo, dores de cabeça constantes, insônia, medo, desmaios ou ataques, desejo de suicídio, doenças cujas causas os médicos não descobrem, visões de vultos ou audição de vozes, vícios e depressão –, no limite, todos os seres humanos necessitam se submeter ao ritual de libertação para poder se juntar a Deus. (Mariano, 2003: 25-6)

Voltando ao nosso tema de pesquisa, o teor simbólico já mostra aqui sua relação, por exemplo, com o caso de Antônio, no fim da seção anterior, em virtude da possível demonização por parte de sua mãe – frequentadora da igreja pentecostal Assembleia de Deus – sobre sua saúde mental precária, no momento em que tentou contra a própria vida.

No caso de Marcos, ele oferece sua própria interpretação de como sua igreja neopentecostal interpretava a homossexualidade:

⁹³ Seguindo Mariano (2003: 21) não intuimos homogeneidade interna a ambos os grupos, sendo mais interessante para nós sua distinção com formas tradicionais de religiões evangélicas destacadas pelo autor e por Natividade & Oliveira (2009).

⁹⁴(44% dos evangélicos são ex-católicos. Em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2016/12/1845231-44-dos-evangelicos-sao-ex-catolicos.shtml>. Acesso em: 24/01/2022)

⁹⁵ Dentre eles, as igrejas Universal do Reino de Deus de Edir Macedo, e a Internacional da Graça de Deus de R.R. Soares (Mariano, 2003)

Então existe uma versão teológica né, de interpretação do cristianismo que é o ambiente que eu acabei criando simbolicamente as referências para interpretar isso, do demônio no seu corpo, que demoniza toda forma de expressão da sexualidade, seja hétero ou não. Mas no caso da homossexualidade essa demonização acaba usando recursos simbólicos racistas, recursos simbólicos de violência, de violação mesmo da condição de existir de outras culturas, que associam um comportamento com uma obsessão espiritual com alguns tipos de ‘testudo’ e ‘pomba gira’, por exemplo, para pegar um exemplo de racismo religioso, e essa demonização me afetou porque era a maneira como eu lidava [com a sexualidade]

A posse demoníaca é um dos recursos utilizados na estigmatização de sexualidades divergentes, inseridas na cosmovisão de guerra espiritual. Chama atenção aqui sua fala também pelo processo social de disputa com religiões afro-brasileiras, a qual tem extensa relação com igrejas evangélicas da referida vertente, como aponta Mariano:

Para derrotar satanás, antes é preciso identificá-lo. [...] Em sua sanha inquisitorial, Soares e Macedo investem pesadamente na demonização dos adversários religiosos. Para R. R. Soares, o candomblé “é uma das religiões mais diabólicas que a humanidade já conheceu” (Soares, 1984: 34). Na umbanda “os demônios são até adorados como deuses”, indigna-se (Ibid.: 70). [...] Como corolário dessa perspectiva segue a crença de que “os demônios se apossam das pessoas” justamente por participação direta ou indireta em centros espíritas, por hereditariedade, por meio de trabalhos ou despachos, por maldade, por envolvimento com praticantes do espiritismo, pela ingestão de comidas sacrificadas a ídolos (Macedo, 2002: 36-43). Baseado nessas crenças, o combate aos cultos afro-brasileiros, aos exus, guias, pretos-velhos, encostos e orixás tornou-se uma constante nos cultos das igrejas Universal do Reino de Deus e Internacional da Graça de Deus. (Mariano, 2003: 26-8)

A representação religiosa da homossexualidade, no caso de Marcos, sugere sua complexa relação com o meio social no qual se desenrola. Essa representação sobre a sexualidade tomada como ‘anormal’ se une a outros tipos de discursos, como apontam Natividade & Oliveira, por exemplo, em noções psicologizantes de eventos traumáticos familiares como causadores do ‘estado’ de homossexualidade do qual o sujeito buscaria se ‘libertar’, ou a emergência da ‘psicoteologia’ (2009: 129; 135), presente em algumas das falas de nossos entrevistados na figura da ‘psicóloga cristã’.

Dentre as respostas qualitativas deixadas no *survey* encontramos diversas das noções mencionadas acima. Na resposta 2 da pergunta OS “Achavam que ser gay era pecado e que os gays deveriam morrer” e, na resposta 3 da mesma pergunta, manifesta a necessidade do segredo: “não contei a ninguém ainda pois venho de uma família muito religiosa”, na resposta 14, noções seculares e não-seculares se misturam “Errado, pecado, precisava me tratar, tentar me relacionar afetivamente/sexualmente com mulheres, orar.”

e então na pergunta MT da mesma resposta “Me sentir anormal, fora do mundo, que não tinha jeito”. Ligando-se aos motivos dados pelos participantes às suas tentativas de suicídio, outras noções já abordadas, como a vergonha, mas também o pecado, na resposta 15 (pergunta MT) “Medo de não aceitação da minha família, vergonha da orientação, medo de cometer pecado”, ou na resposta 50 da pergunta OS “Abominação” e na pergunta MT, com a invocação da possessão demoníaca “Falta de aceitação em casa, constante demonização da minha condição sexual, o que resulta em inúmeros exorcismos pentecostais em mim”

Esses universos simbólicos e suas variadas noções serão mais uma vez abordadas a seguir, em que discutimos de maneira mais aprofundada seus significados, além de analisar os processos sociais em torno das comunidades religiosas de nossos entrevistados.

1. Cesar

A tentativa de Cesar ocorre quando ele tinha 17 anos de idade por volta do ano de 2011. Em sua história, diferentes noções religiosas sobre a sexualidade produzem impactos distintos na trajetória que ele percorreu. A entrada no ambiente religioso dá-se pela preocupação de seus pais sobre sua possível sexualidade ‘desviante’, em idade muito precoce, tendo ele descoberto essa situação tempos depois de ter tentado o suicídio, quando sua mãe já havia aceitado sua orientação sexual:

[...] na época, ela me confessou em uma das conversas que ela começou a ir para igreja porque eu era pequeno demais, e aí as pessoas ficavam falando né, e aí ela ficava com medo, e aí ela começou a ir para igreja, para ver se me curava. A primeira vez que houve essa conversa eu tinha um ano e um mês mais ou menos, e aí eu fui dar os primeiros passos, e aí ela ficou toda feliz e emocionada. Meu pai apelou, falou que eu era viado, falou olha o jeito que ele estava andando, que ela teria que me consertar e não sei o quê, e aí ela se desesperou e acabou indo para igreja né. Boa parte da minha infância e da adolescência indo para igreja, convivendo com todo mundo, passando por todo tipo de exorcismo que você possa imaginar, do mais pentecostal a cursos, a coisas mais passivo-agressivas, a orações, a conversas, a essas coisas [...]

A *performance* do corpo volta como sinal da transgressão normativa. A religião então é vista como possível caminho de salvação, de ‘conserto’, da então ‘potencial’ homossexualidade de Cesar, antecipando o difícil período que por fim culminaria em sua

tentativa de suicídio, Cesar relembra o peso de sua vida dupla em sua adolescência, entre ‘rua’ e ‘casa’:

eu não falava isso com absolutamente ninguém. Mesmo até a época que eu sai do armário para mim mesmo na adolescência, eu só tinha amiga mulher, único homossexual do colégio, eu tive um pequeno rolo com um menino da escola do lado, mas a gente não conversava sobre. Eu não tinha ideia de que tipo de vivências podiam ser trocadas naquela época, de que a gente podia passar por situações parecidas e tudo mais, então guardava tudo para mim. Eu acho que isso contribuiu bastante para eu chegar no ponto que eu cheguei, porque eu ficava, eu guardava muito as coisas sabe?

Essa divisão entre ser alguém fora da esfera familiar e outra pessoa dentro dela remete à prática que havia adotado em sua escola, tentando manter identidades distintas separadas entre os lugares em que as vivia. Uma das consequências dessa lógica de compartimentação da vida em esferas sociais diferentes foi a produção do isolamento social, entendido por nós especialmente no sentido do compartilhamento.

Como destacamos anteriormente, o período escolar durante a época de sua tentativa foi marcado pelo conflito inicial em estabelecer sua identidade sexual para colegas de escola por meio da violência. Sua religião se inseria nesse cenário:

E aí tinha uma regra aqui em casa, inclusive eu cresci muito preso, eu não podia sair para casa de ninguém que não fosse amigo da igreja, eu não podia sair para casa de amigos de escola, eu não podia assistir nenhum desenho, eu não podia ouvir uma música que não fosse cristã. E aí ela falava que a gente só podia fazer o que a gente quisesse com 18 anos. Na época eu trabalhava pela manhã, fazia cursinho à tarde, estudava à noite, fazia o último ano ensino médio.

Assim, as questões de isolamento social são amplificadas por processos sociais diversos que podem restringir o contato social, neste caso, preceitos religiosos. Novamente, o cunho doutrinário das restrições sociais aqui parece seguir a noção de guerra espiritual, acoplando-se a diversos fenômenos sociais e reforçando noções duais de cosmovisão entre a igreja e sua comunidade e o mundo de fora, como escreve Mariano:

Com efeito, não se está a exagerar a amplitude do poder demoníaco na visão dos líderes neopentecostais. Para esses religiosos, a extensão da ação diabólica é quase ilimitada. Segundo R. R. Soares, líder da Internacional Graça de Deus, “não existe nada que esteja fora da ação demoníaca. No futebol, na política, nas artes e na religião, nada escapa ao cerco do diabo” (Soares, 1984: 24). “Satanás tem milhares de agências no mundo” (Ibid.: 83). “Por trás da religião, do intelectualismo, da poesia, da arte, da música, da psicologia, do entendimento humano e de tudo com o que temos contato, Satanás se esconde” (Ibid.: 103). “O diabo controla tudo”, resume Soares (1984: 114). Disso resulta que os demônios são responsáveis por “todo os males da humanidade”, entre

os quais se incluem “doenças, misérias, desastres e todos os problemas” (Macedo, 2002: 20). (Mariano, 2003: 26)

Ao recordar os eventos de ‘cura gay’ aos quais foi submetido, a fala de Cesar deixa claras diversas estratégias:

era assim, as pessoas que tinham a minha idade elas não tinham isso comigo não. O problema era, nunca houve uma ofensa direta, era tudo muito agressivo, mas indireto, era uma coisinha aqui ou ali, às vezes me dava um livro sobre histórias de pessoas que se curaram entre aspas, umas orações que pediam para Deus me libertar, e essas coisas que magoaram, mas não eram tão diretas assim, nunca houve um ataque direto, sabe? [...] houve umas duas vezes uma sessão⁹⁶ por uma outra igreja que era bem mais radical, e eu fiquei lá quieto assim, enquanto ocorria eu fiquei quieto na minha e tudo, porque para mim era uma situação tão assustadora que eu não tive reação, fiquei só parado na minha. Aí houve um rapaz, com acompanhamento psicológico, ouvi um curso falando sobre as passagens da bíblia, falando sobre a família, falando que o homem tinha nascido para mulher e vice-versa, falando que a gente tinha que construir família, os filhos são herança de Deus, e essas coisas assim. Sempre tinha alguém querendo me incluir em coisas do universo masculino, então se ia ter uma corrida ou uma partida de futebol eles queriam me levar, se tinha um videogame já fazia um jogo de futebol para mim, já traziam uma camiseta de time, era sempre querendo, pequenas coisas, como se elas fossem me influenciar a isso.

Gênero, além de ser imbricado em noções religiosas, é invocado em categorias seculares, e mesmo contraditórias com vertentes citadas aqui, no exemplo do futebol como lugar privilegiado da masculinidade.

Somado ao cenário de tentativas de curas e às restrições religiosas, e seu respectivo impacto sobre os tipos de sociabilidades disponíveis para Cesar, da vida dupla entre escola e casa ocorre, por fim, o evento catalisador de sua tentativa de suicídio, a possibilidade de ter de servir o exército:

Eu estava na época do alistamento militar e tudo mais, e aí eu tenho alguns militares na família e tudo mais. Eu já estava passando pela barra de que eu não estava sendo feliz né, não comentava com ninguém, às vezes eu saía uma vez ou outra, eu tinha medo, eu tinha uma vida dupla, eu era uma pessoa em casa e outra pessoa na rua. E aí nessa época do alistamento, alguns familiares meus estavam querendo ver se me colocavam no exército ou marinha para ver se me dava um jeito. E aí foi mais ou menos nessa época que estava bem desesperado que houve a tentativa. E aí eu me lembro que eu estava em casa e eu tinha ido me apresentar para fazer aqueles exames e tudo mais, e aí um tio meu tinha me falado, que não sei que, que se eu quisesse, estava tudo pronto para mim, que ia ser bom para mim. E aí estava aquela pressão familiar e, eu não queria aquilo de jeito nenhum. Aí eu tentei [...] Eu estava com muito medo, desesperado, eu tinha crescido com esse terror familiar, porque precisa colocar esse menino no exército, para ele virar homem, que conserta, eu tinha um pavor, eu tinha pavor muito grande de tudo que fosse relacionado à cultura do

⁹⁶ Sessão de exorcismo

homem, à cultura do macho. Eu tinha medo, muito muito medo. Para mim isso era um pesadelo. Eu achava que eu preferia estar morto do que ter que servir

Diversas instituições foram acionadas para a possível ‘correção’ de sua homossexualidade durante sua história. Elas se enquadram nas técnicas discutidas por Carrara quando o autor fala do plano moral do dispositivo da sexualidade, ora por meio dos mecanismos de ajustamento comportamental encontrados em algumas congregações religiosas, ora por meio seculares, como a cultura ‘masculina’ (o futebol) ou a suposta instituição capaz de treinar corpos ao ponto de discipliná-los a extinguir desejos e práticas não aceitas dentro de normas heterossexuais compulsivas (o exército), sem mencionar a união de planos distintos de regulação, como o da moralidade e o da racionalidade, na figura da psicóloga cristã que atendeu Cesar durante sua infância e permitiu-lhe uma existência menos repleta de cobranças familiares.

Ao elaborar um pouco mais os motivos de sua tentativa, Cesar comenta:

eu acho que a solidão também. Eu era muito, muito, muito sozinho. Eu tinha amigos, mas eu tinha uma vida dupla, e eu não era fiel a quem eu era, 100%, e isso me moía por dentro. Eu estava desesperado para ser quem eu era, e aí quando eu vi as pessoas ‘comunando’ para tentar dar um jeito em mim, para ver o que podia ser feito, aí eu desesperei de vez. [...] eu achava que era errado, eu achava que eu estava pecando, mas eu não conseguia fugir daquilo. Eu tentei fugir a minha vida inteira e eu não conseguia, sabe? Houve também uma influência disso sabe, de que eu não acreditava que eu ia ser feliz sendo eu mesmo.

Em sua história, a comunidade religiosa que o cercava participou na ocorrência da tentativa de suicídio, de maneira geral, por meio de dois processos, entrelaçados a tradições e interpretações cosmológicas de cunho religioso: a restrição do mundo, que se pode participar somente naquilo entendido como pertencente a Deus, e as interpretações religiosas sobre a origem, e subsequente ‘cura’, da homossexualidade entre homens cis gênero. Do ponto de vista da literatura acadêmica do suicídio LGBT, as relações desses com o nosso fenômeno de interesse se dão de maneira mais óbvia ao produzirem, respectivamente, o isolamento social e a homofobia internalizada. No entanto, as origens e a explicação por trás da continuidade desses processos é completamente abstraída quando a análise das instituições e relações que as fazem surgir desaparece das pesquisas científicas debruçadas sobre esse tema; não somente existe a falha nessa literatura em ‘descobrir’ a bala de prata do suicídio de minorias sexuais, reduzida a uma ou algumas variáveis, mas também a questão do por que elas apareceriam em primeiro lugar mostra-se pouco interessante para os pesquisadores que investigam esse objeto de estudo.

Cesar relata o momento em que o pastor de sua igreja suspeitou da sua sexualidade:

[...] a minha saída oficial da igreja, eu tinha 17 anos e aí um dos pastores veio conversar comigo, pediu para eu ir ao escritório dele e tal e tal dia, e eu falei ah eu vou, eu cresci a vida inteira e ele ia lá em casa, e eu via ele como um amigo, apesar de nunca ter tido nada da parte dele, aí ele veio me falar que tinha uma galera da igreja que estudava na mesma escola que eu, que eles estavam preocupados comigo, e que ele queria saber, e nessa época nem eu sabia direito, eu ficava falando para as pessoas que eu era bissexual, achando que era algo menos pior, eu me abri com ele, eu chorei, eu falei que eu precisava de ajuda, esperando que eu teria um apoio e tudo mais, e ele virou para mim e disse o seguinte, que eu tinha uma escolha a fazer, que, ou eu continuava seguindo os caminhos em que eu tinha sido criado, ou eu iria fazer o que eu quisesse porque eu tenho livre arbítrio, mas que eu não poderia mais ir para igreja. Aí eu fiquei tipo, o quê? E aí ele falou é isso. Ah então tá bom, eu me levantei e fui embora de lá, e nunca mais quis ir.

O caráter às vezes ambíguo da interpretação religiosa sobre o tema fica um pouco mais claro, já que a homossexualidade é tomada pelo seu pastor como desvio comportamental, ao contrário da possessão demoníaca, o que por sua vez, como lembra Mariano, atrofia as noções de pecado e livre-arbítrio, tornando o indivíduo uma vítima de mazelas sobrenaturais (2003: 31).

O efeito insidioso sobre sua identidade sexual foi resolvido somente quando Cesar passou a frequentar um psicólogo que o ajudou a entender sua sexualidade:

Aí teve uma época que eu estava com a cabeça muito ruim, e aí eu procurei ajuda. Aqui em [cidade] tem bastante psicólogos que atendem em faculdade de graça, aí eu fui conversar e tudo, aí eu fui fazer as sessões. Aí eu fui me entendendo, fui me aceitando, fui vendo que não tinha nada de errado comigo, porque eu passei 17 anos da minha vida vivendo uma realidade em que a minha existência era uma aberração, então aquilo, querendo ou não, mexe demais com a minha cabeça. E aí eu fui fazendo esse tratamento toda semana, aí eu fui me aceitando e passei a ter orgulho de quem eu sou e tudo mais

Morando na capital de seu estado, e tendo o benefício de universidades públicas que forneciam atendimento psicológico de graça, Cesar passou a encontrar uma fonte capaz de auxiliá-lo em sua compreensão identitária, relativamente confusa para ele até então.

Voltando a Antônio, ele viveu situação parecida. Ainda em sigilo sobre sua sexualidade, ele desistiu da graduação que fazia após algum tempo e decidiu entrar para a vida religiosa de uma das igrejas evangélicas tradicionais, e não a igreja de sua mãe, de orientação pentecostal, com quem havia tido problemas de relacionamento:

[...] para a igreja evangélica batista⁹⁷, e como eu estava naquele limiar onde a vida não tem mais importância nenhuma, não tem valor nenhum, não estou nem aí pra ela, vou frequentar, né. Nisso eu tinha passado em [graduação] eu tava frequentando o curso, mas eu não tinha vontade mínima de ir assim, então foi um estágio depressivo muito forte, de realmente não querer viver. E tipo, não que eu tenha, daí o suicídio já não era mais uma opção, porque eu sabia que eu não teria coragem de fazer, e daí eu só não queria mais viver. E daí entra o período que eu fui pra igreja, isso foi com 19, 20 anos. Eu fui pra igreja, e daí a igreja era o paraíso, né. Eu poderia, porque ninguém é gay na igreja. Então qualquer tipo de atitude que eu teria nunca iriam desconfiar que eu fosse gay, ou qualquer coisa do tipo. Então na igreja foi o período onde eu achei que eu era assexuado [...] eu achei que eu não tinha vontade nenhuma. Tinha vezes que eu olhava o pornô, mas agora muito pior ainda, a sensação de pecado era mais presente ainda. Só que claro né, aí tu vai na igreja para os seus pecados serem perdoados. Então eu ia sempre pedindo a Deus pra tirar a vontade pra gostar de homem. Então eu fiquei na igreja dos 20 aos 24, 25 anos. Daí lá pelos 24, 25 anos, eu contei para os meus pastores de que eu tinha atração sexual por homens. E daí eles só me ouviram e falaram ok [risos], vamos trabalhar nisso, e nunca trabalharam nada. Nunca fizeram nada, nunca conversaram sobre, nunca me indagaram. A única pergunta que foi feita pra mim, é se eu tinha alguma paixão por algum cara dentro da igreja. E eu falei que não, não tinha, não tinha nenhuma. E aí ok, e pra eles ok. Daí eu Meu Deus! Eu queria que me indagassem, porque foi a primeira vez que eu contei para alguém, e eu queria descobrir através das próprias perguntas. Então foi meio que deixado de lado, assim, como se não fosse importante, e pra mim era muito importante.

As comunidades religiosas tenderam, nesses casos, a privilegiar a continuidade de normas heterossexuais, relegando a segundo plano o bem-estar de sujeitos ‘em nome’ das congregações que lideravam. Nem sempre é assim, como veremos no caso de Leandro, o qual pleiteava virar líder religioso.

Cabe ressaltar ainda a presença no relato de Antônio de efeitos pós-tentativa, como a depressão e a contínua desvalorização da vida. Embora não cresse à época que tentaria contra sua própria vida novamente, é importante notar como já fizemos anteriormente que as ‘causas’ da tentativa de suicídio não se dissiparam com seu fim, produzindo outras ramificações, no caso de Antônio, o sigilo continuado de sua sexualidade, e a possibilidade de desenvolver sua própria identidade sexual em estágio tardio da vida, somente aos 24 anos de idade.

2. Leandro

Leandro tentou tirar a própria vida com 17 anos, ao redor de 2001. Em sua história, fiel da Igreja Adventista do Sétimo Dia, geralmente enquadrada no campo ‘evangélico

⁹⁷ Igreja evangélica de denominação tradicional

tradicional⁹⁸, o auxílio de um de seus pastores iria permitir-lhe, após sua tentativa de suicídio, dar início ao reconhecimento saudável de sua própria identidade sexual, embora tivesse de enfrentar consequências claras, como a desistência de seu sonho de se tornar pastor.

Assim como os relatos no início deste texto, a percepção da diferença ocorreu por meio de divisões de gênero:

Quando criança, eu já me sentia diferente. A gente não sabe bem o que é. Então tem aquela perseguição, ah, a voz fininha, ah, é menininha, está brincando de boneca, ah, tem trejeitos. Então desde criança a gente se sente deslocado. E eu jogava bola, brincava na rua como qualquer criança, apesar de ter uma educação um pouco mais fechada, eu e minhas irmãs. Mas eu não entendia determinadas coisas, porque os meninos gostavam de falar determinadas coisas sobre meninas, comi fulana, sicrana, e comigo não tinha isso, essa vontade. Nem de falar sobre relações com mulheres, ou a minha com homens.

Pergunta: com que idade você foi se percebendo?

Resposta: Eu acredito que com 5 anos de idade, com as questões de brincadeira, coisa muito lúdica, de não entender o que era brincadeira de menina e de menino, então tinha um mundo muito meu por volta dos 5 anos. E lá por volta dos 9 anos eu lembro que eu comecei a ler muito. Então eu lembro que eu li meu primeiro livro sobre sexualidade humana, que usava a metáfora do casal de coelhos. E nesse livro falava da questão da homossexualidade, bissexualidade. Eu não me via ainda como um homem gay, eu era uma criança. Aí ficou de lado né, eu consegui suprir a demanda e não me questioneei mais. Mas aí eu tinha um lado religioso muito forte, indo para a igreja católica, indo depois para a igreja pentecostal, então esses questionamentos voltaram, por volta dos 12 anos.

Com cerca de 15 anos de idade, Leandro tornou-se, por vontade própria, integrante da igreja Adventista de Sétimo Dia. Quando perguntado sobre seu ambiente familiar e possíveis relações com o ambiente religioso que frequentava ele relembra que:

Não, eu sempre fui o mais religioso. Por conta desses questionamentos sobre a sexualidade, eu busquei na igreja alguma forma de me ajustar ao mundo, então eu sempre fui o que mais estudava a questão de fé. Eu quase fui pastor. A minha mãe nunca foi assídua em igreja, ela foi católica, espírita, meu pai é um católico não praticante, minhas irmãs foram a igrejas evangélicas, mas nunca forma tão firmes como eu fui. Então eu não tinha uma pressão religiosa dentro de casa, acho que eu sofri por uma falta de conhecimento dos meus pais. Como manejar as situações. Então, depois de anos minha mãe falou pra mim que meu pai falava, ah, ele é assim, deixa ser, mas ele nunca falou isso pra mim, pessoalmente. Depois de anos que ele me viu montado de drag foi de boa assim pra ele, já a minha mãe, quando eu me assumi ela ficou meio em choque, numa deprê, e foi um processo de uns 3, 4 anos, porque ela pensou que eu ia virar uma travesti, virar coisas bem pejorativas, então foi meio que uma escola

⁹⁸ Ao contrário do que vimos sobre as outras religiões evangélicas discutidas aqui, essa vertente se autointitula como denominação cristã protestante *restauracionista*, criada nos Estados Unidos na metade do século XIX, meio século antes da criação do movimento pentecostal no país norte-americano.

com ela. A minha irmã mais velha teve umas crises de, ai, não faça isso por causa do nosso pai, o que vão pensar, e quem hoje eu tenho uma gratidão hoje é com a minha irmã caçula, eu sou o filho do meio. E a minha irmã caçula brigou por mim, me defendia, então, eu tenho um carinho muito especial por ela. Os meus sobrinhos hoje, inclusive a minha sobrinha, tenho uma foto, são muito apegados comigo, e aquela coisa, essa geração nova, eles não têm mais esses tabus.

O silêncio familiar aparece aqui de forma ambígua como ‘tabu’, onde há claras tensões, e quando ele não pode mais ser mantido ou ignorado, eventos já observados em outras histórias se repetem. Silêncio e ajustamento normativo têm uma relação complexa, como forma de exercer poder – por parte de familiares – ou escapar dele – por parte de quem o sofre –, já que a adequação a normas sexuais ‘silencia’ a não resolução do problema: comportar-se de maneira mais masculina, passar por terapias de ‘conversão sexual’, essas práticas que ‘silenciam’ o desvio contribuem para a construção imaginada e efetivada de culturas heterossexuais, sem, no entanto, transformar ou mesmo fazer compreender questões de desejo e identidade sexual, como a história de participantes da pesquisa em que a continuidade do seu desejo é mascarada, pela negação de sua existência, p. ex., o uso do dispositivo adolescência e as ‘fases’ de desejo sexual que teriam passado.

Sobre a posição de liderança que assumiu na época de igreja, acompanhavam-na expectativas calcadas em heteronormas, como a criação de família. Quando perguntado se já teve alguma namorada ele comenta:

não, o mais louco disso, que foi antes de eu perceber que eu realmente era gay, na igreja eu tinha uns 18 anos, me colocaram numa saia justa com uma menina que me amava, fez cartão, e comprou presente pra mim, e a igreja toda queria que eu namorasse, porque eu era diretor, era líder, e eu lembro que só de pensar na menina me dava uma dor de barriga, enjôo, uma coisa física assim que, eu pensava naquela época, porque todo mundo fala isso, frio na barriga e tal, depois de anos que eu vi, com os homens que eu conheci, que eu saio, tem um frio na barriga, mas é diferente, antes me dava uma certa repulsa. Que é o que os homens héteros falam quando eles pensam em beijar um homem, então a mesma coisa comigo era com beijar uma mulher, só de pensar era estranho, naquela época eu lembro que foi algo bem assustador. Beijo apenas no teatro, porque, era exercício, era obrigado.

Além da cultura heterossexual à qual era submetido, a obrigação do líder religioso, o exemplo para a congregação, teve papel decisivo em sua tentativa, acentuada por sua crença religiosa, quando comenta sobre o período que passou a se aceitar como homem gay, alguns anos após tentar contra sua própria vida:

Nessa época foi assim, a questão de se aceitar, as dúvidas foram surgindo, por conta das doutrinas da igreja Adventista do Sétimo Dia, tinha um conceito que se fala muito que, o pai da mentira é o Diabo, quem mente é o filho dele. Então eu ficava muito com isso na cabeça. Eu estou vivendo uma mentira aqui. E tem uma escritora chamada Ellen White, considerada uma profetisa, e eu li muitos livros dela. Porque eu queria saber encontrar respostas. E ficou muito forte pra mim isso. Que o que eu estava fazendo era errado. A questão da minha sexualidade de não assumir ela, de não viver ela. Isso era errado. Porque Deus tinha me feito assim, eu não era doente, eu não era pecaminoso, não estava com o demônio no corpo, mas o que eu estava vivendo era uma mentira, tentando ser uma pessoa heterossexual, e que não era o certo. Então foi um processo meio que a igreja ajudou, de eu estudar, ir buscar, e me assumir.

Segundo seu relato, mais forte do que assumir uma concepção religiosa negativa sobre o que significava sua homossexualidade – seja entendida como comportamento, possessão etc. – foi o fato de não ser verdadeiro, para si próprio e para as pessoas que o cercavam e depositavam nele sua confiança, de acordo com os preceitos religiosos em que acreditava.

A vida dupla, ou a internalização de noções homofóbicas, comuns nas histórias aqui apresentadas, não aparecem de maneira clara na história de Leandro. Mesmo em ambiente religioso que privilegiava normas heterossexuais, ele pode contar com o apoio de outros congregados, apesar das dúvidas que ocorriam sobre sua sexualidade fora dos padrões naturalizados:

O que eu sinto, tem pessoas na minha história que realmente são cristãs. São cristãs, são humanas, são amorosas. E mesmo fora da igreja elas continuam em contato comigo, a gente conversando, não mudou nada. E outras pessoas que são crentes, evangélicos, quando eu me desliguei elas viraram o rosto. São essas pessoas com que eu descobri que falavam, ah, ele tem um jeitinho assim, ah, não vamos deixar ele fazer tal coisa, porque ele é gay. Rolava isso. Tanto que, essas pessoas que eu ainda tenho contato, me contavam que, quando tinha reuniões dos líderes para escolher o que cada pessoa pode fazer dentro da igreja, elas que lutavam por mim. Ah não, ele é bom. Ele tem que ser diretor do Jovens. Ele tem que ser diretor de música. Ele pode ajudar tal coisa. Ah, mas ele é assim. Não, não tem nada a ver. E eu fico grato porque, no meu tempo de igreja, eu nunca tive uma vida dupla. Eu vivia o que a igreja pregava pra mim, apesar das minhas dúvidas e dos meus anseios. Tanto que eu nunca me envolvi com nenhum homem na minha época de igreja. Depois de anos eu comecei a captar as investidas, os flertes, que eu sofria.

Essa complexidade cultural ajuda a pontuar como o suicídio de pessoas pertencentes a minorias sexuais pode ser – e muitas vezes é – reduzido às características mais imediatas às quais recorremos para sua explicação (p. ex., a discriminação), e mais uma vez atesta o valor de concepções culturais amplas com efeitos insidiosos, como o conceito de heteronormatividade, nos permite analisar a experiência multifacetada de

indivíduos LGBT trafegando distintos meios sociais, e dentro dos últimos, sendo alvo de diferentes mecanismos de regulação sexual.

Sua tentativa de suicídio deu-se em um cenário no qual Leandro discorre sobre o sentimento de anormalidade e alienação da vida religiosa que lhe era tão cara então:

Eu acho que a pressão que eu sofria na igreja, de estar fazendo algo errado, de ser errado, de fazer campanha, de jejuar, de ter lido tanta coisa e não mudar nada, foi o que me falou, não vale a pena continuar. E era uma dor que eu falo que era física, sabe? De doer mesmo, o peito, e de você chorar e tentar mudar, e sabe? E eu lembro assim na cama, a minha casa era de dois cômodos, e a minha cama ficava na cozinha. E eu lembro de ter esses pensamentos com Deus de que não está dando, eu não estou mudando, não muda nada na minha vida. [...] E era um sentimento muito, vinha assim meses e meses sentindo, e nesse dia foi bem forte essa 'bad'. Lia bastante, sabia muita coisa, mas não ia embora o sentimento de tipo, não adianta o que você faça você não vai mudar. Se eu morresse, iria mudar.

Leandro passou a assumir publicamente sua identidade sexual depois de muito tempo dos primeiros contatos com o tema da sexualidade, alguns anos após sua tentativa de suicídio:

[...] acho que por volta dos 21 anos. Eu comecei o processo de me aceitar, então foi uma coisa de muitos altos e baixos, de depressão mesmo. E quando eu falei, não, é isso o que eu sou, e eu posso ser assim, acho que foi entre 21 e 22 anos. E eu era virgem. Eu tive a minha primeira relação com 24. Um ano depois que eu me aceitei, me assumir, me desliguei da igreja Adventista do Sétimo Dia, em que eu quase fui pastor [...]

Por fim, Leandro credita ao acolhimento de seu pastor à época, o fato de ter podido se aceitar como homem gay:

Eu tinha tentado com outros dois pastores, e eles foram bem religiosos, bem fundamentalistas, mas esse pastor era um pastor peruano, [nome], e ele foi muito acolhedor, foi amigo, e a esposa dele também. A gente sempre soube, e não fazia diferença. Eu fico até emocionado. E até hoje eles têm contato comigo, e se não fosse esse casal, eu não sei se eu teria me assumido. Se eu tivesse tido a mesma reação dos outros dois pastores, com todos os conselhos e preconceitos deles, eu acho que poderia ter sido bem diferente a minha história. Sou muito grato a esses dois. E aí, depois que eu me assumi pra eles, eu entreguei a minha carta na igreja, em que eu me desliguei. Aí a notícia corre, né, aí a minha mãe ficou sabendo pela minha irmã caçula, e aí foi que ela questionou, né. Não seja assim, assim, assado. O tempo em que ela entrou em crise, 3, 4 anos.

Mais tarde Leandro encontraria emprego em uma instituição de combate à homofobia, dando seguimento às suas aspirações de juventude, seu *chamado*.

3. Beatriz

A tentativa de Beatriz ocorreu quando tinha 18 anos de idade, por volta do ano de 2009. Como destacado no início desta dissertação, ela havia tido seu primeiro contato com as interdições normativas da heterossexualidade forçada em idade muito precoce, quando se associava ao dito ‘mundo feminino’. Lembrando como lidava com essas interdições:

Pergunta: e você deixou de ter um comportamento mais voltado para o universo feminino?

Resposta: não, a diferença foi que eu acabei mascarando melhor. E quando eu tinha 6 anos, eu tenho uma irmã mais nova, ela nasceu, ou seja, tudo o que eu não tive de acesso ao mundo feminino infantil eu tive através dela, porque eu cuidava dela. Então isso foi uma grande válvula de escape. Até hoje eu falo que ela me salvou porque eu nunca pude comprar uma Barbie, nunca pude brincar como eu queria, e eu pude através dela. Então isso foi mais um jeito de mascarar. Então eu lembro que até uns 14, 15 anos, não tinha só a minha irmã, eu tinha mais duas primas, e eu brincava com elas, e assim, eu era um menino mais velho, na cabeça deles, brincando com meninas mais jovens, num quarto, sozinhos, e isso nunca foi um problema. Então a gente brincava tardes e tardes, eu cuidava, entre aspas, cuidando delas, já que eu era o mais velho. Depois acabou sendo aceito entre linhas, assim, ele está brincando com as primas, ele está cuidando delas, então isso foi ignorado e sendo adaptado a, foi adaptado para ser ignorado. Como é até hoje.

Pergunta: você então mudava o seu comportamento quando você saía desse universo para uma conduta mais masculina, então, para manter sigilo?

Resposta: Sim, e aí, como eu não conseguia fazer isso, esse masculino ele não existia. Eu ia para um lugar de antissocial, de anti socialidade. Eu não falava, eu era tímido, então, por exemplo, até hoje os meus pais acham que eu sou uma pessoa tímida, e eu não sou. E isso afetou inclusive até a forma como eles me veem. Porque como eu tinha que me policiar o tempo todo, se eu fosse sair de um lugar que fosse minimamente aceito, como estar perto da minha irmã, e brincar de boneca, se eu estivesse em qualquer ambiente, na escola, na família, eu tinha que policiar o jeito como eu falava, o jeito como eu me portava, o jeito como eu me sentava, eu preferia sentar em um lugar e não sair de lá, entendeu, ou não falar nada. Então sempre fiquei recluso, o tempo todo, então isso fez com que me lessem, não necessariamente como uma pessoa homossexual, mas como alguém antissocial. Como alguém que não tinha interesse em socialização. Mas os lugares em que eu estava eram os lugares que negligenciaram, como na igreja, porque muitas das coisas que a gente fazia nessa época, era dentro da igreja. Então tipo, eles tinham excursões para um sítio, então imagina pra uma criança de 13 anos, vai ter piscina, vai ter praia, todo mundo brincando e eu ficava parado na frente da piscina. Daí a minha mãe ficava possessa da vida. De achar que eu não queria me socializar com as pessoas porque eu me achava melhor do que elas. E na verdade eu estava me guardando pra não sofrer nenhum tipo de represália, ou pelo trauma de tudo que eu já tinha sofrido em outros lugares.

Imbricam-se aqui de maneira peculiar as demandas heteronormativas e a produção do isolamento social. O silêncio de Beatriz tornou-se um signo associado ao estereótipo da arrogância, em que ela talvez pensasse ou julgasse alguma distinção valorativa entre si e os seus colegas de congregação religiosa. Essa medida consciente e calculada não tinha a intenção de se afastar dos outros por desvalorizar a companhia deles, ao contrário, possuía forte instinto de preservação, em que os signos associados ao estereótipo desvalorizado de sua orientação sexual minoritária (falar, se portar, sentar) poderiam ser percebidos pelas mesmas pessoas que tentava evitar, e assim, fazer entrar em efeito pleno sua estigmatização. Ao se apaixonar aos 14 anos por outro colega, ela passou por uma situação difícil por não ter com quem compartilhar essas e outras angústias, dando continuidade ao cenário de isolamento social que vivia até então. Nesse momento, a vida dupla começou com a percepção de sua sexualidade:

[...] foi quando eu comecei a procurar instituições, grupos terapêuticos que cuidariam disso. E foi quando eu conheci um grupo chamado [sigla], grupo de pais de homossexuais, que é liderado pela [nome], que é uma professora de Letras na [sigla]. E foi esse primeiro contato que eu tive de saber que existia esse grupo, que poderia atender aos meus pais. De qualquer forma isso acabou não acontecendo, mas ao mesmo tempo que ela tinha esse grupo para pais, ela tinha grupos para jovens, que se chamava [nome do projeto]. Projeto que acredito que existe até hoje, lá na [bairro da cidade], onde uma vez por mês, jovens LGBTQIA+ se reúnem para discutirem sobre temas, se encontrarem, conversarem e se conhecerem. Aí, dos meus 14 até os meus 17 anos, talvez, eu participei como voluntária, coordenadora dentro do grupo. Então eu já entrei lá ajudando, né? E sendo ajudada também, porque foi onde eu conheci outras pessoas, onde eu comecei a entender, por exemplo, a importância do uso de preservativo, como a religião acaba induzindo a mentalidade para algo que é hétero centrado, demonizando as nossas condições, tive os meus primeiros contatos e experiências com pessoas trans, travestis, e qualquer outra letra que eu não tinha contato, que eram basicamente todas, fora a minha, que era a G. E nesse percurso eu consegui me envolver muito com a comunidade, mas mesmo assim, dentro de casa, isso não acontecia. [...]

Um fato novo é introduzido na análise do fenômeno, a saber, a participação em organizações voltadas ao público LGBT. Essa realidade foi poucas vezes encontrada na pesquisa, pois cerca de 87% dos participantes do *survey* online responderam não terem conhecido alguma organização voltada ao público LGBT no período em que tentaram contra suas próprias vidas.

No entanto, além de destacar os pontos benéficos que a socialização no seio dessas entidades lhe permitiu desfrutar, o relato de Beatriz a seguir também aponta para alguns dos limites dessas instituições, já que os sujeitos estão submetidos a uma ampla gama de processos sociais, como no caso de Beatriz, sua criação religiosa:

Uma coisa também que eu me lembro, dentro desse processo que eu acabei de contar para você, é que eu vim de uma família evangélica. E isso fez com que toda essa minha resistência, essa minha falta de empatia, pela sexualidade, pela comunidade, fosse intensificada. De realmente achar aquilo algo demonizado, e mesmo quando eu participava das atividades como voluntária no [nome do projeto], ou tinha contato com outros LGBTs, existia uma internalização de algo que era pecaminoso, errado, e que eu preciso confessar me persegue até hoje. Então essa dupla identidade foi vivida por muitos aspectos, por justamente meus pais não aceitarem, e por vir dessa formação cristã que acabava anulando a minha existência, a minha identidade como algo legítimo, como algo que poderia ser vivido integralmente. Então eu vivia a minha sexualidade em partes, em lugares específicos, em situações específicas, e aí eu fui percebendo que isso, aos poucos, acabou me deprimindo, essa repressão ela acabou tendo esse resultado de uma depressão, que aliás já acontecia desde criança, eu não entendia o porquê. Aos 14 anos eu comecei a entender que talvez seja por causa da sexualidade, mas quando eu descobri a sexualidade nem isso era algo muito claro, e aí mais tarde eu comecei a sentir o resultado de toda essa, tudo isso que foi reprimido, né. Então veio o sentimento da depressão. Durante esse período eu ia e voltava para terapeutas, então eu conseguia tratamento com psiquiatra, psicólogos, terapeutas holísticos, todos os tipos de tratamento. Então eram assim processos talvez curtos, mas eu sempre tentava recorrer. E eu nunca vi realmente um resultado, apesar de tentar até hoje, mas foi um dos motivos que acabou criando não só essa resistência, tentar entender. Mas essa frustração, de não conseguir progredir, me desenvolver como alguém que tem responsabilidade sobre si, né. Então acho que isso acabou se acumulando assim. Eu tive uma vida socialmente boa, nunca fui uma pessoa reclusa, nunca tive problemas de socialização, mas novamente essa socialização era dividida em espaços, então tinha que ser uma pessoa em um lugar e outra pessoa em outro. Isso acabou criando essa frustração, e aí no acúmulo de tudo isso, vem a minha primeira experiência com o suicídio.

Esse mesmo ponto da demonização que Beatriz carregava consigo em virtude de sua criação evangélica voltará mais à frente em outro argumento mais extenso, quando discutirmos redes e lugares de sociabilidade LGBT: indivíduos não se reduzem a alguma característica ou identidade social específica, como por exemplo, pertencer a alguma minoria sexual e deste fato depreender uma suposta empatia imediata entre sujeitos que se identificam com alguma categoria sexual da sigla, o que significa dizer que esses sujeitos não são somente determinados por sua identidade sexual; cada um deles possui uma história social marcada por diferentes processos de classe, raça, gênero etc., e que terá impacto em como percebem outros sujeitos sob a ótica dessas e de outras categorias identitárias sociais. No caso de Beatriz, sua experiência com doutrinas que desvalorizavam a existência de LGBTs.

Remontando esse sentimento de que sua orientação sexual era errada, Beatriz comenta como o assunto de sexualidades ‘desviantes’ apareciam no seio da congregação religiosa:

As pessoas não falavam muito sobre isso, mas o que me marcou muito foi o que aconteceu dentro da Assembleia de Deus. Ninguém fala em ser certo ou errado, mas como eu sempre fui uma criança muito curiosa, eu sempre li muito, então [...] eu entendia o que se falava sobre isso. E é muito engraçado como a gente pode estar em um ambiente que não vai verbalizar isso, mas a gente sabe, a gente sente o quanto a gente não é aceito, da forma como a gente é. Então aconteceram duas coisas dentro da igreja que são: um dos professores de música se apaixonou por um rapaz, que era de uma família muito grande na igreja, porque tinham duas famílias grandes na igreja, que iam em peso lá, então a gente conhecia pelo nome da família, e aí depois disso a vida dele virou um inferno [...] a vida dele ficou de cabeça pra baixo, e depois que eu vi ele, após alguns anos, eu vi que ele estava totalmente destruído, sabe? Era uma pessoa bonita, saudável, feliz, e aí, depois que aconteceu isso, sabendo de tudo o que pode ter acontecido, de repressão familiar, de ele não se aceitar por se sentir um pecador, a aparência dele, o estado dele era completamente diferente. Então eu sabia o que acontecia com ele por causa das fofocas, e eu vi no rosto dele tudo o que resultou daquilo. E a outra coisa que aconteceu foi que a neta do pastor se assumiu lésbica, mas ninguém falava sobre isso. Só que comigo já era uma criança diferente, afeminada, então esses tipos de assunto vinham pra mim, e ela se aproximou de mim, e a gente conversou sobre isso. Porque eu já tinha entendido a minha sexualidade, mas ninguém sabia. Então a gente conversou sobre isso e entendeu o quanto isso não era aceito. E aí foi quando eu consegui materializar tudo isso que não tinha sido falado e que eu sentia, né, na igreja.

Em sua fala se manifesta outro mecanismo de sanção da sexualidade não-heterossexual em comunidades religiosas, a honra familiar. A estrutura social dos frequentadores de igreja indicada aqui mostra como os cultos religiosos são compostos por conhecidos, espaço de reunião social peculiar nas sociedades contemporâneas, em que a interação repetida e esperada entre conhecidos (famílias inteiras) são a regra, reguladas pelo universo simbólico da doutrina religiosa que, em tese, todos subscrevem. Esse espaço torna-se mais peculiar também pela revelação do privado; aqui relações e segredos familiares percorrem a congregação – espécie de família estendida –, em que o pastor assume a figura patriarcal, e assim como patriarcas, sua relação de sangue é poupada do burburinho público.

Voltamos aqui à ideia já discutida de comunidades altamente integradas, à noção de biografia, e às consequências para relações familiares. Beatriz continua:

Não, teve algumas situações. Por exemplo, ele [professor de música] se apaixonou e esse rapaz, eu acho que ele teve uma reação bem negativa sobre isso. Porque ele contou para a menina que depois foi ser a namorada dele, e hoje é a esposa dele, e isso criou um burburinho na igreja, porque assim, ninguém expôs ele [o professor] assim, de falar no púlpito, que é o lugar onde o pastor fala, mas toda a igreja sabia, já que era uma família, e a parte ruim da família também, aí todo mundo sabe de tudo. E teve um caso também que falaram que ele estava em um dos acampamentos, e ele estava sonhando com alguém, e ele falava o nome de um rapaz. Então esses pequenos fragmentos foram fazendo com que concluíssem que ele era homossexual, mesmo sem ele falar. Então ele foi totalmente assistido sobre isso, e quando ele se apaixonou,

e isso veio à tona, eu acho que ele até acabou falando para os familiares dele, tudo. Ao invés de ser acolhido, ou simplesmente o amigo dele dizer que não estava afim, enfim, foi criada toda uma situação em que ele foi a vítima, então até a forma que as pessoas contavam a história, falando assim, que ele forçou o amigo dele a fazer alguma coisa, ou que ele manipulou o cara. [...] era muito natural como as pessoas demonizavam, ninguém sabia de nada, mas era fácil falar, como ele sendo homossexual, que ele estava fazendo isso. Ninguém nem sabia, mas aí isso foi repercutindo dentro da igreja, e ele se tornou um grande vilão. A ponto da família dessa menina [namorada] sair da igreja, do menino sair da igreja, e isso ser uma coisa muito importante na igreja, em um sentido negativo, tipo, como alguém sai da igreja? [...] foi em uma oportunidade que eu fui na igreja, que eu nem queria ter ido, mas foi quando eu vi ele e aí eu entendi o quanto aquilo tinha afetado ele [professor de música]

Neste caso, em virtude de sua natureza peculiar, a comunidade religiosa produz uma sanção indireta, sentida não somente pelo sujeito não adequado a normas heterossexuais, mas também pelas pessoas que entram em contato próximo, ou mesmo relativamente distante. A ideia do estigma de cortesia parece estar presente aqui, mesmo que a relação social entre o professor e o outro rapaz não tenha ocorrido, a sugestão dela cresce com rumores que ligam à biografia do professor de música (p. ex., supostamente ter sonhado e dito o nome do rapaz) uma nova imagem estigmatizada. A coalescência da congregação baseada em diversas relações familiares gera ambiente onde todos têm contatos frequentes, aumentando as chances de circulação de informações, como no caso de Leandro, ao confessar ao seu pastor sua orientação sexual e, eventualmente, como sua mãe ficou sabendo da notícia, ou no caso de Cesar, quando seus colegas de escola o denunciaram ao líder da igreja que frequentava. Como em outros casos, o estigma pode se espalhar para relações próximas, por exemplo, por meio de condenações morais, na suposta ‘falha’ em fazer certo sujeito adequar-se a heteronormas, por parte dos familiares mais próximos, e também na suposta ‘aceitação’ desse desvio da norma, por parte de pessoas que se associam de maneira consciente e livre a indivíduos pertencentes a minorias sexuais.

A questão do compartilhamento volta na história de Beatriz quando ela remonta a maneira com que buscou se abrir com seus pais:

o primeiro foi a minha mãe, eu tinha 18 anos, acontecia que eu já sentia necessidade de falar com ela, que a gente acabava tendo mais contato, só que ela nunca conseguia falar comigo, ela sempre estava muito ocupada. E aí todas as vezes que eu tinha uma crise depressiva, foi no momento em que eu comecei a ter pensamentos suicidas, entre os 16 e 17 anos. Eu escrevia num caderno, eu escrevia que eu não queria mais viver, o porquê eu não queria mais viver, e isso fez com que eu criasse um registro dessas minhas experiências com os pensamentos suicidas, e colocasse isso tudo num caderno. E aí o meu trunfo foi que eu escondia esse caderno, a priori, mas depois eu comecei a deixar esse caderno em lugares que ela poderia achar. Pra mim, se ela encontrasse e lesse

o que estava acontecendo comigo sem eu ter que parar ela, mobilizar ela e falar, vamos conversar, já que isso não estava acontecendo. E aí isso aconteceu um dia, foi quando eu tinha 18 anos, ela leu o caderno, depois eu soube que ela leu o caderno ela teve uma crise forte, de ansiedade, ela foi procurar uma psicóloga, conversou com a psicóloga, e aí na época eu não estava em casa, eu estava na escola, ela me ligou perguntando se estava tudo bem, não disse nada, e no fim do dia ela falou que queria conversar comigo, e aí ela disse que me aceitava, mas que eu não pensasse mais em me matar. E aí foi naquele momento que ela sabia, que foi oficializado, que eu era homossexual pra ela. Mas meu pai não sabia de nada. E aí a gente ficou com isso por alguns anos. [...] E aí quando eu contei pra ele [seu pai], ele teve uma reação assim muito, não era agressiva, nem violenta, mas ele ficou com muita raiva, sabe? Ele não queria que isso acontecesse, ele falou coisas horríveis, ele falou que eu ia deixar de fazer faculdade

Quando Beatriz contou ao seu pai a sua orientação sexual ela já havia tentado contra sua própria vida, indicando que a gravidade desse fato pode ter facilitado a ‘aceitação’⁹⁹ de seu pai, dias após ter lhe contado. Antes dessa conciliação, o momento da revelação de sua orientação sexual foi também o momento em que velhas noções sobre sexualidades não heterossexuais vieram à tona no discurso de seu pai, misturando-se com motivos para negar sua realidade:

A minha mãe não expressou nada. Ela realmente ficou muito preocupada com a questão do possível suicídio, e ela falou que me aceitava de qualquer forma, só falou que queria que eu fosse feliz. Já o meu pai ele falou que não aceitava, que isso não era uma vida de alguém, que isso era uma fase, ser gay era ser um lixo, em resumo ele falou que isso era horrível, que isso não era bom, só que isso poderia ser mudado. Na cabeça dele, como eu estava fazendo uma faculdade de moda, que as pessoas tendem a dizer como feminino, ele falou, você vai parar de fazer a faculdade, você vai começar a trabalhar comigo, e isso vai mudar. Então isso foi basicamente a fala dele.

Como indicado anteriormente, a primeira tentativa dela ocorreu durante o período em que buscava ajuda. Com o acúmulo de anos sem apoio saudável e constante sobre sua própria orientação sexual, Beatriz comenta os motivos de sua tentativa de suicídio entrelaçados a um sentimento de exaustão, seguido pela vontade de desistir de tudo:

[...] quando eu era criança eu não tive suporte, quando eu era jovem eu não tive suporte, então são 18 anos sem suporte. Não é um ano, não é um mês sem um suporte. São 18 anos, com você sofrendo com aquilo todos os dias, e ninguém explicando para você que talvez seja natural. Talvez seja ok. Talvez, pode ser uma coisa que não seja tão ruim assim. Você vai internalizando aquilo, você vai internalizando aquilo, aí você não suporta mais. Quando a gente é jovem, a gente busca por imediatismo, a gente quer as respostas das coisas, isso é

⁹⁹ Em suas palavras: “e aí eu acabei fugindo de casa, aí eu dormi na casa de uma amiga, mas aí no outro dia ele queria muito conversar comigo, eu acabei voltando pra casa. E aí ele falou que me aceitaria só que ele não queria me ver com outra pessoa. E aí foi a última vez que a gente conversou sobre isso, e aí a nossa relação, por incrível que pareça, acabou até melhorando, e nós ficamos melhores referente a isso”

completamente natural, os jovens tem essa necessidade. Mas quando você, mesmo tendo essa necessidade, não tem nenhum lugar de referência, não tem nenhum lugar de suporte, isso faz com que a gente crie outro tipo de sentimento, que não é mais de ansiedade, não é mais de pressa, não é de empolgação, é de frustração, é de ódio, é de revolta, e isso foi o que me mobilizou a tentar o primeiro suicídio.

Refletindo sobre sua identidade de gênero recém percebida, e como ignorá-la afetou sua trajetória até então, Beatriz retoma os temas levantados por nós no início do texto, sobre a linearidade de construção das identidades sexuais – e, em seu caso, a de gênero – dos entrevistados. Além disso indica como pertencer a outra identidade minoritária não trabalhada aqui – mulher *trans* – difere da experiência de homens cis gênero homossexuais, mesmo que essa identidade não tenha sido assumida ou mesmo percebida:

Ela [identidade trans] foi algo que eu percebi que eu tinha reprimido tanto, não percebi aos 14 anos, mas eu percebi que aos 14 anos isso era tão reprimido que eu não pensava sobre a minha identidade. Porque a grande preocupação na minha cabeça, o grande problema, era a sexualidade, era imaginar eu tendo uma homo afetividade, relações com outros homens. Então isso me fez, não esquecer, mas ter uma atenção sobre isso, e realmente não perceber qualquer outra particularidade sobre a minha identidade. Justamente por vir desse ambiente de repressão, de religiosidade. Mas aí quando, há alguns anos, eu comecei a reviver a minha infância, eu percebi que existia sim uma incongruência de gênero, o que a gente vai falar da disforia também, e como isso também moldou a minha saúde mental. Por exemplo, eu tinha muita dificuldade de ver fotos minhas quando eu era menor, eu tinha muita dificuldade de lembrar da minha infância, e aí quando eu entendi sobre a minha identidade de gênero, isso fez muito sentido. Porque era um lugar que vinha de angústia, de uma depressão, mas assim, como eu nunca tive nenhum problema, e isso é muito engraçado, voltando aos 14 anos, quando eu tive contato com pessoas trans, elas falavam pra mim sobre isso, falavam se eu não pensava sobre isso, e eu dizia que não, porque na minha cabeça, querer ser alguém trans era algo muito definido, ou seja, eu não teria que gostar do meu pênis, eu não teria que gostar do meu corpo, e isso nunca aconteceu de fato, eu nunca tive um grande problema. Eu nunca me vi como uma outra pessoa. E aí foi quando eu comecei a estudar mais recentemente sobre as identidades trans, travestis, que eu entendi que o meu corpo faz parte desse processo, ele não é algo que eu anulo. E isso não quer dizer que outras pessoas que passem pela disforia de uma forma mais severa não sejam legítimas, pelo contrário, mas isso me fez entender que se não era tão legítima a minha mudança, logo eu não era alguém trans, ou não poderia ser alguém com identidade travesti. Então isso acabou sendo algo que eu ignorei durante muito tempo. Mas ao mesmo passo que, quando eu acabei olhando pra trás, observando o meu passado, eu entendi que esse lugar da depressão, esse lugar da repressão, não era exclusivamente da homossexualidade, mas era da identidade de gênero. Que aliás está sendo a grande dificuldade, pra mim e para minha família de lidarem, no sentido de que, como eu nunca falei sobre isso antes, mas eles vivenciaram isso comigo antes, então está sendo esse outro choque, assim. De eles terem que lidar com o passado que todos nós ignorávamos. Em resumo, com 14 anos eu não entendia, eu ignorava a questão da minha identidade de gênero, só que eu tenho certeza que isso acabou mobilizando muito a forma como eu via o mundo. Só que como a minha preocupação era entender a minha homossexualidade, que

era o que tinha de mais diferente acontecendo pra mim, e fazer com que isso fosse aceito pela minha família, a minha preocupação principal era a minha identidade cis, homossexual.

Pensando nosso problema de pesquisa, uma das consequências imediatas de sua fala é a consideração da classificação metodológica de sujeitos que se identificam com alguma categoria das minorias sexuais: a necessidade de uma classificação fixa do objeto de estudo em pesquisas científicas vai de encontro à realidade fluida e não linear das identidades sexuais, o que fez das últimas ponto central de estudo em trabalhos no âmbito das ciências sociais; não apenas obstáculo metodológico, elas se tornam o objetivo da pesquisa. Além disso, essa questão não escapa a formas de regulação sexual: quem *pode* produzir categorias legítimas, *quais* são as categorias, *quais* são as linhas demarcatórias que as separam. Nesse aspecto, a regulação se apresenta no plano da *racionalidade*, nas disputas científicas em explica-las, não tendo consequências somente voltadas ao campo do debate acadêmico. É interessante notar a necessidade da regulação sexual criar ‘caixas’ identitárias nas quais os sujeitos devem se enquadrar, e como noções fixas sobre certas categorias de fato estabelecem as formas de compreensão e ação de corpos, como no caso de Beatriz e a noção que tinha de identidades *trans*, a partir da qual a possibilidade de entender sua subjetividade em outros termos é interdita. A regulação sobre sua orientação sexual foi tão forte a ponto de levá-la a buscar a ‘resolução’ de seu não enquadramento heteronormativo sem prestar atenção a outras formas fundamentais de inadequação a normas sexuais, por meio da incongruência de gênero que não lhe permitia compreender totalmente quem era.

4. Marcos

Em seu caso, Marcos tentou o suicídio com 21 anos de idade, por volta do ano de 2009. Iniciamos a presente seção sobre o tema religião discutindo sua história. Sua tentativa foi fomentada em grande medida pelo sentimento negativo sobre sua própria homossexualidade, advindo de sua criação religiosa. Sobre o ambiente familiar ele comenta:

Então é como se não houvesse outras formas, não houvesse outras possibilidades de existir, eu uso essa palavra, eu faço questão de usar essa palavra existir é uma questão de aceitação do ente mesmo, daquilo que a gente é, e ponto. Acho que tem um esforço grande de famílias conservadoras como a minha, de serem aceitas no contexto em que elas estão, e que para isso elas

vão seguir uma carteira que se tiver que amputar um membro ou excluir alguém, é melhor isso do que ser conhecido como assim ou assado

As lógicas de regulação no seio da congregação discutidas em outras histórias voltam a operar. Como havíamos destacado, Marcos cresceu em uma cidade pequena, lembrando a experiência violenta e traumática que vivenciou quando seu pai o descobriu com um colega no banheiro de sua igreja, demonstrando pela violência física a proibição de manifestar aquilo que sentia.

Assim como Cesar, Marcos vivenciou o isolamento social durante o período escolar em virtude de fatores religiosos e de sua sexualidade:

era uma igreja evangélica, neopentecostal, fundada na década de 50, era uma cisão de uma outra do começo do século passado, conservadora. Na verdade, a minha sensação, meu sentimento de pertencimento na infância e na adolescência era comunidade de igreja. Uma igreja que demonizou futebol, que demoniza a televisão, que demoniza várias expressões culturais, cinema, teatro. Um livro em que eu me reconheci bastante assim, “A Menina da Montanha”, que é a história de um pai fundamentalista, bastante alienado assim, não aceitava o governo, que não aceitava a escolarização, que não aceitava várias coisas, eu me reconheci em alguns trechos porque, numa tentativa de salvar, a igreja cria um discurso alienante, militante, e de medo. É um terrorismo psicológico para você seguir aqueles preceitos. Mas eu não tinha consciência disso e, por exemplo, eu lembro de que quando eu comecei a ir à escola, ainda bem que eu pude ir à escola, escola pública, eu tinha medo das crianças católicas, porque o fundamentalismo evangélico é tão nocivo que ele não aceita nem outras formas de cristianismo. E essa demonização é completamente nociva, pelo menos foi para mim. Então a igreja funciona, pelo menos no meu caso, como uma redoma, uma cela, e limita o mundo, e tira, ou incapacita lidar com várias coisas [...] eu sempre gostei do ambiente escolar porque era coisa mais diferente que eu podia experimentar, super estimulante, ainda que se pudesse considerar limitado, em comparação a outros modelos de escolarização que já existiam na época, a escola pública era para mim um espaço de liberdade. Eu gostava, eu sempre gostei, nunca tive conflito grave com professor, eu trago comigo dessa criação de um ambiente fundamentalista um senso de submissão e resignação forte em relação à autoridade. Eu acho que tem a ver com ambiente familiar, mas também tem a ver com o ambiente religioso. E na escola, por esse motivo, eu nunca tive problema, mas aos poucos eu fui percebendo esse meu isolamento de atividades sociais dentro da escola, o time de futebol, nessas coisas de que não participava, por preceito religioso, eu acabei virando o bode expiatório da sala, tem essa coisa do bullying, são memórias que eu tenho. Tanto é que eu não tenho amigos do período escolar, eu tenho um amigo só, que a gente trabalhou junto depois e tal, mas na escola, ainda que tenha sido boa por um lado, eu não consegui cultivar relações.

Como relatado, a ambivalência da esfera escolar se dava pela liberdade que oferecia, e às restrições sobre comportamentos não heterossexuais. Observamos aqui ramificações próximas às já recontadas em outras histórias, como um ou alguns colegas de escola que eram LGBTs, assumidos ou não, os conflitos em que eles entravam com

outros colegas de escola e, especialmente, o medo de relacionar-se com eles e ser marcado por outros.

No ambiente religioso, seu desejo de pertencimento ao círculo social ao qual estava restrito passa pela violência contra a sexualidade ‘desviante’, e perturbadora, do referido grupo:

E aí eu lembro que numa das primeiras consultas que eu fiz com o psiquiatra nesse período e tal, o psiquiatra me indicou cinco livros, e os dois primeiros eram sobre a teologia, precisava lidar com a religião, para conseguir lidar com outras coisas. Mas eu não lembro se foi esse ou se foi outro, ele disse que, aí que eu entendi um pouco um conceito que era homofobia internalizada, então essa homofobia que a gente vê contra os gays na escola, contra os gays na rua, ambiente de trabalho, que aparece como assédio moral, todas essas formas de violência, ela também, no meu caso, ela era claramente internalizada [...] Eu lembro uma vez, tinha um gay na igreja, isso eu deveria ter uns 10 anos, e ele era muito afeminado. E os meninos da igreja um dia o cercaram e bateram nele, espancaram ele, inclusive eu dei um chute nele, para me sentir ‘*belonging*’¹⁰⁰, para me sentir membro dos meninos. Aliás eu nem sei onde está esse rapaz hoje

Aqui o senso de pertencimento, o desejo em se identificar, leva Marcos à atitude extrema, pois a enxergava como meio possível de vencer seu isolamento, ao passo que irá compartilhar com sua comunidade religiosa as angústias sobre sua própria sexualidade. Esse mesmo senso de pertencimento e as obrigações que ele acarreta, em relação à comunidade religiosa, irão marcar suas experiências com sua identidade sexual não resolvida, e que terá, enfim, papel decisivo em sua tentativa de suicídio. Ainda, é importante ressaltar a presença da noção ‘homofobia internalizada’ no discurso médico enquanto dado empírico e nossa discussão teórica do conceito enquanto explicação, apontando para uma das formas mais evidentes pela qual o plano racional do dispositivo da sexualidade exerce influência sobre a sociedade como um todo: a discussão acadêmica e a formação de profissionais que atendem populações LGBT. Novamente, todos esses debates não ocorrem no vácuo, possuindo consequências nos assuntos que discutem.

Marcos descreve a relação entre sua sexualidade declarada à congregação e como a última respondeu a essa questão, em meio à sua saúde mental debilitada:

E entrando nesse quadro depressivo, de falta, de uma sensação de não pertencimento, opressão mesmo né, e aí a primeira seria uma opressão espiritual, mas na verdade uma opressão social, não existe uma forma de acolher a diversidade, pelo menos no contexto em que eu estava. E aí a depressão como quadro clínico legitima uma autodepreciação, o auto flagelo, autodestruição. Então problema não era que eu não tinha referências para poder

¹⁰⁰ Pertencente

me aceitar, o problema era que eu estava com depressão, e a medicação e o tratamento psicoterapêutico assim bastante conservador, me colocaram assim, olha você precisa se apegar com suas crenças iniciais, se apegar com aquilo que são valores da sua família, etc. etc., e logo depois, no meio dessa depressão, eu acabei, para tentar enfrentar isso, recorrendo às ajudas que apareceram. E as ajudas que apareceram, cheias de boas intenções, me colocaram no processo que lá fora, o mesmo que em algumas aulas fundamentalistas, ou não né, chamam de cura gay. E essa cura gay passa por aconselhamento, passa por jejum, orações, passa por todo um processo de condicionamento do comportamento, com uma base teológica, espiritual, baseado muito nessa negação do corpo, nessa negação da vontade, na negação do desejo. E isso fez com que eu me convencesse de que todos nós temos, na carne, as nossas angústias. E essa seria minha cruz, o meu desafio. E aí quando eu estava convencido de que estava curado, de que estava livre desse comportamento, eu fui na frente da igreja, sei lá 500 ou 600 pessoas, dar meu testemunho, agradecer minha graça, que eu tinha tomado consciência, que eu podia retroalimentar o sistema de crenças completamente aniquilador, de formas de vida que não aceita nada que seja diferente. E aí no mesmo dia, na mesma semana eu recebi uma mensagem no Facebook de alguém que ouviu o meu testemunho de quem era da igreja, e aí de fato foi a primeira transa que eu tive com um cara, e aí caiu a ficha de que não era nada disso.

Marcos passou a estudar e trabalhar ao mesmo tempo, o que lhe permitiu sair de esferas sociais costumeiras, como a família, e ao mesmo tempo, a reprodução das dificuldades de socialização, remetendo, novamente, a culturas sexistas:

Eu morei com a minha família até os 17, 18 anos. Eu fui para faculdade e aí eu morava sozinho, eu dividia o apartamento com um colega da faculdade. Mas eu não conseguia, mesmo morando sozinho, eu não conseguia participar de nada que fosse social. Eu ia para um boteco ou alguma coisa, mas eu sempre me sentia desconfortável naquele meio machista. Então para evitar esse sofrimento eu me isolava, eu ficava em casa

[...]

Pergunta: na época que você estava sozinho você estava trabalhando e estudando?

Resposta: estava, eu fui bolsista do Prouni mas eu tinha que trabalhar para me manter, para pagar parte do aluguel etc. etc. Eu sempre trabalhei eu acho que isso me ajudou muito. Porque se eu não tivesse conseguindo trabalhar no começo da adolescência, eu estaria trabalhando com meu pai. E eu trabalhando com meu pai eu não sei como seria a, eu nem consigo imaginar, como é que eu teria lidado com essas questões, então trabalhar para mim era uma forma de conseguir sair dali

A relativa autonomia financeira que passou a usufruir não o impediu de escapar de ambientes de alta regulação, como poderia ser o caso de alguns de nossos entrevistados, por exemplo, Edson e a ida à universidade. Já mencionamos anteriormente que a força da família não se dá apenas pela dependência de dinheiro e da sobrevivência. Especialmente quando nossos sujeitos de pesquisa atingem idade mais avançada,

permitindo que trabalhem e alcancem uma fonte de renda independente, encontrar o peso da família sobre suas respectivas tentativas de suicídio remonta aos laços de honra, os emocionais, à influência das relações familiares e suas peculiaridades, como veremos ainda no caso de Marcos.

Em um dos traços mais comuns da idade madura e autônoma, a sanção da sexualidade ocorreu também em esfera típica da ‘vida adulta’, o ambiente de trabalho:

Até que eu não consegui mais lidar de maneira tranquila né, com minha sexualidade, e isso eu já tinha 20 anos, quando, por eu não namorar garotas, por eu sempre estar no armário, e por eu evitar um pouco convívio social, isso de certa maneira, essa forma de reprimir, essa forma de viver o armário, foi sendo objeto de crítica, de piada, de gozação, no ambiente de trabalho eu acabei namorando uma menina, e isso meio que, tirou, isso fez com que eu vivesse a sexualidade de uma maneira heteronormativa.

Por fim, esses diversos fatos combinados e suas histórias peculiares culminaram em um momento em que Marcos não conseguiria mais seguir em frente. Sobre sua tentativa de suicídio, ele comenta seu profundo sentimento de culpa, adquirido no meio religioso:

E foi justamente na mesma época que eu fiquei com um cara, a gente foi por impulso né, e eu estava namorando essa menina. E aí eu acho que foram três coisas básicas, essa dinamite das minhas crenças iniciais, muito fundamentalistas, depois da experiência com o cara, e depois a minha relação com essa menina. E aí isso foi meio que colocou no lugar de profunda vergonha, culpa, pode ser ou por estar naquele jeito no mundo. E foi aí que eu acho que eu tive um episódio que foi eu acho minha primeira vez de tentar o suicídio. Não faz sentido, é melhor morrer do que ser gay. É melhor morrer do que desonrar ou ser motivo de vergonha para família ou para aquelas pessoas que eu achava importantes. E isso, ainda bem que não deu certo, primeira tentativa, mas eu acho que foi um trauma muito grande né, essa implosão dos meus alicerces, porque eu estava convencido de que era só o comportamento era só, sei lá as pessoas gostarem de fazer certas coisas e aí você pode mudar o comportamento. Eu não tinha ideia de que a homossexualidade aparece na natureza em quase todos os mamíferos, eu não tinha ideia disso. [...] E quando eu me percebi como outro né, como eu posso ser um cara que gosta de outros caras, mas isso não está de acordo com os parâmetros ou a régua que eu aprendi a usar, para medir o mundo. E aí essa vergonha e essa culpa não deixou espaço para que eu pudesse existir naquele momento saudavelmente. Eu acho que foi a minha primeira crise assim.

Um de seus motivos, a vergonha ligada à possível mancha causada às suas relações familiares indica a potência desses laços, inseridas na lógica específica de degradação da imagem de indivíduos e daqueles que se relacionam com eles na comunidade religiosa em que Marcos havia crescido. Elaborando um pouco mais sua experiência com o suicídio, percebe-se na fala de Marcos a seguir como os ‘fatores de

risco' tradicionais têm suas fronteiras conceituais fortemente diluídas, bem como a dificuldade em separar seus respectivos pesos em 'causas' do fenômeno de interesse:

eu acho que o isolamento, a dificuldade em não compartilhar isso com alguém teve um peso muito importante. A vergonha, a não aceitação, essa homofobia internalizada, essa sensação de sufocamento fez com que eu não pudesse reagir. Eu fiquei durante quatro dias preso dentro de casa, sem tomar banho, no fluxo louco de pensamento, preso num círculo vicioso de autoflagelação mental mesmo. [...] Mas foi bem assim por causa dessa falta de conexão mesmo.

O isolamento era um evento específico, no qual ele negava a sua homossexualidade e mantinha contato com outras pessoas durante a maior parte de sua vida; ele compartilhou suas dúvidas sobre a sexualidade e a subsequente rejeição de seu desejo em frente de sua comunidade religiosa. A situação de isolamento em que foi jogado após a explosão de suas crenças iniciais diz respeito ao papel profundamente social de sua construção identitária: Marcos é, neste momento de crise, um homem heterossexual crente que acredita ser um pecador, acredita carregar no corpo algo que deve ser erradicado. O valor simbólico daquilo que desejava era de tal forma incompatível com aquilo que acreditava ser a ponto de o levar a tentar resolver essa inadequação pondo fim à sua vida. É importante destacar esse ponto para voltarmos às questões que rondam inevitavelmente os dados de nossa pesquisa: a combinação peculiar de trajetórias identitárias e a forma como processos sociais contribuem para moldá-las, seja em casos extremos de completa negação do ser como o de Marcos, seja na repreensão silenciosa de sua manifestação na qual sua própria identidade não aparenta ser um problema em si, como no caso de Leandro. Invariavelmente, em todos os casos desta dissertação temos o jogo de sistemas valorativos distintos e suas formas eficazes de regulação sexual, produzindo efeitos em alguns casos similares, em outros diferentes, que concorrem a um mesmo objetivo, o suicídio.

A seguir passaremos a enxergar como o tempo mais avançado, no início da chamada 'vida adulta', passou a criar fenômenos peculiares para a ocorrência do suicídio, continuando a explorar características comumente associadas a esse período de vida.

Capítulo 7: Transição para a ‘vida adulta’

No momento de vida em que os entrevistados da última seção se encontravam, entre os 17 e 21 anos, e em algumas instâncias até em momentos anteriores, alguns deles veem abrir-se a porta de círculos de sociabilidade compostos majoritariamente por outros sujeitos LGBTs. No caso de Beatriz, essa prática ficou evidente em sua participação na instituição de jovens não-heterossexuais que frequentava.

Essa outra esfera da vida tem, num primeiro momento, papel fundamental no fortalecimento de identidades sexuais, por meio de suas expressões e possibilidades de convivência afastadas de ambientes sociais tradicionalmente nocivos aos participantes deste estudo discutidas até aqui, nominalmente, família, escola e religião, servindo assim como contrabalanço da influência decisiva desses ambientes heteronormativos, que jamais deixa de ser sentida. Nesse sentido, essa esfera alternativa atua como fator preventivo do fenômeno aqui analisado, indo de encontro aos efeitos dos processos até aqui registrados, por exemplo, ao fornecer contrapartida aos efeitos de internalização da homofobia e do isolamento social. No entanto, esse cenário não é compartilhado de maneira ampla pelos participantes da pesquisa.

Quando perguntados se conheciam alguma pessoa LGBT, cerca de 8% dos respondentes do *survey* online afirmaram conhecer alguém entre familiares, cerca de 34% possuem algum amigo LGBT e 48% afirmam não conhecer ninguém da mesma ou de outra minoria sexual. Além disso, em cerca de 70% das respostas totais do *survey*, os respondentes afirmaram não frequentar espaços de encontros LGBT durante o período em que tentaram o suicídio.

Para Antônio, sua identidade sexual ainda em processo de construção se confirmou no corpo, no momento em que passou a frequentar ambientes voltados à população LGBT, após seus 20 anos de idade:

Tanto que, é muito curioso que, na primeira vez que eu beijei um cara eu também não senti nada, e eu fiquei, puta merda, eu sou assexuado. Que cagada. E daí numa boate, eu tive certeza que eu era gay, daí um cara, que foi a minha primeira paixão, na hora que a gente se olhou, a gente se cruzou na escada, e a gente se beijou, e daí quando ele me beijou, o meu corpo todo assim, foi a primeira vez que eu senti meu pau ficar duro beijando alguém, e dali eu tive certeza de que eu era viado, e eu, graças a Deus, eu sou viado! Muito bom sentir essa sensação de que eu nunca tinha sentido na vida, por nenhuma guria assim. Daí eu tive certeza. Que eu era viado [risos]

Voltando à história de Plínio, a possibilidade de estudar na capital do seu estado de origem propiciou-lhe a oportunidade de expressar sua identidade e a consequente conquista da autonomia, que, por sua vez, está atrelada à forma como se relacionaria com sua família desde então:

Não, eu só fui me assumir quando eu saí daquela cidade mesmo, pra estudar. E fui me assumindo aos poucos assim, sabe? Mas, quando chegou a época do vestibular, eu disse, é agora a minha oportunidade. Que aí eu fui morar na capital fui pra [nome da cidade], e aí mudou a minha vida, totalmente. Foi mudando, mas pra família eu não falava, durante anos eu não falava porque eu queria, eu não queria dar satisfação da minha vida. Tudo o que eu passei, eu achava que eu não tinha que chegar e dizer nada pra ninguém. Se quisessem que notassem. E seguissem a vida assim, então, é isso.

No fim da década de 90, ele revela as estratégias disponíveis de então para encontrar outros homens cis gays com quem pudesse se relacionar, sempre vinculadas às condições de anonimato que ainda pautam hoje, como no caso do anonimato da internet, esses tipos de tentativas de aproximação¹⁰¹.

Pergunta: nessa época você encontrou alguém pra discutir de verdade sexualidade ou foi mais pra frente

Resposta: Não, foi mais pra frente. Essa época na minha cidade, até eu mudar, a sexualidade era zero, assim, né. Porque já tinha passado aquela idade do abuso, né. Que foi até a minha tentativa de suicídio ali, aos 13 anos. Desde cedo, algumas brincadeiras sempre vinham pra cima de mim. Primos mais velhos, vizinhos mais velhos. Tentando alguma coisa, mas eu fugia. Mas ah, foi só um bom tempo depois. Que eu comecei a buscar, que eu comecei a, eu ia nas baladas mas eu não ficava com ninguém, assim, porque, aquela coisa, eu não me achava atraente, eu não achava, eu achava aqueles meninos todos lindos e eu não era, gente, o que que eu faço aqui. E aí em [nome da cidade] tinha uma linha telefônica, que não tinha internet, estamos falando de século retrasado. Tinha uma linha telefônica, que as pessoas falaram, que tinha esse 0000¹⁰², e as linhas se cruzavam e se falava com pessoas. E aí eu comecei a conversar com pessoas. Com gays. E eu comecei a encontrar por ali.

Pergunta: essa ligação cruzada, ela é aleatória assim, liga...

Resposta: Aleatória. Você ligava ficavam 4 ou 5 vezes, falando alô, alô, pápápá. E aí você podia chamar alguém pra conversar no reservado. Você apertava uma tecla no telefone, né, e você chamava a pessoa, ah, vamo pro reservado. Isso, anos 90. 0000 em [nome da cidade]. Nas outras capitais devia ter outro número. Tinha pessoas que usavam caixa postal, ainda na época. Era muito engraçado. Você pegava uma caixa postal no correio, anunciava nos jornais que estava procurando isso, isso e aquilo, pra mandarem carta. Eu lembro de ver isso, mas eu nunca fiz isso, gente como funciona. Aí eu comecei a encontrar.

¹⁰¹ Sobre esse ponto ver Miskolci (2017). Com o advento de novas tecnologias de comunicação desde a metade da década de 1990, o autor analisa a visibilização do desejo homossexual que navega a contínua necessidade do segredo identitário para evitar efeitos negativos, como violência, repreensão moral, etc.

¹⁰² Número fictício

[...]

Você vai pela voz, você se identificava pela voz. Aí a pessoa demonstrava interesse em você, e aí você ia conversando. Obviamente havia todos os perigos que até hoje existem, né. Que eram praticamente os mesmos, você não sabia quem é que estava do outro lado, se estava falando a verdade, se era aquilo mesmo. E não tinha nem como conferir, a não ser ao vivo. Não tinha como mandar foto, não tinha. Não tinha, uma imagem, era na carne e na coragem. E muitas vezes as pessoas davam o seu próprio telefone pessoal, aos poucos elas iam dizendo, olha, vai anotando aí, aí dizia um número, aí você esperava meia hora ela dizia outro número, você ficava na linha esperando pra que outros não pegassem, sabe? Aí você ligava pra casa da pessoa, ficava batendo papo, ficava conversando, aí tu liga outro dia, até o dia que vai se encontrar e tal. Às vezes era mais rápido isso, também. Mas foi ali que eu comecei a viver mesmo. Era a pré-internet né.

Avançando até a década de 2010, a internet teve papel decisivo na vida social de Cesar, ao descobrir pessoas LGBTs com quem socializar:

sim, aqui em [nome da cidade] eu comecei a sair com 18 anos. E aí eu comecei a fazer amizades pela internet, o Twitter foi um dos responsáveis pelos amigos que eu tenho até hoje, e a gente marcava de se encontrar. Como a gente era muito novinho a gente marcava de se encontrar em espaço público, na praça, nesses lugares, para reunir a galera e beber, e tudo mais. Aí depois de um tempo eu fui conhecer a cena daqui, fui conhecendo boates, fui conhecendo pessoas, fui conhecendo espaços, fui conhecendo a [universidade estadual], o que é um espaço interessante aqui, em que rolava muita festa, quando a gente tinha um governo de esquerda aqui no poder lá era um espaço mais abrangente, acontecia *happy hour* lá, aconteceu muita coisa, era um lugar que tinha bastante LGBTs, e era um lugar que tinha uma variedade muito grande. Então você via gays de todo tipo, lésbicas, trans, travestis, não binários, então tinha de tudo. Eu falo que a [universidade estadual] ela foi importantíssima para a gente saber o quão diferente, e ao mesmo tempo quão igual a gente é. Aqui em [nome da cidade] nessa época tinha alguns espaços, que já fecharam, de festas, que foi onde eu comecei a trabalhar, que eram festas de pessoas LGBTs dissidentes. Não era uma festa bonitinha, sabe? Daquela que tipo de boate, era uma festa loucura, entrada 10 conto, que dava bastante gente diferente. E foi muito bom para eu entender a pluralidade de tudo e me entender também como homem gay cis, e conhecer pessoas diferentes, e conhecer vivências diferentes, trocar vivências, entender o meu lugar na sigla, na militância, e de privilégio também, né. Eu sou um gay cis gênero, eu moro com a minha família, a minha mãe e os meus irmãos me aceitam perfeitamente, hoje em dia, eu tenho emprego, eu tenho estudo, então eu acho que o mínimo que eu posso é lutar pelos outros que não têm isso. [...] Eu estava falando com a minha mãe esses dias, aqui eu tenho duas famílias, a família que eu ganhei quando nasci, e a família que eu escolhi. Eu tenho uma família que eu escolhi maravilhosa, são os meus amigos, eu posso contar com eles para tudo e vice-versa, eles podem vir aqui em casa e eu posso ir na casa deles

No entanto, a fala acima de Cesar já indica como tal esfera social pode ser ambivalente, ao alimentar processos como isolamento e inferiorização que podem contribuir na ocorrência do suicídio LGBT. Ele continua:

[...] quando eu comecei a sair. Eu achava incrível, tudo era novo, eu era muito aberto ao novo, então eu conheci pessoas que eram dissidentes mesmo né, e aí eu fiz amizade com muita gente assim. Existiam algumas festas onde era mais tranquilo, onde era bem-vindo, mas aqui em [nome da cidade], até 2016, as festas eram segregadas, tinha uma festa para os gays brancos irem, que ninguém mais ia, que eram as festas de eletrônica, e aí tinha algumas festas que iam os LGBTs, os travestis, algumas festas em que só ia uma galera de funk. E aí as galeras só iam para esses lugares e ficava cada um na sua. Então tem uns quatro anos mais ou menos que começou a se misturar tudo. Porque aqui é uma cidade pequena, apesar de ser a capital, e tem muita pouca coisa para fazer, então querendo ou não, a galera começou a girar esse meio e tudo mais, e hoje em dia eu adoro a cena daqui, porque se você for para uma festa, você vai ver de tudo, você vai conhecer todo tipo de gente, e isso para mim é muito bom. E também com esse *boom* das drags que teve no passado aqui cresceu bastante. Então tem muito lugar hoje que tem show de drag e a galera vai para consumir, para gostar. Porque na época em que eu comecei a sair, a galera não dava a mínima para drag e essas coisas, a galera tratava mal mesmo. Inclusive a [nome], que é uma drag daqui, que começou aqui, quando ela começou a galera tratava ela igual o lixo. Vaiavam show, não tava nem aí para o que ela estava falando, ela ia entregar *flyer* e o pessoal rasgava na cara dela, tudo que fugisse de ser esse normativo higienizado, era extremamente destrutado, e eles se sentiam que não existe. Eu conheço inúmeras pessoas trans que não saíram, porque chegavam nesses lugares e se sentiram invisíveis.

[...]

tanto que essa festa que eu comecei ela era para LGBTs que tinham pouco dinheiro mesmo. A entrada era R\$ 10, era perto de uma estação do metrô, então a galera ia a pé, ficava todo mundo junto lá, pegava o metrô junto, era isso nessa época. Era 'segregação'. Aí hoje em dia está bem mais tranquilo. Inclusive hoje tem muita festa em espaço público, de graça, que geral pode ir. Aqui em [nome da cidade] a cena está muito boa.

Cover (2012: 117) destaca como a influência de normas, práticas, culturas e representações de comunidades LGBTs tem sido um dos pontos pouco analisados pelos estudos que trabalham o tema do suicídio de minorias sexuais. O termo utilizado pelo autor, 'homonormatividade', "[...] é o estabelecimento de novos conjuntos de normas – homonormas – nas quais o consumidor gay masculino e branco torna-se a medida pela qual a adesão à comunidade queer é determinada"¹⁰³ (Cover, 2012: 124, tradução nossa).

Assim concebida, a homonormatividade pode produzir diversas formas de exclusão, por fatores raciais e/ou étnicos, não conformidade de gênero – no caso de

¹⁰³ “[...] the establishment of new sets of norms – homonorms – in which the white, affluent gay male consumer becomes the measure by which queer community membership is determined”

sujeitos *trans*, homens ‘afeminados’ etc. –, não adequação a padrões estéticos corporais, classe e consumo, entre outros (Cover, 2012: 125-7).

Sob a noção de marcadores da diferença, Simões *et al.* (2010) revelam diversos tipos de relações sociais entre homens cis homossexuais mediadas por várias categorias, como raça e classe. Por meio delas, sujeitos enquadrados ou não dentro dos termos que as designam adentram locais de sociabilidade LGBT – no centro histórico de São Paulo – que abrigam incontáveis representações sociais sobre a diferença, pautando possibilidades ambíguas de socialização:

Nesses espaços, categorias e *performances* de gênero operam classificações e hierarquias que abrem possibilidades e constrangimentos diferenciados para a interação erótica e afetiva. A “bicha-preta” é um lugar social que poucos estão dispostos a ocupar, mas com o qual muitos são obrigados a negociar; e alguns podem fazê-lo com disposição e desenvoltura, construindo interações vividas como positivas, não só em termos da sociabilidade homoerótica, mas também em termos de um projeto de vida viável mais amplo. O cobiçado papel de “mano” ou “negão”, em contrapartida, pode ser vivido como um fardo que aprisiona à condição de objeto de desejo. (Simões *et al.*, 2010: 74, grifo dos autores)

Esses fatos são barreiras claras aos efeitos positivos da socialização entre sujeitos não heterossexuais ao pensarmos nosso fenômeno de interesse, fazendo necessária a análise de outros processos sociais encontrados nos circuitos de sociabilidade LGBT acessíveis a minorias sexuais que sofrem dos problemas até aqui discutidos.

Além dessas novas redes de interação, nas quais os sujeitos passam a potencialmente interagir com pessoas que vivenciaram problemas parecidos, a oportunidade de relacionamentos amorosos se torna mais clara. No entanto, como se viu acima, relações sociais de natureza vasta, como de amizade ou erótico-afetivas, podem florescer e, também, no caso das últimas, serem restringidas apenas ao desejo sexual.

Um segundo ponto importante sobre a socialização diz respeito justamente às relações amorosas. Sejam elas estruturadas ou não por representações sociais mais gerais da sociedade, p. ex., o racismo, o cultivo de laços afetivos longevos que permitam aos sujeitos a criação de redes de apoio sustentáveis ou a exploração de sua identidade sexual que é vital para nossos sujeitos de pesquisa pode ser encontrar barreiras para seu desenvolvimento, em virtude de culturas de relacionamentos presentes em certos espaços sociais dedicados à socialização de minorias sexuais.

Ao investigar relações íntimas entre homens gays de classes médias e alta na capital peruana Lima, Garcia-Rabines (2021) discorre sobre as representações de seus

entrevistados a respeito do chamado ‘mundo gay’ e as possibilidades de relacionamento nele implicadas:

[...] o "mundo gay" foi associado ao sexo casual e à cultura de namoro [hookup], que desafiou a ideia de estabelecer e manter uma relação monogâmica. Para Alonso (19; solteiro), o principal problema de tentar encontrar um namorado em potencial na cena gay é que as pessoas “não se preocupam em conhecer alguém, só querem paquerar e ter uma relação sexual de uma noite.” Além disso, Sebastian (24; relacionamento) discutiu sua experiência de estar em um relacionamento dentro da cena:

“Eu acho que é o mesmo mundo gay que torna mais difícil [estar em um relacionamento], porque... Eu sinto que o mundo gay, e não estou me excluindo, é muito sexual. Você pode estar em uma festa, e se você não está com seu namorado e apenas dançando com seus amigos, as pessoas diriam “oh, ele está querendo transar”.

Essa construção da cena gay está associada a discursos de “promiscuidade” e cultura de sexo, que entraram em tensão com as crenças dos participantes sobre a monogamia e o amor romântico. Isso concorda com a observação de Duncan et al. (2015) em seu estudo com jovens gays australianos, onde a cena gay limitava as possibilidades de atingir um certo ideal de relacionamento associado à monogamia e ao compromisso. Assim, ao mesmo tempo que os protege de preconceitos externos, o “mundo gay” também pode colocar desafios ao desejo de encontrar um parceiro de longa data ou de estar numa relação monogâmica.¹⁰⁴ (Garcia-Rabines, 2021: 16, tradução nossa)

Sem cair em universalismos banais que pintam de uma só cor culturas localizadas em distintos locais do planeta¹⁰⁵, muito menos em técnicas de regulação social por meio da associação de categorias como o ‘mundo gay’ e a ‘promiscuidade’ (Carrara, 2015: 334), interessa-nos aqui pontuar as possibilidades de relações sociais que ataquem as questões envolvendo o suicídio de homens cis gays, e como elas participam na produção ou prevenção do fenômeno.

¹⁰⁴ “the “gay world” was associated with casual sex and hookup culture, which challenged the idea of establishing and maintaining a monogamous relationship. For Alonso (19; single), the main problem about trying to find a potential boyfriend in the gay scene was that people there “don’t bother with getting to know someone, they just want to flirt and have a one-night stand.” Additionally, Sebastian (24; relationship) discussed his experience of being in a relationship within the scene: I think that it’s the same gay world that makes it more difficult [being in a relationship], because . . . I feel that the gay world, and I’m not excluding myself, is very sexual. You can be at a party, and if you’re not with your boyfriend and just dancing with your friends, people would say “oh, he ‘s looking to get laid.” This construction of the gay scene is associated with discourses of “promiscuity” and hookup culture, which came into tension with participants’ beliefs about monogamy and romantic love. This resonates with Duncan et al. (2015) observation in their study with Australian young gay men, where the gay scene limited the possibilities to achieve a certain relationship ideal associated with monogamy and commitment. Thus, while protecting them from external prejudice, the “gay world” could also place challenges to the desire to find a long-term partner or to be in a monogamous relationship.”

¹⁰⁵ O que iria de encontro a uma das premissas argumentativas desta dissertação, a variabilidade do conteúdo associado a sexualidades não heterossexuais presente em diferentes contexto socio-temporais.

Nesse sentido, as expectativas dessas relações também são influenciadas por fatores sociais anteriores às práticas sociais próprias a círculos de sociabilidade de minorias sexuais, nas ideias de monogamia e de amor romântico. As intrincadas possibilidades de relacionamentos afetivos de homens cis gays que tentaram ou estão em vias de tentar o suicídio se desenrolam no seu encontro com pessoas circulando em lugares – físicos ou virtuais – com dinâmicas peculiares, *i. e.*, sua busca por relacionamentos pode ser condicionada por noções prévias e desencaixadas às dos sujeitos frequentadores típicos dos locais onde os primeiros supõem que essas relações se iniciam e se formam.

No caso de Beatriz, várias dessas questões são abordadas em virtude de sua experiência dos locais de sociabilização que frequentou:

Então talvez o grande impacto assim, que eu acho que é o grande divisor de águas na formação de um ser humano, que é quando a gente se desvia do que é socialmente aceito, e a gente perverte o nosso comportamento. E não é porque ele é pervertido, mas como é tido como pervertido, a gente alimenta isso na gente. E foi quando eu percebi que isso era algo comum entre todos, então a gente fala sobre sexo, a gente faz sexo de uma forma muito mais livre, e até menos, como eu posso dizer, uma criança, ou um adolescente homossexual não deseja fazer tanto sexo como a gente faz. Mas é porque isso acontece porque isso é naturalizado. Então fazer isso é como se fosse descobrir como tal. E eu vejo que isso reflete inclusive no comportamento adulto do homossexual, e que se reaplica a todo o contexto homossexual. De como as pessoas enxergam a homossexualidade apenas como ato de fazer sexo, ou tudo que volta ao fazer sexo. Então você conhece pessoas para fazer sexo, você vai para algum lugar para fazer sexo, você vai no aplicativo para fazer sexo, você não vai conhecer as pessoas, você não vai criar laços, amizades e famílias. Não que isso não aconteça, pelo contrário, acontece, mas poderia acontecer de uma forma mais saudável. E não acontece porque a gente não tem a instrução de que isso poderia acontecer. [...] a gente acaba criando isso de uma via marginalizada, né, de um lugar que não é legítimo, e a gente vai fazendo isso, e a gente também tem essa falta de regulamentação, essa falta de que traz essa falsa liberdade, que a gente pode fazer tudo. Mas o que é fazer tudo em um lugar em que nada significa nada. O que é ter limites? Porque eu sei que a maioria de nós da sigla LGBT tem em si uma grande carga da cultura heterossexual, das instituições. Matrimônio, família, e eu acredito que essas instituições são assexuais, elas não têm um gênero, elas participam desse formato de agrupar pessoas, né, numa família, ou no matrimônio, e aí quando a gente acredita que isso é exclusivamente do heterossexual, a gente quer negar isso como uma forma de liberdade, mas ao mesmo tempo, se a gente foi criado nessa cultura, como a gente vai fazer com que essa cultura, que faz parte de nossa formação de ser humano, seja também renegada? No sentido de, falando eu, da minha experiência, como eu reneguei todas essas instituições quando na verdade eu participo delas ainda. Eu tenho uma família, eu provavelmente gostaria de ter alguém, ter um relacionamento, então esses são os lugares que fazem com que a gente acabe criando um comportamento disruptivo. Mas até que ponto essa disjunção tem um sentido, ela é saudável pra gente?

Novamente, sem atestar ou negar a generalização de sua opinião, embora Beatriz faça ressalvas que se baseiam em sua experiência particular, e também pelo tom de desabafo, em que expõe suas dúvidas particulares, sua fala traz à luz diversas tensões que se enlaçam, de maneira mais ou menos direta, ao lugar de marginalização imposto por culturas heteronormativas aos dissidentes delas, discutidas anteriormente. Esse lugar de socialização construído pode ganhar diversas formas e ser produtor de diversas experiências, como a de Cesar ao ter encontrado relações sociais que se desenvolveram em espécie de ‘segunda família’. Como esse mesmo lugar carrega peso muito grande ao ser analisado sob o prisma do suicídio LGBT, é preciso notar que a experiência que ele fornece aos sujeitos que anseiam tomar parte de sua realização pode ser de variada natureza, não nos levando assim a conclusões à primeira vista óbvias, p. ex., tomar espaços de encontro LGBT como ‘solução’ direta e automática de questões fundamentais para nosso problema de pesquisa, como o isolamento social.

Além de possíveis dificuldades em encontrar um parceiro romântico e usufruir de redes de apoio sobre questões íntimas como a identidade sexual, uma vez dentro dessa relação, as formas de relacionamento próprios da heterossexualidade ainda podem continuar vivas. A frequência de violências físicas, psicológicas e/ou simbólicas se mantém em níveis parecidos ou às vezes maiores do que a encontrada entre casais cis heterossexuais (Woodyatt & Stephenson, 2016).

Ao discutirem a violência sofrida por homens cis gêneros homossexuais ao longo de suas vidas no Rio de Janeiro, Ferrari *et al.* (2021) relatam o depoimento de um de seus entrevistados, que ilustra os tipos de violência supracitados:

Eu namorei quando tinha 17 anos, ele 22. Foi um namoro muito bom, durou um ano. Mas no final começou a ficar bem ruim, descobri traições. Foi um ano difícil, eu tava brigando muito com a minha mãe, engordei bastante, tinha reprovado na escola. Ele ficava falando que tava ficando feio e gordo, isso foi minando minha autoestima. A gente foi se encontrando menos, parando de transar. Ele ficou me traindo, ‘me chamava de baleia e feio’. Com muita dificuldade, eu terminei. Depois de dois meses ele pediu pra gente conversar. Ele veio com papo pra gente voltar, mas eu disse que não. Ele começou a ser agressivo, aí ele me segurou e me estuprou. Não durou nem cinco minutos, não faço questão de lembrar nada disso. Ele segurou meu braço e o corpo dele tava em cima do meu, eu tentei resistir, mas ele era mais forte que eu e eu congelei. Depois eu só catei minhas coisas e fui embora. Só posso dizer que foi a pior coisa minha vida e fiquei três anos sem fazer sexo depois disso. (VB, 22 anos) (Ferrari *et al.*, 2021: 2733-4)

Como apontam os autores em seguida, o medo de posteriores humilhações e violências pode atuar como inibidor de denúncias que fizessem parar esse estado

continuado de violação, além de que, “É preciso ainda levar em consideração que o namoro entre homens é muitas vezes visto como uma “relação entre iguais” em que não há assimetrias de poder. Os próprios agressores utilizam com regularidade este mito, para justificar suas condutas violentas” (Ferrari *et al.*, 2021: 2734).

Olhando as relações entre homens gays no México, Lozano-Verduzco (2016) escreve como a masculinidade pode impactar de modo negativo essas relações, em razão de homens que estão mais à vontade e confortáveis com seu homoerotismo e que acabam por ganhar controle sobre seus parceiros por meio de dinâmicas de poder da revelação forçada – *outing* – da orientação sexual dos últimos (2016: 362).

Nesse sentido, sob o contexto de sua primeira e única relação amorosa de longa duração, Igor remonta a ocorrência de sua segunda tentativa de suicídio.

Eu estava no mestrado. Foi logo quando eu me assumi pra minha mãe. Porque daí o que aconteceu. Quando eu me assumi pra minha mãe, eu me assumi pra minha mãe em Setembro, e aí eu comecei a me relacionar com uma pessoa em Dezembro. No final de Novembro, começo de Dezembro. Eu comecei a me relacionar com um rapaz e tal, e aí eu entrei em um relacionamento abusivo. Porque na minha cabeça, eu tinha que tirar da cabeça da minha mãe que um relacionamento homoafetivo não era, aí, promiscuidade, e tudo mais, então, tipo, eu fui aceitando muitas coisas. Então tipo, quando eu vi, eu não tinha vida mais. E aí, eu comentei né, eu e minha mãe a gente fez uma viagem, pra se reaproximar. Porque o que aconteceu, eu tava namorando e ele queria que, porque a família dele o aceitava, e o acolhia, a família dele era assim, excepcional. As únicas pessoas que não sabiam eram os avós, mas tipo, sempre me viam lá, me tratavam super bem, os tios, as primas dele. Tinha até uma priminha de 6 anos de idade, e aí ela falava pra mim assim, que eu tinha que me assumir e ele pra minha mãe. Porque ele queria conhecer a minha mãe. Só que como eu me assumi pra minha mãe em Setembro, tipo Outubro, Novembro, dois meses, tava muito recente pra ela. E a minha mãe tem 63 anos. Então uma criação totalmente diferente, morava numa cidade de interior, então tipo, conservadora. E aí eu viajei com ela, eu lembro que ele me ligou, e a gente tava discutindo por telefone, aí minha mãe chegou, e eu falei que eu tinha que desligar porque minha mãe chegou, ah, ele tinha ciúmes da minha mãe também, então eu desliguei o telefone e tudo mais. Ela viu que eu tava tipo quase chorando né, aí ela perguntou se tinha acontecido alguma coisa. Porque sempre que morria algum parente me ligavam pra eu falar pra minha mãe. Então ela achou que tinha acontecido alguma coisa. Eu falei que não. Aí eu fui e falei pra ela. E ela falou que não estava pronta, não entendia, que não aceitava, não sei o que, e já começou a me xingar, e que não queria saber, e que não era bem-vindo em casa. Aí desceu ladeira. Só ali me boicotando de novo. Então quando a gente voltou de viagem eu fui vê-lo. Quando eu cheguei lá, contei, na frente da mãe dele, porque eu falei assim, a minha mãe brigou comigo, a minha mãe não está falando comigo, porque você pegou e me forçou a me assumir pra ela, assumir você pra ela, e não sei o que, e aí virou uma discussão generalizada, porque ele era muito mimado, ele era filho único. Eu tinha 22, ele tinha 27, era pra teoricamente ser mais maduro do que eu, a gente acabou discutindo, a mãe dele entrou na discussão, virou um tedéu, então eu fui embora pra minha casa. Eu lembro que quando eu cheguei em casa ele me ligou, falou um monte de coisa pra mim de novo. Eu cheguei em casa e minha mãe também veio, me xingar, falar que não era pra eu falar da minha vida pra ela, ela não queira saber da minha vida e tal, e ali foi a segunda tentativa.

Veremos a seguir na história de Henrique a dimensão que tais relações de cunho afetivo assume na vida dos sujeitos, sendo intensificada pelas relações de confiança e identidade que nelas se depositam; aqui os sujeitos encontram, frequentemente pela primeira vez, alguém com quem pode discutir de maneira aberta e honesta suas próprias dúvidas com relação às suas angústias sobre suas respectivas orientações e identidades sexuais.

1. Henrique

Por volta do ano de 2010, Henrique tentou tirar sua própria vida, quando então tinha 21 anos de idade. Para ele, a percepção sobre sua orientação sexual apareceu de maneira mais clara entre seus 13 e 14 anos de idade, por meio da atração por outros homens:

quando começa a questão da sexualidade, na questão da adolescência. Você começa a perceber algumas coisas, então, uma atração mais pelo masculino, uma carência de ter alguém do lado, ou alguma coisa assim. Aí eu fui descobrindo com o tempo, na adolescência, falando de questões tipo assim, eu via algum colega meu comentando sobre mulheres, e eu não tinha interesse nenhum. Mas a minha atração era mais por homem, mesmo. Mas durante a adolescência eu fui meio que negando isso para mim, que eu achava isso errado, e com o tempo foi ficando cada vez mais forte, lá pelos 20, 21 anos, que eu falei assim, não, não tem como. É isso mesmo o que eu sou e não tem como mudar. Foi aí que começou um conflito, mais em mim

Em sua história, na qual o sigilo novamente foi uma tônica, encontrando alento na sua primeira relação afetiva, voltamos a um dos temas recorrentes do fenômeno, a impossibilidade de conversar sobre o assunto:

[...] eu tentava procurar alguma coisa que me atraía em mulher, assim, ah, o corpo, o jeito, alguma coisa, mas eu não me sentia atraído. E eu não tinha com quem conversar sobre essa questão, esse assunto de homossexualidade. Então tipo assim, eu não entendia o que estava acontecendo. O que era, eu só via coisas ruins no noticiário, família comentando, piada junto, umas piadas homofóbicas, então eu entendi como se fosse errado. Então eu tentava uma fuga em tudo, pra sair desse lado homossexual. Muito tempo, algumas vezes, eu fiquei com mulher, uma vez eu namorei com mulher. Então tudo, tipo assim, eu me atraía pela pessoa, mas quando ia na parte sexual, vamos supor, começava a ter uma afetividade maior com a mulher, não conseguia ter essa atração sexual. Ter essa sexualidade com ela. Então isso me afetou muito, nessa parte de criação, dessa formação minha, da orientação sexual. [...] Nessa época de 14 anos, eu não estava entendendo o que estava passando comigo, e

por ser uma época, não sei, uma geração dos anos 90, era mais difícil ter acesso à informação. Então eu ficava muito assustado com a questão do homossexual. O que eu tinha de contato, ou conhecimento de pessoas homossexuais, eram pessoas muito fora do que eu era. Então eu não me encaixava, e aí por isso eu ficava assustado, e eu ouvia críticas perto do homossexual. Então eu falava assim, não, está muito errado. Eu não posso ser assim. Eu ficava sempre falando, eu não posso ser desse jeito.

Como em outros momentos descritos pelos participantes desta pesquisa, Henrique se encontrava em uma situação sem parâmetros saudáveis para compreender sua sexualidade, o que o levou ao recurso do silêncio como forma de autopreservação. A possibilidade de quebrar essa barreira surgiu muitos anos depois, como ele comenta:

No primeiro momento na questão de descobrir minha orientação sexual, eu não tinha nenhum amigo que era gay, alguma coisa que podia me dar uma luz, um caminho, que podia me ajudar. Então eu fui descobrindo essa orientação sexual quando eu tive meu primeiro contato, meu primeiro relacionamento com homem. Que foi por volta de 20, 21 anos. Aí eu fui vendo como era uma coisa mais forte, dentro de mim. Que eu não tinha como fugir e tudo. E foi nesse momento que entrou mais em conflito comigo. Tipo assim, antes era só uma coisa, uma fasinha, pensava, é só um momento meu. Aí depois que eu vi que era uma situação que não tinha como, era eu, não tinha como fugir disso, aí entrou em conflito. Porque eu falei assim, não, eu não posso, tá errado, eu vou sofrer demais, a família não vai aceitar. Aí vinha muitos, eu falo, são monstros, né, que a gente cria na cabeça da gente. Então vai criando cada momento de rejeição em cada parte que você fica, e foi nesse momento que eu fiquei mais assustado. E a pessoa que eu estava me relacionando também, foi um relacionamento de 6 anos. Ele estava nesse momento também. Então, tipo assim, a gente não tinha um apoio, uma orientação, nem pra mim, nem pra ele. Então a gente ficava meio que rejeitando a situação. Foi muito tempo de namoro às escondidas, e que eu via que, tipo assim, eu achava que era só aquele momento, e que iria passar. Então foi uma situação, foi a época mais difícil pra mim.

Nesse trecho, Henrique antecipa um dos motivos que atribuiu à sua tentativa de suicídio, com o fim de seu relacionamento com seu namorado de então, e a falta de apoio decorrente do término dessa relação. Assim, evitamos pensar o fim de relações românticas e o potencial precipitador de tentativas de suicídio que elas carregam por uma veia de romantização extrema, que remonta ao imaginário social, ou a narrativas *wertherianas* e aos casos de suicídio relacionados à obra de Goethe do fim do século XVIII¹⁰⁶. A análise do evento da dissolução romântica torna-se mais produtiva quando colocada sob a luz da história individual-social desses sujeitos: suas primeiras relações de verdadeiro envolvimento romântico-emocional coincidem de maneira frequente com os momentos

¹⁰⁶ *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, escrito em 1774. Essa obra levantou o medo de uma possível epidemia de suicídios no período em que foi lançada em virtude do desfecho do livro, embora esse cenário não aparentou ter se concretizado (Thorson & Öberg, 2003)

em que se abrem a outras pessoas e recebem, em um só tempo, reações positivas, gerando bases concretas para o florescimento sexual identitário reprimido há tanto tempo. Como vimos, relações sexuais com outros homens podem, e geralmente acontecem antes do estabelecimento de relações de confiança mútua, imbricadas em relacionamentos românticos consensuais.

Sob o silêncio encontramos novamente o medo, aqui expresso na rejeição familiar, que motivou a contínua ação de Henrique para acobertar sua própria identidade:

Olha, meus pais são muito católicos. Então tipo assim, eu nunca vi eles discriminando ninguém em questão de homossexualidade. Mas o que eu via, tipo, algumas piadas, de mau gosto, então, algumas vezes eles comentavam uma pessoa, que era, então aí eu ficava com medo da situação, mas eu nunca imaginei que eu podia ser, e se eu fosse, como eles reagiriam à situação. Então eu acho que o meu maior medo era isso. Da rejeição. E se eles me rejeitassem, para onde eu iria, porque eu não tinha nenhum lugar pra ficar, eu não tinha dinheiro suficiente pra me manter sozinho. Então isso foi o meu principal medo. Mas eu via, na questão da minha família, eu via mais abertura na questão dos meus avós, do que pela parte de mãe, pai e tios. Sobre a situação homossexual. Que eu tenho um primo que é, e o pai dele rejeitou muito, irmão do meu pai. E eu via aquela rejeição e, assim, gente, vai acontecer a mesma coisa comigo. Então é um medo que corrói. Vai matando a gente, por dentro. Então foi disso que eu tive o maior medo. E aí quando eu fui buscar informações, que eu tinha acesso a muita informação, que eu fui criando uma segurança maior, de tudo.

Questões de autonomia, *i. e.*, sobrevivência, passam a mediar as condições de abertura e desenvolvimento identitário, como em outros casos relatados aqui. Em vista desse fato, Henrique somente contou para sua família sua orientação sexual alguns anos depois de sua tentativa de suicídio, que nunca foi tornada pública. Mesmo que a reação dela não tenha sido tão drástica como imaginava, as relações mudaram, passando à aceitação ‘parcial’ de sua sexualidade, mantendo-se ainda como impasse à vivência de sua identidade:

Hoje estão bem tranquilos com a situação, apesar de que minha mãe é mais fechada do que o meu pai, do mundo LGBT, que ela fala que ela não gosta muito de se envolver. Mas ela me respeita demais. E meu irmão ainda tem problema de aceitar. Mas hoje eles não fazem mais piada, eles não criticam, eles não dão palpite na minha vida. Isso tornou um pouco mais distante a gente, mas criou um meio de tipo não ter problema na questão de ser LGBT perto deles. Mas, eu vejo esse impasse dentro deles. Mas foi um momento que eu falei assim, ou eu tento dentro de casa com eles desse jeito, ou eu saio e vivo minha vida. Mas eu tive que correr atrás das coisas pra ter o meu canto. Ter que trabalhar mais, ter que pegar mais horas extras, de trabalho, eu tive que me profissionalizar mais, pra crescer. Então eu acho que para o meio LGBT eu acho que a dependência financeira vai mais para essa questão de liberdade do que crescimento profissional. [...] E falar isso, com eles, frente a frente, foi muito, passou muito medo na minha cabeça. Mas foi libertador. Mas isso abriu

portas pra mim, e fechou algumas portas pra eles. Pra mim foi muito bom, mas pra eles, talvez, não foi muito bom, porque saiu daquela parte do filho discreto, pro filho aberto para o mundo. E algumas vezes comentavam comigo questão de, ah, você podia ser mais tranquilo, você podia ficar mais na sua. E é difícil ouvir isso, tipo assim. No momento em que eu me abri, eu já estava meses querendo conhecer o mundo. Então foi um momento em que eu comecei a ir à parada gay, conheci amigos, eu fiz amigos em SP e em todo canto do Brasil, porque não só o meio gay, mas o meio lésbico, o meio transexual, então isso foi me libertando desse mundo que eu vivia com os pais, e criando o meu mundo. É ruim, tipo assim, você está criando um mundo sozinho, você podia criar um mundo junto com a família, mas foi uma parte de aceitação minha, de entender que cada pessoa é diferente

Como em outras relações familiares observadas até aqui, a noção central de ‘aceitação’ não tem um significado preciso e evidente, especialmente em famílias que fazem concessões e, ao mesmo tempo, interditam certas manifestações. Todo esse jogo acontece em virtude da balança de poder que certas famílias possuem sobre os sujeitos LGBTs pertencentes a elas; com o passar do tempo, essa mesma balança muda de direção, especialmente pelas questões financeiras apontadas por Henrique, embora, como vimos, elas não sejam as únicas formas de exercer controle sobre a conduta de indivíduos não heterossexuais.

Um ano após se abrir para sua família, Henrique passou a morar sozinho. Voltando no tempo, ele discorreu sobre sua breve história com sua identidade sexual até atingir o período em que começou a frequentar o ensino superior:

Pergunta: você começou a morar sozinho nessa época, ou era república?

Resposta: era uma república, de amigos meus que eu estudava aqui na cidade. Eu vou aproveitar que já é conhecido, então não tem problema. Então eu fui morar com eles. E aí eu morei durante a faculdade toda. Aí foi muito tranquilo. Mas tipo assim, eu ficava meio travado, na minha cronologia, começou nos 14 e cada vez foi ficando mais forte essa questão do homossexual dentro de mim. Quando eu entrei na faculdade com 19 anos, eu conversava comigo mesmo, Henrique, agora você está em um novo momento seu, você tem que se abrir mais. Eu tinha medo de me abrir e sofrer rejeição, aí foi desse jeito. Aí depois dos 19, 20, e dos 20 a 21 eu comecei a ter relacionamento com o meu primeiro namorado. Nesse primeiro término foi quando eu tentei o suicídio, aí depois eu fui voltando, eu fui melhorando, e eu me relacionei com ele de novo por um tempo, e aí foi que eu fui criando força.

Já mencionada outras vezes neste texto, a ‘faculdade’ *pode* oferecer outros tipos de círculos sociais, menos marcados por culturas heteronormativas fortes ou capazes de se espriar de maneira ampla. No caso de Henrique, sua experiência mostrou-se uma mescla de vivências escolares anteriores:

Pergunta: voltando pra época da faculdade, você conhecia algum espaço de encontro LGBT?

Resposta: No começo da faculdade não. Foi até o final dela, eu comecei a namorar com, com 20, 21, eu entrei com 19, a faculdade foi 4 anos, no meio da faculdade eu fui procurar mais sobre essa questão LGBT. Mas tipo assim era muito mais fácil se enturmar com pessoas não conhecidas sendo hétero, a questão do masculino, é muito mais fácil você interagir sendo hétero, numa faculdade que você não conhece, do que sendo gay. Então eu tinha que me esconder muito atrás da heterossexualidade pra ter algum amigo, uma conversa, um contato com alguém.

Pergunta: você sentia que o ambiente da faculdade era de opressão nesse sentido?

Resposta: Eu me sentia, tipo assim, eu tinha, eu acho que o ambiente lá era bem heteronormativo. Eu não via homossexuais ali, eu via um ou dois, mas eu via comentários, as pessoas falavam das pessoas homossexuais. Era bem menos ofensivo do que quando era no colégio, mas existia.

Da mesma forma que encontrado em outras histórias, Henrique teve receio de entrar em contato com outros LGBTs de sua faculdade por medo da associação que poderiam fazer sobre sua orientação sexual, como outros entrevistados também relataram, especialmente durante o período escolar básico ou quando viviam ainda em cidades pequenas estruturadas por meio de relações frequentemente próximas entre seus habitantes.

Sobre o término do relacionamento e seu papel como catalisador da tentativa de suicídio, em virtude da falta de apoio que encontrou com o fim dessa relação:

Pergunta: com quantos anos vocês se conheceram?

Resposta: A gente se conheceu com 20 anos. Nós dois tínhamos a mesma idade, na época. E foi a partir daí que foi essa questão do suicídio, que veio na minha cabeça. Foi tipo assim. Foi no momento eu que eu estava mais frágil, dessa situação, de que eu estava muito perdido, com questões de orientação, e eu tentava buscar apoio de todos os lados, eu tentava buscar apoio dele, que era a pessoa mais próxima disso que eu tinha de, da situação da sexualidade, tipo homossexual. E ele não tinha esse apoio, eu não tinha esse discernimento o que que era, porque pra ele era a primeira vez disso. E foi num momento que, assim, 1 ano de relacionamento, aí ele falou assim, não, isso não é pra mim e tipo assim, aí eu não tinha mais, eu falo a palavra, eu não tinha mais chão. Eu já estava com medo de tudo, a única pessoa que eu tinha mais segurança era ele. Então, aí quando acabou, aí que veio esse pensamento suicida. Foi nesse momento assim, que gente, eu falava que não tem nada a perder. Quando você fala assim, não, agora eu não tenho mais nada, o que que eu tenho. Então isso que faltou pra mim. Se tivesse numa época, que a família conversasse mais abertamente, se eu tivesse mais apoio de alguém. Tinha alguns amigos que sabiam, mas não eram muito próximos, então foi tipo assim, eu estava sem chão. Eu não tinha estabilidade, em questão financeira também, pra eu ter um momento que eu possa ter um momento meu, então acho que isso foi a gota d'água. E na hora que acabou esse relacionamento que eu tive com ele, foi quando eu tive assim, um pouco antes disso começou algumas crises de

ansiedade. Tipo assim, uma ou duas, três vezes que eu fui parar no hospital, achando que eu estava tendo um infarto, mas era crise de pânico. Isso eu vejo hoje como sinais que eu podia ter percebido antes, ou alguém podia ter percebido antes. Então eu via esses ataques de pânico, eu não entendia o que estava acontecendo, aí eu pensei, alguma coisa muito ruim está acontecendo comigo, alguma doença. Eu não entendia o que eu estava passando. Daí foi o limite, o último ataque de pânico meu, que passou um tempo desse término de relacionamento, é que eu tentei. [...] ,.

Como apontamos em outro momento, a importância de relações românticas é magnificada em virtude da história de isolamento comum a homens cis gays que tentam o suicídio. Nesse sentido, os problemas que elas podem gerar (abuso de parceiros, rejeição e término da relação etc.) criam cenário desesperador e sem perspectivas futuras claras para aqueles que sofrem mais diretamente as consequências desses eventos; não se perde apenas um parceiro romântico, também com ele vão embora alternativas de viver que nunca estiveram presentes em suas vidas, além do fato mais fundamental, a autocompreensão do que esses sujeitos são, por meio dos sentimentos que compartilham, do desejo que finalmente realizam, e dos traços de ‘normalidade’ provindos desses aspectos das relações íntimas que passam a cobrir as dúvidas e incertezas que rondavam há tanto tempo suas identidades sexuais. A espécie de dependência criada nesses cenários de primeiras relações dos nossos sujeitos de pesquisa é extremamente intensa, em virtude do que está posto em jogo, já que suas difíceis histórias individuais recebem respostas reais, embora não necessariamente completas, a diversos dramas vividos até então.

Eventualmente, Henrique passou a receber tratamento psicológico, e a partir de então, conseguiu estabelecer uma relação saudável com sua orientação sexual:

aí eu entrei em tratamento com um psicólogo. E isso foi o que me ajudou demais, muito mesmo. E foi muito tempo, foram 6, 7 anos me tratando com ele, e hoje eu sou uma pessoa totalmente diferente. Foi nesse período também que eu me assumi pra família. Então a família toda sabe, são pessoas que me respeitam. Mas não que aceitem muito bem a situação. Eu saí desse relacionamento. Então eu fui criando forças sozinho. Com a ajuda de alguém perto seria muito mais fácil. Então sempre alguém me pergunta, conta a história, quem está passando por esse momento, eu tento ajudar, que eu não sabia por quem procurar ajuda, e eu acho que foi isso que passou na minha cabeça, e eu não sabia o que fazer. Então na vida estava tudo ruim, estava dando tudo errado. Pra mim era mais fácil descansar do que continuar vivendo desse jeito

Sua forma de vencer as dificuldades que enfrentava é baseada no elemento essencial do que temos chamado de isolamento social, o compartilhamento identitário, *i. e.*, a possibilidade de, enfim, poder compartilhar suas dúvidas e receber, de maneira integral, auxílio por um longo período de tempo para compreender a si próprio. Em seu

caso, diferentes tipos de relações produzem consequências distintas. Seus amigos que sabiam de sua orientação sexual não possuíam grau de intimidade que deixasse Henrique confortável em discutir profundamente seus problemas. Seu namorado, que lhe oferecia apoio, vivia uma situação parecida à de Henrique, fornecendo assim suporte precário ou insustentável, que por fim culminaria no término da relação. Em certo momento, a relação profissional com um psicólogo lhe permitiu, depois de 6 anos, descobrir e se entender de maneira plena enquanto homem cisgênero homossexual. Todos esses exemplos reforçam a ideia do compartilhamento e sua centralidade para a experiência da solidão entre nossos sujeitos de pesquisa, permitindo-nos compreender melhor as características decisivas de uma noção definitivamente importante, porém relativamente difusa, como o ‘isolamento social’.

2. Julio

A tentativa de suicídio de Julio ocorreu por volta do ano de 2004, quando tinha 23 anos de idade. Como mencionamos no início do texto, a percepção sobre sua orientação sexual deu-se por volta dos 10 anos de idade, tendo imigrado para o Brasil. Em cenário financeiro difícil, ele tomou como precaução não expor suas dúvidas sobre sua identidade, levando-o a renegar esse fato durante longo período de tempo.

Sobre a época em que mantinha sua sexualidade em silêncio quando adolescente, Julio aponta de maneira indireta vários temas já discutidos por nós. Além disso, os efeitos longevos das causas frequentemente vinculadas ao suicídio entre homens cis gays, que perduram até hoje, anos após a ocorrência do fenômeno:

Foi muito tempo, eu demorei muito tempo para sair do armário. Naquela época quando eu era adolescente eu não tinha ninguém, eu morava em uma cidade pequena, interior de [nome do estado], não tinha ninguém, ninguém que eu falasse, ninguém que eu pudesse na escola falar, será que ele é como eu? Acho que esse sentimento de isolamento, que eu espero que as gerações atuais não passem, por causa da internet, por causa de pessoas que se assumem na mídia. É algo muito mais visto do que naquela época. Naquela época a gente escondia, era tudo na surdina, eu até brinco que com alguns amigos por exemplo, se a gente entra em aplicativo, você vai ver que as pessoas de 35 a 45 anos são discretas, perfil branco, sem rosto, não quer mostrar. Ou as pessoas são casadas ou discretas.

A vergonha de ser homossexual e se abrir para sua família acompanha noções do seu país de origem, como citado anteriormente, sobretudo pelo nome ‘*maricón*’:

A minha vergonha, eu acho, de ser gay surgiu de, não sei, aqui no Brasil não tem tanto, mas é uma palavra que eu detesto, que existe em [nomes de países latino-americanos], que você chamou alguém de *maricón*. *Maricón* é você chamar as pessoas de viado. Só que *maricón* era considerado, sobretudo pelo meu pai, era, agora não é mais, a gente já tem conversado sobre isso há anos, era associado a tudo que era ruim. Ah, deixa de ser viado. Deixa de ser não sei o quê. Então tipo, e aí se juntando com o que minha mãe falava, fala como homem, faça não sei o quê, então tipo gera, você é condicionado. Ah então eu vou fugir disso. Então, para *bullying* em casa, então essa parte de mim não existe

Enquanto imigrante, a percepção da sexualidade foi moldada por fatores culturais anteriores à sua vinda para o Brasil, remetendo ao seu país de origem. Nesse sentido, reaparece aqui a associação da homossexualidade com um conjunto de estereótipos completamente negativos, e que não necessariamente possuem o mesmo valor nos lugares sociais que Julio passou a ocupar na sua vinda para o Brasil, tendo caráter cultural próprio. Somadas as tendências culturais às dificuldades financeiras de buscar emprego, as chances de estabelecer laços sociais fortes diminuem, e inevitavelmente, também as possibilidades de vencer seu isolamento social:

é, eu, meus pais e o meu irmão. E a gente sempre foi um grupo bem fechado, porque como eu disse, antes antigamente era muito difícil você manter contato com pessoas de fora do país, meus avós mandavam cartas para gente algumas vezes por ano, mas por exemplo, ligar para alguém era algo, meu deus, abusivo, né. A gente está falando de pessoas que ligavam, que conversavam com os meus avós apenas no natal. Então o meu grupo familiar, e pelo fato de a gente se mudar muito, a gente vivia bem fechado, vamos dizer assim. Até hoje a minha família é bem fechada, realmente.

Questões de classe e de traços culturais passaram a condicionar de maneira decisiva sua possibilidade de relacionar-se com outros e, a partir desse fato, poder compartilhar suas dúvidas e anseios sem medo das represálias familiares às quais esteve sujeito. Em outros casos, a classe de nossos sujeitos de pesquisa mostrou-se fator relevante na explicação de suas trajetórias difíceis por meio de temas repetidos: autonomia financeira de suas respectivas famílias, possibilidade de acesso ao ensino superior e as possíveis vantagens de socialidades com menores níveis de regulação sexual (fato esse que Julio lamenta a seguir por não ter aproveitado as oportunidades de seu período na universidade), etc. Aqui, a noção de interseccionalidade nos ajuda a compreender como duas categorias distintas, com diferentes consequências, combinam-se para formar cenário particular de sofrimento para Julio, a posição socioeconômica

baixa e a condição de imigrante e os aspectos culturais que carregam, permitindo a manutenção do isolamento que sofria, continuamente intacto durante sua adolescência.

Ainda neste ponto, Julio remonta brevemente alguns pontos anteriores, sobre o fato de ser imigrante e sua situação de classe, sobre sua tentativa de suicídio:

Eu acho que esse também é um fator, ser imigrante. E de ser uma minoria dentro de uma minoria. Porque você já tem uma barreira cultural e uma barreira linguística. E dentro de seu núcleo familiar que é muito reduzido, você é o único diferente. Então é um efeito que ajuda assim a piorar algumas condições. Agravar e criar alguns tipos de condições mentais.

[...]

a gente meio que se acostuma com a vida de nômade. Você sabe que em dois anos mais ou menos, dar um restart e deixa tudo para trás. É realmente algo mais difícil sim.

Sua passagem para a ‘vida adulta’ continua marcando o período de sigilo sobre sua identidade sexual, em esferas tradicionais de socialização desse momento da vida:

eu passei na federal, com 16 ou 17 anos, comecei a estudar engenharia industrial, eu me formei com 22 anos, foram 5 anos. E eu comecei a trabalhar em uma multinacional, um cargo de liderança. Basicamente foi a faculdade, eu não tenho memórias tão boas da faculdade, sobretudo mais afetivas, eu tive grandes amigos. Foi um grande período de aprendizado, mas eu tinha muita vergonha de mim, do meu corpo, e olha que eu, eu era uma pessoa normal, não tinha nem mais nem menos, mas tipo tinha aquela questão de baixa estima. Eu não tive nenhum relacionamento porque eu realmente escolhi não falar nesse assunto, esse para mim era um tabu, eu não queria nem pensar nele. O Julio sexualmente não existia. Afetivamente para mim, o que faltava para mim eram os estudos, jogar computador, ir para a biblioteca, estudar, e me formar, basicamente era isso. E depois conseguir um emprego logo, para poder ajudar meus pais. Era basicamente o meu foco naquela vida. Então, terminando a faculdade, já consegui passar em um processo seletivo, e eu consegui entrar em uma grande multinacional, primeiro como estagiário, depois eu fui crescendo lá dentro [...] Engraçado que se eu penso em retrospecto, vejo que eu tinha várias oportunidades, o pessoal, por exemplo, eu poderia ter sido aberto, mas não. Então eu não aproveitei. Nem ir para festas, eu tinha vergonha de ir. Porque, justamente, ah meu deus, e se eles descobrirem? Vem aquela questão da vergonha mesmo.

Mesmo dentro de um ambiente em que, em retrospecto, poderia usufruir de oportunidades para explorar sua sexualidade, Julio tomou a decisão que o acompanhou durante toda sua vida até então, manter-se em silêncio sobre um assunto sempre associado a coisas ruins, correndo o risco de sofrer mais por isso sem a garantia de resolvê-lo, caso decidisse trazê-lo à tona. A questão de sua classe de origem também pode ser aferida nesse relato quando Julio comenta sua preocupação com a situação financeira de sua família. Essa mesma preocupação, oriunda de fatores socioeconômicos externos, ajudou

a produzir uma mentalidade de trabalho assíduo, tendo como um de seus efeitos a continuidade do silêncio da sua sexualidade, como veremos a seguir. O estopim de sua tentativa de suicídio foi a descoberta sobre o que funcionários da empresa em que trabalhava falavam dele, quando ele não estava por perto:

Pergunta: indo para a época da tentativa, você só estava trabalhando nessa época. Então as pessoas do trabalho sabiam que você era, que você tinha saído para elas?

Resposta: não, eu vivia em constante apreensão de alguém saber, ainda mais sendo em ambiente de fábrica, o que é um ambiente extremamente machista e tudo. Eu tentei na verdade, o que justamente me levou a tentar, eu me isolei, eu estava isolado da minha família, eu já tinha terminado a faculdade então os meus amigos já tinham ido um para cada canto, quando termina a faculdade cada um ganhou um emprego no estado X, estado Y, estado Z, seu grupo de amizades muda, meu grupo de amizade começou a abranger muito mais as pessoas do trabalho. E aí vinha aquela questão, que eu trabalhava muito, eu acabei compensando toda vida que eu não tinha emocionalmente no trabalho, então eu fui para o lado bem *'workaholic'*. E eu me achava super, ah não, eu não quero falar sobre isso, não existe essa palavra, e todas as pessoas que existiam à minha volta eram héteros, se havia alguma pessoa que era LGBT na fábrica, a gente escutava os burburinhos. E não eram burburinhos positivos. Tipo, ah não sei o quê. Eu lembro que uma vez isso aconteceu comigo, eu lembro uma vez que eu estava fazendo a ronda de madrugada, e eu passei no vestiário. Eu escutei os operadores falando, quem está de plantão hoje? A, é o viadinho. O viadinho está de plantão hoje. Eram pessoas que na minha frente, eram todas decoro, *'sim senhor'*, é claro, eu era supervisor. Ah, quando eu escutei isso, eu não sei, sabe? Alguma coisa dentro da gente quebra, me deu um desespero, um pânico, meu deus eles sabem de mim. Você entra nesse tipo de paranoia, e aí foi ladeira abaixo. Engraçado que nessa época não tinha ideia de que eu precisava de ajuda, de que eu tinha que procurar ajuda. Olha que, eu era uma pessoa relativamente esclarecida, educada, então, eu simplesmente me isolei, eu me fechei, que foi quando começaram os pensamentos, ah, eu não devia estar aqui. Eu não devia estar vivo, sim simplesmente. [...] Era uma angústia muito grande. Acho que a melhor forma de descrever é como eu falo para minha terapeuta, aquele filme *'Mar em Fúria'*, um pescueiro e vem uma onda terrível, e às vezes vem isso, até eu luto com o pensamento de quê, não foi a única vez que eu tentei, eu cheguei a tentar outras vezes, que antes de tentar eu realmente parei, e pensei eu realmente não queria estar aqui. Eu não queria ser assim, eu não queria estar desse jeito. Foi a primeira vez que eu tentei suicídio, eu estava completamente isolado, e eu não podia contar com ninguém, nem essa amiga que me salvou naquele momento, eu não pude falar nada para ela, porque eu tinha tanta vergonha. Do tanto que ela tinha me visto, tão, de ter me visto fragilizado, e ela também não quis puxar a conversa de porque eu tinha feito aquilo. Então foi basicamente dessa forma que eu tentei.

Novamente, Julio recorre às respostas que encontrou quando teve de enfrentar questões voltadas à sua sexualidade sigilosa. Seu caso ajuda-nos a ilustrar nossa própria lógica explicativa baseada em uma interpretação de trajetórias, opostas à ideia geralmente implícita de estudos quantitativos de que seus indivíduos de estudo devem ter suas tentativas de suicídio *'explicadas'* por meio da exposição a certos *'fatores de risco'*, como

esferas de influência em que trafegam e que, por fim, culminariam no fenômeno estudado; átomos sob a ação de forças naturais. No caso de Julio, diversas possibilidades se abriram para que ele vencesse seu isolamento: acesso ao ensino superior e as relações com colegas, autonomia financeira, etc. No entanto, foi por meio da análise de sua trajetória, que tem como ponto de partida inicial sua primeira relação com sua sexualidade dissidente, que podemos desenrolar os porquês de seu comportamento, bem como entender porque os potenciais fatores de prevenção não tiveram o efeito definitivo de evitar a sua tentativa de suicídio; a resposta parece estar nessa relação inicial do sujeito e sua sexualidade com seu ambiente social, como ela se desenvolve ao atravessar diferentes esferas sociais, cada qual possuindo formas distintas de regulação, mais ou menos potentes e eficazes.

3. Renato

A tentativa de suicídio de Renato ocorreu por volta do ano de 2016, quando tinha 25 anos de idade. Ele passou por diversos eventos em sua trajetória, complicados pela deterioração de sua saúde mental ao longo do tempo, a qual esteve intimamente ligada à sua tentativa de suicídio. Quando começamos a entrevista ele comentou:

Bom, de um modo geral eu já passei por várias experiências e vários traumas assim na minha vida. E tanto que, eu sou diagnosticado, na verdade os médicos nunca entram em consenso. Eu já mudei de cidade duas vezes, e nessas mudanças de cidade, um deles me deu um diagnóstico de transtorno bipolar, e em outra cidade me deram um transtorno de esquizofrenia. Mas eu particularmente acho que eu tenho mais tendência ao transtorno bipolar, que é quase a mesma coisa assim, do que eu consigo captar, do que eu consigo estudar, né. Os sintomas são parecidos, eu tive cinco crises de mania, e em todas essas crises eu tinha um denominador comum, todas elas eram desencadeadas por uma única pessoa. E a partir dessa pessoa, várias coisas e vários fenômenos foram acontecendo na minha vida. Aliás, na minha vida no que eu digo é que várias coisas foram acontecendo durante esse período em que eu estava sofrendo a mania, né, sofrendo durante as crises. E tudo isso foi muito pesado para mim.

Tendo percepção da sua sexualidade de maneira precoce, ele a descobriu ao mesmo tempo que ao seu corpo, com outras pessoas:

Eu tinha, bom, eu tive a minha primeira experiência sexual muito cedo. Com quatro anos eu comecei a, não a ter desejo, mas eu acho que a chamar atenção das pessoas que estavam ao meu redor, mas as minhas primeiras experiências

foram com pessoas da minha idade. Mas era aquela coisa de criança né. E aí com 6 anos mais ou menos, cinco anos, em 94 eu fui estudar numa pastoral, que era como se fosse uma creche para as pessoas carentes, e ali eu conheci a primeira pessoa por quem eu me apaixonei, e era um menino. O nome dele era Eduardo¹⁰⁷. E aí nesse meio tempo, eu fui conhecendo o que era sexo, porque eu tinha um primo de 12, outros de 5 e 6, e todos eles vinham para mim com brincadeiras, com insinuações, e eu achava aquilo legal e ia. Não chegava a fazer o ato em si, mas aquela coisa de criança mesmo. Mas a minha primeira paixão romântica foi aos seis anos.

Apesar de tal experiência, além do desconhecimento sobre identidades homossexuais, para Renato, identidades sexuais distintas não faziam parte do seu vocabulário:

[...] no primeiro momento eu achava que eu poderia me tornar uma mulher. Eu achava que assim se eu me tornasse uma mulher, eu nem sabia o que era o termo transexual ou travesti, eu não conhecia. Mas eu pensava, eu falava isso dentro do meu interior. Se eu fosse uma mulher era mais fácil para o Eduardo gostar de mim. E aí, depois do Eduardo vieram outras pessoas que eu acabei me apaixonando, eu sou uma pessoa que se apaixona fácil, eu me apaixonei por outras pessoas e esse questionamento continuou. E eu lidei, eu não sei te dizer assim como foi que eu lidei o que eu fiz, eu simplesmente vivi. A única coisa, o único momento em que eu tive que, lidar mesmo com a situação, não foi no começo, quando eu descobri, foi quando eu entrei para a igreja, que depois que eu entrei para igreja evangélica neopentecostal, eu comecei a ter noções de pecado, e eu me sentia sujo por ter esse desejo sabe?

Mesmo que a raiz da imposição da normatização não seja evidente aqui, ela se manifesta no desejo de Renato pela facilidade que percebe na produção de relações heterossexuais, como um simples desejo de poder se relacionar com a pessoa por quem possuía sentimentos fortes. Com sua entrada na vida religiosa e suas saídas (no plural) forçadas de armário, Renato vê a deterioração de suas relações familiares e o inculcamento da desvalorização do seu desejo, geralmente enquadrado pela literatura acadêmica como ‘homofobia internalizada’.

[...] quando eu entrei na igreja eu tinha uns nove anos, isso foi em 98/99, mais ou menos. Nessa época foi muito difícil porque ouvia que era pecado. Eu sempre fui afeminado, então eu ouvia dos meus pais, dos meus pais não, porque meu pai não era evangélico, eu ouvi a da minha mãe que eu não podia ser assim. Meu pai na verdade é meu padrasto, meu pai verdadeiro eu não conheci, mas se eu falar pai eu estou me referindo ao meu padrasto, é costume. No caso do meu padrasto ele, quando ele percebeu que eu era gay ele foi meio que se afastando assim de mim, ele foi me deixando de lado [...] E aí depois chegou nesse ponto da igreja, eu fui sendo apontado por outras pessoas dentro da igreja, as pessoas notavam que eu era uma pessoa diferente. Logo que eu entrei para igreja, que eu entrei a sério na igreja, porque eu fiquei um tempo indo, mas eu não tinha nenhuma conexão, depois que eu passei a ter essa conexão,

¹⁰⁷ Nome fictício

eu comecei a cantar na igreja, e tinha uma coisa muito curiosa, geralmente as músicas que eu cantava na igreja, isso foi um problema e é um problema para mim até hoje, as músicas que eu cantava geralmente na igreja eram músicas de cantoras femininas. E as pessoas falavam, porque você não canta a música de um cantor masculino. A sua voz vai mudar, você vai estragar sua voz. E eu cantava, eu gostava, para mim, eu era fã de Cassiane¹⁰⁸, e eu comecei a cantar sempre Cassiane na igreja, e aí as pessoas passaram a apontar. Até que chegou um dia em um passeio da igreja eu me descontroliei. Eu digo que naquele dia era como se eu estivesse bêbado, porque eu conheci uma pessoa que era da igreja também, mas de outro lugar. A igreja era no bairro que eu morava em [nome da cidade], eu morava na zona leste em [bairro]. E aí juntou as duas igrejas e foi para um passeio, e aí tinha um rapaz lá, e eu falava que eu queria namorar o rapaz, só que eu falava isso em voz alta. [...] e aí contaram isso para o meu padrasto, e a minha mãe ficou muito decepcionada, ela queria contar para o meu padrasto, e foi a primeira vez que eu saí do armário, porque eu saí do armário várias vezes, eu não saí uma única vez, eu não saí direto, eu não pude viver minha sexualidade plena, logo de cara. Eu saía, mas depois eu voltava, eles tinham esperança de que esse quadro fosse revertido. [...] E aí nesse período todo eu tinha assim, eu me lembro que havia louvores dentro da igreja que falavam sobre mudança, sobre outra perspectiva de vida, sobre o poder de Deus agir sobre a vida da pessoa e tal, sobre estar errado e ter a perspectiva de mudar, e eu na hora de cantar esses louvores falava, Deus eu não quero ser assim, eu quero ser de Deus, eu quero ser de Jesus, então me muda, eu pensava assim, e bom, até hoje ele não me mudou.

Como vimos na seção anterior, estruturas heteronormativas se fazem bem presentes na congregação religiosa. Ademais, sua sexualidade parece ter sido entendida como questão clínica, como um ‘quadro a ser revertido’, assim como outras concepções negativas da homossexualidade que apareceram até aqui; em todas elas encontramos alguma noção de reversão à ‘normalidade’, talvez algo passageiro que possa sumir sozinho ou que necessita intervenção de tecnologias científicas, morais, políticas. Nesse sentido, o armário é reconstruído, se não inteiramente em sua estrutura de sigilo completo, ele é refeito até que outros sinais venham à tona para indicar a volta daquilo que, na verdade, nunca foi embora. Como havia antecipado, a regulação sobre seu corpo (da sua voz à sua aparência) começa a ocorrer nesse período:

Eu tinha 15 anos, e justamente nesse período, a minha mãe e eu a gente começou a ter ali um certo atrito. [...] E aí com 15 anos, eu queria, a forma com que eu lidava com a minha mãe, e a forma que ela lidava comigo, me fazia querer morrer, e a gente discutir aí eu pegava o travesseiro e, tentava me asfixiar, mas eu não conseguia, claro. Daí eu pensei bom meu jeito é morrer. E aí tinha questão da homossexualidade que eu pensava, porque eu sou desse jeito, porque eu sou diferente, porque eu não sou como as outras pessoas, porque eu não posso ser uma pessoa normal e aí foi passando um tempo e eu fui sofrendo, eu gostava, eu tenho cabelo crespo, e aí um dia eu alisei o cabelo, e meu pai fez eu cortar o cabelo. Ele não deixou, cabelo tinha ficado ótimo, mas ele não deixou. Você não vai ficar aqui em casa enquanto você, enquanto você comer da minha comida você não vai ser isso [...] eu fiquei muito triste, e pensando assim, poxa, quando vou poder viver a minha vida.

¹⁰⁸ Cantora de músicas cristãs

Como se vê acima, seu sofrimento e sua relação com o suicídio, aqui manifesto na *ideação suicida*, possui uma longa história, culminando com suas tentativas muitos anos à frente, além de ser ligada diretamente à possibilidade de viver interditada pela imposição de normas heterossexuais comportamentais. Nesse cenário de contínua regulação identitária, em determinado momento Renato percebeu que sua mãe descobriu as relações sexuais que mantinha então com um de seus primos:

[...] Primeiro eu contei para ele [seu primo] que eu era gay e aí ele se aproveitou disso pra ficar comigo, e aí meu primo também ficava comigo, e aí eu contei para uma amiga minha, só que essa minha amiga gostava do menino que eu tinha ficado primeiro, então ela contou isso para minha tia, e aí nisso que ela contou para minha tia virou um ciclo de chantagem, dizendo que ia contar para minha mãe, e aí eu passei por um período muito grande, e aí eu contei para minha tia que eu ficava com o filho dela também. Aí eu falei que eu ficava e aí foi uma situação muito constrangedora, porque a minha relação com esse meu primo começou quando eu tinha seis anos, e era uma coisa assim bem duradoura, ele me procurava quase todos os dias, quando ele tinha, ele tinha oportunidade me procurava, então tudo que eu descobri eu descobri com ele. [...] e ela ficou muito brava, e aí um dia eu fui para escola, com outro primo, irmão desse primo, eu ficava muito tempo, só que a gente chegou atrasado e a gente não pode entrar. Quando a gente voltou para casa, eu deitei no sofá, nós inventamos uma desculpa para nossa mãe. Quando eu acordei minha mãe estava conversando com a minha tia sobre mim.

Com a ameaça da expulsão de casa, Renato decidiu fugir neste momento, passando eventos que continuariam a marcar sua vida e sua experiência com a sexualidade:

Não deu outra, não sei se você conhece a zona leste, você conhece [nome da cidade]? Eu fui de [nome da cidade], até o [bairro de outra cidade], andando, eu saí de casa às 10 horas da manhã e cheguei lá era 5 horas da tarde, e andando e morrendo de sede, e aí eu liguei para uma amiga minha, no telefone que naquela época tinha um orelhão, aí eu liguei, e aí eu falei olha Carla¹⁰⁹ eu estou perdido, eu fugi da minha mãe, contei a história, e aí tinha um cara do lado. Aí nessa época eu já sabia mais ou menos o que era a travesti, eu pensava bom eu vou virar uma travesti. E aí a primeira etapa dessa jornada, minha tia tava contando eu falei, minha mãe falou que ia me expulsar de casa, se ela soubesse. Aí então eu pensei, eu vou sair de casa antes que ela me expulse. Eu fui, eu vou para o [bairro de outra cidade], eu ouvi dizer que tinha uma praça, e nessa praça tinha um lugar onde as travestis ficavam à noite, eu fui só que óbvio eu era muito inocente, não tinha travesti nenhuma às 5 horas da tarde. [...] quando eu cheguei lá, quando eu cheguei na estação, eu fiquei lá. Daí eu liguei, e aí um rapaz escutou a conversa e veio e falou assim olha você está perdido, você quer que eu te leve para algum lugar?

¹⁰⁹ Nome fictício

Em todas as suas falas, o lugar da sua sexualidade, ou de qualquer identidade sexual à qual imaginava poder pertencer (como no caso a *trans*), sempre ocupavam o lugar da marginalidade, a beirada do ‘normal’. Além disso, imediatamente pensa em sobrevivência, um dos pontos fulcrais do poder centrado no seio familiar, usado em seu caso e em outros discutidos até aqui de maneira consciente pelos seus respectivos responsáveis legais.

Com o auxílio desse rapaz Renato foi para um abrigo destinado a menores de idade, sendo relocado depois de alguns dias a um abrigo mais próximo de onde morava, sem, no entanto, dizer o motivo real de não ter casa para morar:

[...] Eu fiquei lá em um lugar que hoje é uma biblioteca. E nessa época era um abrigo, e nesse abrigo eu contei a mesma história, a mesma história mentirosa. E aí quando eu estava dormindo, eu estava deitado, eu acordo, e tinha uma pessoa do meu lado, e era o diretor de lá. Esse diretor, eu não tinha visto ele quando eu entrei lá, porque provavelmente quando ele chegou, ele tinha lido a ficha das crianças que tinham chegado, durante o dia, porque ele trabalhava durante a madrugada, ele viu que eu era homossexual e tal, e aí ele queria me forçar a fazer sexo com ele. E eu rejeitei ele, é claro, eu fiquei muito traumatizado assim, por causa disso. Só que o destino ele sempre foi muito bom comigo, por isso eu acredito em forças maiores, porque coincidentemente, outro diretor que ficava na parte da manhã, a prima dele era diretora da minha escola, e aí ele foi levar uma criança lá que morava do lado do meu bairro e passou na escola para ver a prima dele, que era perto de onde ele foi. Ele comentou com a diretora, acho que ela sabia que as crianças da zona leste iam para aquele lugar, e aí ele falou, olha lá tem uma criança assim assim assado, e foi aí que minha mãe me achou. E aí minha mãe me achou pela primeira vez.

Uma das trajetórias não tão incomuns de sujeitos LGBT diz respeito à expulsão de casa, algo que só aparece nas histórias contadas aqui neste momento. Essa condição de precariedade que é imposta a sujeitos em idade geralmente pouco avançada sugere caminhos óbvios para a dificuldade em sobreviver, e, portanto, seu potencial papel na ocorrência de suicídio de minorias sexuais. No entanto, esse assunto permanece relativamente obscuro na ligação dos dois fenômenos, aparecendo somente no trabalho de McDermott & Roen quando discutem a experiência universitária de estudantes provindos de classes trabalhadoras no Reino Unido. Mantendo-se ainda no relato de Renato, novamente encontramos a possibilidade do abuso sexual condicionado a sexualidades diferentes.

Sua primeira relação afetiva com outro homem ocorreu depois dos 18 anos, período em que sofreu menos regulação por parte de sua mãe, passou a frequentar boates e saunas gays, e acabou em certo momento indo morar com seu parceiro, aos 20 anos de idade. Embora credite a ela o seu crescimento individual, essa relação se manteve com

dificuldade, pelo sigilo da sexualidade de seu parceiro entre os familiares dele, que não sabiam da existência de Renato.

Depois de diversas lutas para conquistar a liberdade de viver da maneira como quisesse, em idas e vindas, como as dificuldades financeiras, sua tentativa de suicídio se deu em meio a crises de transtornos mentais dos quais sofria há algum tempo, logo após contato breve com outro homem cis pelo qual sustentava sentimentos amorosos há algum tempo, embora ele fosse heterossexual:

E aí isso foi no dia 25 de dezembro. Do dia 25 até o dia 31, a minha vida virou do avesso, eu comecei a entrar em paranoia, eu comecei a achar várias coisas, eu comecei a achar que eu era encarnação de Cristo, achando que o mundo ia acabar, eu me lembro de ter visto um vídeo do PCO, o partido político, e uma chamada da Dilma no dia 31 de dezembro, depois de um passou o outro, só que na minha cabeça eu tinha visto um vídeo de destruição, eu comecei a entrar em pânico. Aí depois eu dei uma melhorada, eu fui na minha mãe e voltei, quando eu voltei eu já achava que eu falava com as pessoas por telepatia, e aí eu não sei como eu acordei no outro dia na minha cama, até hoje não lembro que aconteceu, eu só sei que eu estava na minha cama de manhã, dia 1º de janeiro, eu não vi os fogos eu não vi nada, e aí eu acordei com uma vontade louca de dançar, uma vontade de dançar que eu nunca tinha sentido na minha vida. Dançando uma música com trejeitos de espanhol, sabe? Música como se fosse uma salsa e aí eu tive minha primeira crise, e eles não sabiam o que fazer comigo. Então a minha mãe me deixou na casa da minha tia [...] eu cheguei ameaçar um cara na rua, quebrei o vidro do carro dele todo, eles chamaram a viatura para mim, eu fui algemado, depois eu fui levado para a polícia, e fui levado para o médico, que eu não podia fazer nada, eles me levaram para o médico, era ali perto, eles me deram calmante, e eu não quis tomar o calmante, eu sei que eu fiquei algemado umas 2 horas no hospital até eles conseguirem me dar o calmante, e me deram um calmante, e aí eu consegui dormir. Eu acordei mas estava tudo igual, então eu achava que eu conversava com esse rapaz que eu gostava por telepatia, então na minha cabeça eu ficava ouvindo a voz de várias pessoas, qualquer pessoa que eu pensasse, eu pensava que eu estava conversando com essa pessoa, enfim. Um dia minha mãe me levou para casa dela, que era na mesma rua, eu fui dormir, e aí foi a primeira vez que eles se preocuparam de verdade comigo, porque eu simplesmente acordei do nada, de madrugada e abri as bocas do gás de fogão e subi na laje [...] E então eu fui internado, eles me mandaram para o [bairro da cidade], eu fiquei internado no hospital [nome do hospital], eles me aplicaram um calmante e eu dormi dois dias direto, fizeram todos os exames de sangue e tal e a partir disso comecei a fazer o tratamento.

Depois de sua primeira tentativa a continuidade das crises se manteve, e com elas, sucessivas tentativas de suicídio, alinhadas a diferentes eventos:

[...] depois voltei a ter outra crise no final do ano, e entre a primeira crise e a segunda crise, eu tentei me matar várias vezes, porque eu pensava, Deus eu perdi tudo que eu tinha, eu tinha uma coleção de CDs, eu colecionava CDs de todos os tipos, e eu simplesmente na primeira crise joguei tudo pela janela, que era uma casa, um sobrado, eu morava na parte de cima, eu joguei tudo, tá sol aqui, dava direto para rua assim, eu joguei computador, televisão, cd, mesa, tentei tirar o negócio do fogão para jogar o fogão, e foi juntando um monte de

gente, as pessoas falando se joga se joga se joga, e eu só fui jogar depois desse episódio que eu te falei, e então eles me internaram, e a partir disso eu tive uma segunda crise, tive uma terceira crise, tive uma quarta crise, e tive uma quinta crise. Na quarta crise eu tive porque eu não aguentei o processo eleitoral, porque eu estava muito ansioso, eu estava muito feliz na verdade, porque eu tinha voltado a trabalhar com a pessoa de quem eu gostava muito, mas eu tinha passado por um processo de medo mesmo, né. Eu vou falar para você, não sei se você é eleitor dele, espero que não, mas se você não for, que bom. Se o Bolsonaro ganhar vai ser muito triste para quem é LGBT, vai ser muito triste, vai haver muita perseguição, e curiosamente, eu chegava do serviço e ligava no jornal, tinha uma mulher que tinha sido esfaqueada, eu chegava no serviço, que contava que tinha uma amiga lésbica e ela falou assim olha, eu tive que tomar muito cuidado hoje porque os caras pararam para mim e falaram que se Bolsonaro ganhar eu ia ver, eles iam me bater, e não sei o quê, que está liberado. Então tudo isso eu fui somatizando e eu tive uma crise.

Como se vê, ampla gama de fatores serve como ‘gatilho’ de crises mentais, levando Renato novamente à experiência do suicídio. Eventos individuais, localizados em sua própria história, como a destruição de seus pertences pessoais, até cenários amplos que atingem diversos sujeitos, como a polarização política nas eleições presidenciais de 2018.

4. Normalização do suicídio

Como escrevemos ao fim da introdução desta dissertação, esta seção tratará mais diretamente das tentativas de suicídio e seus detalhes particulares para sugerir interpretações sobre o papel de tentativas prévias como um dos preditores mais comuns para suicídios completados. Assim, recomendamos ao leitor que não se sinta à vontade devido à alta sensibilidade do assunto para que pule esta seção, que conclui o presente capítulo “Transição para a ‘vida adulta’”, até o capítulo final deste texto “Considerações finais” localizado na página 156, sem perder assim informações relevantes sobre o assunto que tratamos até aqui. Abaixo, entramos nessa discussão com teor delicado.

Dizer que o suicídio é ‘normalizado’ significa falar que, para algumas pessoas, a provocação da própria morte não é um ato impensável, ‘fora do comum’. O ato contrário a ele, viver, perdeu seu valor inerente e incontestável; como sociólogos e antropólogos frequentemente descrevem seus objetos de estudo, o valor da vida foi *desnaturalizado* por aqueles que tentam contra ela. Tomando a recorrente explicação dos fatores de risco com maior poder preditivo sobre o suicídio, como mencionamos anteriormente, é possível encontrar as ‘tentativas prévias’ como variável mais associada a suicídio completados.

Nesse sentido, buscamos olhar nesta seção alguns dos elementos próprios do período pré e pós-tentativa, como efeitos das primeiras tentativas poderem impactar na produção de outras, bem como a diferença entre elas e de que modo, por meio dela, seria possível explicar a efetividade de tentativas de suicídio acumuladas no tempo.

Um primeiro fato mais óbvio que implica a contínua reprodução de tentativas de suicídio é o de que as causas que levaram à primeira não cessam de existir durante a ocorrência das outras, o que aumentaria as chances por si só de que alguma delas tenha como desfecho a morte de quem as tenta. Como já comentamos em certos momentos, diversos efeitos das causas de tentativas de suicídio aqui analisadas perduram no tempo.

Além da deterioração da saúde mental, um novo estigma passa a ser carregado, aquele da tentativa de suicídio em si, e como é percebida como mais um ‘fracasso’ para Cesar:

Aí eu fui fazendo ensino médio e tudo, aí quando eu estava no último ano, nessa de fazer o cursinho, estudar e tudo mais, que houve a tentativa. Eu me lembro de ter ficado bem mal na época, após a tentativa, que eu me senti um inútil, nem para me matar eu conseguir né, então eu vou continuar.

Como já vimos, mais tarde Cesar superaria esses sentimentos, agradecendo a nova vida que conquistou por meio de amigos e relações familiares renovadas. A interrupção do estado de sofrimento isolado, os tipos de ligações que formou mudaram de forma essencial sua relação com a vida, e logo, com a possibilidade do suicídio.

O mesmo aconteceu com Henrique, quando o agravamento causado por tentativas de suicídio também adicionou lógicas próprias, como o aprofundamento de estados mentais depressivos. Em sua fala, as mesmas relações familiares com quem pouco ou nada compartilhava são magnificadas em sentido negativo, pelo estado deteriorado em que se encontrava, sem receber delas algum tipo de apoio:

O pós tentativa de suicídio também foi muito ruim. Uma questão de impotência muito grande. De achar, você tentou, você é doido. Se alguém souber muito disso eles vão te rejeitar, então o pós foi tão pior quanto a tentativa de suicídio. Aí passou um tempo assim, e foi muito ruim, o meu pai ver a situação, e não conversar. Ver que eu não estava comendo direito, ver que eu fiquei pesando 52kg, não via essa situação. Viam, mas não falavam, o que está acontecendo, se abre com a gente. Eles nunca perguntaram isso.

No caso de Edson, mesmo ainda sob formas de sigilo, certas ligações sociais impedem, de acordo com sua fala, que outras tentativas se executem:

Hoje ainda penso nisso, sabe, em dar cabo de tudo, mas passa. Vejo que tenho um pai pra cuidar, que ele se importa comigo, que tenho alguns amigos cuja ligação não pode ser rompida tão facilmente. Mas pra ser bem franco, não é fácil ser gay nesse mundo. Não era 20 anos atrás, hoje está menos pior, mas tem a tal onda dos héteros ofendidos que me irrita.

Um segundo fato para a maior efetividade de contínuas tentativas diz respeito ao que chamamos de normalização. Existe uma transformação na relação do sujeito com as formas em que tenta a própria morte. Entre a aceitação do ‘fracasso’, em ‘continuar a vida’, que supõe noção contrária à execução de outras tentativas, indo para a resolução de se matar, podemos observar no relato de Antônio o início dessa transformação:

Daí eu voltei pra casa, aceitando que eu não tinha coragem, voltei pra casa pior ainda, porque além de eu ser gordo, fracassado, de sentir isso, eu ainda era um covarde porque eu não tinha coragem de me matar. Então eu voltei meio me achando o lixo do lixo, e simplesmente, desistir da vida assim, sabe? Eu vou viver sem ambição nenhuma, eu vou deixar a vida passar, assim. E daí foi que eu voltei pra casa. Isso foi no meu terceiro ano. No terceiro ano teve outro evento, que foi na minha formatura também, com briga da mãe, eu estava tomando medicamento pra de fato emagrecer, e eu briguei com ela em relação à formatura, que ela não quis fazer e tudo mais, e tomei assim todos os comprimidos que tinha na casa, e eu estava saindo de casa, pra de novo ir à ponte, mas agora totalmente destinado a me atirar. Foi no dia da minha formatura isso, no terceiro ano. E nisso quando eu estava saindo de casa a minha tia, irmã da minha mãe, me parou na porta e falou, tu tá certo, e foi a primeira vez que eu ouvi isso assim. Que eu estava certo. Porque toda briga da mãe eu sempre me sentia muito errado, eu que era podre, eu que não prestava, e nisso ela falou tu tá certo, e aí eu sentei e parei, e então eu contei pra ela, que eu tomei todos os comprimidos e tudo mais, e foi que eu não fui, não fui me jogar.

Além do peso de guardar o sigilo de sua sexualidade, suas relações familiares conflituosas levaram-no a esse estado extremo. Em sua primeira tentativa, Antônio havia forçado a referida ponte em um trecho que se encontrava deteriorada, para que ele caísse dela. A experiência de como esse fato não resultou em sua morte lhe forneceu o conhecimento sobre como produzir de fato aquilo que tentava realizar. Para nós, o conhecimento sobre técnicas e como produzir a própria morte aparece como evidência desse estado de normalização supracitado. O seguinte relato de Plínio ilustra essa ideia:

Então a libertação foi quando eu passei no vestibular, eu falei, eu não vou passar no vestibular aqui, não vou. É minha saída, ou eu fico ou eu morro. Pensava, pensava em me suicidar. Muito. Pensava formas, estudava formas melhores. Qual é a mais rápida, qual é a menos dolorosa. Eu mergulhei ali, em uma biblioteca em [nome da cidade], e procurava livros a respeito de suicídio. [...] Eu lia os livros lá e não levava pra casa. Eu ficava lá na biblioteca lendo. Não tinha internet obviamente pra se pesquisar coisa nenhuma. Qualquer revista que eu via que tratava do tema, ou se alguém se suicidou, fui pra ver como era, eu tinha muito interesse mórbido assim. Não, épocas louquíssimas

assim. Daí ia pra velório, ficava observando pessoas mortas. Gente, isso é mórbido. Morria alguém eu ia lá no velório. É isso.

Da mesma forma, Julio relata a alteração que percebeu quando planejava sua segunda tentativa de suicídio:

E aí eu lembro que eu ia, engraçado porque, quando você decide terminar tudo, eu digo que eu entro em um modo muito frio, porque às vezes você fica calculista, a, não, eu vou fazer tal coisa, eu vou deixar isso preparado, eu vou pagar as contas, eu vou consumir toda a comida que tem na geladeira, para que não estrague. Hoje em dia me impressiona como eu pensei nesse momento, muito seco, sabe? Não, eu vou fazer tal coisa, você começa a planejar os detalhes, ah o quê que eu vou tomar? O que que vai acontecer. E eu lembro que eu parei porque eu encontrei uma época o porteiro do meu prédio, o síndico, ele era uma pessoa muito gente boa, e ele tinha problema cardíaco. Eu falei meu deus, ninguém tem a chave do meu apartamento. Quando eu morrer, eles vão sentir pelo cheiro, porque ninguém vai avisar, e aí esse homem tem a chave do prédio, ele vai entrar no meu apartamento e vai me ver, eu vou assustar uma pessoa inocente com isso. Engraçado que foi esse pensamento naquela época que me fez parar, não, não tá certo. Mas eu acho que naquela época eu evolui um pouco, eu me senti assim, não está bem, não está bom. Então eu decidi sair do meu emprego, eu me demiti. Fui viajar, e eu me permiti, pela primeira vez, me encontrar com uma pessoa. Eu falei, eu vou instalar o Grinder, foda-se, quem tiver, eu não devo nada a ninguém, aí eu instalei. Morri de vergonha por muito tempo, mas eu comecei a me encontrar com homens naquela época, aos 32 e 33 anos.

Como relata Julio, esse estado ‘calculista’ permitiu-lhe planejar diversas coisas, avaliar quais possibilidades resultariam em sua morte, bem como as consequências dela. Novamente, agora no relato de Beatriz, ela expõe como o ato em si é difícil, e como isso mudou com o tempo:

Quando eu tentei pela primeira vez, foi muito desesperador, foi muito assustador, [...] as pessoas não sabem o quanto é difícil pra alguém se matar, esses 10, 20 minutos antes. Porque é algo que você luta, sabe, e até o ato de você fazer isso continua te ferindo, quando você põe uma faca no seu pulso, quando você injeta algo em você, quando você se machuca, aquilo continua doendo. A dor é tão grande que você acha que compensa, então você realmente sai de si, então foi uma das memórias que eu tive, porque foi algo que me marcou muito.

E depois pensando como essa experiência mudou:

[...] uma diferença entre essa e outras vezes, é que eu fui normalizando isso. Então, por exemplo, a primeira vez eu chorei muito. A segunda vez eu fiquei mais tranquilo, a terceira vez mais tranquilo ainda. E aí eu comecei a fazer estratégias. [...] Então isso faz com que eu pense no suicídio não mais com esse pesar, que as pessoas têm da morte, esse drama, mas como uma ação, que eu vou fazer, e que eu preciso chegar nela. Fazer para chegar num fim. E aí esse fim eu não consegui fazer. Como por exemplo, dessa vez que eu injetei água

no meu corpo [terceira tentativa], eu não chorei, eu não fiquei triste, eu só esperei, só queria que desse certo. Não deu e aí eu fiquei passando mal. Mas assim, eu não me arrependi, eu não achei que eu ganhei uma outra chance de viver, pelo contrário, não acho nada, só acho que deu errado.

Essa experiência contínua e repetida com a tentativa de suicídio atua como medida de familiarização com um assunto considerado tabu na sociedade em geral. Em virtude do silêncio sobre o suicídio, o estigma que ele carrega por sua mera menção, Beatriz comenta em outro momento a quantidade de informações falsas sobre métodos capazes de tirar a sua própria vida, tentando todos aqueles que lhe pareciam viáveis. Tudo isso concorre para que certas tentativas de suicídio resultem na morte ou não daqueles que as perseguem, por meio de novas perspectivas do significado da morte, seja pela contínua desvalorização da vida, a presença constante de sofrimento, a proximidade com as técnicas e métodos que levam a sua concretização, por meio do cultivo de relações estreitas com o morrer.

Se por algum motivo passe despercebido fato crucial desta discussão, nos casos expostos acima se faz necessário ressaltar que essa adesão a novas formas de enxergar a existência e seu fim é levada a cabo por forças externas (e pelas que criam moradia no corpo) à vontade inicial, e sempre presente, de viver.

Considerações finais

Procuramos no decorrer desta dissertação expor as facetas sociais que rondam o problema do suicídio entre os homens cis gays no Brasil. Dessa forma, nossa intenção passou longe de produzir quadro teórico sucinto e norteador para interpretação unívoca do fenômeno; nosso entendimento é o de que explorar a variedade não resumível das experiências sociais aqui vividas fornece uma maneira desafiante, porém não inexecutável, de lidar com essa questão. A complexidade do fenômeno parece-nos demandar isso.

Nesse desafio de expor e tornar inteligíveis as histórias aqui retratadas buscamos o denominador comum da relação entre sujeito e sua identidade sexual, da qual florescem, desde o início dessa relação marcada por problemas em ambientes específicos, as maneiras pelas quais os sujeitos trafegam a vida em sociedade. Escolher explorar as estruturas e relações sociais envolvendo nosso fenômeno de interesse teve por base não somente as questões de universalidade e a significação inevitavelmente cultural da qual é dotada a sexualidade humana, mas também a exiguidade de estudos orientados dessa maneira, mesmo em nível global.

Assim, não buscamos qualquer espécie de veredito sobre métodos e técnicas de pesquisa e análise capazes de melhor fazer-nos compreender, e talvez agir, sobre esse problema social. Provavelmente o exato oposto, em virtude da riqueza sugestiva de pesquisas com grande enfoque qualitativo¹¹⁰, permitindo seguir avenidas futuras sem restringir as alternativas explicativas a qualquer metodologia, ao mesmo tempo em que apontamos para limites encontrados no presente. Especialmente pela relativa obscuridade do assunto na academia brasileira e suas dinâmicas próprias de como respondem a problemas de pesquisa, inseridas em campos distintos do saber que operam sob diferentes regimes epistêmicos, essas preocupações para melhor entender esse problema multifacetado parecem se fazer mais urgentes.

No entanto, é preciso notar que a contínua busca, utilização e renovação de refinados aparatos de cunho estatístico não resolve o problema fundamental da simplificação de processos sociais em variáveis que possuem desenho de pesquisa demasiadamente simples. O problema sistemático é a transposição da realidade em

¹¹⁰ Embora nosso estudo possua vieses já apontados no início do texto, como a posição socioeconômica mais elevada de nossos respondentes com relação ao quadro geral encontrada na população brasileira.

alguma ou algumas perguntas que definiriam a construção dessas variáveis, representando dessa forma o mundo social em processos fechados em si, separados indevidamente, quando diversos desses processos têm uma ligação íntima ou quando apresentam uma natureza ambígua. Da mesma forma, a captura do real em variáveis analíticas tem o desafio enorme de dar conta do papel de instituições e culturas que têm influência difusa, porém *decisiva*, na ocorrência do suicídio de LGBTs, sem contar que a lógica reprodutiva dessas mesmas formações sociais não são problema de pesquisa que interesse a pesquisadores alinhados às lógicas explicativas predominantemente quantitativas.

Ademais, nossa pesquisa procurou quebrar o paradigma dominante de indivíduos pensados como átomos sob pressão de ‘fatores de risco’, ao introduzir a relevância de relações sociais e instituições, que acabam por conformar identidades, comportamentos, e desejos, tendo influência gigantesca na vida de sujeitos LGBT, e, portanto, tendo papel decisivo em suas tentativas de suicídio. Deixar de lado essa noção implícita de ‘indivíduo’, presente em trabalhos contemporâneos sobre nosso tema de pesquisa, significa assumir uma concepção relacional da identidade humana, na qual existem condicionamentos do meio social que formam e *compõem* esse sujeito, influenciando assim a produção de estruturas sociais das quais ele participa. Pessoas LGBTs herdam suas posições de classe, valores culturais heterossexistas – seculares ou não –, fazendo-os investidos no campo simbólico de sua reprodução, como a adoção de opiniões negativas de sexualidades dissidentes, ou por meio de preconceitos de classe, raça, etc., o que, por sua vez, faz com que eles participem na reprodução de culturas heteronormativas, racistas, classistas, entre outras. À luz do caminho identitário peculiar traçado por cada participante de nossa pesquisa nós pudemos analisar como essas individualidades (paralelas e distintas em diversos aspectos) chegaram ao ponto de atentar contra sua própria existência.

Nesse sentido, a identidade torna-se conceito central para a compreensão do fenômeno, em vez de ser tratada apenas como problema metodológico nos critérios de seleção dos sujeitos participantes. Sua ligação com outra ideia essencial, o isolamento social, fornece uma visão mais aprofundada dos verdadeiros efeitos desse último fenômeno que é tantas vezes mencionado na literatura especializada, principalmente quando adicionamos a esse conceito a noção de ‘compartilhamento identitário’, permitindo assim ligar dois processos analisados frequentemente de maneira separada, a formação de identidade e a conexão social. Esse mesmo fato dilui os limites conceituais

necessariamente impostos na construção de variáveis – os fatores de risco – e sua posterior análise estatística¹¹¹. Pensar a identidade não implica inevitavelmente uma análise individual de cada sujeito, ao contrário, permite-nos pensar os processos sociais envolvidos no jogo da regulação sexual, que interdita ou permite certas expressões de comportamento e desejo, além de nos ajudar a compreender a não linearidade de sua construção por meio de fatores externos que restringem parcial ou totalmente seu crescimento.

Para prosseguir com essa análise social do fenômeno parece-nos contra produtora, no plano teórico, a continuada aplicação de esquemas conceituais que deixem de lado as bases da heterossexualidade compulsória na análise do suicídio de homens cisgêneros gays. Quadros teóricos similares, e mesmo dominantes na explicação do fenômeno, como o ‘estigma’, produzem ferramentas *complementares* de análise onde as bases heteronormativas da desvalorização não pareçam claras, ou onde possam se encobrir de maneira mais eficiente, permitindo no último caso a aplicação de uma teoria social sobre processos de discriminação e preconceito. Pela ideia de interseccionalidade, é possível articular os diferentes processos sociais aos quais estão submetidos os diferentes regimes de diferença que moldam as relações e instituições sociais dos sujeitos de pesquisa, por exemplo, o caso de Edson e os diferentes estigmas¹¹² que lhe poderiam ser associados, como a sua saúde mental debilitada e o estereótipo da ‘loucura’, além de sua orientação sexual socialmente desvalorizada.

Seja o caso de um, dois ou vários estigmas, em todas as histórias aqui estudadas tivemos sempre em mente um mesmo norte, do quadro referencial mais relevante e pervasivo para nosso fenômeno de interesse, as normas heterossexuais. Navegar essa quantidade relativamente alta de referenciais teóricos torna-se um pouco menos difícil quando trabalhamos com a hipótese, a nosso ver correta, de que suas semelhanças permitem gerar frutos analíticos proveitosos, mesmo que tenhamos que ajustar às vezes o prisma pelo qual enxergamos os dados apresentados.

Além disso, os eventos das entrevistas qualitativas analisados nesta dissertação acontecerem espalhados no tempo (entre 1983 e 2016) e no espaço (nas regiões Sul, Sudeste e Centro-oeste, em cidades interioranas e capitais). A história de nossos

¹¹¹ Outra variável com relação óbvia a esses dois processos seria a chamada ‘homofobia internalizada’, por atestar a existência de uma auto identidade desvalorizada que não teve a chance de se formar em um ambiente não repressivo à sua expressão sexual.

¹¹² Embasados em distintas redes de poder, mais ou menos óbvias.

participantes se desenrola em momentos e lugares distintos, nos quais diferentes instituições e relações sociais são pautadas por vários conteúdos simbólicos, no que diz respeito à homossexualidade humana e sua regulação; os significados atribuídos a comportamentos não enquadrados na heterossexualidade dependem dessa localização espaço-temporal em que sujeitos LGBT se encontram. Os tipos ideais esboçados por Carrara fornecem quadro de referência útil ao lidarmos com uma realidade tão ampla, e que não possui, como o próprio autor escreve, uma direção linear de evolução, p. ex., a um suposto progresso de direitos LGBTs conquistados. Nossos dados corroboram essa constatação, como a crescente importância no cenário religioso e político de correntes evangélicas pouco interessadas na garantia de direitos das populações LGBTs; esse mesmo movimento conservador recente vê surgir pontos de dissidência no seio de outras correntes evangélicas, como nas chamadas ‘igrejas inclusivas’. Dessa forma, é preciso inserir as instituições aqui retratadas no tempo, pensar a evolução do assunto ‘sexualidade’ que ocorre no centro dessas formações sociais.

Ainda nesse sentido, o processo social do *anonimato* ganha múltiplas facetas em virtude de transformações temporais e tecnológicas, como pudemos observar ao longo do texto, sendo ele próprio fenômeno ambíguo, embora central para a gestão da *informação* tão cara, e escassa, a tantos de nossos participantes. Tudo isso remonta à centralidade do segredo da sexualidade de nossos sujeitos de pesquisa, em virtude do isolamento social que vivenciaram, entendido sob a ótica do compartilhamento identitário. Esse mesmo segredo estruturou a maneira como eles passaram a se relacionar com outros sujeitos, como espécie de eixo norteador de qualquer interação social, o que teve por consequência, em alguns casos, o sofrimento de abuso sexual, a não busca de ajuda de serviços de saúde mental, e vários outros eventos, todos eles conectados, de alguma forma, às tentativas de suicídio.

Assim, é preciso mencionar aspectos geracionais importantes que muito provavelmente mudam os padrões do fenômeno como os observamos até aqui: a explosão do uso de mídias sociais (a maioria dos casos estudados se dá em uma época próxima, porém anterior a esse fenômeno), a disseminação de representações culturais de personagens LGBTs, celebridades assumidas publicamente, em diversos tipos de mídia (internet, canais de televisão abertos, música, etc.). Esse fenômeno contemporâneo também ocorre paralelamente a lutas políticas que alteram de maneira profunda o papel do Estado, seja pela já mencionada retirada dos termos ‘sexualidade’, ‘orientação sexual’ e ‘gênero’ do Plano Nacional de Educação ou pela recente criminalização da homofobia

pelo Supremo Tribunal Federal em 2019. Olhar esse mesmo fenômeno do suicídio LGBT significa avaliar como esses novos processos quebram ou ajudam a perpetrar, por diferentes caminhos, as estruturas de regulação sexual presentes no Brasil contemporâneo. Esses aspectos temporais impõem novas formas de construção identitária, novas possibilidades de associação, bem como renovadas formas de repressão.

De todo modo, essas mesmas instituições não devem ser pensadas isoladas entre si, ainda que possamos destacar algumas delas como sendo extremamente relevantes para a ocorrência do suicídio de nossos entrevistados, como a família, a escola, e o ambiente religioso; todas elas estão sob influências diversas e interagem entre si, produzindo relações sociais específicas por meio dessa influência mútua. Se as famílias às quais eles pertencem possuem poder enorme sobre a vida de crianças e jovens porque, de fato, permitem a reprodução da vida em um sentido imediatamente prático, dos chefes de família que trazem comida à mesa, é na sua interação com comunidades religiosas que se estabelecem verdadeiras redes de honra, na qual todos familiares estão implicados, tendo elas a capacidade de exercer o sofrimento de maneira independente de questões econômicas, como no caso de Marcos. Nessas interações, são instaurados os arcaísmos simbólicos mobilizados para compreender a sexualidade, onde encontramos diversos planos de regulação, como as tentativas de ‘cura’ (seculares ou não) às quais Cesar foi submetido; o que não nos torna incapazes de apontar a fonte que exerce esse poder sobre sujeitos dissidentes das heteronormas, apenas atesta, mais uma vez, a complexidade inerente à tarefa de produzir significado fixo à expressão da sexualidade humana.

Perceber essas estruturas e suas fontes de poder remete à história socio-temporal de cada sujeito analisado, a quais redes de influência e controle ele estava submetido, quais são as relações desses processos observados no nível individual (repressão familiar, piadas na escola, ataques na rua, etc.) com os planos de regulação sexual presentes à época, tornando assim o caráter do estudo do suicídio de minorias sexuais decididamente *social e histórico*; explicá-lo implica a necessidade de falar sobre seu passado e presente coletivos, não somente olhar para os micro processos que produzem o sofrimento individual, já que os últimos são produtos dessas mesmas relações de poder tradicionais ou daquelas que se renovam em diferentes formas de regulação.

Essa discussão permite-nos evitar certas armadilhas como a simplificação do fenômeno em diversos níveis, metodológicos, teóricos, explicativos, e quem sabe, fazer avançar uma discussão decididamente complexa, mas para a qual se poderá pensar respostas concretas para os efeitos que produz.

Referências bibliográficas:

- Abrutyn, S. & Mueller, A. S. 2016. “Adolescence Under Pressure: A New Durkheimian Framework for Understanding Adolescent Suicide in a Cohesive Community”. *American Sociological Review*, 81(5): 877-99.
- Albuquerque, P. P. & Williams, L. C. A. 2015. “Homofobia na Escola: Relatos de Universitários sobre as Piores Experiências”. *Temas em Psicologia*, 23(3): 663-76.
- Alencar Albuquerque, G., Garcia, C. L., Quirino, G. S., Alves, M. J. H., Belém, J. M., Figueiredo, F. W. S., Paiva, L. S., Nascimento, V. B., Maciel, E. S., Valenti, V. E., Abreu, L. C. & Adami, F. 2016. “Access to health services by lesbian, gay, bisexual, and transgender persons: systematic literature review”. *BMC International Health and Human Rights*, 16(2): 1-10.
- Bertoncelo, E. R. E. 2009. “As Classes na Teoria Sociológica Contemporânea”. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, 67: 25-49.
- Bradshaw, J., Bartram, F., Guasp, A. & Jadvá, V. 2017. *School Report – The Experiences of Lesbian, Gay, Bi and Trans Young People in Britain’s Schools in 2017*. Cambridge e Londres: The University of Cambridge, Stonewall.
- Braga, I. F., Oliveira W. A., Silva J. L., Mello F. C. M., Silva M. A. I. 2018. “Violência familiar contra adolescentes e jovens gays e lésbicas: um estudo qualitativo”. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 71(3).
- Braun, V., Clarke, V., Boulton, E., Davey, L & McEvoy, C. 2020. “The online survey as a qualitative research tool”. *International Journal of Social Research Methodology*, 23(1): 1-14.
- Belsher, B. E., Smolenski, D., Pruitt, L. D., Bush, N. E., Beech, E. H., Workman, D. E., Morgan, R. L., Evatt, D. P., Tucker, J. & Skopp, N. A. 2019. “Prediction Models for Suicide Attempts and Deaths: A Systematic Review and Simulation”. *JAMA Psychiatry*, 76(6): 642-51.
- Carrara, S. 2015. “Moralidades, racionalidades e políticas sexuais no Brasil contemporâneo”. *Mana*, 21(2): 323-45.
- Carvalhoes, F. & Chor, D. 2016. “Posição socioeconômica, idade e condição de saúde no

- Brasil”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 31(92): 1-27.
- Carvalhoes, F. & Ribeiro, C. A. C. 2019. “Estratificação horizontal da educação superior no Brasil”. *Tempo Social*, 31(1): 195-233.
- Chandler, A. 2019. “Socioeconomic inequalities of suicide: Sociological and psychological intersections”. *European Journal of Social Theory*, 23(1): 33-56.
- Coker, T. R., Austin, S. B., & Schuster, M. A. 2010. “The Health and Health Care of Lesbian, Gay, and Bisexual Adolescents”. *Annual Review of Public Health*, 31: 457-77.
- Cover, R. 2012. *Queer youth suicide, culture and identity: unliveable lives?* Surrey, England: Ashgate.
- Douglas, Jack. 1967. *The Social Meanings of Suicide*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Durkheim, Émile. 2014 [1897]. *O suicídio: estudo de sociologia*. São Paulo: EDIPRO.
- Ferrari, W., Nascimento, M. A. F., Nogueira, C. & Rodrigues, L. 2021. “Violências nas trajetórias afetivo-sexuais de jovens gays: ‘novas’ configurações e ‘velhos’ desafios”. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(7): 2729-38.
- Foucault, M. 1976. *História da Sexualidade I. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- Friedman, M. S., Marshal, M. P., Guadamuz, T. E., Wei, C., Wong, C. F., Saewyc, E. M., & Stall, R. 2011. “A Meta-Analysis of Disparities in Childhood Sexual Abuse, Parental Physical Abuse, and Peer Victimization Among Sexual Minority and Sexual Nonminority Individuals”. *American Journal of Public Health*, 101(8): 1481-94.
- Fry, Peter. 1982. *Para Inglês Ver: Identidade e Política na Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Garcia-Rabines, D. 2021. “Love in the Gay World: Negotiating Intimate Relationships in Lima’s Middle-Class Gay Scene”. *Journal of Homosexuality*,
- Goffman, E. 1963. *Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity*. Englewood Cliffs, Prentice-Hall.
- Haas, A. P. & Mortali, M. G. 2020. “Suicidal Behavior among Sexual and Gender

- Minority Populations”. In: Rothblum, E. D. (ed.). *The Oxford handbook of sexual and gender minority mental health*, New York, Oxford University Press.
- Hancock, A. 2007. “Intersectionality as a Normative and Empirical Paradigm”. *Politics & Gender*, 3(2), 248-254
- Hatchel, T., Ingram, K., Mintz, S., Hartley, C., Valido, A., Espelage, D. & Wyman, P. 2019. “Predictors of Suicidal Ideation and Attempts among LGBTQ Adolescents: The Roles of Help-seeking Beliefs, Peer Victimization, Depressive Symptoms, and Drug Use”. *Journal of Child and Family Studies*, 28: 2443-55.
- Hatzenbuehler, M. L. 2011. “The Social Environment and Suicide Attempts in Lesbian, Gay, and Bisexual Youth”. *Pediatrics*, 127: 896-903.
- Johns, M. M., Lowry, R., Haderxhanajm L. T., Rasberry, C. N., Robin, L., Scales, L., Stone, D., Suarez, N. A. 2020. “Trends in violence victimization and suicide risk by sexual identity among high school students—Youth Risk Behavior Survey, United States, 2015–2019”. *MMWR Suppl.*, 69: 19-27.
- Junqueira, R. D. 2012. “Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas”. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, 1(1).
- King, D. & Ekins, R. 2007. “Transgender, transvestism, and transsexualism”. In: Ritzer, G. (ed.). *The Blackwell Encyclopedia of Sociology*. Oxford, Blackwell Publishing Ltd: 5045-50.
- King, M., Semlyen, J., Tai, S. S., Killaspy, H., Osborn, D., Popelyuk, D. & Nazareth, I. 2008. “A systematic review of mental disorder, suicide, and deliberate self harm in lesbian, gay and bisexual people”. *BMC Psychiatry*, 8(70).
- Lick, David J., Durso, Laura E., Johnson, Kerri L. 2013. “Minority Stress and Physical Health Among Sexual Minorities.” *Perspectives on Psychological Science*, 8(5): 521-48.
- Link, B. G. & Phelan, J. 2001. “Conceptualizing Stigma”. *Annual Review of Sociology*, 27: 363-85.
- Lozano-Verduzco, I. 2016. “Relationships and identity of gay men in Mexico: A qualitative approach”. *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 28(4): 349-68.

- Luong, C., Rew, L. & Banner, M. 2018. "Suicidality in Young Men Who Have Sex with Men: A Systematic Review of the Literature". *Issues in Mental Health Nursing*, 39(1): 37-45.
- Mariano, R. 2003. "Guerra espiritual: o protagonismo do Diabo nos cultos neopentecostais". *Debates do NER*, ano 4, nº 4.
- Marshal, M. P., Dietz, L. J., Friedman, M. S., Stall, R., Smith, H. A., McGinley, J. Thoma, B. C. Murray, P. J., D'Augelli, A. R. & Brent, D. A. 2011. "Suicidality and Depression Disparities Between Sexual Minority and Heterosexual Youth: A Meta-Analytic Review". *Journal of Adolescent Health*, 49: 115-23.
- McDermott, E., Hughes, E. & Rawlings, V. 2017. "Norms and normalisation: understanding lesbian, gay, bisexual, transgender and queer youth, suicidality and help-seeking". *Culture, Health and Sexuality*, 20(2): 156-72.
- _____. 2018. "The Social Determinants of Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender Youth Suicidality in England: A Mixed Methods Study." *Journal of Public Health (Oxford, England)* 40(3): 244–51
- McDermott, E. & Roen, K. 2016. *Queer Youth and Self-Harm: Troubled Subjects, Troubling Norms*. New York: Palgrave Macmillan
- McDermott, E., Gabb, J., Eastham, R., & Hanbury, A. 2021. "Family trouble: Heteronormativity, emotion work and queer youth mental health". *Health*, 25(2): 177-95.
- Meyer, I. H. 2003. "Prejudice, Social Stress, and Mental Health in Lesbian, Gay, and Bisexual Populations: Conceptual Issues and Research Evidence". *Psychological Bulletin*, 129(5): 674-97.
- Miskolci, R. 2017. *Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros online*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Monteiro, S. A. S. & Ribeiro, P. R. M. 2020. "Sexualidade e gênero na atual BNCC: possibilidades e limites". *Pesquisa e Ensino*, 1(1): 1-24.
- Nagafuchi, T. 2017. *Um réquiem feito de silêncios: suicídio, gênero e sexualidade na era digital*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

- Natividade, M. & Oliveira, L. 2009. "Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores". *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana*, nº 2: 121-61.
- Parigi, P. & Henson II, Warner. 2014 "Social Isolation in America". *Annual Review of Sociology*, 40: 153-71.
- Pereda, N., Cuilera, G., Forns, M., & Gómez-Benito, J. 2009. "The prevalence of child sexual abuse in community and student samples: a meta-analysis". *Clinical Psychology Review*, 29(4): 328-38.
- Perucchi, J., Brandão, B. C., & Vieira, H. 2014. "Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens e lésbicas e gays". *Estudos de Psicologia*, 19(1): 67-76.
- Pescosolido, B. & Martin, J. 2015. "The Stigma Complex". *Annual Review of Sociology*, 41: 87-116.
- Phelan, J., Link, B. & Dovidio, J. 2008. "Stigma and prejudice: one animal or two?". *Social Science & Medicine*, 67: 358-67.
- Plöderl, M. & Tremblay, P. 2015. "Mental health of sexual minorities. A systematic review". *International Review of Psychiatry*, 27(5): 367-85.
- Putnam, F. W. 2003. "Ten-Year Research Update Review: Child Sexual Abuse". *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 42(3): 269-78.
- Ramires, L. 2011. "Homofobia na escola: o olhar de um educador social do movimento LGBT". In: Venturi, G. & Bokany, V (orgs.). *Diversidade sexual e homofobia no Brasil*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo.
- Ream, G. L. 2019. "What's Unique About Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender (LGBT) Youth and Young Adult Suicides? Findings From the National Violent Death Reporting System". *Journal of Adolescent Health*, 64(5): 602-607.
- Rees, S. N., Crowe, M., Harris, S. 2020. "The lesbian, gay, bisexual and transgender communities' mental health care needs and experiences of mental health services: An integrative review of qualitative studies". *Journal of Psychiatric and Mental Health Nursing*, 28(4): 578-89.

- Riberio, C. A. C. 2011. “Desigualdade de Oportunidades e Resultados Educacionais no Brasil”. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, 54(1): 41-87.
- Rivers, I., Gonzalez, C., Nodin, N., Peel, E. & Tyler, A. 2018. “LGBT people and suicidality in youth: A qualitative study of perceptions of risk and protective circumstances”. *Social Science & Medicine*, 212: 1-8.
- Salway, T. & Gesink, D. 2018. “Constructing and expanding suicide narratives from gay men”. *Qualitative Health Research*, 28(11): 1788-801.
- Salway, T., Gesink, D., Ibrahim, S., Ferlatte, O., Rhodes, A., Brennan, D., Marchand, R. & Trussler, T. 2018. “Evidence of Multiple Mediating Pathways in Associations Between Constructs of Stigma and Self-Reported Suicide Attempts in a Cross-Sectional Study of Gay and Bisexual Men”. *Archives of Sexual Behavior*, 47: 1145-61.
- Santos, H. M., Silva, S. M. & Menezes, I. 2017. “Para uma visão complexa do *bullying* homofóbico: desocultando o cotidiano da homofobia nas escolas”. *Ex aequo*, 36: 117-131.
- Sedgwick, E. K. 1990. *Epistemology of the Closet*. Los Angeles: University of California Press.
- Silverman, M. M., Berman, A. L., Sanddal, N. D., O'Carroll, P. W. and Joiner, T. E. 2007. “Rebuilding the Tower of Babel: A Revised Nomenclature for the Study of Suicide and Suicidal Behaviors Part 2: Suicide-Related Ideations, Communications, and Behaviors”. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 37: 264-277
- Simões, J., França, I. L. & Macedo, M. 2010. “Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo”. *Cadernos Pagu*, 35: 37-78.
- Song, L., Pettit, P. J., Chen, Y. & Goodson-Miller, M. 2021 “Social Cost and Health: The Downside of Social Relationships and Social Networks”. *Journal of Health and Social Behavior*, 62(3): 371-87.
- Stoltenborgh, M., IJzendoorn, M. H. van, Euser, E. M., & Bakermans-Kranenburg, M. 2011. “A Global Perspective on Child Sexual Abuse: Meta-Analysis of Prevalence Around the World”. *Child Maltreatment*, 16(2): 79-101.

- Teixeira-Filho, F. S. & Rondini, C. A. 2012. "Ideações e tentativas de suicídio em adolescentes com práticas sexuais hetero e homoeróticas". *Saúde e Sociedade*, 21(3): 651-67.
- Thorson, J. & Öberg, P. 2003. "Was there a Suicide Epidemic After Goethe's Werther?". *Archives of Suicide Research*, 7(1): 69-72.
- Tyler, I. & Slater, T. 2018. "Rethinking the sociology of stigma". *The Sociological Review*, 66(4): 721-43.
- Varty, John. 2000. "Suicide, statistics and sociology: assessing Douglas' critique of Durkheim". In: Pickering, W. S. F. & Walford, G. (eds.). *Durkheim's Suicide: A century of research and debate*. Londres: Routledge.
- Venturi, G. & Bokany, V (orgs.). 2011. *Diversidade sexual e homofobia no Brasil*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo.
- White, J., Marsh, I., Kral, M. J. & Morris, J. 2016. "Introduction". In: White, J., Marsh, I., Kral, M. J. & Morris, J (eds). *Critical suicidology: transforming suicide research and prevention for the 21st century*. Vancouver: UBC Press.
- Woodyatt, C. R. & Stephenson, R. 2016. "Emotional intimate partner violence experienced by men in same-sex relationships". *Culture, Health & Sexuality*, 18(10): 1137-49.
- World Health Organization. 2014. *Preventing suicide: a global imperative*. Luxemburgo: WHO Press.
- Wray, M., Colen, C. & Pescosolido, B. 2011. "The Sociology of Suicide". *Annual Review of Sociology*, 37: 505-28.

Apêndice I

Roteiro do *survey* online

1. Qual é a sua idade?

- Menos de 18
- 18 a 20
- 21 a 25
- 26 a 30
- 31 a 35
- 36 a 40
- 41 a 50
- 51 a 60
- 60 ou mais

2. Em que Estado brasileiro você mora atualmente?

3. Você se considera pertencente a qual cor ou raça?

- Branca
- Negra
- Parda
- Asiática
- Indígena
- Outro (especifique)

4. Qual o nível de educação mais alto que você atingiu?

- Nunca frequentou a escola
- Ensino Fundamental incompleto
- Ensino Fundamental completo
- Ensino Médio incompleto
- Ensino Médio completo

5. Todas perguntas a partir daqui dizem respeito ao período em que ocorreu sua tentativa de suicídio. Se você tentou mais de uma vez, pense no período de sua primeira tentativa. Nessa época, quantos anos de idade você tinha?

6. Em que Estado brasileiro você morava nessa época?

7. Nesse período você morava com

- Familiares
- Sozinho
- Outro (especifique)

8. Além de você, quantas pessoas moravam no local onde você residia nessa época?

9. Selecione abaixo quais frases são verdadeiras e falsas, sobre o período de sua tentativa. (Verdadeiro ou Falso)

- Existia uma pessoa especial por perto quando eu precisava
- Eu tinha apoio emocional de toda minha família
- Eu tinha apoio emocional de alguns familiares
- Eu tinha amigos com os quais podia compartilhar o que eu quisesse
- Eu podia contar com meus amigos quando tinha problemas

10. Quão confortável você se sentia com a sua orientação sexual?

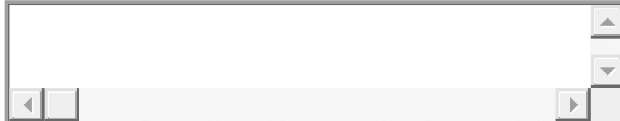
- Completamente confortável
- Muito confortável
- Mais ou menos confortável
- Pouco confortável
- Nada confortável

11. Quem sabia sobre a sua orientação sexual naquela época (marque uma ou mais opções)?

- Ninguém
- Poucos familiares
- Toda minha família
- Poucos amigos
- Todo meu círculo de amigos
- Poucos colegas de escola/faculdade

- Todos colegas de escola/faculdade
- Poucos vizinhos
- Todos vizinhos
- Poucos conhecidos
- Todos conhecidos

12. O que as pessoas que você tinha contato pensavam ou falavam sobre você e sua orientação sexual? Se ninguém sabia de sua orientação, comente a opinião dessas pessoas sobre pessoas com orientação sexual parecida com a sua.



13. Marque a opção "Sim" ou "Não" para os ambientes em que você sofria discriminação naquele período:

- Em casa
- Na casa de conhecidos
- No trabalho
- Na escola ou faculdade
- Em locais de serviços públicos de saúde
- Em academias ou locais de recreação
- Em vias ou praças públicas
- Em bares ou baladas
- Outros

14. Nessa época, você tinha contato com outras pessoas LGBTQIA+ (marque uma ou mais opções):

- Entre seus familiares
- Entre seus amigos
- Entre seus conhecidos
- Não tinha contato com outras pessoas LGBTQIA+

15. Você frequentava algum espaço de encontro para pessoas LGBTQIA+?

- Sim
- Não

16. Você conhecia alguma organização LGBTQIA+ na época?

- Sim
- Não

17. Você mantinha contato ou amizade com pessoas LGBTQIA+ por meio de redes sociais?

- Sim
- Não

18. Nesse período, com que frequência você consumia algum tipo de droga lícita (álcool) ou ilícita (cocaína, crack, entre outras)?

- Nunca
- Poucas vezes
- De vez em quando
- Muitas vezes
- Sempre que podia

19. Nessa época você sofria de algum problema de saúde mental?

- Sim
- Não

20. Nesse período, você usava algum serviço de saúde mental para tratar esse problema?

- Não
- Sim (serviços públicos)
- Sim (serviços particulares/privados)

21. O que você acredita que tenha motivado sua tentativa de suicídio?

Apêndice II

Roteiro da entrevista semi-estruturada:

1. Quando você percebeu que tinha uma orientação sexual diferente? Como você percebeu? Como você lidou com isso?
2. Nessa época, onde (com quem) você morava?
3. Nessa época, quão aberto você era sobre sua sexualidade? Quem sabia sobre sua sexualidade e quem não sabia?
4. Como era sua relação com a sua família?
5. Como era a escola?
6. Religião era importante na sua casa? Como ela afetou sua relação com a sua própria sexualidade?
7. Você conhecia algum espaço de encontro para LGBTs? *Se sim*, você frequentava ele?
8. Você conhecia alguma organização LGBT na época? Você participava dela? Qual era a função dela?
9. Você mantinha contato ou amizade com pessoas LGBTs por meio de redes sociais?
10. Você buscava ajuda de quem para os problemas que você enfrentava?
11. Você sofria de algum tipo de problema de saúde mental?
12. Você utilizava algum serviço de saúde?
13. Passando para a tentativa em si, o que você acredita que tenha motivado sua tentativa de suicídio?
14. Há mais alguma coisa que você gostaria de dizer que não foi tocada nessa entrevista?